

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

PEDRO BELCHIOR

**TRISTES SUBÚRBIOS:
LITERATURA, CIDADE E MEMÓRIA
NA EXPERIÊNCIA DE LIMA BARRETO (1881-1922)**

NITERÓI

2011

PEDRO BELCHIOR

TRISTES SUBÚRBIOS:
LITERATURA, CIDADE E MEMÓRIA EM
LIMA BARRETO (1881-1922)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Laura Antunes Maciel

NITERÓI
2011

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

B427 Belchior, Pedro.
Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória em Lima Barreto
(1881-1922) / Pedro Belchior. – 2011.
186 f.
Orientador: Laura Antunes Maciel.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto
de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.
Bibliografia: f. 177-186.

1. Barreto, Lima, 1881-1922. 2. Rio de Janeiro (RJ). 3. Subúrbio.
4. Memória. 5. Literatura. I. Maciel, Laura Antunes. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.
III. Título.

CDD 981.53

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Centro de Estudos Gerais
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)
Mestrado em História Social

TRISTES SUBÚRBIOS:
LITERATURA, CIDADE E MEMÓRIA EM
LIMA BARRETO (1881-1922)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Laura Antunes Maciel (orientadora)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Magali Gouveia Engel (arguidora)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto (arguidora)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dra. Adriana Facina (suplente)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira (suplente)
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

*A Tertuliano (in memoriam) e Lúcia:
amor que não permite fronteiras.*

AGRADECIMENTOS

A Laura Antunes Maciel, presente em todos os momentos da dissertação, por suas leituras críticas sempre rigorosas e justas e, principalmente, por me ensinar a ler e produzir História na contramão das velhas verdades.

Ao professor Wlamir José da Silva, grande mestre, cuja atenção e generosidade foram essenciais para a realização deste trabalho. A ele, meu agradecimento especial.

A Magali Gouveia Engel, pelo carinho e a atenção dispensada igualmente em todos os momentos da pesquisa. A Adriana Facina, cuja participação na banca de qualificação, juntamente com Magali, foi essencial para novas tomadas de posição. E, por fim, a Maria do Rosário da Cunha Peixoto, pela valiosa atenção dispensada a este trabalho.

Ao Museu Villa-Lobos, nas pessoas de Turíbio Santos e Luiz Paulo Sampaio, cuja compreensão e flexibilidade foram indispensáveis nos momentos mais difíceis. Agradeço com carinho a Cláudia Leopoldino, Flávia Martins e Lúcia Neves, grandes amigas, muito mais do que colegas.

Aos meus amigos do curso de graduação da Universidade Federal de São João del-Rei (2002-2005) e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (2009-2011), com quem tive a honra de compartilhar esta parte da minha trajetória. As confraternizações, os *happy-hours*, as longas conversas por telefone, os desabafos, as amizades profundas que inventamos juntos... São todos muito especiais para mim.

A Thiago Simões, que sem querer me conduziu ao fabuloso universo de Lima Barreto e a toda uma nova maneira de ver o mundo. Nada seria de mim sem nossas longas discussões acadêmico-afetivas sobre os mais variados assuntos. Além disso, agradeço imensamente pela paciência (ok, nem sempre...) com que suportou minhas crises nervosas (e não foram poucas) ao longo do mestrado. Temos um longo caminho pela frente, aguente firme... e *seeeeeem* açúcar!

Por fim, e muito especialmente, à minha família: minha mãe Lúcia, meu pai Tertuliano (*in memoriam*), meu padrasto Roberto, meus irmãos Juninho (*in memoriam*) e Marco Antônio. Com muito, muito amor.

RESUMO

Entre 1902 e 1922, o carioca Lima Barreto morou nos subúrbios. Neste período, que corresponde a toda a sua trajetória como escritor, dedicou romances, contos e diversas crônicas a questões do universo suburbano: feiras e mafuás, chalés e chácaras, “aristocracia” suburbana e trabalhadores pobres. Meu objetivo é compreender essa produção a partir da experiência social do escritor, cujos vestígios estão presentes em todo o universo ficcional e não-ficcional, além das anotações pessoais. De acordo com Raymond Williams, parto do princípio de que a literatura não é mero reflexo da sociedade, mas parte das relações sociais; institui e constitui a realidade. Assim, desejo compreender como o subúrbio do início do século XX, época de grandes reformas urbanas, emerge no interior de uma obra na qual estão presentes certas memórias da cidade – resgatadas e manipuladas sempre com um objetivo específico, o de combater as tais reformas e os “reformadores apressados” – e uma concepção própria da literatura, que lhe rendeu o reconhecimento de alguns intelectuais e o esquecimento de muitos outros.

Palavras-chave: Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922); Rio de Janeiro; subúrbio carioca; memória; literatura.

ABSTRACT

The *carioca* Lima Barreto lived in the suburbs of the city of Rio de Janeiro between 1902 and 1922. During this time, what accounts for his full career as a writer, he wrote novels, short stories and chronicles about the suburban universe: public street fairs and marketplaces, lodges and cottages, the suburban "aristocracy" and blue collar workers. My purpose is to understand Lima Barreto's work through his social experience, following vestiges and traces left by the author in his fictional and non-fictional literary universe, as well as in his personal notes. According to Raymond Williams, I believe that literature is not a mere reflex of society, being, instead, part of the social relations, instituting and constituting reality itself. Thus, I wish to understand how the suburbs of Rio de Janeiro during the beginning of the 20th century, a time of deep urban reforms, emerge as a topic of interest inside a vast literary work in which certain memories of the city are present - memories that are rescued and manipulated always with a specific purpose: combating said reforms and the "hasty reformers" -- and also a particular concept of literature, what made Barreto be remembered by some intellectuals, while forgotten by many others.

Keywords: Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922); Rio de Janeiro; suburbs; memory; literature.

Sumário

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 1. ENTRE O SUCESSO E O SILÊNCIO: memórias <i>de e sobre</i> Lima Barreto..... | 30 |
| 1.1. “No curso da vida e das leituras”..... | 33 |
| 1.1.1. “Glória subterrânea”..... | 51 |
| 1.2. Lima Barreto Futebol Clube..... | 68 |
| 1.2.1. Um “assunto autopsiado”..... | 79 |
| 2. MEMÓRIAS DA CAPITAL DO BOVARISMO..... | 87 |
| 2.1. Existência oscilante..... | 88 |
| 2.2. Do Leme a Madureira..... | 97 |
| 2.2.1. Em busca de identidades cariocas..... | 106 |
| 2.3. Ilusão cenográfica..... | 114 |
| 2.4. Memórias em luta..... | 126 |
| 3. EM TORNO DA VILA QUILOMBO..... | 130 |
| 3.1. Intérprete de um subúrbio distante..... | 133 |
| 3.1.1. Intelectual desterrado..... | 138 |
| 3.1.2. ... e cidadão suburbano..... | 144 |
| 3.2. Tensões de classe nos subúrbios..... | 151 |
| 3.2.1. Policarpo Quaresma e a aristocracia suburbana..... | 152 |
| 3.2.2. Clara dos Anjos e o refúgio dos infelizes..... | 157 |
| 3.3. Viver no subúrbio..... | 167 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 172 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 177 |
| 1. Obras de Lima Barreto citadas..... | 177 |
| 2. Outras referências bibliográficas..... | 179 |

“Hoje, pois, como não houvesse assunto, resolvi fazer dessa nota uma página íntima, tanto mais íntima que é de mim para mim, do Afonso de vinte e três anos para o Afonso de trinta, de quarenta, de cinquenta anos. Guardando-as, eu poderei fazer delas como pontos determinantes da trajetória da minha vida e do meu espírito, e outro não é o meu fito. Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que as inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha”

Diário de Afonso Henriques de Lima Barreto, 3 de janeiro de 1905.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda imagens, sentimentos e experiências dos subúrbios cariocas nos textos de Afonso Henriques de Lima Barreto. O literato negro constituiu por meio de sua obra um amplo painel da sociedade carioca, jamais abdicando do que, a seu ver, era a função maior da literatura: intervir nas questões de seu tempo. Como escritor e periodista, flagrou como poucos um Rio de Janeiro em fervilhante processo de fazer-se metrópole, numa era de reformas conservadoras e excludentes. Fez dos subúrbios espaço e ambientação por excelência de sua produção literária. Nessa perspectiva, ajudou a constituir e dar visibilidade a territórios plurais e multifacetados, com suas tensões sociais próprias e sempre na ordem do dia. Memorialista por excelência, narrou histórias de sua própria trajetória e de um Rio imperial e vetusto; nunca perdeu de vista, porém, o relato-flagrante do presente, aqui resgatado na condição de testemunho histórico de seu tempo.

Meu envolvimento com a produção textual de Lima Barreto transcende a relação entre pesquisador e “objeto”. Não espere o leitor uma análise fria e imparcial dos inúmeros contos, crônicas, romances e demais textos do escritor. Como toda relação afetiva, essa também tem uma trajetória. Meu interesse pelo tema surgiu em 2006, quando de minha mudança para o Rio. Tendo morado, até 2010, no subúrbio de Madureira, experimentei a rotina diária do deslocamento entre dois espaços distintos, o da residência e o do trabalho, na Zona Sul. Neste fluxo por lugares geograficamente distantes, desejava compreender a produção histórica de outras “distâncias”. Minha expectativa inicial era refletir sobre a suposta construção histórica da ideia de *cidade partida*¹, metade inferno, metade paraíso na Terra. A pouca vivência do Rio fazia de mim um observador um tanto distante, mas espantado com a naturalidade com que se trata, no imaginário urbano carioca, a bipolaridade cidade-subúrbio.

Interessava-me, inicialmente, historicizar essa tensão a partir da experiência histórica da formação dos subúrbios, não pelo olhar de fora, mas na perspectiva dos próprios moradores. Uma periodização inicial, entre 1900 e 1920, fora definida a partir de minha leitura da historiografia sobre a cidade, que caracteriza o período como de grandes reformas urbanas (1903-1906), consideradas a chave explicativa para a ocupação dos subúrbios, que, de

¹ *Cidade partida* é título de um livro do jornalista Zuenir Ventura, que trata sobre a questão da criminalidade urbana (relacionada ao tráfico de drogas) no Rio em meados dos anos 1990, a partir da perspectiva de moradores das favelas de Vigário Geral e Parada de Lucas, na Zona Norte, e de intelectuais e ativistas sociais de classe média. VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

antigas freguesias rurais, tornam-se lentamente densos bairros de classe média e baixa. A emergência histórica do “ser suburbano”, capaz de unificar todos os bairros e freguesias às margens das estradas de ferro, seria analisada através das articulações e embates entre moradores e poder público, na luta pelos chamados “melhoramentos” urbanos, e entre os próprios moradores, nas tensões de classe constitutivas do viver nos subúrbios. Também pretendia investigar como essa região de localidades semirurais deixou de ser identificada como “subúrbios” e passou a ser “subúrbio”, no singular – dando a ideia de um todo homogêneo e regular.

O romance *Clara dos Anjos* (1922), de Lima Barreto, apresentou-se, naquele momento, como uma visão candente daqueles locais, em um momento de intensa transformação das relações sociais no espaço urbano. Tratava-se, a meu ver, de um dos testemunhos mais eloquentes da exclusão dessas regiões do restante da cidade, bem como das relações construídas entre os moradores no espaço suburbano, da cidade como espaço de tensões e das diferentes hierarquizações sociais dentro e fora dos subúrbios. Esses espaços, vistos como um “refúgio dos infelizes”, mereceriam por muitos anos a atenção do escritor, também ele morador de um bairro suburbano.

A leitura de *Clara dos Anjos* permitiu descortinar uma ampla paisagem: não só “casas simples com cadeira na calçada”², casinhas, casebres e barracões; mas também sobrados e chácaras, em ruas elegantes, com seus melhoramentos providenciados por moradores ilustres, quase sempre políticos de certo prestígio. Um subúrbio visto e sentido com profundidade: personagens com alma, classes sociais em conflito, múltiplas faces. Sim, novamente a carência e o abandono, mas em um território com tensões e dinâmicas próprias. Mais: um subúrbio em rápida transformação. Não mais um arrabalde rural, mas uma região onde muitas famílias constroem e reconstróem sua vida, tanto aquelas de origem urbana (classe média e trabalhadores expulsos da região central, à época das reformas do início do século) quanto rural (principalmente, de antigas fazendas escravistas do interior fluminense), além de migrantes e imigrantes.

Era tempo de me aproximar do universo de Lima Barreto. Isso significava, para mim, estudar sua produção ficcional e não-ficcional e rastrear os vestígios da experiência social deixados pelo escritor mulato, através da sua própria literatura. O objetivo inicial, contido no projeto de pesquisa, era “compreender e analisar um período histórico dos subúrbios cariocas

² Refiro-me à canção “Gente humilde” (1970), de Chico Buarque, Garoto e Vinícius de Moraes.

através de Lima Barreto”. O escritor era um mero pretexto para a desejada compreensão dos subúrbios; um meio, e não um fim. Por mais que vislumbrasse a importância da experiência histórica do autor, via em sua produção um testemunho passivo e inerte de relações sociais que se construiriam praticamente de forma externa àquela experiência, como algo estabelecido *a priori*.

Com o avançar das leituras, percebi que não deveria procurar em Lima Barreto um subúrbio autêntico ou verdadeiro. Suas narrativas, sempre controversas, jamais deveriam ser lidas como um retrato fiel da vida suburbana do início do século XX, muito menos como fruto de uma “simbiose” entre o escritor e a região. Minha preocupação era problematizar o modo como muitos estudiosos e admiradores se aproximam de sua obra, ao vê-lo como representante inequívoco de uma certa imagem cristalizada da suburbanidade. É o caso do cantor e compositor Nei Lopes, para quem “Lima Barreto foi um carioca suburbano na melhor acepção da palavra”³. Lopes é narrador, memorialista e valorizador incontestado das pessoas e da vida da região, mas concordar com a sua frase seria acreditar que o subúrbio – e a suposta “suburbanidade” de Lima Barreto – tem uma essência.

Foi essa identificação *ipso facto* com uma ideia de subúrbio que desejei problematizar. Pretendi, então, realizar uma leitura a contrapelo dos textos de Lima Barreto. Onde muitos viam a relação afetiva mais pura, procurei o mal estar, os conflitos, o distanciamento, a inquietude. Pude vê-lo caracterizar Cassi Jones, vilão de *Clara dos Anjos*, como “suburbano genuíno”, “mal educado, bronco e analfabeto”⁴. Notei passagens em que se referia à classe média suburbana, com a qual encontrava e se estranhava nos trens e nas ruas, com extrema ironia e desdém, o mesmo desdém com que se sentia tratado pelos tais “magnatas suburbanos”. Por alguns momentos, foi possível rastrear os próprios passos do escritor no subúrbio: o café da manhã com um gole de parati na venda da esquina, as andanças por feiras e mafuás, a experiência diária do trem... Nisso, tentei realizar uma leitura na contramão daquela que vê em Lima Barreto uma identificação inequívoca com os subúrbios.

³ Retomo a frase em seu contexto original: “Lima Barreto morava em casa com quintal, lia os jornais e proseava no boteco, parece que jogava no bicho, e ia para o trabalho de trem. Então, foi um carioca suburbano na melhor acepção da palavra. E fez do subúrbio seu posto de observação privilegiado e a matéria prima de seu humanismo absolutamente universal. Por isso, o estudo da história do Rio de Janeiro – repito – passa obrigatoriamente por seus textos, jornalísticos ou ficcionais”. LOPES, Nei. “Apresentação”. In: BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade; Secretaria Municipal de Culturas; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural – Divisão de Editoração, 2002, p. 17.

⁴ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 729.

Nos últimos dois anos, procurei desvendar o que teria representado, para ele, viver no Rio de Janeiro naquele momento histórico, sempre na tentativa de reconstruir, a partir dos testemunhos deixados por ele, aspectos da sua própria experiência sensível na cidade como um todo. Além disso, procurei compreender o modo como ele fez da produção literária uma prática de intervenção nas questões urbanas e sociais de sua época, na dupla dimensão de escritor e cidadão. Era preciso buscar na própria concretude do processo e do ofício da escrita – e não numa suposta identificação natural com os subúrbios – a historicidade dos textos de Lima Barreto, ou o que faz dele personagem e testemunho privilegiado dos subúrbios do Rio.

Assim, reuni e li toda a produção literária do autor já publicada. Isso inclui romances, contos, crônicas, correspondências (ativas e passivas), críticas literárias, anotações pessoais e obras memorialísticas. Neste corpus documental, há obras concluídas e publicadas por Lima Barreto em vida, em jornais, revistas e em livro⁵, em torno das quais se evidencia sua luta constante por se fazer lido e aclamado, além das desgastantes tentativas de conseguir editores. É preciso não esquecer que ele próprio foi o editor de todos os seus romances, à exceção de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, publicado pela *Revista do Brasil*, de Monteiro Lobato. Suas crônicas foram publicadas em periódicos como *Careta*, *A.B.C.*, *O Malho*, *Gazeta de Notícias* e *Rio-Notícia*.⁶ Também li e explorei obras inacabadas – como o romance *Cemitério dos Vivos* (1920-1921) e a primeira versão de *Clara dos Anjos* (1904-1905) – além de diversos textos de cunho memorialístico, publicados postumamente.⁷ Ao contrário de romances, crônicas e contos anteriores, Lima Barreto talvez jamais tivesse imaginado que tais textos chegassem ao público, e não conheceu a avaliação e repercussão de parte de sua obra literária. Dessa reunião de textos tão diversos, surgem temas que variam das eleições presidenciais à Grande Guerra, do feminismo ao futebol – demonstrando a inserção e a ação permanente do escritor na vida pública da cidade e do país.

⁵ É o caso dos romances *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Numa e a Ninfa* (1911) e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (escrito entre 1904 e 1905, e publicado em 1919), além de diversos contos. Consultei-os todos a partir de uma seleção, publicada em 2006, de textos ficcionais de Lima Barreto, organizados por Eliane Vasconcellos para a editora Nova Aguilar. Cf. VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit.

⁶ As crônicas foram recentemente compiladas, organizadas e publicadas em sua totalidade por Beatriz Resende e Rachel Valença, após longa pesquisa nos manuscritos da Coleção Lima Barreto, da Biblioteca Nacional. Minha leitura das crônicas foi realizada a partir deste trabalho, e indiquei como referência os periódicos e datas indicados pelas organizadoras. Cf. RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*. 2 vols. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

⁷ Por exemplo, o *Diário Íntimo*, uma compilação de anotações esparsas, diários e obras inacabadas; e as correspondências ativas e passivas. Ambos os livros foram publicados em 1956, pela Editora Brasiliense, dirigida por Caio Prado Júnior. A coordenação é do jornalista e historiador Francisco de Assis Barbosa, biógrafo de Lima Barreto. Naquela ocasião, foi organizada e publicada (em muitos casos de forma inédita) a quase totalidade dos textos do escritor. BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956; _____. *Correspondência ativa e passiva*. Tomos I e II. São Paulo: Brasiliense, 1956.

Além das publicações reunidas, fiz algumas visitas à Biblioteca Nacional, que guarda os manuscritos originais de Lima Barreto e periódicos de época. Pesquisei também na Academia Brasileira de Letras, onde fica o arquivo de Francisco de Assis Barbosa, o maior biógrafo do escritor. Neste arquivo, busquei, sem êxito, materiais de pesquisa de Barbosa que dessem conta de dimensões pouco conhecidas da experiência e da obra do escritor mulato.⁸ Devido ao fato de dividir meu tempo entre a pesquisa de mestrado e o trabalho, não tive condições de aprofundar o processo de investigação nos manuscritos e periódicos. Conteí, assim, com o fato de a quase totalidade de crônicas, contos e textos pessoais do escritor ter sido publicada em livro, em diferentes momentos.⁹

Em muitas noites de leitura, busquei nessa miríade de textos respostas para as seguintes questões: por que e para quem Lima Barreto escrevia? Em que condições materiais escrevia? Que aspectos de sua experiência são abordados nesses textos? Quais são as conexões possíveis entre essas experiências e as narrativas sobre os subúrbios? O que teria significado, naquele início de século, ser carioca e morador dos subúrbios? A problematização da obra de Lima Barreto relaciona-se frontalmente a esta última pergunta, pois ser *carioca* e *suburbano* não é um “estado de espírito” ou condição natural, mas fruto de uma experiência histórica prolongada, indeterminada e, de certo modo, vivida de forma tensa na cidade.

Procurei problematizar, portanto, o “ser suburbano” em Lima Barreto, sempre consciente de que sua escrita, para além de imagem construída, é também uma força ativa capaz de instituir e constituir percepções e sentimentos sobre os subúrbios cariocas. Assim, os *tristes subúrbios* de que fala Lima Barreto, lugar de párias sociais infelizes e desterrados, emergem em sua diversidade, como um mosaico de experiências e vozes dissonantes, em vez de um todo homogêneo e definitivo.

Uma forte característica da escrita barretiana é a reelaboração literária de passagens de sua própria experiência, durante todo o período de sua produção intelectual, entre o início da

⁸ O Fundo Francisco de Assis Barbosa é composto, principalmente, por recortes de jornais e revistas que tratam da trajetória intelectual do jornalista e historiador desde sua entrada na Academia, em 1970, até 1991, ano de sua morte. Quase todos os recortes tratam de sua própria atuação na Academia, além de palestras e conferências ministradas em universidades e centros de pesquisa. Há importantes referências a Lima Barreto, que, se não foram devidamente utilizadas nesta pesquisa, serviram para nortear reflexões sobre as muitas memórias produzidas por intelectuais de diversos matizes ideológicos sobre o lugar de Lima Barreto no cenário cultural brasileiro.

⁹ Refiro-me aos seminários trabalhos de organização e pesquisa de: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Obras completas de Lima Barreto* São Paulo: Brasiliense, 17 vols., 1956; RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 2 vols.; VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa seleta*, op. cit.; e SCHWARCZ, Lília (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

década de 1900 e 1922. Ao acompanhar essas reelaborações, procurei ler essa literatura não sob a lógica binária verdade *versus* ficção, mas procurando inseri-la na trama da história vivida pelo escritor. Assim, é comum vê-lo falar de suas concepções literárias, construídas em sua trajetória como intelectual, em combate a certas formas literárias e em conformidade com outras. É na prática social do fazer literário, com seus diálogos e tensões próprios, que Lima Barreto elabora e reelabora, no curso de sua própria trajetória intelectual, uma certa concepção da literatura, que ele próprio define como utilitarista e militante¹⁰ – a forma a serviço da mensagem, e não o contrário.

À medida que realizava a leitura de suas obras, foi saltando aos olhos toda uma rede de interlocução da qual o escritor fizera parte. Ao investigar o método literário barretiano, pude compreender a sua escrita não como dádiva natural, mas como um estilo construído dentro do próprio universo literário, tanto em oposição a outras formas literárias vigentes (especialmente, Coelho Neto e o “coelhonetismo”, um modo rebuscadíssimo de escrita literária) como no diálogo e na colaboração com outros escritores e periodistas do Rio e de outros estados – cujas conexões procurei mapear.

A existência dessa rede de interlocução me levou a relativizar, em grande parte, as próprias memórias de Lima Barreto sobre si mesmo, quando lamenta não ter alcançado a glória literária que tanto almejou, denunciando uma verdadeira barreira de silêncio formada em torno de sua atuação intelectual. É certo que, em vida, ele sofreu injustiças, e para tanto há razões de caráter político – suas posições radicais a favor do anarquismo, da Revolução de 1917 e do “maximalismo” –; literário – a denúncia do caráter frívolo dos cânones literários da época – e social – a autoproclamada negritude, o vício do alcoolismo e os módicos rendimentos de amanuense da Secretaria da Guerra. Também não há dúvida de que sua biografia foi cercada de muitos silêncios, tabus e barreiras, tanto em vida como após sua morte. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, seu primeiro romance, de 1909, é testemunho candente de uma série de castrações à cidadania impostas pelo regime político

¹⁰ Em um artigo de 1918, publicado no periódico *A.B.C.*, Lima Barreto critica o jornalista e romancista português Carlos Malheiro, que em um texto sobre Anatole France trata em tom pejorativo os “literatos militantes”. Nesse embate, Lima assim define o termo: “Como eu sempre falei em literatura militante, se bem me julgando aprendiz, mas não honorário, pois já tenho publicado livros, tomei o pão na unha. A começar por Anatole France, a grande literatura tem sido militante. (...) [Os livros do escritor francês] nada têm de contemplativos, de plásticos, de incolores. Todas, ou quase todas as suas obras, se não visam a propaganda de um credo social, têm por mira um escopo sociológico. Militam. (...) Em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos nós.” BARRETO, Lima. “Literatura militante”. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 7 set. 1918. In: _____. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, pp. 71-74.

vigente, no qual negros e pobres, como ele, tinham acesso dificultado às benesses da *res publica*, pela simples evidência da cor da pele.

Entretanto, essa série de barreiras não o impediu de ser lido, respeitado e referenciado por muitos de seus pares. Lima Barreto, neste sentido, mais do que alvo da crítica (ou do silêncio dela), foi crítico literário ativo: aos 40 anos, já aposentado do serviço público, recebeu cartas de escritores iniciantes e iniciados, publicou resenhas sobre livros em jornais e revistas e sugeriu a esses autores caminhos e métodos de escrita. A reavaliação do suposto caráter “maldito” de um escritor tido como “alma atormentada” e “solitária” só é possível quando, ao nos depararmos com a multiplicidade de textos deixados por ele, desconfiarmos desse tipo de avaliação que, de tão ecoada em críticas literárias posteriores, termina por ganhar o estatuto de verdade absoluta.

Aliás, o exame da *fortuna crítica* de Lima Barreto – termo utilizado por estudiosos de Literatura para referir-se a um conjunto de críticas sobre um determinado literato, na maioria das vezes elaboradas em tom positivo – também me levou a problematizar muitas dessas imagens do escritor, produzidas por intelectuais de diferentes períodos e matizes ideológicas.¹¹ Tais imagens, produzidas em diferentes temporalidades, permitiram constatar continuidades e rupturas. Neste rol, há nomes como Coelho Neto, Enéias Ferraz, Di Cavalcanti, Jorge Amado, Lúcia Miguel Pereira, Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), Astrojildo Pereira, Caio Prado Júnior e João Antônio. Ao proporem uma valorização da obra de Lima Barreto, muitos deles ajudaram a construir a imagem unívoca do escritor “suburbano”, “rebelde”, “marginal” e “maldito”. Desta forma, tais análises ajudaram a cristalizar, à revelia da própria experiência do escritor – cuja relação com o “povo” e o bairro de Todos os Santos é sempre tensa e contraditória –, uma associação forte e poderosa entre Lima e os subúrbios; subúrbios, aliás, que figuram marginais e longínquos, à maneira do lugar secundário e anticanônico que alguns deles concedem ao escritor. Esses textos compõem um mosaico de memórias que, mais do que meras leituras sobre o cidadão e literato, também instituíram olhares e sensibilidades a respeito da figura de Lima Barreto. O tratamento dessas fontes não pretendeu ser exaustivo, mas propõe uma análise crítica, de modo a evidenciar os marcos de memória que eles instituíram.

Este trabalho pretende, portanto, a partir da experiência e das narrativas de Afonso

¹¹ Ao tratar sobre essa fortuna crítica, refiro-me especificamente a artigos reunidos nas seguintes obras, ambas recentes: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa Seleta*, op. cit., e BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: edição crítica*. Coordenação de Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo e Antonio Houaiss. São Paulo, Madri, Buenos Aires, Lima et ali: ALLCA XX, 1997.

Henriques de Lima Barreto compreender a emergência de imagens e sentimentos sobre o subúrbio carioca. Lanço, para tanto, o desafio de compreender o seu próprio contexto de atuação como *estrutura de sentimentos* na qual se forma uma consciência prática a respeito da literatura, da cidade e do subúrbio. Raymond Williams formulou esse conceito complexo para dar conta da experiência dos sujeitos no presente vivido – presente que, em contínua mobilidade e transição, deve ser compreendido justamente na sua indeterminação, e não como um todo realizado e fechado.¹²

Ao tomar a literatura como fonte literária, é preciso, de acordo com Raymond Williams, compreendê-la como testemunhos que “levantam questões de perspectiva e fatos históricos, porém também levantam questões de perspectiva e fatos literários. As coisas que eles dizem não são todas ditas em uma mesma modalidade de discurso”.¹³ Assim, tomando por referência a obra de Lima Barreto, os diferentes modos de tratar sobre a vida urbana do Rio e os subúrbios variam de falas de personagens de contos e romances a pequenas crônicas em revistas de humor, bem como de anotações rápidas no diário pessoal a artigos de fôlego em jornais “sérios”. Da mesma forma, questões sobre os subúrbios tratadas na literatura remontam não só à ambição de retratar ou representar a realidade, mas de fazê-lo em combate a outras formações literárias. O “coelhonetismo”, a literatura sorriso-da-sociedade, tão denunciada por Lima Barreto, é a realização antitética do seu olhar, que por sua vez reatualiza a cidade, problematiza lugares comuns e, por força da evocação sistemática da memória, relê criticamente o presente e oferece-o aos seus contemporâneos e às diversas contemporaneidades *à posteriori*, instituindo e constituindo a própria realidade interpretada e experienciada.

É por essa indissociabilidade entre experiência e literatura que discordo da ideia, já tão balizada por estudiosos do assunto, de que Lima Barreto teria sido um escritor “suburbano” *tourt court* e por excelência. Assumi-la como verdadeira seria acreditar que a história possa ser encerrada em categorias fechadas e bem acabadas. Muito pelo contrário: as experiências históricas são pautadas pela indeterminação e pela indefinição; daí as lutas, os choques, os embates em torno de ideias, projetos e práticas.

¹² Nas palavras de Williams, são “... elementos especificamente afetivos da consciência e das relações, e não de sentimento em contraposição ao pensamento, mas de pensamento tal como sentido e de sentimento tal como pensado: a consciência prática de um tipo presente, numa continuidade viva e interrelacionada”. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 154.

¹³ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1973], p. 27

A literatura, na condição de testemunho que levanta “questões de perspectiva e fatos históricos”, é por isso indissociável da experiência histórica. O conceito de *estrutura de sentimentos* tem em conta as sempre problemáticas relações entre literatura e experiência, texto e contexto, imagens e práticas. Uma forma de ler os romances de Lima Barreto, procurando jamais perder de vista tais relações, foi através de outro conceito formulado por Williams. Para ele, muitos romances são, de certa forma, *comunidades cognoscíveis*. Trata-se de uma especificidade da própria estruturação dos romances “propor a mostrar pessoas e relacionamentos entre elas de modos essencialmente cognoscíveis e comunicáveis”¹⁴. A ideia de comunidade refere-se, então, às pessoas – personagens – e seus códigos, maneiras, visões de mundo. Já o que é cognoscível, “não é apenas uma função dos objetos – do que há para ser conhecido; é também uma função dos sujeitos, dos observadores – do que é desejado e se precisa conhecer”. E o que vemos no romance, então, não é apenas o que existe para ser conhecido, não é questão somente de objeto: é o que **pode** ser conhecido a partir da perspectiva do sujeito que observa. Williams refere-se, neste caso, à literatura rural; mas acredito que o mesmo pode ser dito, de alguma forma, à literatura urbana: “E o que temos de ver então, como sempre, na literatura rural, não é apenas a realidade da comunidade rural: é também a posição do observador nela e em relação a ela; uma posição que faz parte da comunidade que se quer conhecer”.¹⁵

Nas cidades modernas, construídas por uma pluralidade de classes e grupos sociais, a experiência urbana não pode ser expressada ou comunicada de maneira simples. Precisa ser revelada, “imposta à força à consciência”¹⁶. Daí, a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de uma comunidade inteiramente cognoscível. A comunidade cognoscível, tal como tratada nos romances, é “questão de consciência, e de experiência prolongada, além da cotidiana”.¹⁷ As redes sociais de um romance são produzidas pela linguagem do escritor no seu estar-no-mundo: são imaginadas a partir da experiência prolongada, construída no cotidiano. De acordo com Williams, o escritor observa, anota, fixa e desenvolve, na literatura, um universo específico. Esse universo – suas características e relacionamentos – nunca é óbvio. É fruto das escolhas do escritor, ao trazer à consciência este ou aquele grupo, esta ou aquela demanda social, o que se quer revelar e o que se quer ignorar.

O conceito de *comunidades cognoscíveis* renova a importância da experiência como

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 278.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 272.

¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 279.

parte essencial da ficção. Pode-se dizer que Lima Barreto elege, em seus romances, comunidades concretas, que ele avista e com as quais estabelece uma “experiência prolongada” no tempo e concentrada em espaços sociais e urbanos específicos. Não há o intuito, nem a possibilidade, de conhecer a cidade na sua totalidade, mas um emaranhado de redes específicas a partir das quais ele observa, anota e escreve. O romance, muitas vezes, é resultado do “estar face a face”, o que já implica pertencer ou não a uma determinada classe social, ou estar envolvido com as demandas de uma classe específica.

É preciso, portanto, considerar sempre a perspectiva do escritor: sua ação, sua experiência, suas perguntas e questões, o que ele quer que se torne conhecido ou não na sociedade de seu tempo. Não se trata, então, apenas de enfocar o objeto, o “conhecido”, mas de considerar o sujeito histórico que torna possível que certas histórias e relacionamentos sociais sejam conhecidos: os romances falam, não da “comunidade conhecida, e sim da cognoscível: uma sociedade selecionada por um ponto de vista selecionado”.¹⁸

Ao ler, com os olhos de historiador, as narrativas de Lima Barreto sobre si mesmo, a cidade e os subúrbios, procurei problematizar a velha certeza de que Lima Barreto, Rio de Janeiro e subúrbio formam um todo indivisível e atemporal. Ao interrogar os seus textos na condição de testemunhos históricos, busquei possíveis respostas sobre a trajetória do escritor e o modo como construiu percepções e memórias específicas sobre a cidade. Em suma, uma busca pelas intencionalidades do sujeito histórico Lima Barreto, a partir de uma perspectiva metodológica que concebe o texto literário como fonte histórica com propriedades específicas – como qualquer fonte histórica –, mas destituída do status do sagrado e do transcendental.

A metodologia de abordagem histórica das fontes literárias, seguida aqui, é tributária das reflexões de Sidney Chalhoub, Leonardo Pereira e Maria do Rosário da Cunha Peixoto. Segundo Chalhoub e Pereira, “qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico –, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada”¹⁹. A história social deve rejeitar a ideia de que o texto literário é regido por leis intrínsecas e processos de criação absolutamente “singulares” e “atemporais”. A postura crítica à suposta “transcendência” do texto literário faz do historiador um “profanador”. Neste sentido, é preciso produzir interpretações que atentem para as condições históricas da produção, circulação e recepção de uma obra literária.

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade...*, op. cit., p. 300.

¹⁹ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7.

Chalhoub e Pereira também defendem uma análise “sem cerimônia” de autores e obras. Sugerem a valorização do contexto em sua relação com o texto, através da investigação das redes sociais nas quais se inserem os literatos. Pensar o texto literário como testemunho, portanto, não significa para os autores encarar a literatura como mero reflexo do real. A ênfase na busca da lógica social do texto não exclui pensar os “devires” e projetos defendidos pelos literatos; muito pelo contrário, os mesmos são vistos na condição de sujeitos, e, como tal, suas obras se mostram inseridas na indeterminação dos fatos históricos.

Neste sentido, a escrita literária, como processo de interpretação e de intervenção no presente, é vista aqui como uma prática social, que constitui e institui a realidade. De acordo com Maria do Rosário da Cunha Peixoto, a obra literária é “importante dimensão do viver, portanto uma prática social complexa, não redutível à sua dimensão discursiva”. Além disso, é “constituente/instituente do viver contemporâneo” e “espaço político de intervenção no social”.²⁰ Peixoto apresenta, dentre alguns cuidados e procedimentos metodológicos que devem nortear o trabalho do historiador, considerações que menciono a seguir:

Considerar a obra literária em sua historicidade pressupõe a abordagem do fato estético em sua totalidade, isto é, integrado numa rede de relações e significados e em movimento, interagindo com a realidade num incessante e recíproco jogo de pressões e limites. Ou por outra: em permanente fazer-se. Isto implica em repor a obra no interior do gênero e do debate estético e político dos quais é parte integrante. E pensar a relação autor/leitor como parte desse jogo.²¹

Ao examinar a produção textual de Lima Barreto, flagrei os muitos momentos em que ele se lançou a narrar memórias de si mesmo e do Rio de Janeiro, num tom que, à primeira vista, é de pura nostalgia e saudosismo. Aos poucos, porém, fui identificando nessas memórias, nada gratuitas, intencionalidades específicas. As memórias de Lima Barreto são uma força ativa de contestação às megalômanas reformas urbanas, e por isso compõem um elemento da sempre aguda tensão entre cidade e subúrbios na sua experiência histórica.

Neste sentido, são muito próximas as relações entre literatura e memória. Arrisco-me a dizer que a literatura também é memória, porque alimenta-se de memórias existentes sobre o

²⁰ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “E as palavras têm segredos... Literatura, utopia e linguagem na escritura de Ana Maria Machado”. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006, p. 159.

²¹ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Saberes e sabores ou Conversas sobre História e Literatura”. Palestra proferida na Semana de História *Nação em debate: História, linguagens e historiografia*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, junho de 2008, mimeo, p. 22.

tempo vivido e ajuda a fundar novas memórias. As memórias individuais e sociais, de acordo com Michael Pollak, são por excelência flutuantes, mutáveis e seletivas. Entre seus elementos constituintes estão acontecimentos, pessoas e lugares, que podem ter sido “realmente vividos” ou “vividos por tabela” pelos sujeitos históricos. A memória é socialmente construída, por isso muda conforme o contexto histórico e as preocupações do presente e dos sucessivos “presentes” entre o fato ocorrido e o agora. A imagem que nos chega do passado é, ela própria, reapropriada e ressignificada ao longo do tempo, tornando difícil separar a interpretação do presente das muitas memórias (e momentos de esquecimento) produzidas entre ontem e hoje. O presente vivido, portanto, estrutura a memória.²²

Como elemento constituinte da experiência social, a memória (individual ou social) é produzida não só de forma inconsciente – a chamada “memória involuntária”, conforme Proust –, mas, e sobretudo, a partir do ato de lembrar, e dos elementos do passado que, a partir do presente, são selecionados, ampliados ou esquecidos. De acordo com Raphael Samuel, a separação entre história e memória, sendo a primeira encarada como escrita “objetiva” do passado, enquanto a segunda representa o “espontâneo” e “instintivo”, é na verdade um mito do século XIX, legado do ideário romântico. Neste sentido,

a memória, longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda; que é dinâmica – o que ela sintomaticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que ela lembra – e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo. (...)

... a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e de forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da 'tradição', ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem, estampadas, as paixões dominantes em seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual.²³

Memória, história e literatura são, aqui, tratadas em suas possibilidades de diálogo e em suas profundas relações. A atividade literária, cujos produtos são os textos que ora evocamos, selecionamos e organizamos, não raro também evoca, seleciona e organiza elementos do passado (recuperado no tempo vivido como “memória” ou “reminiscência”) e

²² POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

²³ SAMUEL, Raphael. “Teatros de memória”. *Projeto História*, São Paulo, Educ, n. 14, fev. 1997, p. 44.

do presente. Elabora, assim, memórias do passado e do presente: alimenta-se de história e alimenta o próprio conhecimento histórico. A literatura é, assim, memória em mão dupla, ora valendo-se do passado em confronto com ou em defesa do presente, ora tornando o presente passível de compreensão *a posteriori*.

Vamos explorar um Lima Barreto memorialista de si mesmo, da cidade e do subúrbio. Isso significa não só estudar sua produção ficcional e não-ficcional – publicada principalmente na pequena imprensa carioca –, mas rastrear os vestígios da experiência social deixados pelo escritor, inclusive através da sua própria literatura. As atenções se voltam, então, para o sujeito histórico Lima Barreto: seu método de escrita e suas relações no ambiente letrado carioca; as memórias e imagens do Rio de Janeiro em toda a sua obra; sua vivência nos subúrbios e as imagens sobre eles produzidas em romances, contos, crônicas e escritos pessoais.

Com base nessas considerações, apresento aqui uma discussão bibliográfica sobre alguns dos textos que considero referências importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. *A vida de Lima Barreto* (1952), de Francisco de Assis Barbosa, é, sem dúvida, um marco para os estudos sobre o escritor. O processo de pesquisa iniciou-se nos anos 1940, quando o jornalista foi incumbido pelo editor Zélio Valverde de reunir os manuscritos de Lima Barreto, com vistas à então inédita publicação de suas obras completas.²⁴ A partir desse trabalho, passou a se interessar pela vida do autor, e, já com o intuito de produzir uma biografia, entrevistou amigos e conhecidos de Lima Barreto, dentre ex-colegas da Escola Politécnica e do Liceu de Niterói, jornalistas, escritores, editores e pessoas próximas. Lançada após quase uma década de pesquisa, *A vida de Lima Barreto* mereceu, desde a primeira publicação, oito novas edições. A obra é não raro citada por jornalistas e literatos como, senão a melhor, uma das mais importantes biografias já produzidas no Brasil.

Barbosa afirma que pretendeu dar “uma visão de Lima Barreto dentro do contexto histórico e literário da época”.²⁵ De fato, a biografia, apesar de forte teor psicologizante (o indivíduo e seus dramas pessoais), representa um marco nas abordagens sobre o sujeito histórico Lima Barreto. Nela estão não só os “tormentos” pessoais, mas também a experiência

²⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1982. Barbosa (1907-1991), paulista de Guaratinguetá, formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, no Rio. Nesse período, foi redator de periódicos estudantis como o *Polêmica*. Após a conclusão do curso, passou a atuar em jornais da grande imprensa carioca, como *Última Hora* e *Correio da Manhã*. Em dezembro de 1970, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, derrotando o jurista Miguel Reale.

²⁵ “OBRA sobre Lima Barreto é lançada pela sexta vez”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 ago. 1981, s/p. Academia Brasileira de Letras. Arquivo Francisco de Assis Barbosa, pasta 6.

histórica do escritor.

A obra foi estruturada em seis fases/momentos da vida de Lima (da “Infância” ao “Declínio”, passando pelo “Intermezzo” e pela “Maturidade”)²⁶, demonstrando obedecer à estrutura de uma biografia tradicional, que procura unir e dar sentido às diferentes experiências individuais ao longo dos anos.²⁷ Talvez pela força de seu ineditismo e pela riqueza de detalhes, essa biografia é, desde a primeira edição, um grande manancial de interpretações sobre muitos aspectos da vida e da obra de Lima Barreto.

A respeito da relação do escritor com a cidade, Barbosa assinala, em vários momentos, uma identificação com os moradores mais humildes dos subúrbios. Para ele, a relação do escritor com o espaço onde vivia possui temporalidades distintas: é uma relação tensa que se modifica ao longo das várias “etapas” da vida de Lima Barreto. Assim, nos primeiros anos no Engenho Novo e em Todos os Santos, ele se sentia pouco integrado à vida naqueles bairros, e “aborrecia-o viajar de trem”, cujos passageiros da primeira classe o olhavam com um misto de curiosidade e desprezo pelo seu modo de se vestir²⁸. Barbosa demonstra, aliás, como Lima vai criando forte resistência a essa “aristocracia suburbana”, formada principalmente por funcionários públicos (sendo, entretanto, ele próprio um deles), e como essa resistência vai construindo sua visão dúbia a respeito dos subúrbios: solidariedade em relação aos humildes e um misto de desprezo e irritação com a classe média, “fauna de bacharéis e de contínuos”, nas palavras do biógrafo.²⁹ À medida que o Lima personagem biográfico vai amadurecendo, segundo Barbosa, ele parece afeiçoar-se ao ambiente suburbano.

Em 1956, a Editora Brasiliense, dirigida por Caio Prado Júnior, lançaria em 17 volumes a obra completa do escritor, sob a coordenação de Barbosa e colaboração de Antonio Houaiss e Cavalcanti Proença. A coleção continua sendo uma referência de pesquisa, não só por reunir toda a produção de Lima Barreto, mas também pelos depoimentos e artigos que prefaciam cada um dos volumes.³⁰ O historiador Nicolau Sevcenko destaca a interação entre a biografia elaborada por Francisco de Assis Barbosa e a publicação das obras completas:

²⁶ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit.

²⁷ A este respeito, cf. BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 183-191.

²⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit., p. 134.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 135.

³⁰ Estão lá, dentre outros intelectuais, Sérgio Buarque de Hollanda, Lúcia Miguel Pereira, Astrojildo Pereira, Agripino Grieco, Antônio Noronha Santos, Caio Prado Júnior, Cavalcanti Proença e Antonio Houaiss.

Esses dois trabalhos não só reavaliaram a posição do escritor na história literária do país, como projetaram para o primeiro plano um período até então relativamente obscuro e que se revelaria decisivo para a compreensão do Brasil contemporâneo. Inspirados nessas fontes prodigiosas, toda uma nova geração de pesquisadores as tomariam como material estratégico para estudar a consolidação do regime e da sociedade republicana.³¹

Dentre os estudos sobre Lima Barreto, há tanto trabalhos cujo principal objeto de pesquisa é a sua obra, como pesquisas historiográficas que veem no escritor uma fonte de possibilidades de análise da Primeira República. Mesmo a crítica literária, até então firmada nas características formais *tout court*, passa agora a enquadrá-las em um horizonte analítico mais amplo, a partir de uma perspectiva mais sociológica e histórica. Essa nova geração de pesquisadores inclui nomes como os de Antonio Arnoni Prado, Carlos Nelson Coutinho, Alfredo Bosi, Nicolau Sevcenko, Beatriz Resende, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo e Antonio Houaiss, dentre outros estudiosos que, cada um ao seu modo, proporcionaram novas leituras sobre a obra de Lima Barreto.

O crítico literário e professor da USP Antonio Arnoni Prado, em *Lima Barreto: o crítico e a crise* (1976), busca compreender o quanto a obra de Lima Barreto foi capaz, no início do século, de abalar as formas literárias tradicionais vigentes. O elemento central de sua análise é a questão da linguagem, vista como instrumento de mudança da realidade: ao questionar as velhas formas estéticas, Lima Barreto teria apressado o surgimento do Modernismo no Brasil. Certos pilares da literatura barretiana – por exemplo, o uso da palavra como “arma desmitificadora” que, no nível da caricatura e da ironia, questiona a literatura “solene” e embelezada, por sua vez “falseadora”, típica dos salões da República – são vistos como elementos de descontinuidade. Dessa maneira, “seus escritos despontam num período dominado pela urgência de um novo estilo e as imposições concretas de uma realidade que não podia mais ser vista sob o ângulo ótico dos velhos modelos”³².

Ao fundar uma literatura de oposição à linguagem dominante na literatura, portanto, Lima Barreto partiria de novos temas e direções. Uma delas seria ir ao encontro do povo, explorar temas orais e suburbanos, “desligando-se das raízes européias”.³³ Dessa maneira, Arnoni Prado percebe no escritor uma “descida de tom”, que recusa o “lirismo bem comportado” da “velha” literatura e se aproxima da “malandragem irreverente”, da

³¹ SEVCENKO, Nicolau. “Atrás da muralha do silêncio”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0401200324.htm>>. Acesso em: 6 jun. 2010.

³² PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro; Brasília: Livraria Editora Cátedra; Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1976, p. 21.

³³ Idem, *ibidem*, p. 39.

espontaneidade popular³⁴. Esse novo direcionamento é visto pelo pesquisador como um movimento de autonomização da literatura, que ao questionar as velhas formas instaurava um novo paradigma (o modernista dos anos 1920, no caso). Além disso, Lima Barreto teria inaugurado na literatura o “relato-flagrante”: as crônicas e a produção ficcional passaram a incorporar encontros de rua, testemunhos do cotidiano – a ideia de movimento, enfim –, inovando a literatura com a fragmentação da vida moderna. O diário pessoal de Lima Barreto seria, neste sentido, uma espécie de balão de ensaio: através de frases curtas e da anotação do fluxo desordenado das ideias, ele investigava a sua vida íntima e captava cenas da vida da cidade, “parcializando as coisas captadas ao acaso e devolvidas imprecisamente ao leitor”.³⁵ Por fim, Arnoni Prado anota o “compromisso com a história” como outro pilar da obra de Lima Barreto.

A principal contribuição de Arnoni Prado talvez tenha sido compreender os supostos “desvios” de linguagem na obra de Lima Barreto não como desleixo, mas como tomada de posição consciente e transgressiva. A grande maioria das interpretações anteriores, neste sentido, mantinha-se fiel ao modo como Coelho Neto, representante dessa “velha” e combatida literatura, encarava os “vícios de linguagem” de seu rival no campo literário.³⁶

Em 1981, ano do centenário do nascimento de Lima Barreto, foi lançado o livro *Um mulato no reino de Jambom*, da professora Maria Zilda Ferreira Cury. Sua dissertação de mestrado, defendida no programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da UFMG e publicada em livro, defende que a criação literária de Lima Barreto é marcada por uma *oscilação* fundamental: aproxima-se da temática popular e elabora uma escrita de maior alcance, mas permanece limitada em suas condições sociais de produção, aprisionada dentro da visão de mundo das classes médias urbanas da Primeira República. Lima Barreto, assim, equilibrar-se-ia entre a luta pela mudança do *status quo* e a permanência de velhas estruturas.

“Fatalismo” e “denúncia” são duas categorias utilizadas por Cury para explicar as contradições do sujeito social Lima Barreto. Tais contradições se explicam pelo fato de que,

³⁴ Idem, *ibidem*, pp. 51-53.

³⁵ Idem, *ibidem*, pp. 56-57.

³⁶ Em novembro de 1922, quando da morte de Lima Barreto, Coelho Neto assim se referiu a ele: “Escritor dos maiores que o Brasil tem tido – observando com o poder e a precisão de uma lente, escrevendo com segurança magistral, descrevendo o meio popular como nenhum outro, Lima Barreto, assim como descuidava de si, da própria vida, descuidou-se da obra que construiu, não procurando corrigi-la de vícios de linguagem, dando-a como lhe saía da pena fácil, sem a revisão necessária, o apuro indispensável, o toque definitivo, de remate que queria a obra d’arte”. COELHO NETO, Paulo. “A sereia”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 nov. 1922. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: edição crítica*. Coord. Carmem Lúcia Negreiros Figueiredo e Antonio Houaiss, op. cit., pp. 426-429.

para ela, “Lima Barreto tenta alinhar-se com uma classe que não é a sua”³⁷. “Ora posiciona-se explicitamente como um do povo; ora define-se como ‘um médio’; ora faz questão de marcar a diferença entre sua cultura e a ignorância popular.”³⁸ Esse trabalho possui o mérito de ter sido talvez um dos primeiros a focar, com uma análise crítica vigorosa, as contradições do olhar barretiano, mais do que uma suposta idiossincrasia com o “popular”. Cury lê os personagens de Lima Barreto como síntese dessas contradições entre a mudança e o conservantismo³⁹. O potencial transformador do escritor (tão enfatizado por Arnoni Prado) não é negado aqui, mas é questionado por um texto que, formulado dentro da crítica literária, dialoga profundamente com a história, objetivando ser também uma análise totalizante da obra do escritor.

Já o historiador Nicolau Sevcenko, em *Literatura como missão* (1983), empreende uma análise sobre linguagem, temas e fundamentos sociais das obras de Lima Barreto e Euclides da Cunha. Ele afirma que ambos os autores, após o advento da República, teriam assumido as posturas dos intelectuais identificados como a “geração de 1870” (Clóvis Beviláqua, Tobias Barreto, Capistrano de Abreu e Graça Aranha, por exemplo).⁴⁰ Grosso modo, o que definiria os intelectuais dessa geração como um grupo, com uma pauta em comum, seria a crítica à assimilação do pensamento europeu como “única tábua de salvação”⁴¹; a crença na superação de um “passado obscuro da nação”, calcado no colonialismo, rumo a um “mundo novo, liberal, democrático, progressista...”; e, principalmente, o “engajamento como condição ética do homem de letras”, em defesa de três grandes reformas: abolição, república e democracia⁴².

Analisando a produção barretiana face aos princípios desses “mosqueteiros intelectuais”, Sevcenko aponta alguns pilares da literatura de Lima Barreto, especialmente o utilitarismo (a “criação artística cultural condicionada ao fator da mudança social”⁴³), como revivescência das práticas dessa geração. O historiador destaca que a reatualização dessa

³⁷ CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom*: as classes sociais na obra de Lima Barreto. São Paulo: Cortez, 1981, p. 26.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 53.

³⁹ Os personagens dos romances de Lima Barreto, por exemplo, são nomeados com partes que se contradizem: Policarpo (muitos frutos) Quaresma (tempo de penitência, de preparação, que não possui nenhum valor em si); Ricardo (poderoso, rico, forte) Coração-dos-outros (voltar-se para a alteridade, ser solidário); Clara (que não é clara, e sim mulata) dos Anjos (conflita com o desejo/sedução que envolve a personagem). CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom*, op. cit., pp. 38-39.

⁴⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 97.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 96.

⁴² Idem, *ibidem*, pp. 96-97.

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 100.

tradição por parte do escritor é, no entanto, uma ruptura, em vez de permanência. Isso porque, dentro do universo literário pós-1889, marcado por uma grande desilusão desses intelectuais frente aos não desejados rumos da República (sob o domínio de arrivistas/adesistas e de uma plutocracia medíocre) e à mediocrização/acomodação da vida literária, Lima Barreto, Euclides da Cunha e outras poucas vozes insurgentes sacudiam a ordem estabelecida, fazendo de suas escrituras uma “missão” e recuperando o sentido utilitário e francamente político das letras.

Estudos mais recentes procuram aprofundar as contradições existentes na produção literária de Lima Barreto e na sua experiência histórica. Beatriz Resende, em *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos* (1993), realiza um abrangente estudo sobre as crônicas do escritor, abordando um considerável espectro de temas sobre os quais ele se posicionou na imprensa. Resende relativiza a delicada relação entre o escritor e os subúrbios, contrapondo-se a várias interpretações apresentadas anteriormente. Para ela, essa região encanta mais a Lima Barreto do ponto de vista antropológico/etnográfico, como *curiosidade*, e não como paixão. Apaixonado, mesmo, ele teria sido pelo centro e pelas praias do Rio. “O subúrbio não é o espaço do prazer, até porque é antes o espaço da constatação do que da imaginação”⁴⁴. Resende apresenta como *equivoco* ou *mito* a visão que se tem de Lima Barreto como “escritor suburbano”. No entanto, pondera: “É evidente que a presença dos subúrbios e dos suburbanos dá à obra de Lima Barreto um aspecto peculiar. Sabemos o quanto é raro tomarem-se os moradores da periferia como heróis, como personagens centrais de romances e contos cariocas...”.

Ela defende que o centro do Rio é o espaço de sociabilidade que norteia a criação literária de Lima Barreto, por concentrar cafés, ruas, por ser encontro de ricos e de miseráveis, por apresentar as últimas tendências da moda, dos novos costumes. Os subúrbios, nesse sentido, são um **espaço restrito** numa ampla cidade. Resende completa sua análise afirmando que a aproximação/identificação excessiva de Lima Barreto com os subúrbios empobrece a compreensão que possamos ter de sua multifacetada obra. Para ela, ao contrário de uma suposta postura “bairrista” do escritor, o centro e a região portuária do Rio eram o

espaço verdadeiramente desorganizado e considerado pelos poderosos como ameaçador, até porque mais próximo do espaço da elite. O subúrbio é o espaço da desatenção, limítrofe com a zona rural, esquecido pela Municipalidade tão odiada por nosso autor, mas afastado do Porto – porta de chegada dos visitantes ilustres –,

⁴⁴ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Campinas: Ed. Unicamp, 1993, p. 101.

da elegância, do cinematógrafo.⁴⁵

A condição de cidadão-andarilho, afeito às rodas boêmias do centro do Rio, é ressaltada por Denílson Botelho, em sua dissertação de mestrado *A pátria que quisera ter era um mito* (2002). O trabalho pretende abordar a *militância literária* do escritor – a maneira como, através de sua prática social como literato, buscou intervir na vida da cidade e do país, forjando uma linguagem peculiar e se apropriando de ideias e conceitos políticos – relacionada à sua experiência como morador do Rio de Janeiro. Com base nas memórias de Nóbrega da Cunha (contemporâneo de Lima Barreto, e cujas memórias foram escritas pelo escritor paulistano João Antônio⁴⁶), Botelho afirma que, “nas rodas que frequentava, certamente era o único ou um dos poucos que morava no subúrbio”. Isso, conforme o historiador, conferia a Lima uma “visão de mundo singular, advinda da convivência com os moradores daquela parte da cidade”⁴⁷.

Apesar de endossar, a partir de indícios deixados pelo próprio Lima Barreto, a simpatia com a qual o escritor lidava com seus vizinhos, Botelho aponta, por outro lado, a “relação ambígua e complexa”⁴⁸ entre eles. “Ao mesmo tempo que ele próprio se diz um homem do povo, não abre mão de defender para si uma condição diferente e, por que não, superior a estes indivíduos aos quais se julga irmanado – pelo menos ao que diz respeito às condições de vida material e financeira”⁴⁹.

Esses estudos apresentam importantes considerações sobre o meu problema de pesquisa. A questão da vida urbana (vivenciada nas relações de poder) e sua importância na

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 103.

⁴⁶ As memórias de Nóbrega da Cunha, costuradas e, de certo modo, recriadas por João Antônio, estão em ANTÔNIO, João. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. João Antônio (São Paulo, 1937 – Rio de Janeiro, 1996) é considerado o criador do conto-reportagem no jornalismo brasileiro. Em suas obras, estão presentes sujeitos sociais marginalizados, habitantes das grandes cidades. O escritor e jornalista paulistano dedicou diversas obras a Lima Barreto, tendo sido um dos maiores divulgadores de sua obra. A este respeito, há um artigo de 1978 no qual, além de reverenciar o surgimento da primeira publicação em língua inglesa de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, refere-se também a uma suposta revalorização da obra de Lima Barreto nos anos 1970, que se fazia sentir nas escolas secundárias do país, com a adoção de seus livros para análise. Defende, por fim, que se publiquem mais e mais edições populares das obras de Lima Barreto, com o intuito de torná-lo mais conhecido do grande público. Cf. ANTÔNIO, João. “Lima Barreto aqui e lá fora”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 dez. 1978, *apud* BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma – Edição Crítica*. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op. cit., pp. 485-488.

⁴⁷ BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade; Secretaria Municipal de Culturas; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural – Divisão de Editoração, 2002, pp. 52-53.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 55.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, loc. cit.

construção da identidade social de Afonso Henriques de Lima Barreto é levada em conta, tanto quando se procura realçar uma identificação unívoca com os subúrbios, como ao se explorar os conflitos e antinomias existentes nessa relação, ou mesmo ao negar a sua existência. Muitas vezes, porém, não se considera a importância real e complexa dos subúrbios na experiência histórica do escritor, já que, se por alguns é tida como “natural” (sendo sua problematização, portanto, dispensada), para outros é uma questão que se confunde com a sua relação com as classes populares.

Neste sentido, concordo com os caminhos de pesquisa trilhados por Raphael Frederico Acioli Moreira da Silva. Em sua dissertação de mestrado *A moléstia da cor: a construção da identidade social de Lima Barreto* (2002), Silva estuda a importância da categoria racial na construção de uma imagem (contraditória, sempre em movimento) de Lima Barreto por ele mesmo. O historiador propõe abordar a escritura barretiana em um duplo movimento: como prática social – posicionando-se nos debates intelectuais e nas questões de seu tempo – e como construção de uma identidade individual (de literato negro e marginalizado). Assim, Silva analisa os primeiros registros do então estudante de engenharia em busca das motivações que o levaram a escrever. E afirma:

em seus textos se observam os inúmeros traços de sua tortuosa vida social, simultaneamente revelados e ocultados pelo artesanato literário. Constituindo a base de sua escrita, a abordagem de suas experiências, reformuladas constantemente durante sua carreira, traz a marca indelével do modo como o autor se posicionou na percepção da vida social e do processo histórico do qual fez parte.⁵⁰

Raphael Silva se reapropria de dados biográficos do escritor, buscando compreender a importância deles nas constantes formulações e reformulações de Lima Barreto sobre as relações raciais no Brasil, e sobre o seu lugar nessas relações. Deste modo, investigando as nuances da experiência histórica do escritor em suas crônicas, romances, contos e na produção memorialística, e levando em conta a importância da literatura no posicionamento público e na construção de uma identidade social do escritor, Silva afirma:

Em sua vida angustiada, entrelaçam-se, a todo instante, dois movimentos: o esforço

⁵⁰ SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. “Os *macaquitos* na Bruzundanga: racismo, folclore e nação em Lima Barreto (1881-1922)”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *História em Cousas Miúdas*. Campinas: Ed. Unicamp, 2005, p. 177. Este artigo é um resumo das principais ideias contidas em sua dissertação: SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. *A moléstia da cor: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922)*. Campinas: Unicamp/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (dissertação de mestrado), 2002.

de apreensão da realidade do país, para além dos sonhos europeizados de suas elites, e a tentativa de apreensão de sua própria identidade como indivíduo. Na interseção desses movimentos, estava o choque entre o cultivo, enquanto literato, de uma civilização que descartava qualquer associação com os elementos considerados atrasados da sociedade e a elaboração de uma consciência identitária que reconhecia sua origem entre esses elementos.⁵¹

Voltando às questões sobre a cidade e os subúrbios, que inicialmente me inquietavam, e incorporando a este trabalho um novo olhar sobre a produção intelectual de Lima Barreto, minha intenção foi elucidar três eixos principais. Primeiro, o modo como Lima Barreto entendia a prática literária, baseando-se nos preceitos do engajamento dos homens de letras e do alinhamento às lutas políticas dos trabalhadores pobres e dos excluídos. Segundo, seus posicionamentos **sobre e na** cidade, espaço de intensas transformações, com suas reformas determinadas “do alto” e circunscritas a apenas algumas regiões, e o modo como essas transformações foram sentidas e vivenciadas pelo escritor. Por fim, o seu engajamento, **na** literatura e **na** imprensa, em questões enfrentadas por classes sociais e grupos específicos dos subúrbios, tendo em vista as relações entre a sua visão de literatura e os enfrentamentos sociais pelo direito à cidade.

Os resultados desta investigação foram organizados da seguinte maneira.

No primeiro capítulo – “Entre o sucesso e o silêncio: memórias de e sobre Lima Barreto” –, investigo como o autor entendia a sua produção e o seu lugar na literatura. Busco compreender as tomadas de posição do autor, inserindo-se no campo intelectual a partir da opção por uma escrita simples e destituída de ornamentações, buscando torná-la compreensível além das divisas de uma cultura erudita ou letrada. Num segundo momento, procuro investigar o jogo de aproximações e repulsões entre Lima Barreto e seus pares intelectuais. Se é verdade que havia em torno de sua figura um certo tabu – o que, na prática, lhe rendera um silêncio por parte da crítica literária e de muitos intelectuais da época, como pretendo demonstrar⁵² –, havia também o reconhecimento de vários literatos, iniciantes ou iniciados, da capital ou das “províncias”, com os quais Lima Barreto interagira a respeito de seu fazer literário. Isso implica relativizar, em parte, certas imagens sobre o escritor que o inserem como uma voz única e solitária em seu contexto histórico, e reconsiderá-lo dentro do seu campo de atuação. Por fim, desejo problematizar testemunhos e estudos sobre Lima

⁵¹ SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. “Os *macaquitos* na Bruzundanga”, op. cit., p. 189.

⁵² Cf. MARTHA, Alice Áurea Penteadó. “Lima Barreto e a crítica (1900-1922): a conspiração de silêncio”. *Acta Scientiarum*, Universidade Estadual de Maringá, v. 22, n. 1, p. 59-68, 2000.

Barreto, produzidos após sua morte e ao longo de todo o século XX, atentando para o modo como muitos deles ajudaram a cristalizar uma imagem unívoca do escritor como “suburbano”. Esses depoimentos estão presentes em fortunas críticas do autor, e, à medida que buscam enaltecer a importância do literato, acabam por reforçar também certos preconceitos a respeito de sua trajetória e obra.

No segundo capítulo – “Memórias da capital do bovarismo” –, proponho abordar um tema já bastante explorado: o significado da cidade do Rio de Janeiro na experiência histórica e na produção textual de Lima Barreto. Se a literatura produz memórias, quais são as memórias sobre a cidade presentes nas crônicas, na ficção e nas anotações pessoais do escritor? Para tanto, lanço mão de diferentes tipos de texto da produção barretiana. Interessame compreender que aspectos do Rio de Janeiro, vividos pelo literato, foram ressaltados e se materializaram em sua obra. O que importa aqui é compreender e analisar como o sujeito histórico Lima Barreto via e sentia a sua própria cidade: que memórias, percepções e projetos estão presentes nessa relação, e como se fundamenta a sua visão crítica sobre as transformações sofridas pelo Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século passado.

Por fim, “Em torno da Vila Quilombo” procura investigar os vários aspectos do olhar do escritor sobre os subúrbios cariocas do início do século XX. Através de crônicas, contos, escritos pessoais e romances, busco compreender as mudanças e permanências da perspectiva do autor sobre os subúrbios, atento às nuances existentes no modo como vivenciou o cotidiano da região e tratou dessas questões na literatura. O olhar literário de Lima Barreto varia entre o distanciamento crítico – especialmente em relação à “aristocracia suburbana”, tratada com escárnio e dissecada em seus projetos e sonhos de classe – e a luta por mais atenção da parte da municipalidade para com os subúrbios, abandonados e excluídos do mapa dos “melhoramentos”.

1. ENTRE O SUCESSO E O SILÊNCIO: memórias de e sobre Lima Barreto

Hoje, 14, desci de casa, vim à secretaria. O S..., que é o chefe, um curioso tipo de moleza de caráter e de ignorância, quis repreender-me, altercamos e ele retirou-se convencido. Deu-me, entretanto, um grande trabalho. Cópias dos acontecimentos do Juruá. Estou as tirando. A ênfase da linguagem das partes dos oficiais pareceu tratar-se de combates na Manchúria. Palavras bombásticas, frases grandiloquas, a retórica, sempre a retórica.

Lima Barreto, 14 de janeiro de 1905.⁵³

Duas décadas depois, diante do “pelotão” de guardas e enfermeiros do Hospital dos Alienados, o escritor Vicente Mascarenhas havia de recordar aquele dia remoto em que emprestara, pela primeira vez, um livro à dona Efigênia. O Rio de Janeiro era, em 1900, uma cidade de 800 mil habitantes, com seus bairros e distritos ligados por parcas linhas de bonde e trens superlotados. Dona Efigênia era a filha da proprietária da pensão onde vivia o rapaz, então estudante das “ciências físico-matemáticas”, na velha Rua do Lavradio, 69. A família morava fora do Rio de Janeiro, e Vicente, movido pelo sonho do pai de vê-lo doutor, fazia suas primeiras incursões no mundo literário, enquanto cumpria sofredamente o fardo dos estudos. Efigênia, um ano mais nova, era dada a conversas sobre jornais e revistas, e nisso desafiava o rapaz de olhar tímido e furtivo, pouco afeito à presença feminina. “Aos poucos, porém, fui perdendo o medo; e, por fim, já dava respostas mais longas, sustentava a palestra, levantava o olhar, não me limitando a respostas secas e curtas”.⁵⁴

Fato simples, a conversa com dona Efigênia é o ponto a partir do qual Mascarenhas reconstrói a trajetória de sua vida; não só emprestava livros à moça, mas também os recebia de seus colegas de quarto, “dados a versos e a poemas”. Todos moravam na mesma pensão, “que conheceu gerações e gerações de estudantes”⁵⁵. Conclui Mascarenhas: “Mais do que os grandes acontecimentos, na nossa vida, são os mínimos que decidem o nosso destino; e esses pequenos fatos encadeados, aparentemente insignificantes, vieram a influir na minha existência, para a satisfação e para o desgosto”⁵⁶.

Participam dos “pequenos fatos” os companheiros com os quais construiu o gosto pela

⁵³ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa Seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 1240.

⁵⁴ BARRETO, Lima. *Cemitério dos vivos*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa Seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p. 1432.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 1433.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 1435.

literatura. Em especial, Chagas, seu melhor amigo, “nefelibata, decadente, simbolista ou coisa parecida”⁵⁷. Havia também Nepomuceno, “positivista simpático”, que o levava a conhecer Teixeira Mendes e seu Templo Positivista. A “Religião da Humanidade” dera-lhe vontade de conhecer “autores antigos”; Descartes, com seu *Discurso do método*, conquistou o rapaz, ao que se seguiram outros filósofos, historiadores e sociólogos do século XIX.

Vicente Mascarenhas, personagem principal e narrador de *Cemitério dos Vivos*, possui muitas semelhanças biográficas com Lima Barreto. A obra foi pensada durante sua segunda internação no Hospital dos Alienados, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920 (a primeira havia sido em 1914). Nesse período, registrou a experiência da internação em um diário, que serviria de base para a estruturação das memórias do personagem Vicente Mascarenhas. O romance, porém, permaneceu inacabado, apenas um trecho foi publicado, ainda em vida, na *Revista Souza Cruz*, em 1921. A obra incompleta, tal como encontrada entre os manuscritos de Lima Barreto, foi publicada somente em 1953.⁵⁸

O romance evidencia uma característica inequívoca do modo de escrita barretiano: o elo sempre forte entre a observação direta (mas não menos literária) do cotidiano e a sua utilização para a composição de enredos de romances e contos. O “diário do hospício” possui relação direta com *Cemitério dos Vivos*: mais do que registro em traços impressionistas, é um estudo dilacerante da dolorosa experiência do exílio, procurando recompor detalhes das relações entre médicos, enfermeiros e pacientes, além de registrar aspectos de sua primeira internação, sinalizando mudanças e perdas. Tal método, como veremos ao longo deste capítulo, ajuda a caracterizar o investimento, por parte de Lima Barreto, na observação crítica e prolongada do cotidiano, do qual seleciona e recolhe informações sobre aspectos, experiências e situações e os reconstrói num arcabouço literário flexível, sem dogmatismos de cunho naturalista ou determinista.

Cemitério dos Vivos foi utilizado neste capítulo como o fio da memória de Lima Barreto, e permite evidenciar uma de suas características mais marcantes: a recorrência de textos que falam de si mesmo, nos quais, ao construir e reconstruir sua própria história, ele traça um amplo painel do tempo vivido. O objetivo, aqui, é compreender as concepções e métodos de escrita do autor, através de seu próprio testemunho, nunca perdendo de vista os

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 1434.

⁵⁸ A Editora Mérito optou por editá-la juntamente com outras anotações pessoais e obras incompletas, às quais deu o título *Diário Íntimo*. Recentemente, o diário do hospício e o romance *Cemitério dos vivos* mereceram reedição de luxo. Cf. BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura; Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

intelectuais com os quais compartilhou opiniões e experiências, ou aos quais se opôs, na arena de lutas do universo das letras.

A trajetória intelectual de Lima Barreto é marcada por sucessos e silêncios. A maior parte de seus romances recebeu críticas respeitadas nos jornais, embora sempre aquém das expectativas do autor e do seu próprio merecimento intelectual. Mas o pior obstáculo constatado em vida foi a barreira de silêncio em torno de sua obra. O incômodo causado por *Recordações de escritor Isaias Caminha*, denúncia contundente do preconceito de cor e das vicissitudes da imprensa carioca, fez com que, logo na primeira empreitada literária, o autor amargasse o silêncio de boa parte da crítica. Suas memórias, nesse sentido, nos falam de uma glória literária não consumada, de títulos não concedidos e de expectativas frustradas.

À época da escrita de *Cemitério dos vivos*, o escritor já havia tentado duas vezes o ingresso na Academia Brasileira de Letras – na terceira tentativa, um ano depois da internação, desistiria da candidatura “por motivos pessoais”.⁵⁹ Ainda que preterido pelas altas rodas literárias, Lima Barreto gozava, à época, de relativo prestígio. Escrevia para jornais e revistas de pequena e média tiragem, sendo lido e comentado na cidade e fora dela. Recebia, por parte de escritores iniciantes e iniciados, pedidos de apreciação crítica de seus textos, um sinal da importância adquirida em vida. Numa crônica de 1922, intitulada “Livros”, chegou a lamentar o fato de não conseguir lê-los com a devida atenção:

Recebo-os às pencas, daqui e de acolá.

O meu desejo era dar notícia deles, quer fosse nesta ou naquela revista; mas também o meu intuito era noticiá-los honestamente, isto é, depois de tê-los lido e refletido sobre o que eles dizem. Infelizmente não posso fazer isso com a presteza que a ansiedade dos autores pedem. A minha vida, se não é afanosa, é tumultuária e irregular, e a vou levando assim como Deus quer. Há mais de um mês – vejam só! – recebi o romance de meu amigo Ranulfo Prata – *Dentro da Vida* – e ainda não escrevi sobre ele uma linha.

Tenho também, há bastante tempo, de outro amigo, Jackson de Figueiredo, uma obra sua recente, *Pascal e a Inquietação Moderna* – da qual ainda não pude falar como ele merece.

Entretanto, os livros chovem sobre mim – coisa que muito me honra, mas

⁵⁹ Pistas sobre essas tentativas foram deixadas pelo próprio Lima, seja em cartas à Academia, seja em artigos nos quais torna público seu descontentamento com as recusas. Ver, por exemplo, três cartas de Lima Barreto à Academia, datadas de 4 dez. 1920, 1 jul. 1921 e 28 set. 1921. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Brasiliense, 1956, t. II, pp. 215-217; BARRETO, Lima. “A minha candidatura”. *Careta*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1921. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*, op cit., v. II, p. 402.

com a qual me vejo atrapalhado, devido à falta de método da minha vida.⁶⁰

Com base nos textos de Lima Barreto e de depoimentos de pessoas que conviveram com ele, diversos intelectuais construíram, *a posteriori*, a imagem de um escritor marginal e solitário, sem par no campo literário. Muitas dessas reflexões não problematizam os vestígios em contrário deixados pelo autor. Neles, se não é raro o olhar desencantado, também estão presentes as referências às interlocuções, às trocas, às redes de apoio e de influência – evidências às quais diversos estudiosos, ao insistirem em definir o escritor como figura ímpar e de oposição, não deram ainda a devida atenção. Foi o que procurei fazer a seguir para, na segunda parte deste capítulo, analisar como essas imagens foram construídas *a posteriori* e o modo como destoam da memória de si mesmo, produzida por Lima Barreto e, também, de minha própria leitura.

1.1. “No curso da vida e das leituras”

Vicente Mascarenhas, como vimos, partira de dona Efigênia – que viria posteriormente a ser sua esposa – para relembrar as leituras de adolescência e a importância dos amigos. Por influência de Chagas, o simbolista, ele tivera seus primeiros contatos com o movimento estudantil:

Tinha mesmo fundado um jornalzinho de estudante e arrastou-me a escrever nele. Colaborava com artigos tímidos, vacilantes, tratando de assuntos adequados ao meio, troças a este ou àquele, pequenos comentários sobre este ou aquele fato. Foi assim que comecei. Houve quem apreciasse e gabasse mesmo; e tratei de aperfeiçoar-me. Tratei de ler os autores com cuidado, de observar como dispunham a matéria, como desenvolviam, a procurar teorias de estilo, e isto, como todo principiante, fui procurar no enfado dos clássicos; mas, bem depressa, abandonei esse sestro e o meu escopo foi unicamente vazar o melhor possível todo o pensamento que queria vazar no papel. (...)

Apurei-me, afinei-me, escrevendo duas, três e mais vezes a mesma coisa; e estendi a minha colaboração a jornaizinhos equivalentes ao do amigo Chagas e, por intermédio dele, meti-me na roda de estudantes literatos que abandonam as letras mal se formam, e também na de profissionais.⁶¹

⁶⁰ BARRETO, Lima. “Livros”. *Careta*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1922. Apud _____. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, pp. 69-70.

⁶¹ BARRETO, Lima. *Cemitério dos vivos*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 1436.

Nessas primeiras experiências como literato, Mascarenhas/Barreto ia elaborando o seu “método” de escrita que, posteriormente, seria analisado como a sua “marca”. Seja qual for o assunto, procurava cada vez mais abordá-lo de maneira clara, objetiva, sem ornamentos. Embora tratasse os assuntos da vida estudantil sem grande entusiasmo, aquelas primeiras experiências de escrita

seriam como que exercícios para bem escrever, com fluidez, claro, simples, atraente, de modo a dirigir-me à massa comum dos leitores (...), sem nenhum aparelho rebarbativo e pedante de fraseologia especial ou um falar abstrato que faria afastar de mim o grosso dos legentes.

E era preferível, portanto, estar

ao alcance das inteligências médias com uma instrução geral, do que gastar tempo com obras só capazes de serem entendidas por sabichões enfatuados, abarrotados de títulos e tiranizados na sua inteligência pelas tradições e escolas e academias e por preconceitos livrescos e de autoridades. Devia tratar de questões particulares com o espírito geral e expô-las com esse espírito.⁶²

As memórias do escritor maduro dão a ideia do processo que desencadeou a sua metamorfose na adolescência. Com a morte do pai, libertou-se dos grilhões do diploma – Lima Barreto estudou na Escola Politécnica entre 1897 e 1902, abandonando definitivamente o curso de engenharia com o enlouquecimento do pai. Largou as disciplinas escolares “satisfeito com o sucesso de estima que tinha obtido no estreitíssimo círculo de estudantes”.⁶³ Essa passagem dá a largueza da importância conferida por ele às redes estabelecidas e à importância da vida estudantil na sua formação e afirmação como escritor.

Em 1919, rememorou esses grupos intelectuais estudantis na sua formação. O “velho” Lima retoma a vida na Politécnica para valorizar a importância das letras na sua identidade social. Assim, afirma que o meio não lhe agradava, pois se sentia tímido e pobre entre rapazes ricos, “filhos de graúdos de toda a sorte, que me tratavam, quando tratavam, com um compassivo desdém”. Suas sucessivas reprovações desagradavam ao pai, e ainda assim o rapaz passou os últimos anos de estudo “pelos corredores da escola a discutir”, ou “a ler na

⁶² Idem, *ibidem*, loc cit.

⁶³ Idem, *ibidem*, p. 1437.

Biblioteca Nacional ou Municipal”.⁶⁴ Numa época em que nem mesmo tinha hábitos de botequim, como afirma na crônica, começou a conhecer “uma porção de artistas, de poetas, de filósofos, de cronistas, jornalistas, repórteres etc.”.⁶⁵

Assim, a despeito da indiferença com que concluía as cadeiras necessárias à titulação na escola – a ponto de anotar, em 1903, um decálogo de intenções, incompleto, no qual vaticinava “Não ser mais aluno da Escola Politécnica”⁶⁶ –, o estudante mergulhava nos estudos de filosofia, sempre autodidata. Em toda a sua trajetória intelectual, salta aos olhos a preocupação com uma interpretação crítica do vivido, e o modo como essa interpretação se articula com questões filosóficas, sociológicas e literárias. Como parte desse processo, elaborara, naquele ano, o “Curso de filosofia feito por Afonso Henriques de Lima Barreto para Afonso Henriques de Lima Barreto”, com base em artigos da *Grande Encyclopédie Française Du Siècle XIXème* e “outros dicionários e livros fáceis de se obter”⁶⁷. Outra ideia o perseguia desde as primeiras anotações no diário: escrever uma *História da Escravidão Negra no Brasil*.⁶⁸ Dois anos mais tarde, registraria um projeto com outros moldes:

Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão.

Como exija pesquisa variada de impressões e eu queira que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra-prima, adia-lo-ei para mais tarde.

Temo muito pôr em papel impresso a minha literatura. Essas ideias que me perseguem de pintar e fazer a vida escrava com os processos modernos do romance, e o grande amor que me inspira – pudera! – a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me pôr acima delas.
(...)

Ah! Se eu alcanço realizar essa ideia, que glória também! Enorme,

⁶⁴ BARRETO, Lima. “Henrique Rocha”. *O Estado*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1919. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., v. 1, p. 516.

⁶⁵ “Emílio de Menezes, Guimarães Passos, Raul Braga, Domingos Ribeiro Filho, Raul, Calisto, Luis Edmundo, Santos Maia, Lucílio, Hélios, os dois Timóteos, os dois irmãos Chambeands, Evêncio, Jobim, Lenoir, o extraordinário Gil, Camerino, Arnaldo, Gonzaga Duque, Lima Campos e tantos outros, alguns já mortos e outros ainda vivos, pouco felizes e o resto... na mesma”. BARRETO, Lima. “Henrique Rocha”, op. cit., p. 517.
⁶⁶ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., p. 1213. Escrito em 1903.

⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 1214. Escrito em 1903. Nele, Lima Barreto esboçava um curso da “história do pensamento filosófico, devendo cada época ser representada pela opinião de seus mais notáveis filósofos. Na passagem de uma época para outra, constituirá o grande objetivo do curso estabelecer a ligação dos dois pensamentos, as suas modificações e o que se eliminou de um e por que essa eliminação foi feita, assim como as reações da ciência e da arte”. O rapaz dividiu seu curso em oito etapas, cuja visão programática foi influenciada por curso do colégio Pedro II. Cf. *ibidem*, pp. 1214-1216.

⁶⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*, op. cit., p. 1213. Trecho escrito em 1903.

extraordinária e – quem sabe? – uma fama europeia.⁶⁹

Sincero retrato de um artista quando jovem, o projeto de escrever um romance vibrante e moderno sobre a vida dos negros durante a escravidão teria, além de um significado social e histórico – “a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que eu pertencço” –, uma passagem para uma sonhada “glória” literária. Uma “glória” nesses termos, “enorme, extraordinária e – quem sabe? – uma fama europeia”, Afonso Henriques jamais alcançou em vida. E mesmo o romance histórico, confabulado nos anos anteriores à publicação de *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909), seu efetivo reconhecimento no mundo literário, jamais sairia do papel. O principal motivo da desistência, naquele momento, parece ter sido o despreparo que sentia para realizar as pesquisas necessárias. Além das difíceis condições de sobrevivência, tendo que lidar com a doença do pai e a condição de mantenedor da casa, o rapaz demonstrava preocupação com uma possível sentença desfavorável por parte da crítica literária.

Dirão que é negrismo, que é um novo indianismo, e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu, pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado, debicado?⁷⁰

A multifacetada relação entre Lima Barreto e seus pares literatos, que renderá um ziguezague de impressões/memórias ao longo da vida – a maior parte delas, no entanto, num sentido desfavorável –, tem como base uma percepção de que a crítica era importante, mas podia exceder o senso de justiça, próprio à natureza do ofício, partindo para a injúria e o preconceito. Afinal de contas, “os maus livros fazem os bons, e o crítico sagaz não deve ignorar tão fecundo princípio. Ao olhar do sábio, o vício e a virtude são uma mesma coisa, e ambos **necessários** à harmonia final da vida; ao olhar do crítico filósofo, os bons e maus livros são indispensáveis à formação de uma literatura”⁷¹, anotou em 1904.

Frequentava, nesse tempo, rodas literárias. Num sábado de janeiro de 1905, foi à casa do escritor e jornalista Alcides Maia, no intuito de que ele lesse um livro seu em fase de

⁶⁹ Idem, ibidem, p. 1247. Escrito entre 12 e 16 jan. 1905.

⁷⁰ Idem, ibidem.

⁷¹ Idem, ibidem, p. 1229. Escrito em 1904. Grifo meu.

escrita⁷². “Entretanto, o pensamento foi ainda pouco compreendido, eu o creio, porque ele me tenta a pôr nele um personagem que o livro não comporta”.⁷³ O jovem Afonso demonstrava apreço pelo escritor gaúcho – “É inteligente, ilustrado, estudioso, delicado de sentimentos. Ele é muito diverso da maioria dos jornalistas e rapazes de letras com quem tenho relações”⁷⁴ –, escolhendo-o, talvez por essa afinidade intelectual, como seu interlocutor.

No diário, Lima Barreto indica outros literatos que conviveram com ele, dos quais cito alguns. Alcides Maia (1878-1944), nascido de uma família abastada dos pampas, fazia das letras um veículo de promoção de suas ideias políticas. Formou-se em direito em São Paulo, em 1901. Em Porto Alegre, ele foi redator de um jornal da dissidência republicana, *A Reforma*, de oposição ao governo central. Em 1903, mudou-se para o Rio, onde foi reconhecido por Machado de Assis como literato promissor. Maia ficaria conhecido principalmente por suas obras de cunho regionalista, trazendo reminiscências do interior de seu Rio Grande natal. Em 1910, consagra-se com o romance *Ruínas Vivas*, e no ano seguinte é eleito membro da Academia Brasileira de Letras.⁷⁵

Também o pernambucano Manoel Bastos Tigre (1882-1957), poeta, bibliotecário, jornalista, compositor, humorista e publicitário, fez parte das rodas literárias de Lima. Filho de um alto comerciante de Recife, Bastos Tigre veio para o Rio em 1900, onde se tornou estudante da Escola Politécnica. Foi lá que possivelmente conheceu Lima Barreto. Ambos colaboraram para a revista de humor estudantil *Tagarela*, e alguns anos mais tarde para o *Correio da Manhã*. Tigre, entretanto, manteve sua colaboração para o jornal (que inspirou o *Isaiás Caminha* de Lima Barreto) por longo tempo, inclusive como correspondente internacional nos Estados Unidos, onde estagiou para a General Electric. Homem de boas relações sociais, frequentador das confeitarias do centro, Bastos Tigre teve como mecenas, nesse início de carreira, Guilherme Guinle, que bancou a publicação de um livro de sonetos satíricos sobre os professores da Politécnica.⁷⁶

Outro literato mencionado por Lima é o poeta alagoano Goulart de Andrade (1881-1936). Filho de um engenheiro e oficial da Marinha, ele veio para o Rio com 16 anos, e, após

⁷² Pelo contexto, e segundo a indicação de Francisco de Assis Barbosa, deve se tratar de *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha* (o primeiro romance do escritor a ser publicado em livro, em 1909).

⁷³ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 1255. Escrito em 30 jan. 1905.

⁷⁴ Idem, ibidem.

⁷⁵ BIOGRAFIA de Alcides Maia. *Site da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 16 abr. 2010.

⁷⁶ TIGRE, Sylvia Bastos. “Notas biográficas”. In: TIGRE, Manoel Bastos. *Reminiscências: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente*. Brasília: Thesaurus, 1992, pp. 193-200.

breve passagem pela Escola Naval, passa a ser aluno da Escola Politécnica. Em seu convívio com os poetas boêmios, tornou-se parnasiano, e “esmerou-se na especialidade das poesias difíceis, de forma fixa o vilancete, o rondel, a balada e sobretudo o canto real, uma das mais complexas formas poéticas”.⁷⁷ Elegeu-se membro da Academia em 1915.

Um pequeno e recortado resumo da trajetória desses três literatos pode servir para indicar os sujeitos, no meio literário, de quem Lima Barreto era próximo ou procurava se aproximar. As qualidades intelectuais de Maia eram destacadas pelo escritor em relação aos outros literatos com quem se encontrava em cafés e confeitarias. “Ontem, estive em casa de [Bastos] Tigre, com Alcides Maia, que na verdade é um rapaz que promete”.⁷⁸ Em oposição à boa imagem do amigo, contrapõe a “ignorância” do conjunto dos literatos com quem lidava:

É incrível a ignorância dos nossos literatos; a pretensão que eles possuem não é secundada por um *grande esforço de estudos e reflexão*. Presumidos de saber todas as literaturas, de conhecê-las a fundo, têm repetido ultimamente as maiores sandices sobre Gorki, que anda encarcerado na Rússia (...)

Há dias, conversando com o Tigre, ele me disse que esse Gorki nada valia – escrevera uns contos, coisas de fancaria socialística. É incrível, mas é verdade.

Quando eu lhe disse que o Máximo [Gorki] tivera o Prêmio Nobel, ele se admirou – nada sabia.⁷⁹

Essas passagens indicam uma tendência do escritor à formulação de uma tomada de posição crítica aos seus pares. Os comentários a respeito dos colegas não miram questões meramente pessoais, mas o que o escritor via como um desconhecimento dos grandes escritores e uma ausência de reflexão e pesquisa. A respeito do colega Andrade, por exemplo, afirma: “Não gosto de sua poesia, muito sábia, muito certa, muito verbal, com pouco de sua pessoal (*sic*), tocando certos temas clássicos; entretanto, ele é trabalhador, poeta agradável; legível e verbal”. Irritavam-lhe os gostos literários de Andrade, principalmente a sua assimilação de uma poesia métrica e sem as paixões do tempo, assemelhada às formas “científicas” – precisas e rítmicas – do parnasianismo.⁸⁰

Essa rede da qual Lima Barreto era parte possui como eixo institucional – e

⁷⁷ “BIOGRAFIA de Goulart de Andrade”. *Site da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 16 abr. 2010.

⁷⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., p. 1258. Escrito em 20 fev. 1905.

⁷⁹ Idem, *ibidem*. Grifo meu.

⁸⁰ BARRETO, Lima, *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., p. 1281. 15 maio 1908.

cartográfico – a Escola Politécnica.⁸¹ Rapazes em parte provenientes das elites dos estados compunham o alunado da instituição. Além de Goulart de Andrade e Bastos Tigre, alguns amigos e correspondentes de Lima Barreto, como o paulista Otávio Inglês de Sousa (poeta parnasiano) e Carlos Viana (editor de *O Álbum Ilustrado* e da *Revista da Época*), figuram entre os homens de letras de sua rede de interlocução, quase todos em confortáveis condições econômicas.

Euclides da Cunha, literato de geração anterior, fez curso preparatório na Politécnica, em 1885, para ingressar um ano depois na Escola Militar, na Praia Vermelha.⁸² Também o paraense José Veríssimo e o sergipano João Ribeiro, importantes críticos e historiadores literários, passaram pela Politécnica nos anos anteriores (o primeiro abandonou o curso de engenharia por motivos de saúde).

A “escola central”, como era conhecida nos primeiros anos a instituição civil, ficava a poucos metros da Rua do Ouvidor, epicentro da vida cultural e política do Rio, bem como dos centros de sociabilidade literária, como os cafés, confeitarias e sedes de jornais diários. Estava rodeado de pensões para rapazes e de associações estudantis. Um pouco mais distante, na Glória, estava a Igreja Positivista, espécie de “templo” da filosofia. Lembremo-nos de que Vicente Mascarenhas vivia na Rua do Lavradio, 69, e iniciara ali sua incursão no universo da imprensa e da literatura.

As primeiras crônicas de Lima Barreto de que se tem conhecimento datam do raiar do século XX. Em 1900, no jornal estudantil *A Lanterna*, ele reclama da indiferença do público carioca em relação às artes, e mesmo da inexistência de um espaço proporcional à grandeza dos concertos sinfônicos regidos pelo maestro Francisco Braga, por quem se derrete de elogios.⁸³ Seus artigos são essencialmente sobre cultura, não havendo ainda a cítrica ironia com que se celebrizou ao tratar de políticos e classes sociais.

Há um hiato na produção cronística barretiana conhecida hoje: sabe-se que fez uma

⁸¹ A vetusta instituição possui na sua linhagem origem militar. Descendente da Academia Real Militar, fundada por D. João VI no início do século XVIII, a instituição tem como sede, desde 1812, o imóvel do Largo São Francisco. Desde 1874, atende apenas a alunos civis. Hoje, o mesmo prédio abriga o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁸² Segundo Roberto Ventura, baseado nas memórias de um discípulo de Euclides, a Escola Militar se diferenciava da Politécnica por ter alunos de origem humilde, em sua maioria. VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 49.

⁸³ BARRETO, Lima. “Francisco Braga – concertos sinfônicos”. *A Lanterna*, Rio de Janeiro, 01 dez. 1900. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., v. I, p. 59-60. Segundo Beatriz Resende e Rachel Valença, “*A Lanterna* é um pequeno jornal de estudantes, fundado por Júlio Pompeu de Castro e Albuquerque, onde também colaborava Bastos Tigre. O periódico se apresentava como “órgão oficioso da mocidade de nossas escolas superiores”. Idem, *ibidem*, p. 60.

série de reportagens para o *Correio da Manhã*, intitulada “Os subterrâneos do Morro do Castelo” (entre abril e junho de 1905), e que dirigiu a *Revista da Época*, de propriedade de um ex-colega da Escola Politécnica, Carlos Viana. Segundo Francisco de Assis Barbosa, a *Revista da Época* tinha edições irregulares, pois vivia de “cavações” – como eram chamadas, então, as pequenas publicações que dependiam da subvenção de políticos.⁸⁴ Já no *Correio da Manhã*, do futuro desafeto Edmundo Bittencourt, Lima Barreto teria a experiência de trabalhar para um órgão da grande imprensa, com edições regulares e grandes tiragens. Poucos anos mais tarde, o lançamento do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) faria vir a público uma percepção ácida dos egos e mediocridades reinantes no *Correio* (que no romance é chamado *O Globo*), bem como de promíscuas relações entre imprensa e poder.

Uma passagem importante em seu diário permite resgatar o modo como construiu certas concepções sobre literatura e o ofício intelectual. Trata-se de um texto-discurso, provavelmente escrito para ser proferido na casa do Barão de Itaipu, chefe de repartição na Secretaria da Guerra. Nele o rapaz relativiza a importância dos dogmas científicos e filosóficos, distanciados da experiência da “complexidade da vida”:

Armamo-nos de ciências e filosofias, e, se com elas percebemos um face da existência, deixamos escapar uma outra, ou descobrimos novas. (...)

Entretanto, há um seguro instrumento para a compreender [*a vida*]: viver.

Viver é acumular intuições e noções, que vão formar um cabedal pessoal e intransferível. É construir uma sabedoria individual; é, de alguma forma, decifrar o magno problema, pois só o lento evoluir na vida nos fornece a verdadeira percepção dela mesma e a sua representação, cuja passagem a outrem é impossível.⁸⁵

Para compreender as questões do mundo, pondera, é necessário não só armar-se da sabedoria construída ao longo dos séculos, materializada em livros e revistas, mas também cercar-se da máxima realidade: experimentar a “vida” (humana, social) na sua complexidade, na tentativa de “decifrar o magno problema”, pois só a experiência, a vivência da realidade torna possível uma explicação justa e verdadeira dos mistérios que a cercam. “Para o espetáculo do mundo, só os anos dão a calma do meu espectador”, afirma o rapaz. “E, por ser assim, é que eu, ainda avaro em anos, gabo a passagem de mais um, pois que me vou vendo

⁸⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op cit., p. 155.

⁸⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., pp. 1233-4.

chegar ao tempo em que poderei apreciar, com o máximo rendimento, a dádiva do viver”.⁸⁶

O real vivido e a sabedoria dos livros ocupavam, pois, espaço contíguo nos primeiros passos da trajetória literária de Lima Barreto. Vivenciar a realidade em seus dramas maiores e dela sugar a matéria-prima com que irá compor sua ficção; ler e refletir sobre a produção dos principais pensadores sociais brasileiros e europeus, contestando-os quando julgava necessário, apropriando-se de suas principais ideias, para relacioná-las aos problemas e controvérsias de sua época: é nesse caminho de mão dupla entre o saber e a experiência que Lima Barreto compõe seus primeiros personagens e dramas ficcionais. “No curso da vida e das leituras”⁸⁷, resume o jovem autor em seu diário.

Uma valiosa pista é deixada pelo escritor, já em sua fase “madura”, a respeito de leituras que o ajudaram a escolher os seus caminhos literários. Em crônica de 1919, Lima Barreto transcreve um texto de autoria de Camerino Rocha, escrito em 1903, que defendia a solidariedade e o engajamento como bandeiras literárias: uma “arte mais compassiva, mais afável aos miseráveis”, uma “arte de oposição”, adepta ao “culto imperturbado da Verdade”.⁸⁸ Eis alguns elementos dessa arte-verdade, encarnada no fluxo dos fatos sociais:

Uma robusta coluna de legionários das letras ia envolver num círculo de agressiva observação, de implacável inspeção de todos os áridos preconceitos, de todas as injustas legislações, a sociedade humana, e revelar-lhe, sob o falaz esplendor, a perdurável e negra miséria que a condena (...)

Aguça-se acerbamente a ironia dos escritores movidos todavia pela piedade, por um impaciente desejo de renovação e harmonia.⁸⁹

Rocha defende uma arte social, conclamando os literatos de seu tempo à “agressiva observação” e à “implacável inspeção” dos preconceitos correntes. A literatura deve ir ao encontro não de uma realidade transparente, direta, mas aos despojos produzidos nas desiguais relações entre os homens e nas “injustas legislações”. O escritor, agente histórico, deve fazer de sua literatura uma busca pela realidade obscura que submerge nas relações sociais, e pela Beleza estética (com B maiúsculo) um elemento subordinado à sociedade.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 1234.

⁸⁷ Idem, *ibidem*, p. 1230.

⁸⁸ ROCHA, Camerino. “Simpatia humana na arte moderna”. *Ateneida*, jan. 1903 *apud* BARRETO, Lima. “As pequenas revistas”. Rio de Janeiro, 26 abr. 1919. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), *op. cit.*, v. 2, p. 507.

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 509.

Camerino Rocha opõe-se, por outro lado, a uma literatura voltada para a Antiguidade e o helenismo – em referência, claro, aos romances de Coelho Neto e de outros homens de letras ligados a uma literatura de salões –, a qual possuiria “uma filosofia sem mistérios torturantes, sem ansiedades, amando uma arte que era a transcrição fiel da vida nacional harmoniosa e heróica”. Contra essa literatura helenizante, propõe um exercício de escrita moderno e visceral, “vibrátil, inquieto, apaixonado volubilmente, contendo no seu sistema nervoso perpetuamente agitado as ideias contraditórias de uma época incoerente”.

Alguns dos escritores mencionados por Rocha como exemplos dessas almas inquietas e contraditórias são Balzac, Tolstoi, Gorki e Zola, autores sempre citados e recomendados por de Lima Barreto a jovens escritores ao longo de toda a trajetória. O mesmo pode ser dito sobre Dostoiévski, cuja frase: “a realidade é mais fantástica do que tudo que a nossa inteligência possa fantasiar” foi citada pelo escritor carioca mais de uma vez em suas crônicas. Encanta a Lima Barreto a imensidão do real como matéria-prima para o fazer literário, em detrimento de um universo puramente imaginado, e o processo de investigação necessário para tornar esse real vivido representado na literatura. Uma análise do texto de Camerino Rocha, provavelmente lido por Lima Barreto em sua juventude, sugere que muitos dos princípios dessa arte social e utilitária estão impregnados em sua produção textual, como um pilar da sua concepção de literatura.

Em suas constantes reflexões sobre o fazer literário, reafirmada ao longo de toda a sua produção textual, o escritor paga tributo a três escritores e pensadores franceses: Taine, Brunetière e Guyau. Merece destaque a assimilação, pelo escritor carioca, de um importante princípio literário apregoado por Hippolyte Taine⁹⁰: a de que a “obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem”⁹¹. Para Lima Barreto, a literatura deve ser um “espelho da nossa vida”⁹², uma busca do real que seja capaz de juntar aspectos esparsos e submetê-los a um rigoroso senso crítico autoral, já que, segundo ele, os fatos não falam por si próprios. Com base nessa interpretação da obra de Taine, o escritor carioca busca empreender uma leitura detalhada da experiência vivida, que deve resultar na representação literária de situações concretas e bem ambientadas.

Exemplo contundente dessa concepção é o comentário do escritor a respeito da

⁹⁰ Crítico literário e historiador, France (1828-1893) exerceu grande influência sobre os escritores de tendência “naturalista”, especialmente Zola, Bourget e Maupassant.

⁹¹ Apud FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão*: estudo sobre Lima Barreto. Assis; São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1978, p. 26.

⁹² BARRETO, Lima. “As pequenas revistas”, op cit., p. 509.

cerimônia de recepção de Alfredo Pujol como novo membro da Academia Brasileira de Letras, em 1919. O jurista Pedro Lessa, membro da instituição, discursou naquela ocasião, abordando o “extraordinário poder de abstração” do escritor Machado de Assis. Defende Lessa que Machado “só acessoriamente, secundariamente” teria se ocupado dos “homens em determinadas condições, em um certo ambiente, em uma época especial”, e que suas obras são justamente consideradas importantes fotografias da cidade em que nasceu. Argumenta, porém, que a busca maior da escritura machadiana é “todo o homem, a espécie humana com os seus instintos, os seus sentimentos, as suas paixões e defeitos”. E conclui que a “grande arte” deve buscar a constância, o geral, o que é comum em todas as sociedades e que faz delas algo indistinto⁹³. Lima Barreto refuta essa concepção literária atribuída a Machado de Assis da seguinte forma:

O que pensa Vossa Excelência da arte de Machado de Assis e de outros que não conheço, é reduzi-la à análise das almas aos seus sentimentos elementares. Vossa Excelência quer é uma espécie de arte-sinais-psíquicos, uma álgebra psicológica, separada de todas as coisas exteriores, desde as montanhas, o mar, até a pigmentação do herói e dos cabelos da heroína.

Essa arte algébrica de descrição de sentimentos puros: amor, ciúme, orgulho, vaidade etc., não conheço, nem mesmo em Machado de Assis.⁹⁴

Contra essa tal arte psicológica e abstrata, dada a uma generalização matemática da vida, ele defende que a “Arte, por sua natureza mesma, é uma criação humana dependente estreitamente do meio, da raça e do momento – todas essas condições concorrendo concomitantemente”. Além disso, a escrita “não pode desprezar o meio, nas suas mínimas particularidades, quando delas precisar”. Um exemplo dessa diferenciação radical entre as ciências e a arte, oferecido pelo escritor, vem de mais uma alusão à obra de Machado de Assis: “Há uma mesma geometria para aqui e para a Lapônia; mas uma Virgília do Rio de Janeiro não pode agir da mesma maneira, levada pelos mesmos motivos sociais, que a Virgília de lá, se as há.”⁹⁵

Do pensamento de Ferdinand Brunetière⁹⁶, constantemente citado em artigos e

⁹³ LESSA, Pedro. Discurso de recepção de Alfredo Pujol na Academia Brasileira de Letras. Apud: BARRETO, Lima. “Uma fita acadêmica”. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 02 ago. 1919. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., vol. I, p. 576.

⁹⁴ BARRETO, Lima. “Uma fita acadêmica”, op. cit., p. 578.

⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 579.

⁹⁶ Escritor e crítico francês (1849-1906).

crônicas, Lima Barreto apropria o seu aspecto mais universalista. Interessa-lhe, nessa perspectiva, uma literatura que tenha por fim perseguir todos os dramas, anseios e necessidades da existência humana, na tentativa de enfrentar os problemas mais gerais e comuns a todas as sociedades. Em síntese, que se interesse, “pela virtude da forma, [por] tudo o que pertence ao destino de todos nós”.⁹⁷ O escritor aponta, a partir da influência de Brunetière, para a busca da “solidariedade humana” como princípio maior. Para o crítico literário Carlos Fantinati, “Essa ênfase dada à solidariedade humana implica em que se dê status artístico às camadas sociais desprivilegiadas, em sua miséria física, moral e social, promovendo a inclusão delas na literatura e na arte”⁹⁸.

Uma carta escrita ao jornalista e professor Corinto de Oliveira, em 1909, resume bem a importância dada por Lima Barreto a este princípio de inclusão das classes subalternas no âmbito da arte. O motivo da carta é comentar um artigo escrito por Oliveira a respeito do pano de boca do Teatro Municipal, de autoria do pintor Eliseu Visconti. A obra tem como tema a influência das artes na civilização; traz, com destaque, um gênio alado representando a Arte, seguida de um desfile de celebridades intelectuais, artísticas e políticas brasileiras de todos os tempos e, ao fundo, a presença de uma grande multidão, caracterizada por negros, mulatos e brancos de estampa humilde.⁹⁹

Pelo contexto da carta, podemos imaginar que a opinião de Oliveira era contrária à inclusão do povo no pano de boca de tão ilustre instituição. Lima Barreto questiona se o jornalista não estaria vendo a obra de arte “de acordo com o clássico”, e diz que Visconti teria realizado uma “revolução útil” ao contrariar uma orientação artística vigente, atenta principalmente à alta sociedade e ao poder:

Por que um pano de boca, tendo um determinado tema, não o pode desenvolver com os meios que nos fornecem a nossa vida comum? Lembra-te bem que para se introduzir a criada ou criado na literatura foi preciso grande revolução e que, durante muito tempo, só as pessoas de condição real e soberana, ou os heróis extraordinários, podiam interessar às artes. (...)

Eu não vi o pano de Visconti; mas, julgo, que se fez com arte o desenvolvimento do tema, empregando quitandeiros pretos, populares, dançarinas,

⁹⁷ BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 73.

⁹⁸ FANTINATI, Carlos Erivany., op. cit., p. 29.

⁹⁹ A descrição do pano de Visconti foi feita por Francisco de Assis Barbosa, Antonio Houaiss e Cavalcanti Proença, organizadores de BARRETO, Lima. *Correspondências ativas e passivas*, op. cit., t. 1, p. 191. Uma reprodução do pano pode ser encontrada no site: http://www.eliseuvisconti.com.br/obras_visconti/0660.htm. Acesso: 6 abr. 2010.

retratos de homens eminentes, fez coisa legítima.¹⁰⁰

Por fim, ao apropriar-se das ideias de Jean-Marie Guyau¹⁰¹, Lima Barreto defende que a arte deve ter como princípio “revelar umas almas às outras, (...) restabelecer entre elas uma ligação necessária ao mútuo entendimento entre os homens”. Uma literatura, enfim, com forte poder comunicativo, capaz de mobilizar a opinião e a ação dos leitores, de contagiá-los com o ardor de suas ideias. Não é em vão que o escritor, na contramão do que via como uma “literatura de salão”, concentrada nas figuras de Coelho Neto e Afrânio Peixoto, opta claramente por uma escrita simples e cristalina, destituída de requififes e ornamentações estéticas. Como observa Fantinati, a evocação da obra de Guyau pelo escritor, em vários artigos, serve para a formulação de uma “notação mediadora e instrumental da arte”: quanto mais clara a escrita, maior o seu poder de contágio e, por conseguinte, de comoção da opinião pública.¹⁰²

O escritor é contrário, então, a uma arte voltada para si própria, fechada, pretensamente inarticulada ao tempo presente e presa a confrarias de sábios. A defesa de uma escrita mais simples, destinada ao grande público, é acompanhada do repúdio aos ideais de beleza e perfeição dominantes nessa literatura que tanto critica.

O intelectual potiguar Jaime Adour da Câmara, em carta a Lima Barreto, escrita em 1919, assim comenta o estilo barretiano: “O seu ideal de Arte é grandioso. Noto em seus trabalhos o sopro da genialidade que os anima a uma gradativa ascensão ao Belo e à Perfeição.”¹⁰³ O escritor responde:

A “perfeição”, eu a procurarei cada vez mais aproximar-me dela, se se pode entender isso por correção, proporção de partes, percuciência sagaz da análise das coisas e dos homens etc. etc.; mas a tal história do Belo, como entendem aqui Botafogo e Coelho Neto, não quero chegar lá.¹⁰⁴

Buscando a perfeição “da análise das coisas” e da “correção” da linguagem, mas

¹⁰⁰ BARRETO, Lima. “Carta a Corinto de Oliveira”, 14 jul. 1909. In: Idem. *Correspondências ativas e passivas*, op. cit., t. I, p. 190.

¹⁰¹ (1854-1888). Filósofo e poeta francês.

¹⁰² FANTINATI, Carlos Erivany, *O profeta e o escritor*, op. cit., p. 30.

¹⁰³ Carta de Jaime Adour da Câmara a Lima Barreto, 16 de abril 1919. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op. cit., t. 2, p. 161.

¹⁰⁴ Idem, ibidem.

repudiando uma ideia muito em voga do “Belo”, Lima Barreto elabora sua concepção de literatura. Em 1921, dedicou-se a responder a seguinte pergunta, formulada por ele próprio: “Em que pode a Literatura, ou a Arte, contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim?”¹⁰⁵

Tratava-se do texto “O destino da Literatura”, elaborado para uma conferência que Lima Barreto deveria realizar na cidade de Rio Preto, durante uma visita a Mirassol, no interior paulista, a convite do médico e escritor Ranulfo Prata, seu amigo. Tímido e pouco experiente no falar em público, o escritor carioca não compareceu ao evento, tendo sido encontrado, horas depois, dormindo na sarjeta, bêbado.¹⁰⁶ Mas o texto foi publicado na *Revista Souza Cruz*, em outubro e novembro de 1921, e constitui uma síntese das ideias do autor, algumas delas já apresentadas aqui.

Lima Barreto conduz a discussão sobre a literatura ampliando-a para a arte em geral. Para ele, o fenômeno da arte “é social, para não dizer sociológico”¹⁰⁷. O escritor recusa compreender a arte a partir de uma “teoria geral”, e sugere, com base em Tolstoi – em *O que é a Arte?* –, ir além das “definições da ciência estética”. Esta, a seu ver, seria construída por “estetas profundos que doutrinam sobre o Amor e sobre o Belo sem nunca terem amado”.¹⁰⁸ Cada um deles explicaria a seu modo o que é a “Beleza” na literatura. Para Lima, com base em Taine, a beleza “já não está na forma, no encanto plástico, na proporção da harmonia das partes, como querem os helenizantes de última hora”. Pois, a beleza não se constitui em “caráter extrínseco da obra, mas intrínseco, perante o qual aquele pouco vale. É a substância da obra, não são as suas aparências”.¹⁰⁹ Para o escritor, a ênfase no “caráter intrínseco” não deve deixar de lado, porém, elementos como a forma, o estilo e a correção gramatical. Mas esses elementos devem ser desenvolvidos “em busca de um fim”, ou seja, de problemas sociais e humanos que a literatura deve, a seu modo, tentar compreender e solucionar. Nesse sentido, a preocupação excessiva com a forma deixaria de lado a capacidade de pensar as angústias dos homens, e perderia o efeito desejável de contrariar convicções fundadas em preconceitos. A literatura, para ele, deve ter em vista a defesa calorosa de uma tese, de um “determinado pensamento de interesse humano”.¹¹⁰

¹⁰⁵ BARRETO, Lima. “O destino da Literatura”. *Revista Souza Cruz*, Rio de Janeiro, ns. 58-59, out. e nov. 1921. Apud: BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*, op. cit., pp. 55-56.

¹⁰⁶ V. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit., pp. 330-331.

¹⁰⁷ BARRETO, Lima. “O destino da Literatura”, op. cit., p. 56.

¹⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 57.

¹⁰⁹ Idem, *ibidem*, p. 58.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 59.

Mas não se trata do simples desenvolvimento de um argumento de interesse social, ou a literatura não se diferenciaria da Filosofia. Se a “Beleza”, compreendida como plasticidade e cultivo formal, não pode se sobrepor à mensagem/conteúdo, por outro lado o conjunto da obra deve emocionar, encantar ao leitor, ou mesmo chocar. O exemplo utilizado por Lima Barreto é o clássico *Crime e castigo* (1866), de Dostoiévski. Para o escritor carioca, o dilema existencial vivido pelo personagem Raskólnikoff, após cometer o assassinato de uma velha usurária, só pode ser considerado literário porque a ideia, transformada em texto, é estruturada para mexer com o leitor, até gravar-se em sua memória afetiva. A literatura deve, portanto, transformar o argumento em sentimento. E mais: deve tornar o argumento “assimilável à memória, incorporá-lo ao leitor, em auxílio de seus recursos próprios, em auxílio de sua técnica”.¹¹¹

O caminho trilhado por Lima Barreto para tanto levava em conta certas técnicas e procedimentos de escrita, que podemos qualificar como um método. Seu diário pessoal, além de confissão habitual de dramas do cotidiano, era também um verdadeiro instrumento de trabalho. Nele, e em anotações esparsas, o escritor tramava estórias, sondava a história, pensava – e estabelecia – caracteres de seus personagens. Um de seus primeiros projetos literários foi *Clara dos Anjos*, iniciado em 1903. Da primeira versão do romance, bastante diferente daquela que é conhecida dos leitores de hoje, apenas a primeira parte foi concluída pelo escritor. Mas o diário mantém registrado uma sinopse do conjunto no momento da elaboração:

Clara dos Anjos, mulher, mulata, 23 anos. Tenente Frutuoso, do Exército, positivista, etc., noivo de Carlota Sá Bandeira. Guedes (Camilo da Costa), português, interessado; mais tarde, enriquece, parte pra Europa, onde fica, doando alguma coisa à Clara, sua amiga, com quem tem uma filha (Visconde mais tarde de qualquer coisa).

A gente Sá Bandeira, família de pequeno empregado, da relação de Clara, de quem o pai era padrinho.

Edmundo Neves, *raisonneur*; boas opiniões, apresentado ao Frutuoso. Edmundo Neves é de Minas, placidamente desliza pela vida como empregado dos Telégrafos, ligara-se de amizade com Armando Sá Bandeira, poeta de jornais pequenos e empregado da estrada de ferro.

A velha Cipriana de Sá Bandeira.

David Carvalho casa-se mais tarde com Clara, a quem vem a conhecer na festa dos Cardosos, na Penha, por ocasião do São João. David, sem ofício certo, é tudo, mais ainda jogador, bêbedo, etc. Dá cabo dos 50 contos de Clara.

Clara enviuvada e amiga-se com José Portilho, pedreiro, 50 anos, e, quando

¹¹¹ Idem, *ibidem*, p. 61-62.

sua filha Iracema foge com um cabo de polícia, queixa a esta, relutâncias encontradas, e afinal, abandona-a amigada com este, e prostituição dela e morte na Misericórdia.

José Portilho, envelhecido, não podendo trabalhar; Clara lava e engoma para sustentá-lo, e no terreiro da estalagem em que moram ela canta uma trova qualquer em um belo dia de sol.¹¹²

Toda a trama é planejada em uma espécie de *plot* cinematográfico. Adjacentes ao texto acima, estão outras anotações, ora complementando as ideias iniciais, ora indicando pesquisas a serem feitas, ora revelando divergências em relação a esse *plot*. O que se segue abaixo é um pequeno trecho dessas anotações:

Época: 1874 a 1905.

Clara.

Nasceu.....1868.

Morte do pai.....1887

Deflorada.....1888. (12 ou 13 de maio).

Dá à luz.....1889

Deixada.....1892

Casada.....1894

Viúva..... 1899

Amigada de novo.....1900.

* * *

Preciso saber de que data são as “Vozes d’África”.

Veio residir em Catumbi em 1884.

* * *

Clara deve primeiro intentar os soldados à noite no acampamento de Maria Angu, depois, aconselhada, vai ao Frutuoso, de manhã, que a recebe, escrevendo uma carta cheia de sentenças filantrópico-políticas, e escrevendo continua a dar-lhe atenção. David é fuzilado de manhã no meio de um campo, fazem-lhe cavar a cova e depois zás.

* * *

A sedução de Clara passara-se no dia 13 de maio.

* * *

Amigada com casa montada briga com a dona Quitéria. O delegado e os escrivães, gente libidinosa, querendo conquistar todas as mulheres que lhe vão às repartições.

* * *

A república passa-se enquanto ela, amigada com o Monteiro, recebia algumas pessoas de sua amizade, entre os quais o Sá Bandeira, que, para casar a filha, adulava-a, para arranjar dinheiro...

* * *

Fuzilado o seu marido, ela amiga-se com o alferes tal, das forças; finda a revolta ele a deixa e ela procura empregar-se em serviço doméstico. A vida que

¹¹² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., pp. 1229-1230.

leva.¹¹³

A mesma forma de estruturação da narrativa a ser desenvolvida é adotada pelo jovem escritor, em 1904, para conceber outro romance, que também permaneceu inacabado: *Marco Aurélio e seus irmãos*. Trata-se de uma história da escravidão contada por Marco Aurélio, pertencente a uma família senhorial. Novamente, o escritor registra elementos fragmentários sobre os personagens e o enredo, que serviriam para posterior desenvolvimento do primeiro capítulo:

CAPITULO 1

Marco Aurélio, orgulho, bondade, talento, tristeza em ver “a gente” sem força, sem coragem, sem ânimo de trabalhar e de lutar, os homens; as mulheres, sem dignidade, sem grandeza, sem força para resistir às seduções, mergulhadas na prostituição.

Pedro, seu irmão, capadócio, tocador de violão, capoeira, altivo e corajoso, mas inútil.

Alice, passiva, não conhecendo bem a sua situação.

Tia Rosa, doçura, filosofia pessimista, certeza de que não é nada.

O velho Nicolau, africano, dedicação, etc.

Ana, preta, resignação, jovialidade.

Marco Aurélio acaba de se formar, o seu gênero de estudo, o seu orgulho de inteligência, a sua tristeza em ser único, prepara-se para festejar a data.

É de manhã, a família toma café, a irmã pede-lhe licença para convidar Amélia, filha da Romualda, prima de sua mãe; ele a dá contrariado, mostra-lhe os inconvenientes. Antes de sair, chega-lhe o seu colega Cavalcanti, é um ano mais atrasado, vem lhe pedir um livro.

Conversam um pouco. O colega abre um livro, a *Bíblia*, por acaso dá com esta passagem:

“Bendito seja o senhor Deus meu, que adestra as minhas mãos para a batalha e os meus dedos para a guerra”.

— É terrível esta *Bíblia*, comenta o outro.

E ambos saem.¹¹⁴

O mesmo procedimento é utilizado – e registrado em seu diário – para a composição dos

¹¹³ Idem, ibidem, pp. 1230-1231.

¹¹⁴ Idem, ibidem, p. 1235.

romances *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.¹¹⁵

Outro caminho comum para a elaboração de um texto – crônicas, em especial – é a anotação à margem de notícias de jornais, geralmente coladas em um caderno pelo escritor. É o que ele próprio sugere numa crônica sobre os “poveiros”, pescadores originários de Póvoa do Varzim, em Portugal, que viviam no Brasil. Publicada na *Gazeta de Notícias* em janeiro de 1921, a crônica trata do isolamento dos “poveiros” em suas colônias, e de sua recusa em se tornarem “brasileiros” e de remarem contra o que o escritor via como um “prurido de nacionalização que anda por aí”. Em certo trecho da crônica, no qual passeia rapidamente por outro assunto, o escritor se justifica: “... este modesto artigo não passa de um ajustamento da marginália que fiz às notícias lidas por mim, nos quotidianos, enquanto durou a questão dos ‘poveiros’”.¹¹⁶ Outro trecho desse texto contém uma valiosa pista de como Lima Barreto praticava e organizava suas leituras, tornando-as tema de suas crônicas:

Era tal a falta de uma segura orientação nos que se digladiavam, que só tive um remédio para estudá-la mais tarde: cortar as notícias dos jornais, colar os retalhos num caderno e anotar à margem as reflexões que esta e aquela passagem me sugerissem. Organizei assim uma “marginália” a esses artigos e notícias. Uma parte por aqui; a mais importante, porém, que é sobre os Estados Unidos, omito por prudência. Hei de publicá-la um dia.¹¹⁷

As leituras feitas “nos quotidianos” geravam pautas a ser exploradas em jornais e revistas. O cuidado com os recortes e as “marginálias” sugere, mais do que um olhar antenado aos fatos jornalísticos, um rigor crítico sobre os mais diversos textos produzidos na imprensa.

Retomando a conferência não proferida por Lima Barreto em Mirassol, resta-nos explorar o outro pilar de sua escrita literária. Para ele, além do poder da comoção, a literatura deve tornar os homens mais solidários aos dramas dos outros. Isso significa torná-los mais conscientes dos problemas da humanidade, fazê-los crer que os dramas de alguns devem ser sentidos por todos. A literatura, mais do que emocionar, deve ajudar a concretizar um ideal de solidariedade, de união humana. Tornar-se consciente das condições de vida dos outros possibilita ao indivíduo sublimar-se através da arte, elevando-se a um patamar superior. Lima Barreto afirma, com base em Guyau, que a literatura “ergue o homem de sua vida pessoal à

¹¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 1271 e pp. 1286-1291.

¹¹⁶ Idem. “A questão dos ‘poveiros’”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 jan. 1921. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), *op. cit.*, v. 2, p. 279 e 284.

¹¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 284.

vida universal, não só pela sua participação nas ideias e crenças gerais, mas também ainda pelos sentimentos profundamente humanos que exprime”.¹¹⁸ Além de unir os homens – “ela explicou e explica a dor dos humildes aos poderosos e as angustiosas dúvidas destes” –, a literatura também deve ser capaz de transmitir, com clareza e emoção, as reflexões das mais “altas regiões das abstrações da Filosofia e das inacessíveis revelações da Fé”, tornando-as compreensíveis a todos: “E o destino da Literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina”.¹¹⁹

1.1.1. “Glória subterrânea”

“Existe entre nós um grande prosador que toda a gente conhece e cujo nome ninguém pronuncia sem olhar para a direita e para a esquerda, com um secreto e mal dissimulado temor de ser ouvido. (...) A sua glória é toda subterrânea”.¹²⁰

Assim o cronista Carlos Maul definia, em 1914, a ambivalência de Lima Barreto no universo das letras. As evidências não desautorizam a afirmação de que, de fato, tenha se construído um tabu em torno de sua obra, por parte da imprensa e de muitos literatos. A afirmação de que Lima Barreto teria uma “glória toda subterrânea” possui um sentido bastante ambíguo, porém. Há um reconhecimento literário que não é negado; Lima é, nesse sentido, um prosador “que toda a gente conhece”. Mas essa glória estaria submersa, clandestina ou não reconhecida às claras, não comentada em artigos de jornais ou em outros meios.

O conflito entre ser literato de prestígio, mas não ser reconhecido como tal pelas instituições de seu tempo, acompanha toda a trajetória de Lima Barreto. Uma possibilidade para entender essa ação de jornalistas e literatos em relação à obra de Lima Barreto pode ser procurada no burburinho causado por *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, quando do lançamento da primeira edição, em 1909. O livro de estreia do autor foi editado em Portugal, devido à recusa das editoras locais e ao empenho do amigo Antonio Noronha Santos, que se encontrava na Europa à época das primeiras incursões de Lima Barreto no universo ficcional.

¹¹⁸ BARRETO, Lima. “O destino da Literatura”, op. cit., p. 66.

¹¹⁹ Idem, ibidem, p. 67.

¹²⁰ MAUL, Carlos. “O ineditismo de Lima Barreto”. *Gazeta da Tarde*, 1914. Apud: SEVCENKO, Nicolau. Lima Barreto: a consciência sob assédio. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma – edição crítica*. Coordenação Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op cit., p. 319.

Os exemplares se esgotaram rapidamente no Rio de Janeiro, em grande parte pelo furor causado pela sátira crua e impiedosa da grande imprensa carioca, cujos personagens tinham todas as características de renomados jornalistas daquele período.

Isaiás Caminha é negro, de origem humilde, nascido em Caxambi, Espírito Santo. Ao concluir os estudos, decide mudar-se para o Rio, em busca da “glória” e do reconhecimento de uma carreira literária ainda por construir. De início, para sobreviver na capital, contava com a ajuda de um coronel, que lhe indica um deputado federal para apadrinhá-lo. Não contando com essa ajuda, passa dias de fome e miséria num hotel do centro do Rio, onde, devido ao fato de ser negro, é acusado de furtar hóspedes. A negritude é, aliás, fator determinante para a dificuldade de conseguir emprego. Mais do que isso: é tida como condição que, *a priori*, define o lugar e o não-lugar possíveis na sociedade carioca. Ao ser detido, acusado de roubo, o delegado pergunta a Isaiás qual a sua profissão. “Estudante”, ele responde. O narrador registra suas impressões sobre a conversa com o delegado:

- Estudante?!

— Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza.

— Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, por que não o podia ser eu? Donde lhe vinha a admiração duvidosa? Quis-lhe dar uma resposta, mas as interrogações a mim mesmo me enleavam. Ele por sua vez, tomou o meu embaraço como prova de que mentia.

Com ar escarninho perguntou:

— Então você é estudante?

Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim.

Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada *a priori*, que eu adivinhei na sua pergunta.¹²¹

A inferioridade “decretada *a priori*” é visível em outras situações: ao procurar emprego, é preterido sem mais nem menos; ao ser atendido numa venda, recebe tratamento desprezível, enquanto outro cliente, um rapaz branco, é quase reverenciado.

¹²¹ BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaiás Caminha*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., pp. 160-161.

É talvez por esse obstáculo imposto aos negros que Isaías Caminha não consegue, a princípio, conquistar um emprego de que se julga merecedor, dada a sua competência intelectual. No hotel, ele conhece um repórter, que lhe indica um trabalho no jornal *O Globo* (nome fictício). Isaías assume a vaga de contínuo, na contramão dos sonhos provincianos de glória. O fato de ser negro, de origem desconhecida e sem pistolão bloqueou o acesso de Isaías ao cargo então almejado, de repórter de *O Globo*. Essa questão está implícita em toda a escritura de suas *Recordações*. Denunciar o racismo, aliás, é o que motiva Isaías Caminha, já *a posteriori* estabelecido como deputado federal, rico e casado, a investir horas e horas de seu tempo à elaboração de memórias sobre seus primeiros meses no Rio. Esse apelo fica evidente na passagem a seguir:

Mas, não é a ambição literária que me move o procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo; a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, se não merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença.¹²²

No ambiente da redação, passa a sofrer constrangimentos por parte de redatores e repórteres, seus “superiores” na dura hierarquia interna. Uma passagem do livro explicita a tensão racial envolvendo Isaías e funcionários do jornal. Isaías recebe, na redação, o livro de Félix da Costa, escritor iniciante. Ao entregá-lo a Floc, crítico literário do jornal, desencadeia-se um curto diálogo:

- Que nome! Félix da Costa! Parece até enjeitado! É algum mulatinho? [*diz Floc*]

- Não. É mais branco do que o senhor. É louro e tem olhos azuis.

- Homem, você hoje está zangado...

Ele não compreendia, que eu também sentisse e sofresse.¹²³

É em sua subalternidade que Isaías Caminha dissecou os meandros do funcionamento de *O Globo*. Ricardo Loberant, bacharel em Direito, transformara o jornal, em poucos anos, em sucesso de vendas, combinando reportagens sensacionalistas, linguagem popular e, em

¹²² Idem, *ibidem*, p. 163.

¹²³ Idem, *ibidem*, p. 230.

especial, críticas ferozes a sucessivos governos. Ele compara o jornal a um exército, dividido em “artilharia” – com repórteres investidos na construção de escândalos e na denúncia, por vezes injustas, a ocupantes de cargos públicos – e “infantaria” – secretários, repórteres e redatores que garantiam o funcionamento da engrenagem da empresa.¹²⁴

O romance de estreia de Lima Barreto é uma crítica profunda à imprensa carioca do início do século XX. Para o escritor, os grandes jornais “trabalham para a seleção de mediocridades”¹²⁵. Repórteres e redatores são escolhidos pela dedicação e obediência a um chefe onipotente, capaz de implantar o terror, e não por talento e mérito. Esses personagens, “mediócras de caráter e inteligência”¹²⁶, garantem que o sistema interno continue funcionando, de forma subserviente, mesmo sem a presença do diretor.

A crítica de Isaías Caminha estende-se a outros jornais cariocas, os quais, a seu ver, são todos parecidos.

Nos jornais do Rio, os seus sacerdotes consumados entendem por artigo pesado os extensos ou aqueles que não desenvolvem, até a tolice minuciosa, notícias de crimes sensacionais *et reliqua*. Nada influi para modificar-lhes o julgamento a atração do artigo, já pelo assunto, já pelo modo de tratá-lo, já pelo estilo do escritor. Desde que não se trate de crimes espantosos, de idiotas intrigas políticas, uma crônica mais pensada ou um artigo mais estudado será refugado como pesado. A gente dos jornais do Rio só tem ideias feitas e *clichés* de opiniões de toda a natureza incrustados no cérebro.¹²⁷

Assim, *O Globo* é a representação da imprensa como “quarto poder” da República, sendo ele, em especial, uma “sétima secretaria do Estado”: “As nomeações saiam de lá e as demissões também. Bastava um aceno seu para um chefe ser dispensado, e bastava qualquer dos seus empregados abrir a boca para obter os mais rendosos lugares”¹²⁸. O poder de Ricardo Loberant explicita a relação visceral entre a grande imprensa e o poder. Loberant é capaz de destituir secretários e ministros, e de nomear apadrinhados seus para a ocupação de cargos públicos. Personalidade de origem obscura, pertencente à nova plutocracia da República, ele recebe, em sua sala, políticos de várias procedências, que lhe servem denúncias e intrigas de Estado.

¹²⁴ BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, op. cit., pp. 186-187.

¹²⁵ Idem, *ibidem*, pp. 177.

¹²⁶ Idem, *ibidem*, pp. 182.

¹²⁷ Idem, *ibidem*, p. 195.

¹²⁸ Idem, *ibidem*, p. 196.

A pauta do jornal obedece, assim, não só às demandas do mercado por notícias de crimes e de acontecimentos sensacionais, mas também à relação intrínseca entre o poder do jornal e o poder do governo. A decisão sobre o que, como e quando noticiar é indissociável dos interesses diretos, mesmo que mezinhos, do proprietário. A ordem das coisas subverte os ideais, alimentados por Isaías Caminha, de um meio intelectual capaz de premiar os melhores por seu mérito e talento. A realidade que se afigura é de uma imprensa que, na condição de meio dominante de produção e divulgação intelectual, está entregue a relações de apadrinhamento e mesquinhos privados. *O Globo* se vende atacando a tudo e a todos. Defendendo editorialmente os interesses ditos “públicos”, nada mais é do que uma organização empresarial comprometida com interesses, ora claramente mercadológicos, ora escusos.

Dentre os repórteres, redatores e colaboradores de *O Globo*, estava Frederico Lourenço do Couto, o Floc, ex-diplomata, poeta, crítico literário e responsável por cobrir a agenda cultural do Rio. “Floc era contra a Academia, contra os novos, contra os poetas, contra os prosadores; só admitia, além dele, (...) que se poetassem e fizessem versos, certos rapazes de sua amizade, bem nascidos, limpinhos e candidatos à diplomacia”.¹²⁹ Havia também o consultor gramatical Lobo, que, com Floc, formava o “ápice da intelectualidade do *Globo*”¹³⁰; ambos eram os “estandartes”, os “desinteressados” em matéria de política nacional. Lobo, particularmente, é alvo da ironia de Isaías Caminha, por seu apego ao dicionário e a uma língua portuguesa que só existia nos compêndios ortográficos e gramaticais. Sua “grande” obra, segundo o narrador, é *Colocação dos pronomes: teoria e prática*, um “fascículo de trinta e seis páginas tão embrulhado de regras que fazia mais errar quem o lesse do que mesmo acertar”.¹³¹ Outro colaborador do jornal é Veiga Filho, “o grande romancista de luxuoso vocabulário”. “Era aquele homem extraordinário que a gente tinha que ler com um dicionário na mão?” Veiga Filho era reverenciado por toda a equipe do *Globo*, mas o contínuo Isaías Caminha se diz “pasmado” com a sua “fisionomia fechada”, sinistra e limitada.¹³² O renomado romancista declamava textos de sua própria autoria, tratando-os como se fossem grandes obras de arte, o que faz com que Isaías, irônico, se sentisse “também esquecido e convencido de seu malabarismo vocabular, do sopro heróico de sua palavra, da sua erudição e

¹²⁹ Idem, ibidem, p. 197.

¹³⁰ Idem, ibidem.

¹³¹ Idem, ibidem, p. 223.

¹³² Idem, ibidem, p. 191.

do seu saber...”¹³³. Outro literato reconhecido, mas que não fazia parte da equipe do jornal, era Raul Gusmão, um dândi, sempre impecavelmente vestido e, aos olhos de Isaías, de modos extravagantes e espantosos. “Falar era para a sua natureza obra difícil. Toda a sua pessoa se movia, se esforçava extraordinariamente”, e “toda a energia de sua vida se aplicava em articular os sons e sempre, quando falava, era como se falasse pela primeira vez, como indivíduo e como espécie”.¹³⁴

A imprensa, ao operar a “seleção das mediocridades”, impõe uma política do silêncio. Para Isaías Caminha, é ela quem, em última instância, determina os livros que serão sucesso de crítica e de público, os poetas e romancistas do momento, o que é “elegante” ou não. Floc, na condição de crítico literário, é uma espécie de filtro do jornal. Retomando a passagem na qual Félix da Costa, um escritor iniciante, deixa seu livro recém-publicado para ser avaliado pelo jornal, Isaías observa:

De antemão, sabia que Floc não se deteria na sua leitura. Os livros nas redações têm a mais desgraçada sorte se não são recomendados e apadrinhados convenientemente. Ao receber-se um, lê-se-lhe o título e o nome do autor. Se o autor é consagrado e da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas, aqueles elogios em *cliché* que nada dizem da obra e dos seus intuitos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o *cliché* é outro, elogioso sempre mas não afetuoso nem entusiástico.¹³⁵

Uma das vítimas da política de silêncio de *O Globo* é o próprio Raul Gusmão, não por haver entre ele e a redação discordâncias intelectuais, mas porque o diretor Ricardo Loberant invejava seu suposto “talento” como escritor. Outra vítima dessa política era um “moço que se rebelara contra a ditadura do jornal”¹³⁶ (não seria este o próprio Lima Barreto?). A imprensa se coloca, então, como instância de legitimação e de silenciamento de obras e autores. Os critérios são construídos com base nas relações de apadrinhamento, de persuasão do grande chefe – o ditador, dentro da estrutura militar da imprensa comercial –, das preferências de salão dos críticos escolhidos a dedo e da soberba dos redatores e repórteres.

O pensamento comum dos empregados em jornais é que eles constituem, formam o pensamento do nosso país, e não só o formam, mas “são a mais alta

¹³³ Idem, *ibidem*, pp. 192-193.

¹³⁴ Idem, *ibidem*, p. 132.

¹³⁵ Idem, *ibidem*, p. 228.

¹³⁶ Idem, *ibidem*.

representação dele”. Fora deles, ninguém pode ter talento e escrever, e, por pensarem assim, hostilizam a todos que não querem aderir à sua grei, impedem com a sua crítica hostil o advento de talentos e obras, açambarcam as livrarias, os teatros, as revistas, desacreditando a nossa provável capacidade de fazer alguma coisa digna com as suas obras ligeiras e mercantis.

Por acaso, se o trabalho consegue vencer a hostilidade de semelhante gente, sempre cheia de preconceitos, eles ficam a matutar, pois não admitem esforço e honestidade intelectual em ninguém: de quem o autor copiou?

Os mais hábeis daqueles que estão de fora, porém, quando premeditam a infame ousadia de publicar, arranjam preliminarmente relações de amizade nos jornais, de modo a obter um bom acolhimento para o seu trabalho. Isso acontece com os de pequeno nascimento, com os que vêm dos Estados; mas o autor que nasceu no Rio, de certa camada, que tenha títulos e empregos, pode estar seguro de que a crítica anônima dos jornais lhe será unânime em elogios e animação.¹³⁷

Lima Barreto compõe, assim, uma sátira mordaz dos literatos de seu tempo, intrinsecamente ligados à imprensa e dela partícipes e dependentes. E expõe suas discordâncias quanto a um padrão de escrita literária que se impunha, através do narrador Isaías Caminha:

Eu não sou literato, detesto com toda paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de idéias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às ideias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza.¹³⁸

Trata-se, não de uma caricatura cruel ou gratuita do campo intelectual, mas de um exercício de desnudamento do sistema de exclusão de vozes críticas dos grandes jornais e, por consequência, dos mais significativos meios de produção e divulgação da vida literária do país. Além disso, as críticas de Isaías Caminha aos convescotes intelectuais encastelados na imprensa comercial visam também à elaboração de uma concepção literária diferenciada, original, desvinculada da excessiva preocupação com o “belo”, sinônimo de culto ao dicionário, e de exaustivas alusões ao helenismo e ao classicismo.

Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a

¹³⁷ Idem, *ibidem*, p. 229.

¹³⁸ Idem, *ibidem*, p. 162.

linguagem *acessível* a ele. É este o meu propósito, o meu único propósito.¹³⁹

Isaiás Caminha defende, então, uma escrita literária desvinculada do apego excessivo a figuras de linguagem muito elaboradas, e também uma ênfase na mensagem, em detrimento da forma. Essa escrita é oposta à que, segundo ele, persiste na grande imprensa:

No jornal, compreende-se o escrever de modo diverso do que se entende literalmente. Não é um pensamento, uma emoção, um sentimento que se comunica aos outros pelo escritor; não é o pensamento, a emoção e o sentimento que ditam a extensão do que se escreve. No jornal, a extensão é tudo e avalia-se a importância do escrito pelo tamanho; a questão não é comunicar pensamentos, é convencer o público com repetições inúteis e impressioná-lo com o desenvolvimento do artigo.¹⁴⁰

Por todas essas críticas profundas, sinceras e sistemáticas à imprensa, Lima Barreto pagou o óbvio preço de ser vítima da mesma política de silêncio denunciada em *Isaiás Caminha*. O primeiro ponto a ser considerado é que se trata de um romance *à clef*, ou seja, os personagens possuem vínculo direto com personalidades reais e em evidência quando do lançamento do livro, mas que são apresentados sob pseudônimos e despistes de lugares e situações. *O Globo* é, na verdade, o *Correio da Manhã*, um dos principais jornais do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Ricardo Loberant é Edmundo Bittencourt, diretor-proprietário do periódico. Raul Gusmão é João do Rio, um dos maiores desafetos de Lima Barreto no meio literário carioca. Floc é Jic – pseudônimo do crítico João Itiberê da Cunha. E Veiga Filho é Coelho Neto, a quem Lima Barreto dedicaria algumas de suas crônicas mais ácidas e contundentes.¹⁴¹

A recepção ao romance se deu, quando não de forma desabonadora, através de um grande silêncio. A primeira crítica a ser publicada foi a de Medeiros e Albuquerque (1867-1934). Sob o pseudônimo “J. dos Santos”, ele afirma que *Isaiás Caminha* é, ao mesmo tempo, revelação e decepção. “Uma revelação porque é positivamente um escritor, seguro de sua pena, capaz de uma obra de fôlego. Seu estilo é bom, claro, nervoso. Ainda uma vez, começa pelo fim; é um escritor feito.”¹⁴² E uma decepção porque, ao traçar com precisão as misérias

¹³⁹ Idem, *ibidem*, pp. 162-163. Grifo do autor.

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 251.

¹⁴¹ Tal chave de explicação dos personagens de *Isaiás Caminha* pode ser encontrada em BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit., pp. 174-175.

¹⁴² SANTOS, J. dos (pseudônimo de MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José J. de Campos da Costa de). *A notícia*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1909. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., p. 29.

da grande imprensa – mais especificamente o *Correio da Manhã*, que posteriormente o incluiu no “índice” de personalidades banidas das páginas do jornal¹⁴³ –, teria se reduzido às “alusões pessoais” e ao escândalo. Uma avaliação *a posteriori*, feita pela revista *Fon-Fon*, sustenta que “*Isaias Caminha* era um ferro em brasa, e o público, habituado a não ver a Verdade em trajes menores, ficou um momento espantado e confuso...”¹⁴⁴.

A polêmica foi reverberada pelo crítico José Veríssimo, o mais importante da época: “O seu livro tem frequentemente mais ares de panfleto, e violento, do que de romance”. Veríssimo defendia, na verdade, um rigor artístico cuja submissão à relativa autonomia das regras literárias não fosse deturpada pela tentativa de reproduzir a realidade como ela é. Para ele, a arte não é cópia, e sim uma transposição do real, recriado na literatura a partir de regras próprias. Ainda assim, “sem embargo da justeza desses reparos, as *Recordações do escritor Isaias Caminha* são, na insignificância da novela nestes últimos anos, um livro notável”, conclui Veríssimo.¹⁴⁵

Até mesmo Alcides Maia, amigo de Lima Barreto, publicou uma crítica negativa sobre *Isaias Caminha*. O escritor gaúcho caracteriza o romance de estreia como uma “verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios”. Além disso, afirma que o livro, “vez por outra, dá a penosa impressão de um desabafo, mais próprio das seções livres que do prelo literário”.¹⁴⁶

De fato, *Isaias Caminha* significou ao mesmo tempo o reconhecimento e a clandestinidade da literatura barretiana. Vista de soslaio, com despeito, ainda assim não deixava de ser comentada a bocas miúdas, por admiradores e detratores. As escolhas que cercaram a publicação do romance – por exemplo, o fato de ter sido publicado antes de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, escrito em meados dos anos 1900 e preterido ao posto de estreia pelo escritor – demonstram que Lima Barreto sabia o tipo de reação que seu ingresso no campo literário carioca iria causar. As críticas severas à imprensa, a denúncia das dificuldades impostas aos homens de cor, a leitura a contrapelo da sociedade – todas essas questões foram desqualificadas como “diatribes” de um ressentido, em busca de uma vingança torpe e barata contra os meios que o excluíram. Vítima do silêncio, o escritor

¹⁴³ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. “O carioca Lima Barreto: sentido nacional de sua obra”, op cit.

¹⁴⁴ *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 23 set. 1916.

¹⁴⁵ VERÍSSIMO, José. *Os últimos estudos da literatura brasileira*. 7ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979, p. 239-240. *Apud*: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 31.

¹⁴⁶ *Apud* BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit., p. 177. Infelizmente, Barbosa não cita as referências bibliográficas do artigo de Alcides Maia.

figurou durante 50 anos na lista de assuntos proibidos do *Correio da Manhã*. Em entrevista ao *Pasquim*, em 1981, Francisco de Assis Barbosa afirma:

Paulo Bittencourt, filho de Edmundo Bittencourt, manteve isso durante várias décadas. Quando [a crítica literária] Lúcia Miguel-Pereira [1901-1959] escreveu *50 anos de Literatura [de 1952]*, para o *Correio*, Costa Rego cortou a parte sobre Lima Barreto. Lúcia disse que só saía na íntegra e foi assim que seu nome apareceu no jornal. Bem, quando ele morreu, saíram três ou quatro linhas: “morreu o Sr. Lima Barreto, autor de... e funcionário aposentado do Ministério da Guerra”. Havia toda uma briga entre os jornais. *O País* representava o Governo, a ordem republicana, e o *Correio da Manhã*, a oposição. Edmundo Bittencourt fez uma campanha muito grande contra João Lage, o diretor de *O País*, que procurou editar o livro de Lima Barreto, desde que esse desse a chave do romance.¹⁴⁷

O saldo dessas disputas, contra e a favor (com muitas ressalvas) de Lima Barreto, concretizou-se na dificuldade para editar seus livros. *Isaiás Caminha* foi publicado em Portugal, graças ao empenho de Antônio Noronha Santos, amigo do autor. Santos intermediou, junto ao editor A. M. Teixeira, a publicação do romance, de cujos direitos autorais Lima Barreto abriu mão.¹⁴⁸ Os primeiros exemplares esgotaram-se rapidamente, como sugere carta do escritor ao editor português, escrita em maio de 1910, na qual comunica que não havia mais exemplares de *Isaiás Caminha* disponíveis para venda no Rio. Teixeira, entretanto, mostrou-se pouco receptivo à ideia de uma segunda edição, proposta por Lima, ao afirmar que ainda havia muitos exemplares em estoque, os quais seriam enviados ao Rio.¹⁴⁹

Mas, se houve uma estratégia de silêncio frente à obra de Lima Barreto, essa esteve longe de ser absoluta. A iniciativa do escritor de bancar a primeira edição em livro de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em 1916, e a segunda edição de *Recordações do escrivão Isaiás Caminha*, no ano seguinte, parece ter reacendido os comentários a respeito de seu valor como literato.

Para Manuel Oliveira Lima (1867-1928), *Policarpo Quaresma* é uma “novela à qual a imprensa do país não fez ainda a devida justiça, porventura pela simples razão de que é a

¹⁴⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. “Lima Barreto: homem e literato nos anos 20”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma (edição crítica)*, op. cit., p. 406.

¹⁴⁸ As cartas entre Lima e Noronha Santos registraram os contatos com o editor português que antecederam a publicação do livro. Em especial, cf. SANTOS, Antonio Noronha. “Carta a Lima Barreto – Lisboa, 13 mar. 1909”. In: BARRETO, Lima. *Correspondências ativas e passivas*, tomo I. São Paulo: Brasiliense, pp. 67-68.

¹⁴⁹ Carta de Lima Barreto a A. M. Teixeira. Rio, 28 maio 1910, e Carta de A. M. Teixeira a Lima Barreto, Lisboa, 18 jun. 1910. In: BARRETO, Lima. *Correspondências ativas e passivas*, tomo I, op. cit., pp. 177-179.

imprensa quem menos lê”.¹⁵⁰ O escritor e diplomata de renome afirma que Lima Barreto é autor de personagens “inolvidáveis”, sendo a sua linguagem incorreta de forma proposital, para fugir aos esquematismos gramaticais. João Ribeiro, por sua vez, saúda o romance *Numa e a Ninfa*, “estudo da vida social e política do nosso tempo”. O crítico aponta Lima Barreto como “um dos melhores da nossa geração”: “É realmente um escritor, dotado de observação arguta, de imaginação e de estilo”.¹⁵¹ E cita imperfeições de linguagem que, para ele, são decorrentes da “pressa jornalística”, e não exatamente de um projeto literário próprio.

Segundo Nicolau Sevcenko, a suposta “vingança cultural” da qual Lima Barreto fora vítima fez com que sua imagem fosse sempre cercada de tabu, tida como “radical” e assumida como “emblema de confrontação”. Havia poucos setores do mundo das letras que prestigiavam o escritor, dos quais ele aponta “a pequena imprensa, a imprensa de província, a imprensa socialista e libertária, a imprensa de oposição, os intelectuais monarquistas”.¹⁵² O historiador desconsidera as manifestações de apoio do próprio Oliveira Lima, além de Gonzaga Duque, Nestor Vitor, Medeiros e Albuquerque, Austregésilo de Ataíde e o então iniciante Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima), nomes importantes ou emergentes da crítica naquele momento.

José Veríssimo e Monteiro Lobato figurariam, na opinião de Sevcenko, como exceções. São apoios desiguais, no entanto. Talvez a única crítica publicada por Veríssimo em vida seja a de 1907, no *Jornal do Comércio*. Nela, o crítico celebra as qualidades da revista *Floreal*, um projeto de Lima Barreto e intelectuais próximos, que não foi além da terceira edição devido ao fracasso das vendas. O comentário de Veríssimo à primeira edição de *Isaias Caminha*, que citei anteriormente, foi feito através de uma carta a Lima Barreto, tendo sido publicada, em livro, somente após a morte do crítico literário.¹⁵³

O empresário, editor e escritor Monteiro Lobato (1882-1948), porém, teceu uma avaliação sinceramente abonadora da importância da escritura barretiana. Ambos trocaram mais de uma dezena de cartas entre 1918 e 1922. Boa parte delas acertava questões referentes ao romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, escrito pelo jovem Lima Barreto em meados dos anos 1900, engavetado por quase uma década e publicado por Lobato em 1919.

¹⁵⁰ LIMA, Manuel Oliveira. “Policarpo Quaresma”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1916. *Apud*: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., p. 34.

¹⁵¹ RIBEIRO, João. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 7 maio 1917. *Apud*: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., pp. 31-33.

¹⁵² SEVCENKO, Nicolau. “Lima Barreto: a consciência sob assédio”, op. cit., p. 319.

¹⁵³ Cf. MARTHA, Alice Áurea. “Lima Barreto e a crítica (1900-1922)”, op. cit..

Na *Revista do Brasil*, da qual era editor e proprietário, disse a respeito do carioca:

De Lima Barreto não é exagero dizer que lançou entre nós uma fórmula nova de romance. O romance de crítica social sem doutrinário dogmático.

Surgiu com as *Recordações do escrivão Isaiás Caminha*, de que pouco falou a imprensa ofendida na pessoa de eminentes jornalistas postos em cena com inaudita irreverência.

Publicou depois o *Triste fim de Policarpo Quaresma* e está na memória de todos a impressão profunda, algo desnorreadora, desse magnífico estudo de caracteres e costumes, onde se escarpam cruamente umas tantas ideias correntes, transformadas em tabu pela ausência de crítica severa.(...)

Nos livros tão cariocas de Machado de Assis o leitor entrevê desvãos do Rio. Machado, criador de almas, raro curava da paisagem urbana. Em Lima Barreto conjugam-se equilibradamente as duas coisas: o desenho dos tipos e a pintura do cenário; por isso dá ele, melhor do que ninguém, a *sensação* carioca. É um revoltado, mas um revoltado no período manso de revolta. Em vez de cólera, ironia; em vez de diatribe, essa *nonchalance* filosofante de quem vê a vida sentado num café, e amolentado por um dia de calor.¹⁵⁴

Mesmo nas opiniões mais favoráveis a Lima Barreto, percebe-se que a dualidade rebeldia *versus* integração aos meios oficiais perpassa toda a (des)qualificação de sua obra. Além disso, a afirmação de que “está na memória de todos” a boa impressão causada por *Policarpo Quaresma* sugere, novamente, que o silêncio do mandarinato literário não expurgou o escritor da vida literária nacional, algo que pode ser vislumbrado nas cartas que analisarei um pouco mais adiante. Por fim, em carta de dezembro de 1918, Monteiro Lobato aclama o texto de *Gonzaga de Sá*:

Que obra preciosa estás a fazer! Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão “sentir” o Rio atual com todas as suas mazelas de salão por cima e Sapucaia por baixo. Paisagens e almas, todas, está tudo ali.¹⁵⁵

Em carta anterior, de setembro do mesmo ano, Lobato refere-se a Lima Barreto na terceira pessoa – o que vejo como sinal de prestígio frente à imagem compartilhada a respeito do escritor no mundo das letras:

¹⁵⁴ LOBATO, Monteiro. “Lima Barreto”. *Livros Novos*, Rio de Janeiro, março 1919. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*, op. cit., p. 425-426.

¹⁵⁵ Carta de Monteiro Lobato a Lima Barreto. São Paulo, 28 dez. 1918. In: BARRETO, Lima, *Correspondência ativa e passiva*, op. cit., t. 2, p. 55.

A Revista do Brasil deseja vê-lo ardentemente entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo do bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade dos nossos autores.¹⁵⁶

Quem lê as correspondências de Lima Barreto se depara também com autores mais novos ou da mesma geração do escritor. Eles lhe procuravam em busca de uma avaliação do autor a respeito de suas obras, além de espaço para a publicação de artigos na pequena imprensa carioca, onde o escritor de Todos os Santos era não só conhecido, como admirado. Os diálogos, testemunhos da experiência social de Lima Barreto, apontam não para um suposto insulamento, mas para a necessidade das interlocuções, das redes de sociabilidade como formadoras de gostos artísticos e da própria criação literária.

O escritor pernambucano Mário Sete (1886-1950) – que chegou a fazer parte do quadro de colaboradores da *Revista do Brasil*, e que é lembrado como autor de cunho regionalista, sobre seu Recife natal – oferece a Lima Barreto um exemplar de seu romance *Rosas e Espinhos*. Em carta de março de 1919, o carioca agradece o oferecimento e comenta:

Creio que lerei com maior prazer e interesse, como sempre leio o que se produz no Brasil.

No Brasil, nós, os escritores, pouco nos conhecemos uns aos outros, e cada um vive confinado na sua província, na sua cidade e às vezes no seu arrabalde. A culpa não é nossa, mas dos editores dos livros e de jornais que, no seu próprio interesse, deviam ser os intermediários dessa troca de ideias e obras. O Rio de Janeiro, apesar de capital do país, atualmente, sob este ponto de vista, é absolutamente uma lástima. O jornalismo cada vez mais se imbeciliza, e se transforma em [*ilegível*] de anúncios e coluna de Pasquino. Unicamente *O Imparcial* tem alguém especialmente encarregado da crítica literária, que é, como o senhor sabe, o João Ribeiro. Os outros, até o *Jornal do Comércio*, deixam essa parte entregue à boa vontade dos repórteres e redatores que, quase sempre, têm mais o que fazer.

Note que eu vivo entre homens da imprensa daqui e os conheço a todos ou a quase todos... Falo de cadeira e sem rancor...¹⁵⁷

É veemente a recusa de Lima Barreto ao isolamento, através do desejo de integração

¹⁵⁶ Carta de Monteiro Lobato a Lima Barreto. São Paulo, 2 set. 1918. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op. cit., t. 2, p. 49.

¹⁵⁷ Carta de Lima Barreto a Mário Sete. Rio de Janeiro, 26 mar. 1919. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op. cit., t. 2, p. 152.

dos literatos do país, para além da dependência das editoras. Além disso, é patente a ideia de pertencimento do escritor ao mundo das letras – mundo que ele não enxergava de fora, como um espectador distante –, mas na condição de sujeito integrante de uma imprensa que, como produto de uma prática social, se tornava cada vez mais importante, seja na formulação de projetos, seja na crítica política e social do tempo vivido. Ou, como Lima denunciava constantemente, na ausência dessa crítica.

Jaime Adour da Câmara, quase vinte anos mais moço, era outro interlocutor de Lima Barreto. O escritor potiguar, parente de Luiz da Câmara Cascudo, seria posteriormente um colaborador do grupo modernista Antropofagia. Câmara comenta a respeito do reconhecimento da obra de Lima Barreto em terras distantes da capital federal:

A sua obra de dia para dia cresce no conceito de todos aqueles que sabem prezar o que, ainda, se escreve neste país. Aqui, pelo menos, neste pequeno Estado, onde pouco se lê, o seu nome é acatado e admirado por todos. É raro o intelectual ou simples leitor que não conheça o maravilhoso *Triste fim de Policarpo Quaresma* – que não cite em “rodas” de palestras, a todo o transe, como modelo real, perfeito, um ou outro personagem de suas produções.¹⁵⁸

Lima Barreto responde:

Já me haviam dito que aí, em Natal, pessoas de gosto e saber apreciavam benevolmente as minhas tentativas literárias. (...) Apesar de me dar grande prazer, quis duvidar um pouco, para não me envaidecer. Vejo, agora, pela sua carta, que os meus amigos não me queriam lisonjear e tornar-me ridículo de pretensão. É verdade.¹⁵⁹

O último exemplo que ofereço nesse sentido é do jornalista alagoano Carlos Garrido, que escreve para Lima Barreto: “Quem já lhe não terá o nome na retentiva, mesmo no Norte? Podem desconhecê-lo por estas bandas, os que não vivem. Mas os que sentem um raio de sol a fuzilar-lhe a ideia – ah! – esses não só o conhecem como também o amam”.¹⁶⁰

Alvo constante da crítica, mas também desse reconhecimento “subterrâneo” (ou nem

¹⁵⁸ Carta de Jaime Adour da Câmara a Lima Barreto. Natal, 19 mar. 1919. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op. cit., t. 2, p. 158.

¹⁵⁹ Idem, ibidem, t. 2, p. 159.

¹⁶⁰ O bilhete de Carlos Garrido é citado indiretamente em: Carta de Ranulfo Prata a Lima Barreto. [Mirassol], 16 jun. 1921. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op. cit., t. 2, p. 248.

tanto) aqui e acolá, o carioca demonstra apreço pelas regras do universo literário. Ele procura, nos diálogos travados nessas correspondências, tornar evidente uma posição equilibrada e justa das obras de seus interlocutores. Aponta caminhos de leitura e de prática literária, a partir de sua experiência, mas sem recair no pedantismo. Anos atrás, ele e o amigo Manuel Ribeiro passaram uma tarde com José Veríssimo, na qual receberam conselhos sobre leituras e caminhos de escrita.¹⁶¹ Agora, é o azeitado autor de *Policarpo Quaresma* quem dá indicações a jovens escritores. Por ocasião do recebimento de um artigo produzido por Câmara, Lima Barreto comenta:

Recebi a “Vida solitária” e agradeço a dedicatória que me faz nela. Já providenciei para que saia na *Revista Contemporânea*. Logo que sair, mandar-lhe-ei alguns exemplares. Achei bom; mas permita que lhe diga uma coisa: as suas leituras estão muito à flor da pele. É preciso arredondar mais, não deixar aparecer assim as costelas, o esterno etc. Entendeu? É preciso incorporar as suas leituras a si mesmo e elas aparecerão mais belas, pois surgirão transfiguradas por um pensamento de moço e seu.¹⁶²

Em outra carta, na qual recomenda a leitura de *Socialismo progressivo*, de José Saturnino de Brito, e de uma conferência do pensador argentino José Ingenieros, sobre o maximalismo, Lima Barreto diz a Câmara: “Não desdenhe essas leituras, amplie-as; seja homem do seu tempo e do... futuro!”¹⁶³

Ao médico e escritor sergipano Ranulfo Prata (1896-1942), que vivia à época na pequena Mirassol, no interior de São Paulo, Lima Barreto aconselhou que fizesse da vivência na cidade, aparentemente desprezada pelo rapaz, matéria-prima do fazer literário.

Tente fazer um romance daí que terá feito obra curiosa. Estudarás bem a influência da roça, a adaptação à vida dela, com os seus encantos e defeitos (...) Podes encarar a vida na roça com mais verdade do que agora se tem feito, sem falsificá-la, representando-a inocente e pura; mas sim como ela é: no fundo, parecida, e a vida de todos nós homens, aqui ou ali, com vícios e virtudes, com bondade e maldade. (...) É aproveitá-lo, já! e já!, enquanto não dês a usar ternos leves de brim roceiro e... em

¹⁶¹ “Já começo a ser notado. Pelas vésperas do Natal, fui ao Veríssimo, eu e o Manuel Ribeiro. Recebeu-nos afetuosamente. Ribeiro falou muito, doidamente, difusamente; eu estive calado, ouvi, dei uma opinião, aqui e ali. Deu-me conselhos, leu-me Flaubert e Renan, aconselhando aos jovens escritores.” Registro datado de 5 de janeiro de 1908. BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op. cit., p. 1275.

¹⁶² Carta de Lima Barreto a Jaime Adour da Câmara. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1919. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op. cit., t. 2, 165-167.

¹⁶³ Carta de Lima Barreto a Ranulfo Prata. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1919. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op. cit., t. 2, p. 169.

fundar uma academia de letras, onde estás.¹⁶⁴

A passagem denota bem, mais uma vez, a concepção literária de Lima Barreto: a ambição de abordar a realidade “sem falsificá-la”, o que significaria explorá-la em suas múltiplas dimensões, “com bondade e maldade”. Ranulfo Prata convidou o carioca para passar alguns dias em Mirassol. Pensava, assim, salvá-lo, ainda que temporariamente, do alcoolismo e dos problemas familiares. De passagem por São Paulo, Lima Barreto conheceu pessoalmente os anarquistas Edgar Leuenroth e João da Costa Pimenta, na redação da *Vanguarda*.¹⁶⁵ Prata chegou a preparar uma conferência para Lima Barreto em Rio Preto, região de Mirassol, sobre “O destino da Literatura”, que, como vimos, não chegou a ocorrer.¹⁶⁶

Por fim, outro escritor iniciante com quem Lima Barreto construiu uma interlocução de afetos, mais do que de oposição incontida de rebelde, foi o paulista Enéias Ferraz (1896-1977). Wilson Martins qualifica o romance de estreia de Ferraz, *História de João Crispim* (1922), como “o único retrato verdadeiramente vivo de Lima Barreto”¹⁶⁷. O próprio Lima é quem escreve a primeira crítica sobre o livro:

Trata-se de um rapaz de cor, de grande cultura, egresso de toda e qualquer sociedade, menos da das bodegas, tascas e prostíbulos reles.(...)

Redator de jornal, possuidor de uma pequena fortuna, leva uma vida solta de boêmio, trocando, na verdade, o dia pela noite, quando corre lugares suspeitos, após os trabalhos de redação, mesmo, às vezes, nela dormindo. (...)

Há nessas almas, nesses homens assim alanceados, muito orgulho e muito sofrimento. Orgulho que lhes vem da consciência da sua superioridade intrínseca, comparada com os demais semelhantes que os cercam; e sofrimento por perceber que essa superioridade não se pode manifestar plenamente, completamente, pois há, para eles, nas nossas sociedades democraticamente niveladas, limites tacitamente impostos e intransponíveis para a sua expansão em qualquer sentido.

De resto, com o sofrimento, um homem que possui uma alma dessa natureza enche-se de bondade, de afetuosidade, de necessidade de simpatizar com todos, pois

¹⁶⁴ Carta de Lima Barreto a Ranulfo Prata. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1921. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op cit., t. 2, p. 244.

¹⁶⁵ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit., p. 329.

¹⁶⁶ “E quando chegou a grande data, Lima Barreto desapareceu misteriosamente. Os amigos haviam organizado uma grande caravana para acompanhar o romancista. Iam todos de automóvel. Mas na hora de seguirem para Rio Preto, começaram a procurá-lo em todos os cantos de Mirassol. E Ranulfo Prata, após a busca, acabou encontrando o amigo, estirado numa sarjeta. Bêbado.” BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit., p. 330-331.

¹⁶⁷ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1915-1933)*. Cultrix, 1978, Vol. VI. *Apud*: TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro: século XX (vol. II)*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 46.

acaba, por sua vez, compreendendo a dor dos outros; de forma que, bem cedo, está ele cheio de amizades, de dedicações de toda a sorte e espécie, que lhe tiram o direito de uma completa e total revolta contra a sociedade que o cerca, para não ferir os amigos.

João Crispim é assim: por toda a parte, é querido; por toda a parte, é estimado. (...)

Cercado de amigos, encontrando por toda a parte uma afeição e uma simpatia, uma vida, como a do personagem do Sr. Ferraz, perde a sua significação e trai o seu destino.¹⁶⁸

É difícil não perceber que, ao falar sobre João Crispim, Lima Barreto refere-se à construção de sua própria autoimagem. Especialmente, no trecho em que realça o quanto a “superioridade intrínseca” de João Crispim é barrada pelos limites “intransponíveis” impostos pelas “sociedades democraticamente niveladas”. Crispim, assim como Lima, é boêmio, troca o dia pela noite, “corre em lugares suspeitos”. Dorme em sarjetas e agoniza nas ruas. Mais ao fim, o escritor registra a sua indignação diante da injustiça da qual se achava vítima.

A sua significação era a insurreição permanente contra tudo e contra todos; e o seu destino seria a apoteose, ou ser assassinado por um bandido, a soldo de um poderoso qualquer, ou pelo governo; mas a gratidão e as amizades fazem-no recalcar a revolta, a explosão de ódio, de fel contra as injustiças que o obrigaram a sofrer, tanto mais que os que a sorte aquinhoa e o Estado estimula, com honrarias e cargos, não têm nenhuma espécie de superioridade essencial sobre ele, seja em que for.

Não quero epilogar sobre essa cena, que é, aliás, uma das mais belas do livro; não posso, porém, deixar de observar que um tipo como esse João Crispim devia ser conhecido, mais ou menos, por todo o mundo, neste vasto Rio de Janeiro, onde sujeitos menos originais que Crispim são apontados por toda a gente.¹⁶⁹

Impossível, então, não discordar de Francisco de Assis Barbosa, quando, em discurso proferido na Academia Brasileira de Letras em 1981, quando do centenário de nascimento de Lima Barreto, afirmou: “Lima Barreto estaria condenado ao insulamento desde muito jovem, praticamente desde a *Floreal*. Na vida literária, como na vida particular, estaria sempre só”.¹⁷⁰ Muito ao contrário, a visão do escritor a respeito da literatura foi construída, ao longo de sua trajetória, não só ao sabor do esforço pessoal e de (muitas) leituras, mas também da

¹⁶⁸ BARRETO, Lima. “História de um mulato”. *O País*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1922. In: BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, p. 92.

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 93.

¹⁷⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. “Lima Barreto, precursor do romance moderno”. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), *op cit.*, p. 96.

interlocução com intelectuais de sua geração e da apropriação dos princípios de autores de renome, nacionais e estrangeiros. Em vez de isolado no alto de sua casa de Todos os Santos, era nas ruas, cafés, jornais e instituições que Lima Barreto construía oposições e afinidades, redirecionando constantemente as escolhas temáticas da sua carreira como escritor e jornalista. Muitas memórias produzidas sobre ele, ao longo do século XX, sublinham o caráter “maldito” e “solitário” de sua reputação, desprezando, de certa maneira, o sentido social, histórico, coletivo de sua obra.

As fontes exploradas neste capítulo dão conta de uma série de intelectuais com quem o escritor travou relações. Muitos deles foram renegados ao limbo da memória social, por motivos que não me cabe aqui desvendar. No entanto, quando o assunto é Lima Barreto, à valorização “subterrânea” de sua obra ainda em vida contrapõe-se a reavaliação contínua após a sua morte, estendendo-se ao longo dos últimos 90 anos. Foi o cartunista Jaguar que, em 1973, resumiu bem o controverso lugar de Afonso Henriques no imaginário intelectual brasileiro: “É o esquecido mais lembrado do país”.¹⁷¹

1.2. Lima Barreto Futebol Clube

Para se compreender bem um homem, não se procure saber como oficialmente viveu. É saber como ele morreu, como teve o doce prazer de abraçar a Morte e como Ela o abraçou.

Lima Barreto, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*

Lima Barreto morrera só, na madrugada do dia 1º de novembro de 1922, em seu quarto, abraçado a um exemplar da conservadora *Revue des Deux Mondes*. Foi diagnosticado um colapso cardíaco, decorrente de complicações do alcoolismo. Poucos dias depois, iniciava-se um tortuoso processo de construção de memórias sobre sua vida e obra, com muitas idas e vindas, silêncios e retomadas. Os primeiros textos sobre o escritor, em tom de recordação e – em alguns casos – de homenagens póstumas, foram publicados em jornais cariocas tão logo a notícia da morte estendeu-se aos seus amigos, inimigos e interlocutores da imprensa.

¹⁷¹ JAGUAR. *O Pasquim*, n. 208. Rio de Janeiro, 26 jun./2 jul. de 1973, p. 7. *Apud* FANTINATI, Carlos Eripany. *O profeta e o escrivão*, op. cit., p. 23.

Uma delas partiu – pasmem os leitores – de Coelho Neto, um dos alvos prediletos do ativo crítico literário Lima Barreto. O artigo, publicado no *Jornal do Brasil* do dia 5 de novembro, afirma, em meio a alguns substantivos e adjetivos inalcançáveis ao leitor comum, que o pecado mortal do escritor fora ter sucumbido às extravagâncias do estilo de vida boêmio, do qual foram “vítimas” na juventude Olavo Bilac, Guimarães Passos e o próprio Coelho Neto. O signatário do artigo afirma, porém, que a boêmia sofrera o seu primeiro golpe quando aqueles dois escritores apareceram em plena Rua do Ouvidor “de polainas e flor ao peito”, horrorizando assim um grupo de intransigentes que “mantinham, com orgulho, as cabeleiras leoninas, os fundilhos remendados e os cotovelos dos casacos lustrados como a verniz”.¹⁷² Uma vez “superada”, porém, a boêmia teria deixado “as ruas centrais da cidade pelos becos e parte urbana pelos subúrbios”.¹⁷³

Bem ao seu estilo, Coelho Neto introduz a metáfora de Ulisses e a Ilha das Sereias, da mitologia grega, comparando a boêmia ao canto doce e suave, porém enganador, daquele ser marítimo que ludibriara o ilustre navegante. Sedução perigosa, alerta o escritor, a atacar principalmente os escritores jovens:

Uma de suas últimas vítimas foi esse grande Lima Barreto – e aqui repito o que, em vida do romancista, disse na Academia Brasileira.

Esse escritor pujante, ao qual poderiam ser aplicados os lindos versos que Catulle Mendes escreveu para serem retirados na cerimônia de inauguração do busto de Glatigny em Lillebonne, era um boêmio de gênio. (...)

Escritor dos maiores que o Brasil tem tido – observando com o poder e a precisão de uma lente, escrevendo com segurança magistral, descrevendo o meio popular como nenhum outro, Lima Barreto, assim como descuidava de si, da própria vida, *descuidou-se da obra que construiu, não procurando corrigi-la de vícios de linguagem, dando-a como lhe saía da pena fácil, sem a revisão necessária, o apuro indispensável, o toque definitivo, de remate que queria a obra d'arte*. Apesar de tudo o que de tal homem nos ficou vale tanto como observação da vida e pintura de caracteres, que as asperezas não conseguem destruir a beleza; comprometem-na, por vezes, aqui, ali como escaras e frinchas em parede podem prejudicar a harmonia de um fresco mural sem, todavia, tirar-lhe a grandiosidade.

A terrível sereia deve estar contente porque a presa que, desta vez, levou não era uma figura comum, das que desaparecem na morte, mas uma dessas resistências que avultam e impõem-se acima do túmulo, como em pedestal, e ficam eternas representando o espírito de uma era e glória de um povo.¹⁷⁴

¹⁷² COELHO NETO, Paulo. “A sereia”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 nov. 1922. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: edição crítica*. Coord. Carmem Lúcia Negreiros Figueiredo e Antonio Houaiss, op cit., pp. 426-429.

¹⁷³ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁴ Idem, *ibidem*. Grifos meus.

O obituário feito por Coelho Neto soa como lágrimas de crocodilo, o leitor deve pensar. Afinal de contas, são reconhecidas as rusgas trocadas entre os dois, representantes que eram de formas literárias, classes sociais e pensamentos e ações políticas distintas e por vezes opostas.

O testemunho do escritor é importante por vários motivos. Primeiramente, por ser a reação quase instantânea de um literato de renome, acadêmico e aclamado, à morte de um escritor que, na outra ponta, sofria as contradições de sua “glória subterrânea”, como bem definiu Carlos Maul. Apesar do escudo de silêncio construído por boa parte da imprensa em torno de sua obra, Lima Barreto não foi ignorado por seus pares, mas também não gozou, em vida, do pleno reconhecimento intelectual – a “glória” – que tanto sonhara alcançar.

Em segundo lugar, porque Coelho Neto reconhece em Lima Barreto uma continuidade e uma ruptura da boêmia carioca: problemática como sempre, por ter o “desvairo” como “norma do viver”; mas deslocada, transfigurada, porque deixou as ruas e becos “centrais” para se estabelecer nos subúrbios da capital. Lima Barreto representaria uma nova faceta da boêmia, mais pobre, enegrecida e estilizada. Em vez de cabeleiras leoninas e fundilhos remendados, o mulato de Todos os Santos representaria uma transgressão regada a doses de parati em botecos e vendas dos subúrbios, viagens de trem, calças e camisas envelhecidas.

Por fim, a “homenagem” de Coelho Neto, sincera e tardia, é ao mesmo tempo um elogio e uma desqualificação. Ao passo que confere ao escritor um lugar de destaque na “república das letras” brasileira, reitera as críticas de que a escrita barretiana seria desleixada e desvirtuada em seus “vícios de linguagem”. O suposto desleixo seria motivado pelo estilo de vida imposto pela boêmia: descuidado de si, Lima Barreto também teria se descuidado de sua obra.

Dias depois, o jornal *O País* publicaria o mais rico testemunho sobre o enterro de Lima Barreto, escrito por Enéias Ferraz, seu amigo e discípulo. O texto, escrito em tom emocionado, procura estabelecer uma imagem organicamente popular do autor. A riqueza de detalhes do artigo faz com que seja impossível não citá-lo em boa parte:

À tarde, o enterro saiu, levado lentamente pelas mãos dos raros amigos que lá foram. Mas, ao longo das ruas suburbanas, de dentro dos jardins modestos, às esquinas, à porta dos botequins, surgia, a cada momento, toda uma *foule* anônima e vária que se ia incorporando atrás do seu caixão, silenciosamente. Eram pretos em mangas de camisa, rapazes estudantes, um bando de crianças da vizinhança (muitos eram afilhados do escritor), comerciantes do bairro, carregadores em tamancos,

empregados da estrada, botequineiros e até borrachos, com o rosto lavado de lágrimas, berrando, com o sentimentalismo assustado das crianças, o nome do companheiro de vício e de tantas horas silenciosas, vividas à mesa de todas essas tabernas...

E, assim, chegou-se à plataforma da pequena estação de Todos os Santos, onde, durante uma meia hora, o seu corpo ficou depositado, à espera do trem. Depois, dentro do vagão mortuário, o autor de *Isaias Caminha* atravessou pela última vez aquele subúrbio que ele conhecia e amava – todo o subúrbio de sua obra. (...)

Posto o caixão em um carro fúnebre de terceira classe, dois ou três ramos de flores aos cantos, e o enterro partia, seguido do seu pequeno cortejo, a caminho do São João Batista, onde Lima Barreto queria ter a sua cova, que foi toda a sua vaidade. Nunca viveu entre os bairros aristocráticos, nem nunca foi recebido nos seus salões, mas quis dormir o seu sono imortal no cemitério de tão belos mármore, entre a fidalguia triste dos altos ciprestes.

Como a *foule* anônima do subúrbio e da *gare* da Central, lá estava uma outra abeirada em volta de seu túmulo, quando o caixão baixava ao fundo da terra. Aquele enterro tão humilde, acompanhado de uma gente tão diversa, onde um senador ilustre ia ao lado de um operário, e um jornalista elegante tomando a alça do caixão das mãos calosas de um preto velho, e onde um poeta, mostrando a bela cabeça descoberta, inclinava-se para ouvir o gaguejar borracho de um sujeito sujo e hirsuto, foram detalhes estranhos a que acudiu a multidão curiosa, a eterna farejadora de emoções e de sentimentos alheios... Multidão! A eterna alma das cidades...

Foi assim que o mestre recebeu, pela força do destino, a grande e anônima homenagem do povo carioca. Não importa que muitos daqueles que se acercavam do túmulo, ignorassem que a terra estava a cobrir um dos maiores romancistas que o Brasil tem tido.¹⁷⁵

Para além da “*foule* anônima”, o texto de Ferraz também registra a presença de poucos e bons amigos intelectuais no cemitério, dentre eles os jornalistas e políticos Félix Pacheco e Paulo Hasslocher, este também diretor do semanário alternativo ABC, e o historiador de arte José Mariano Filho. Havia também antigos discípulos de Lima Barreto na Escola Politécnica, “velhos repórteres da imprensa carioca, fotógrafos, editores...”.

O aspecto mais marcante desse registro, no entanto, parece ser a convivência momentânea, vista por Ferraz, entre parte dessa intelectualidade carioca e a “multidão” anônima presente no enterro. Incorporando a cidade à trajetória e ao fazer literário do escritor, o texto de Ferraz busca fazer jus à importância de Lima Barreto no universo das letras. A multidão presente ao enterro revela uma quase perfeita simbiose entre o escritor e a população carioca: preterido pelos salões aristocráticos de Botafogo, Lima teria sido referendado em sua morte por uma grande variedade de tipos sociais, do jornalista elegante ao preto velho,

¹⁷⁵ FERRAZ, Enéias. A morte do mestre. *O País*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1922. *apud* BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. Direção da edição das obras completas por Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 233-235. Grifo meu.

passando por um ilustre senador e um “sujeito sujo e hirsuto”. O fato de o enterro no cemitério São João Batista ter sido a única “ vaidade ” do escritor é menos valorizado do que o aspecto gregário do cortejo. Suburbanos e populares anônimos formam a pequena multidão. Algumas das crianças presentes eram, inclusive, afilhadas de Lima Barreto, o que indica certo prestígio do escritor em sua vizinhança.

Por fim, ainda em novembro de 1922, o jovem Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) – que iniciara a crítica literária em 1919, quando do lançamento de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* – publicava suas memórias sobre o escritor recém-falecido. Ataíde atribui à obra de Lima Barreto o mesmo desleixo linguístico visto por Coelho Neto, ligando-o, também, ao estilo de vida do escritor. “Foi frequentemente imperfeito e vulgar em sua arte, por vezes desleixada ou desinteressante e mesmo arrastada de prolixidades deslocadas, especialmente quando a boêmia lhe trouxe a decadência”.¹⁷⁶

Porém, a característica mais marcante, a “razão de ser” da obra de Lima Barreto, para o crítico, é o “sentimento de simpatia pela miséria humana”. O viés de denúncia das condições de vida dos “humildes”, que caracterizaria a prosa barretiana como fundadora do “romance social” no Brasil, revela, para Ataíde, uma inspiração que lhe seria natural: um “senso inato da realidade”, que conferia a Lima Barreto, naturalmente, a capacidade de realizar um “verdadeiro exame de criaturas médias e vivas”.¹⁷⁷ Daí que, segundo o crítico, o escritor despontasse no cenário literário daquele momento, também naturalmente, como um criador de tipos populares, sendo porta-voz, na literatura, desses segmentos sociais.

Mais do que isso: Lima Barreto teria trazido para a literatura “o que sentiu e o que observou em sua vida curta, mas rica de experiência”, buscando “fixar a realidade” na ponta do lápis, realçando ou ampliando certos pontos através de seu humor satírico.¹⁷⁸ Seguindo esta linha de argumentação, o Rio de Janeiro tem uma importância essencial na obra barretiana. Para Ataíde, Lima Barreto foi o “romancista da nossa cidade”:

Em todos os seus livros transparece esse grande amor por esta grande capital, cosmopolita de aparência mas tão característica e brasileira em seus aspectos menos evidentes, que foram justamente os mais queridos de sua pena. Soube criar,

¹⁷⁶ ATAÍDE, Tristão de (Alceu Amoroso Lima). “Vida literária”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 nov. 1922. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., pp. 58-59.

¹⁷⁷ Idem, ibidem.

¹⁷⁸ Idem, ibidem, p. 60.

porque o sentiu, o espírito de ambiente.¹⁷⁹

Três diferentes memórias sobre Lima Barreto, escritas por intelectuais distintos, poucos dias após o falecimento do romancista. É preciso reconhecer que cada um desses testemunhos surgiu com o mote de homenagear o escritor; mas cada qual fala de seu lugar específico, com motivações divergentes.

Presume-se, por exemplo, que o testemunho de Coelho Neto (1864-1934) tenha se estabelecido a partir de um lugar privilegiado no universo das letras. Experiente e prestigiado, produz um artigo que, mal ou bem, poderia representar parcialmente o olhar de muitos de seus pares da Academia Brasileira de Letras, instituição que, embora pudesse ter reconhecido informalmente o valor literário da obra de Lima Barreto, jamais lhe proporcionou – à exceção da Menção Honrosa concedida ao *Gonzaga de Sá* em 1920 – o sonhado posto de imortal. É admirável vê-lo afirmar que, em vida do escritor, defendera-o na Academia, como escritor “pujante” e “dos melhores que o Brasil tem tido”. Os limites dessa consagração são bastante nítidos, porém, quando define a escrita barretiana como desleixada, relacionando-a a um estilo de vida marginal, visto do alto de seu prestígio de intelectual estabelecido e *blasé*.

Já o escritor e diplomata Enéias Ferraz (1896-1977), à época auxiliar de consulado, sempre se definiu como discípulo de Lima Barreto. O próprio título de seu artigo, “A morte do Mestre”, já permite entrever um sentido favorável à imagem do romancista. Como vimos, Ferraz é autor de *História de João Crispim* (1922), uma espécie de perfil do escritor de Todos os Santos. As memórias de Ferraz possuem um tom emocionado, estabelecendo uma relação orgânica e sem contradições entre Lima Barreto e os moradores do subúrbio presentes em seu enterro. A motivação principal, creio eu, é fixar posição de importância do escritor no cenário literário nacional – haja vista o silêncio relativo imposto pelos intelectuais de sua época –, importância essa calcada no tom popular de sua prosa, tão acessível aos mais humildes quanto a sua própria condição de intelectual que produzia literatura sob precárias condições de vida.

As memórias sobre o enterro de Lima Barreto atravessariam duas décadas. Em 1943, Emílio Di Cavalcanti (1897-1976) escreveria sobre aquela mesma tarde chuvosa de 1922. O artista lembraria “a cara branca de adolescente afoito de Enéias Ferraz” (que lhe avisara sobre o enterro) “a olhar sobre o caixão do seu ídolo”, bem como os dois guardas-civis

¹⁷⁹ Idem, *ibidem*.

solenes, “um deles irmão do morto, montando guarda ao corpo num vagão sacolejante”.¹⁸⁰ Segundo o artista, o caixão pesado escorregava das mãos dos poucos “amigos humildes” e intelectuais presentes ao enterro devido à chuva, sendo pequeno o acompanhamento. Di Cavalcanti afirma, também, ter conhecido o escritor num boteco da Rua Sachet, centro do Rio, e que, após mal fadadas tentativas de engatar uma conversa com ele (que estava levemente alcoolizado), começou a falar sobre os subúrbios cariocas, e de seu “desejo de fazer desenhos sobre a vida de recantos tão pitorescos”. Este assunto teria “animado” a conversa entre os dois. Nessa diferença de anos, observa-se uma permanência – a importância dada aos subúrbios na trajetória e na obra de Lima Barreto – e uma descontinuidade – a “*foule* anônima” de Ferraz é agora um “pequeno acompanhamento”, revelador do “triste fim” do literato.

Todas essas memórias, embora pareçam ter importância secundária para alguém que se propõe estudar a obra de Lima Barreto em seu contexto histórico, trazem um problema: no momento posterior à sua morte, tendeu-se a fixar entre os literatos uma imagem do escritor como um sujeito “do povo” – e que, talvez por isso, teria escrito *sobre* o povo e *para* o povo. Essa leitura une intelectuais tão distintos como Coelho Neto, Enéias Ferraz e Tristão de Ataíde.

O caráter “popular” da trajetória e da obra de Lima Barreto consolida-se como um aspecto transversal, nas vozes desses diversos intelectuais. Suas análises estabelecem uma relação – ora evidente, ora subjacente – entre literatura, boêmia, classes sociais, Rio de Janeiro e subúrbios. A divisão binária entre “cidade” e “subúrbio” é muitas vezes assumida sem questionamento, como se fosse natural – cidade da diversidade e das belezas naturais, subúrbio da pobreza e do pitoresco. Tais imagens parecem criar, *a priori*, uma cidade cindida, na qual viver no subúrbio representaria, naturalmente, o avesso de se viver nos bairros mais elegantes e no centro. Muitos desses olhares são estabelecidos de fora para dentro – da cidade para a periferia – e, mesmo quando elaborados em diferentes momentos históricos, não conseguem ver nas categorias “povo” e “subúrbio” nada mais do que sinônimos.

Nas décadas seguintes à morte de Lima Barreto, alguns escritores identificados com o modernismo discutiriam a importância do escritor carioca dentro e fora do universo literário. O jovem Jorge Amado (1912-2001), em artigo publicado em 1935, afirma ter se comovido ao ler na coluna de esportes de um jornal que um pequeno clube de futebol do subúrbio carioca

¹⁸⁰ DI CAVALCANTI, Emilio. “O triste fim de Lima Barreto”. *Folha da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1943. *Apud*: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição Crítica*, op. cit., p. 434-436.

dera a si próprio o título Lima Barreto Futebol Clube.

Na minha vida de escritor brasileiro foi a maior consolação que tive. Dinheiro não se ganha com literatura no Brasil. A glória é uma coisa muito depreciada hoje e muito sem importância. Fica a popularidade. Mas a popularidade é muito relativa. Há uma popularidade entre aqueles que devido à sua ignorância e ao seu dinheiro são chamados de “elite”. E a popularidade entre as elites que dá em resultado as fundações e outras associações de nome parecido, como a Academia Brasileira... e há a popularidade verdadeira, a “batata”, a popularidade entre aqueles que sabem sentir um livro verdadeiramente, com absoluta pureza, sem pensar em Proust e em alguns pederastas nacionais e estrangeiros...¹⁸¹

Para ele, essa iniciativa indicaria o caráter popular da obra de um escritor de origem popular:

Homem do povo, foi sempre um escritor do povo. O maior de todos os nossos romancistas se voltou para a vida dos pobres funcionários públicos, de todas as classes desfavorecidas. E tudo isso com uma ternura, com uma solidariedade tal, que não admira que em 1917 fosse a voz de Lima Barreto a única a se levantar no Brasil, para defender pela coluna de jornais populares os trabalhadores russos (...)¹⁸²

O texto de Jorge Amado constitui uma linha crítica sobre Lima Barreto que aposta em seu caráter heroico e, de certa forma, mítico – o que pode ser atribuído tanto aos treze anos decorridos da morte do escritor quanto ao entusiasmo do jovem dirigente da Juventude Comunista. Ao afirmar que o escritor tratava dos funcionários públicos mais pobres com solidariedade e ternura, Amado parece ignorar o sarcasmo com que Lima abordava, nas crônicas e na ficção, o ambiente de trabalho da Secretaria da Guerra, onde exercera a função de amanuense por mais de uma década. O escritor baiano busca consagrá-lo a partir da popularidade que, segundo ele, Lima Barreto teria conquistado entre os trabalhadores ao longo dos anos – em oposição à não consagração por parte da Academia, uma instituição das “elites”.

Foram essas elites que, segundo Amado, teriam imposto uma “campanha de silêncio” em torno da obra de Lima Barreto. Um silêncio que, aparentemente, permanecia desde o

¹⁸¹ AMADO, Jorge. “Lima Barreto, escritor popular”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1935. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: edição crítica*. Coord. Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op. cit., p. 429.

¹⁸² Idem, *ibidem*.

início da década de 1920, e que continuava quando da escrita do artigo. Contra essa suposta indiferença das elites intelectuais, Amado contrapõe um time de futebol do qual o escritor carioca, vinte anos após sua morte, teria se tornado patrono:

Esses jogadores de futebol (que realizam feijoadas como os heróis do romancista) fizeram com Lima Barreto o que ainda não foi feito com nenhum escritor brasileiro: fizeram dele um escritor popular, um escritor amado pelos pobres que são os únicos que hoje sabem amar. Lima Barreto foi mais lido do que admirado: foi compreendido. Esses rapazes que jogam futebol acabam de dar aos intelectuais, aos cultos, uma lição.

Lima Barreto não precisa de elogios nos jornais. Ele é um escritor do povo e o povo sabe disso. (...)

Lima Barreto Futebol Clube, sou vosso torcedor!¹⁸³

Torcedor do clube, Jorge Amado parece evidenciar um processo de (re)valorização da imagem de Lima Barreto nas décadas seguintes à morte do carioca. As críticas desses anos, embora não sigam o mesmo tom do texto do jovem escritor comunista, trazem evidências sobre que aspectos da experiência histórica de Lima Barreto eram preservados ou esquecidos nos estudos e relatos a seu respeito.

A nos fiarmos nas fortunas críticas do autor, 1943 foi um ano profícuo de homenagens. Uma carta de José Mariano Filho a José Lins do Rego (1901-1957), publicada pelo próprio escritor paraibano no jornal *A Manhã*, dá bem uma dimensão dessa afirmação. Mariano Filho, amigo de Lima Barreto, afirma que a vida e a obra do escritor se tornaram um “assunto autopsiado” por parte da geração de literatos que não o conheceram pessoalmente. Esta autópsia se sustentaria na celebração de uma imagem boêmia e marginal, e não pela sua importância como ficcionista. As críticas lhe pareciam “inferiores ao mérito real do grande artista, que tantos anos viveu esquecido ou odiado por uma boa sociedade cujas fraquezas e procedimentos ele, corajosamente, timbrava em estigmatizar”.¹⁸⁴ Contrariando essa tendência de encará-lo como bêbado e maltrapilho, o amigo afirma que o escritor se vestia de forma pouco aprumada, mas não se apresentava em público “sujo como um mendigo”. Ele sugere que a vestimenta despojada do escritor era uma opção – diferenciar-se dos que se vestiam com “apuro”, por se identificarem com a ordem social vigente – e não um sintoma de mendicância.

¹⁸³ Idem, *ibidem*, p. 431.

¹⁸⁴ Carta de José Mariano Filho a José Lins do Rego. *Apud*: REGO, José Lins do. “Ainda sobre Lima Barreto”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1943. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição Crítica*. Coord. Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op. cit., p. 431.

Assim como Lins do Rego, que se diz um “limista”, Mariano Filho faz coro à tendência de valorização do escritor, mas defende que essa valorização não seja feita explorando a sua “vida obscura”¹⁸⁵, e sim através da releitura de suas obras.

Neste sentido, talvez apenas as análises de Caio Prado Júnior (1907-1990) e Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) contrariavam, naquele momento, o lugar comum das já citadas memórias dos escritores modernistas. Ambos deslocam a apreciação sobre Lima Barreto do fetichismo sobre seu estilo de vida marginal para a compreensão sobre sua obra (composição temática, estética, personagens, narrativas etc.) num sentido mais amplo.

Prado Júnior denuncia, como os anteriores, o relativo esquecimento da obra de Lima Barreto. “A memória do grande romancista se tornara em nossos dias uma vaga nebulosa”; para ele, “além de ignorado, Lima Barreto ainda parece incompreendido”.¹⁸⁶ Tal percepção se deve ao fato de que o escritor teria sido um dos poucos intelectuais – inclusive entre “sociólogos ou quaisquer outros pensadores” – que “verdadeiramente compreenderam o seu país”. Caio Prado Júnior vê em Lima Barreto um “objetivista” que, com sua “grande capacidade de observação”, buscava através da literatura um exame denso da realidade. Diferentemente de Jorge Amado e José Lins do Rego, a força que Caio Prado Júnior atribui à obra do escritor passa pela crítica à política nacional do início do século – em especial no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* – e pela capacidade de “síntese” da realidade, e não puramente pela posição social do escritor e sua suposta identificação com o “popular” (que poderia ter sido considerada por Prado Júnior, creio eu, um possível sintoma de “subjetivismo”). Em maio de 1943, Prado Júnior fundara a Editora Brasiliense e sua participação no resgate da imagem de Lima Barreto, ao publicar as suas obras completas, foi fundamental.

Lúcia Miguel Pereira também contribui para esse processo de reavaliação da obra de Lima Barreto ao publicar, naquele ano, um estudo na revista *Literatura*. Trata-se de um texto de maior fôlego em relação aos já mencionados aqui, pois a autora percorre quase toda a obra ficcional de Lima Barreto analisando as principais características (enredos, personagens,

¹⁸⁵ “Lima Barreto, humano e bom, era um revoltado. E aqui, que ninguém nos ouça, não podemos negar que ele não tivesse razão. Em todo caso, o que interessa à crítica não é a vida obscura daquele que conquistou, pelo próprio esforço, o lugar que ocupa na literatura nacional. Verlaine não passou à história por ser alcoólatra inveterado, nem Oscar Wilde pelas suas abjetas perversões sexuais”. Carta de José Mariano Filho a José Lins do Rego *apud* REGO, José Lins do. “Ainda sobre Lima Barreto”, op. cit., p. 433.

¹⁸⁶ PRADO JÚNIOR, Caio. “Lima Barreto sentiu o Brasil”. *Leitura*, Rio de Janeiro, ago. 1943. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição Crítica*. Coord. Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op. cit., pp. 436-438.

ambientação, estilo de escrita etc.) de cada um de seus romances. As comparações a Machado de Assis, a quem a escritora dedicou anos antes um estudo biográfico¹⁸⁷, são frequentes. Lima Barreto é visto como seu sucessor natural na trajetória do romance no Brasil. Uma sucessão que, como afirma a escritora, se dá pela primazia de suas obras num ambiente literário cheio de frivolidade e mundanismo – “sem densidade, sem capacidade de sentir a vida em seus aspectos mais profundos”¹⁸⁸.

Lúcia atribui à obra, no entanto, um sentido de declínio: se *Gonzaga de Sá* prima pela investigação em profundidade de questões da existência humana, *Numa e a Ninfa* e *Os Brunzundangas*, textos satíricos posteriores, teriam desandado em sarcasmo e caricatura – o oposto da ironia e do humor que consagraram Machado de Assis. E identifica contradições entre o “íntimo” e o “social” em Lima Barreto: um suposto “desenraizamento” do escritor, que se via na condição de ilustrado entre os homens de sua cor e marginalizado entre a sociedade branca, rica e letrada. Essa reflexão surge a partir da análise do personagem Augusto Machado, narrador em primeira pessoa de *Gonzaga de Sá*. Para Lúcia, “o problema do mulato educado ao meio a que ascendia foi premente para Lima Barreto”. Isso teria feito de Lima Barreto/Augusto Machado “o mulato que se sentia flutuar, sem saber ao certo a que meio pertencia, acusando a formação intelectual de o haver desenraizado”¹⁸⁹.

Ao passo que a análise de *Gonzaga de Sá*, escrito entre 1906 e 1907, focaliza a tensão social e racial existente na experiência do jovem literato, ao abordar a segunda versão do romance *Clara dos Anjos* (1922) Lúcia encampa o argumento de que ele teria sido, por excelência, o romancista dos subúrbios cariocas.¹⁹⁰ Além disso, ela o vê como cronista do Rio de Janeiro, atento à fixação de hábitos populares e pequeno-burgueses e às transformações pelas quais passava a cidade. Lúcia destaca o romance como “o mais suburbano, o único rigorosamente suburbano dos romances desse grande escritor que quis ser – e foi – o cronista de seus muito amados subúrbios”; e reforça a identificação do autor com as camadas populares suburbanas ao considerar que Lima

¹⁸⁷ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis – Estudo crítico-biográfico*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1936.

¹⁸⁸ PEREIRA, Lúcia Miguel. “Lima Barreto”. *Literatura*, Rio de Janeiro, nov./dez. 1943, p. 3-42. Apud: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição Crítica*. Coord. Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op. cit., p. 439.

¹⁸⁹ Idem, ibidem, p. 449. Na interpretação da intelectual mineira, *Gonzaga de Sá* coloca ao leitor e ao próprio escritor a seguinte indagação: “instruir-se e tomar assim consciência de si mesmo, de seu destino, ou permanecer ignorante e vegetar sem mais inquietações que as cotidianas?”. Idem, ibidem, p. 445-446.

¹⁹⁰ Idem, ibidem, p. 457.

amava aqueles hábitos ronceiros – o ajantarado dominical, o solo jogado com parceiros certos, as conversas na venda, o fraco pelo violão e pelas modinhas – justamente por serem ronceiros, por se ajustarem ao feitio da população que mora nos arredores da cidade como se estivessem em plena província; amava aquela gente prisioneira do seu meio, justamente por ser prisioneira, por viver abafada num cotidianismo miúdo e baço.¹⁹¹

Isso porque, segundo Lúcia, o subúrbio também teria representado para os “párias” sociais que para ali se mudaram – incluindo o escritor – uma espécie de esconderijo e “abrigo” em que se refugiavam, “doloridos e exaustos”. “Mas enquanto não se cumpria a sorte terrível, enquanto não se lhe embotava a sensibilidade nem amortecia a límpida inteligência, protestaria contra a miséria daquela gente, denunciaria as injustiças que a oprimiam”.¹⁹²

1.2.1. Um “assunto autopsiado”

Em 1943, foi o próprio Mariano Filho quem sugeriu que, naquele período, Lima Barreto passou a ser um “assunto autopsiado”, supostamente em contraponto ao esquecimento das duas décadas anteriores. Em 1941, uma enquete feita a um grupo de intelectuais pela revista *Acadêmica* elegeu *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* um dos dez romances mais importantes da história da literatura brasileira.¹⁹³ Anos depois, o editor Zélio Valverde incumbiu o seu diretor literário Francisco de Assis Barbosa de reunir e adquirir os manuscritos de Lima Barreto, então sob a guarda de Evangelina, irmã do escritor, professora de piano em sua modesta casa, em Inhaúma. Fracassou a intenção de Valverde de publicar as obras completas de Lima Barreto: antes dessa empreitada, sua firma faliu e foi liquidada, entre 1944 e 1945. Valverde e Barbosa passaram, então, a colaborar com a Editora Mérito, a mesma que publicara as obras completas de Machado de Assis. Em 1948, o romance *Clara dos Anjos* foi pela primeira vez publicado em livro, com prefácio de Lúcia Miguel Pereira.¹⁹⁴

¹⁹¹ PEREIRA, Lúcia Miguel. Prefácio à 1ª ed. de *Clara dos Anjos* [1948]. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., pp. 49-50. Tal texto, publicado como prefácio de *Clara dos Anjos*, é na verdade um excerto do texto publicado na revista *Literatura* em 1943.

¹⁹² Idem, ibidem, p. 51.

¹⁹³ Segundo Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, a *Acadêmica* “apresentava em seu conselho consultivo os nomes de Mário de Andrade, Portinari, José Lins do Rego, Oswald de Andrade, Érico Veríssimo, entre outros”. V. FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de Sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, p. 161.

¹⁹⁴ A primeira edição do romance ocorreu em 1923, um ano após a morte de Lima Barreto, na *Revista Souza*

As coletâneas de crônicas *Feiras e Mafuás* e *Marginália*, também inéditas, mas cujos originais para publicação foram organizados pelo próprio Lima Barreto, foram lançadas em 1953.¹⁹⁵

Francisco de Assis Barbosa, malgrado a primeira tentativa de publicação das obras completas, teve contato com os manuscritos do escritor. A partir desse trabalho, passou a entrevistar dezenas de amigos e conhecidos de Lima Barreto, dentre ex-colegas da Escola Politécnica e do Liceu de Niterói, jornalistas, escritores, editores e pessoas próximas. No início dos anos 1950, era redator-chefe do jornal *Última Hora*, dirigido por Samuel Wainer, um dos pivôs da intensa polarização política entre Getúlio Vargas e a direita udenista, representada pelo maior rival de Wainer, Carlos Lacerda. Após cerca de oito anos de pesquisa – em originais manuscritos, impressos, entrevistas –, lançou, em 1952, *A vida de Lima Barreto*. A mais recente edição, de 2003, recebeu prefácios de Beatriz Resende e Otto Lara Rezende, e foi saudada por Nicolau Sevcenko, em resenha para a *Folha de S. Paulo*:

Essa é provavelmente a biografia mais louvada da literatura brasileira. Para se ter ideia, ela foi celebrada e consagrada por críticos do gabarito de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Gilberto Freyre (1900-1987) e Antonio Candido e também por escritores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira (1886-1968).¹⁹⁶

No mesmo ano do lançamento da biografia de Barbosa, foi publicado o livro *Lima Barreto: uma vida atormentada* (1952), de Moisés Gicovate.¹⁹⁷ Realçando os infortúnios da vida do escritor, bem como o tom confessional presente em boa parte de sua obra, Gicovate ressalta que, assim como em *Clara dos Anjos*,

Nos demais escritos do autor, são apresentados os mesmos problemas, discutidos os mesmos preconceitos, escarpados os mesmos dramas. Por sua obra pode ser reconstituída a dolorosa e atormentada vida do autor, suas lutas, suas derrotas, suas frustrações. São, assim, confissões, autografias, memórias. *Homem do povo*, Lima Barreto immortalizou nas páginas de seus livros homens do povo, na

Cruz, dirigida por Hebert Moses.

¹⁹⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. “Lima Barreto: homem e literato nos anos 20”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op. cit., pp. 410-411.

¹⁹⁶ SEVCENKO, Nicolau. “Atrás da muralha do silêncio”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0401200324.htm>>. Acesso em: 6 jun. 2010.

¹⁹⁷ Além da pequena biografia sobre Lima Barreto, Gicovate publicou os seguintes livros: *Brasília, uma realização em marcha* (1959), *Euclides da Cunha, uma vida gloriosa* (c. [1940-1950]) e livros de *Geografia do Brasil* e *Geografia Comercial* para o “ensino ginásial” (1943 e 1945).

plenitude de sua desgraça, de seu infortúnio, e sua miséria. E, nesse sentido, jamais foi superado¹⁹⁸.

Gicovate afirma, porém, que em sua juventude Lima Barreto teve dificuldades para “adaptar-se à vida suburbana. A viagem de trem, na segunda classe, aborrecia-o”.¹⁹⁹ Isso porque, segundo o autor, Lima sofria preconceitos por parte da classe média suburbana, que o olhava com desdém devido à sua maneira de se vestir. A ligação do escritor com as classes populares suburbanas, porém, é reforçada em sua narrativa biográfica. “Amou e conheceu a sua cidade e os seus habitantes. Foi o romancista da vida dos subúrbios, porque a ela arrancou as suas personagens.”²⁰⁰

Em 1971, Francisco de Assis Barbosa foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, vencendo o jurista Miguel Reale. Em sua posse, em maio do ano seguinte, eram aguardadas as presenças do ditador Emílio Garrastazu Médici e do ex-presidente Juscelino Kubitschek, o que não ocorreu, pois ambos não compareceram. Barbosa, inclusive, foi secretário da Casa Civil da Presidência durante o governo do amigo, sobre quem escreveu a biografia *JK, uma revisão da política brasileira*, em 1962.

A posse de Barbosa ocorreu no dia 13 de maio de 1971, exatamente nos 90 anos de nascimento de Lima Barreto. Além disso, o jornalista e escritor ocupou a cadeira de número 13. Os jornais da época destacavam, para além de sua vasta experiência como jornalista e escritor, o fato de ser o “biógrafo de Lima Barreto”. Na cerimônia, Barbosa foi recebido pelo carioca Marques Rebelo (1907-1973), que, como Lima Barreto, dedicou muitas de suas crônicas à memória e ao cotidiano do Rio de Janeiro. Os discursos de Barbosa e Rebelo dão grande destaque a Lima, e abordam o fato de o escritor ter sido duas vezes preterido pela Academia.

Parte do discurso de duas horas proferido por Francisco de Assis Barbosa, obviamente, tratou sobre Lima Barreto:

A Academia deu o maior prêmio que poderia ambicionar o biógrafo de um escritor que tanto a desejou e foi por ela duas vezes repelido. De uma delas, para esta mesma cadeira n. 13, o seu pedido de inscrição na vaga de Souza Bandeira

¹⁹⁸ GICOVATE, Moisés. *Lima Barreto: uma vida atormentada*. São Paulo: Melhoramentos, [c. 1952], p. 47, grifo meu.

¹⁹⁹ Idem, *ibidem*, p. 25.

²⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 44.

sequer foi considerado.

Afonso Henriques de Lima Barreto, o grande romancista carioca da Primeira República, tão maltratado pela vida, nem por isso deixou de acreditar nos homens e até na Academia, malgrado o seu irredutível agnosticismo.²⁰¹

Rebello, por sua vez, atribui a recusa da ABL a uma questão de “geração”: “aquela geração de 1920 rejeitaria o advento do Modernismo”. O que vem a seguir, lembro ao leitor, foi proferido em 1971, no auge da repressão da ditadura civil-militar. Não ignoro o significado político do uso dos termos “avessa a revoluções” e “modas agressivas”, mas me ausento de comentá-los aqui. Segue o discurso de Marques Rebello:

A obra de Lima Barreto, com seu rigor reformante, por sua iconoclastia, não sensibilizava os eleitores apegados a formas mais conservadoras e gastas. Demais, o procedimento irregular e boêmio do candidato não condizia com a necessária responsabilidade acadêmica, coisa que o próprio Lima Barreto reconhecia, quando explicou a sua candidatura.

A Academia se transforma lentamente, avessa a revoluções, repelindo as modas agressivas, apenas evoluindo naturalmente atenta às justas consagrações. Hoje, senhor Francisco de Assis Barbosa, compreendido e imortal, o repelido criador de *Isaias Caminha*, *Policarpo Quaresma* e *Gonzaga de Sá* entra gloriosamente na casa de Machado de Assis, conduzido por vossa mão, cuja bondade e lucidez não difere da de João Ribeiro, e dela nunca mais sairá, como um de seus mais altos patrimônios”. João Ribeiro, quando da segunda tentativa de ingresso de Lima Barreto à Academia, foi o único a apoiá-lo²⁰².

Ainda naquela década, o livro *Lima Barreto Escritor Maldito* (1976), de Hécio Pereira da Silva, procurou traçar um perfil psicológico de Lima Barreto, enfatizando suas difíceis experiências familiares – sobretudo da “desgraça de cuidar do pai insano até a morte”²⁰³ –, as duas internações no hospício e o vício do alcoolismo. Destacando a importância do Rio de Janeiro na obra de Lima, aponta para o fato de ele ser considerado “o romancista dos subúrbios”.²⁰⁴ Para Silva, embora os textos barretianos tragam pistas sobre um “Rio antigo” que não se resume a Todos os Santos e adjacências, são os subúrbios que constituem por excelência o espaço onde se desenvolvem os enredos de suas obras:

²⁰¹ BARBOSA, Francisco de Assis. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 maio 1971. Rio de Janeiro: ABL, Arquivo Francisco de Assis Barbosa, Pasta 2.

²⁰² REBELLO, Marques. “Discurso de recepção a Francisco de Assis Barbosa”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 maio 1971. Rio de Janeiro: ABL, Arquivo Francisco de Assis Barbosa, Pasta 2.

²⁰³ SILVA, Hécio Pereira da. *Lima Barreto Escritor Maldito*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1976.

²⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 24.

... ele significa para a literatura brasileira o que um Noel Rosa representa para o samba, o ritmo de nossa gente. Ninguém como Lima Barreto sentiu e viu o Rio de Janeiro, chamado um tanto provincianamente de “Cidade Maravilhosa” por Coelho Neto. Os subúrbios cariocas estão em seus livros sem intenção documentária, mas vivos, tal qual eram e ainda são no que diz respeito aos costumes pouco ou quase nada modificados.²⁰⁵

Um detalhe importante no texto de Silva é a maneira como o crítico vincula uma suposta identidade suburbana ao próprio projeto literário de Lima Barreto. Ao contrário de contemporâneos seus, adeptos de uma linguagem mais rebuscada, o escritor, segundo Silva, “não foi e nem quis ser um vernaculista. Foi e sempre quis ser brasileiro, carioca, suburbano de Todos os Santos e adjacências...”. Reforça a atitude “gramaticalmente subversiva” o fato de Lima Barreto ser um “forte residente dos subúrbios cariocas”.²⁰⁶ Através de uma narrativa que reforça os dramas pessoais vividos pelo autor, além da forte reação por parte de seus pares intelectuais – que fariam de Lima um “escritor maldito” –, Silva procura ligar a escritura barretiana a um projeto que pode ser considerado sobretudo “popular”, já que transpõe para as letras “o modo de falar do carioca” mais humilde.²⁰⁷

Outra importante obra sobre Lima Barreto é a do escritor João Antônio. Em *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977), ele procura reconstituir aspectos da biografia de Lima, especialmente de suas experiências em rodas boêmias no centro do Rio, a partir de depoimentos do professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, tido como louco e encontrado por João Antônio num sanatório da Tijuca, em 1970. A partir das memórias de Nóbrega da Cunha, o famoso escritor busca se colocar como “montador” desse relato.²⁰⁸ Antes, porém, dá o tom sobre o tipo de perfil que propôs construir a partir dessas memórias.

“Do calvário e porres desse grande pingente suburbano, urbano, brasileiro e universal é possível extrair tanta coisa, que encabulo”. O autor apresenta Lima Barreto como criador de “gentes que refletiam... um Rio suburbano ainda agora, como naquele tempo, esquecido; de uma arraia-miúda carioca de que talvez nunca mais se tenha dado notícia – com tal vigor, coerência, paixão e humanismo – na literatura deste País”.²⁰⁹ Numa obra que mistura as memórias de Nóbrega da Cunha com trechos de obras de Lima Barreto, são inúmeras as

²⁰⁵ Idem, *ibidem*, p. 27.

²⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 33.

²⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 104.

²⁰⁸ ANTONIO, João. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 17.

²⁰⁹ Idem, *ibidem*, p. 14.

referências a textos tratando de personagens suburbanos. Essas memórias buscam recuperar os tipos que, na companhia de Lima, andavam de bar em bar pelas ruas do centro, até a ida à Estação Central do Brasil, altas horas da noite. O escritor é considerado muito próximo dos companheiros suburbanos mais simples, e muitas vezes é também caracterizado como um tipo “do povo”, tanto em sua maneira “descuidada” de se vestir quanto em seu hábito de tomar cachaça, o que o aproximaria ainda mais de uma condição “suburbana” e, portanto, popular.

Todos esses autores e textos assumem, e reforçam, a existência de um sentido “popular” e “suburbano” na obra de Lima Barreto. Do mesmo modo, as palavras memória – compreendida como questão de justiça à importância do escritor – e esquecimento são termos sempre presentes. Desde os anos 1940, Lima Barreto se tornou permanentemente um “assunto autopsiado”, como disse o amigo José Mariano Filho. Sem dúvida, o lançamento de *A vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa, e a publicação das suas obras completas, nos anos 1950, ajudaram a consolidar a importância do escritor.

De tempos em tempos, Lima Barreto “renasce”. Em 1978, o escritor João Antônio noticiava a publicação da primeira tradução em língua inglesa de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Aproveitou o ensejo para defender novas edições populares de obras do autor no Brasil, de modo a torná-las mais difusas. Fala inclusive em um “renascimento barretiano” que estaria ocorrendo nas escolas brasileiras, onde “os professores têm preferido o *Triste fim de Policarpo Quaresma* e não de chegar a outros títulos”. Para João Antônio, a crítica literária não teria sensibilidade para compreender o alcance da obra de Lima Barreto, pois seria portadora de uma “visão colonizada, sem lastro nacional para a compreensão do trabalho barretiano”. Suas críticas aos críticos literários vão além:

Uma obra surpreendente na literatura nacional, ainda mais de admirar que o Autor tenha vivido e sofrido tanto em pouco mais de 40 anos (...) Um bloco maciço diante do qual a crítica, muita vez, tem-se desorientado a fazer algumas comparações sem nenhuma propriedade e tem até cometido algumas leviandades indesculpáveis. Incredível que um escritor que tenha produzido *O homem que sabia javanês* ou *Bruzundangas* tenha sido considerado durante tão longo tempo como um autor de textos de acabamento desleixado.²¹⁰

No calor da luta pela anistia “ampla, geral e irrestrita”, em plena ditadura civil-militar,

²¹⁰ ANTÔNIO, João. “Lima Barreto aqui e lá fora”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 dez. 1978. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição Crítica*. Coord. Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op cit., pp. 485-488.

João Antônio chama atenção para a “atualidade viva e dramática”, “desconcertante, ferina, certa” do olhar crítico de Lima Barreto. Essa atualidade residiria no fato de que “a realidade tocada por Lima Barreto ainda hoje fede de maneira original. Mas fede.” Segundo o escritor paulistano,

Saltam mazelas de algumas áreas tidas como sagradas: a medíocre máquina burocrata, as ideias mecanizadas, o inferno das praxes, os preconceitos de toda natureza, a desorganização, a subserviência, a corrupção arreganhada, o uso indevido do poder já nos começos da República. Enfim, um quadro cultural (cultura, aqui, entendido no sentido antropológico) que o próprio Lima Barreto chamaria de República dos Estados Unidos das Bruzundangas.²¹¹

Ainda na perspectiva de João Antônio, as obras de Lima Barreto “motivarão polêmica e talvez sirvam de modelo para um nacionalismo sério, conseqüente e profundo”.²¹² O artigo prenuncia um novo momento de valorização da obra do escritor, quando de seu centenário de nascimento, em 1981. A pretexto da efeméride, obras como *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*, organizada por Afonso Carlos Marques dos Santos, e *Literatura como missão*, de Nicolau Sevcenko, reavaliaram a importância dessa obra não mais sob o estigma do desleixo linguístico ou da fetichização da marginalidade do escritor, mas em sua condição de testemunho das mazelas da República do início do século. Não por acaso, essa reavaliação ocorreu justamente num contexto de fortalecimento de sindicatos, associações de moradores e outras organizações civis, na luta pelo fim da ditadura.

Em março de 2011, a prefeitura do Rio de Janeiro inaugurou um busto de Lima Barreto na rua do Lavradio, 69, no mesmo local onde o personagem Vicente Mascarenhas vivera quando estudante. Na homenagem, que contou com uma apresentação da Velha Guarda da Portela, o secretário municipal de Conservação e Serviços Públicos, Carlos Roberto Osório, afirmou: "Essa é uma homenagem da cidade a um grande carioca como Lima Barreto, que prestou serviços à nossa cultura, deixando um importante legado. Hoje o Rio de Janeiro ficou um pouco mais Rio de Janeiro".²¹³ A presença de sambistas do quilate de Monarco, negros e de origem humilde, propõe a proximidade entre Lima Barreto e o “povo”, a cultura popular e a negritude. A vinculação muito clara entre o escritor e a defesa incontestada e sem

²¹¹ Idem, ibidem, p. 487.

²¹² Idem, ibidem.

²¹³ “PREFEITURA entrega busto de Lima Barreto na Lapa”. *Portal da Prefeitura do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1611371>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

tensões do “popular” e dos negros é um lugar comum criado *a posteriori*, décadas após a sua morte.

Durante a vida, no entanto, o escritor relacionou-se de forma tensa com a cultura popular – era crítico do carnaval e do candomblé, que encarava como “feitiçaria” e misticismo sem valor – e em sua condição de letrado instruído, jamais sentiu-se à vontade com a vizinhança suburbana, embora tampouco se visse em situação confortável perante as elites letradas da cidade, ao mesmo tempo motivo de abominação e objeto de desejo. Por outro lado, as palavras genéricas de Carlos Roberto Osório – sobre o “grande carioca” que “prestou serviços” à cultura, deixando “importante legado” –, divulgadas no *release* da Prefeitura e repetidas pela imprensa carioca, dão a tônica do sentimento de reverência a um escritor que, no início do século passado, foi crítico incansável das reformas urbanas que visavam tornar o Rio menos Rio, e mais um arremedo de Paris. O fato de o escritor merecer da Prefeitura tal homenagem, ainda que tímida, é sinal dos tempos – e dos caminhos tortuosos da memória.

2. MEMÓRIAS DA CAPITAL DO BOVARISMO

Armado, pois, desse binóculo de teatro que se pode definir como o poder que é dado ao homem de se conceber outro que ele não é, e de encaminhar para esse outro todas as energias de que é capaz – vamos experimentar no vulgar do dia-a-dia a força de suas lentes.

Lima Barreto, “Casos de bovarismo”, 1918²¹⁴

Nas viagens de trem, o jovem Lima Barreto, funcionário público, meditava sobre o romance que vinha escrevendo. As ideias – e a motivação para transpô-las para o papel – vinham a qualquer hora, em qualquer lugar. Entre a Central do Brasil e Todos os Santos, eram cerca de trinta minutos. Nesse intervalo, imaginava enredos e personagens e observava os passageiros de seu vagão, fosse de primeira ou de segunda classe: moçoilas estudantes, vendedores de frutas, capineiros, engraxates, contínuos, ambulantes, escriturários, soldados, sargentos, tenentes, donas de casa... Mas não era o trem o único meio que lhe dava matéria-prima para crônicas e obras ficcionais. As ideias lhe surgiam em botequins, vendas, armazéns, bodegas, cafés, confeitarias, teatros, bibliotecas, ruas, avenidas, becos, vielas, redações de jornais, praias, serra, baía, porto, casas, casebres, palácios, palacetes, bondes, coches, praças, bairros elegantes e bairros pobres – e inclusive na repartição da Secretaria da Guerra, da qual era funcionário. Em sua trajetória de literato, criação e experiência corriam inseparáveis: “No curso da vida e das leituras”, chegara a registrar em seu diário, como vimos no capítulo anterior.

O Rio de Janeiro, palco maior dos projetos de modernização à brasileira, era o solo fértil que motivava e alimentava a sua escrita. Nas primeiras décadas da República, a cidade era um turbilhão de experiências técnicas. Como elas não alcançaram (porque não foram feitas para alcançar) a massa de excluídos dos mais fundamentais direitos republicanos, tudo não passava de um “museu de grandes novidades”²¹⁵. A febre do progresso, que contou com apoios extremados de intelectuais e homens públicos, talvez tenha tido em Afonso Henriques de Lima Barreto o seu crítico mais orgânico. Ele foi uma voz incansável contra os melhoramentos urbanísticos, não pelas novidades em si, mas pelas implicações sociais e

²¹⁴ BARRETO, Lima. “Casos de bovarismo”. A.B.C., 20 abr. 1918. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. I, p. 328.

²¹⁵ “Eu vejo o futuro repetir o passado / Eu vejo um museu de grandes novidades...”. “O tempo não para”, de Cazuza e Arnaldo Brandão.

políticas negativas decorrentes delas. Por isso, jamais abduziu do “progresso” o seu preceito ético. Numa era em que tudo o que era sólido parecia desmanchar no ar, parafraseando Marx, o escritor foi um testemunho sóbrio e ao mesmo tempo candente da modernidade.

É no campo da escrita, pois, que Lima Barreto constrói o seu exercício de cidadania. Em um regime político cujos deveres e direitos dos cidadãos eram desrespeitados, tolhidos e quase sempre negados, o escritor travou uma luta contra os verdadeiros artífices da desigualdade e da exclusão. Nesse exercício cotidiano, fez da consciência histórica uma arma de interpretação crítica e de denúncia dos males do presente, articulando memórias e sentimentos de um Rio de Janeiro (na condição de capital da Nação) colonial e imperial. Tais memórias e sentimentos produziram imagens que, um século depois, são capazes de provocar, ora estranhamento, ora uma incômoda sensação de que pouco mudou. Este capítulo pretende buscar, na existência oscilante de Lima Barreto, destroços da experiência histórica – passado, presente e visões de futuro – de um Rio de Janeiro em mutação.

2.1. Existência oscilante

Lima Barreto, nascido e criado no Rio de Janeiro, era neto de escravos. João Henriques de Lima Barreto, pai do escritor, “era mulato, quase preto”²¹⁶. Além da boa formação que tivera, tendo estudado no Imperial Instituto Artístico, foi graças à indicação do senador Afonso Celso de Assis Figueiredo, futuro Visconde de Ouro Preto, que João Henriques conseguiu um cargo na Tipografia Nacional, anos mais tarde nomeada Imprensa Nacional – de início como operário, mas rapidamente promovido a chefe de turma. João Henriques e Ouro Preto estabeleceram relação de compadrio, sendo Afonso Henriques, o nome do segundo filho do casal, uma homenagem ao político do Império. Como apoiador de primeira hora de Ouro Preto, um ícone do Segundo Reinado, João Henriques temia ser demitido da chefia da Imprensa Nacional, após o golpe militar de 1889. Segundo Francisco de Assis Barbosa, ele decide, então, demitir-se antes que o ministro Rui Barbosa o fizesse.²¹⁷

Já a mãe de Lima Barreto, Amália Augusta Pereira de Carvalho, crescera na casa da família Pereira de Carvalho, na condição de agregada, filha da segunda geração de escravos da família patriarcal. Recebeu boa educação, chegando a obter diploma de professora pública.

²¹⁶ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op cit., p. 6.

²¹⁷ Idem, *ibidem*, pp. 29-30.

O casal e os filhos (cinco, contando com o primogênito, que falecera oito dias depois de nascido) viveram os primeiros anos de casamento à rua Ipiranga, 18, em Laranjeiras. No mesmo imóvel funcionava o colégio Santa Rosa, criado e dirigido por Amália Augusta, com quem Lima Barreto aprendera as primeiras letras.

Devido às complicações de saúde de Amália, que sofria de tuberculose, a família Lima Barreto fizera várias mudanças dentro da cidade. Por indicação do médico, que aconselhou à enferma banhos de mar, a família mudou-se para a rua Dois de Dezembro, no Flamengo; posteriormente, para a rua das Marrecas, no centro, próximo ao trabalho de João Henriques e à praia de Santa Luzia. A escola de Amália, por esse tempo, teve que ser fechada. João Henriques chegou a mudar-se com a família para o subúrbio de Boca do Mato, que tinha “fama de possuir bons ares, para curar moléstias do peito”. Mas, segundo Francisco de Assis Barbosa, não ficaram lá por mais de 24 horas: Amália não teria suportado a mudança. Voltaram, então, para a região central, desta vez no bairro do Catumbi e, depois, em Paula Matos, entre Rio Comprido e Santa Teresa. Com a morte de Amália, em 1887, João Henriques decide mudar-se com a família para a rua do Riachuelo, esquina com a rua do Resende. Numa escola próxima dali, Lima Barreto continuaria seus estudos até 1891, quando então se matriculou no Liceu Popular Niteroiense – apesar do nome, um colégio frequentado por filhos das elites cariocas e fluminenses. Seus estudos no Liceu foram custeados pelo padrinho, o Visconde de Ouro Preto.

Nesse período pós-proclamação da República, João Henriques conseguiu o cargo de escriturário na Colônia de Alienados da Ilha do Governador, sendo rapidamente promovido almoxarife e, depois, administrador. Lima Barreto passaria alguns anos entre a Ilha, um recanto rural, e Niterói. Em 1896, já formado no ensino secundário, matriculou-se como aluno interno num colégio à rua Haddock Lobo, na Tijuca, onde faria um curso preparatório para a Escola Politécnica. Jamais se sentira à vontade nos corredores da Politécnica, repletos de filhos das classes abastadas do Rio e de outros estados; e muito menos as disciplinas do curso o motivavam. Numa crônica de 1919, rememorou os anos de estudante:

Desde muito que eu desejava abandonar o meu curso. Aquela atmosfera da escola superior não me agradava nos meus dezesseis anos, cheios de timidez, de pobreza e de orgulho.

Todos os meus colegas, filhos de graúdos de toda sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiência que me intimidava, que me abafava, se não me asfixiava.

Fui perdendo o estímulo; mas a autoridade moral do meu pai, que me queria ver formado, me obrigava a ir tentando... Conjugados... Momentos... Teoria do pêndulo... Teoria das áreas... Que sei eu mais? Nada!... Desgostava-me e era reprovado; e as minhas reprovações desgostavam meu pai, tanto mais que, a bem dizer, até aí, não tinha sido reprovado. (...)

Vivia eu nesse conflito moral desde os meus dezenove anos, quando, aos vinte e um, meu pai adoeceu sem remédio, até hoje. Estava livre, mas, por que preço, meu Deus! Enfim... Não seria mais doutor em cousa alguma – o que me repugnava – nem precisaria andar agarrado às abas da casaca do doutor Frontin. Ia me fazer por mim mesmo, em campo muito mais vasto e mais geral!²¹⁸

Esse campo “muito mais vasto e mais geral”, como já está claro para o leitor, é a literatura, na qual iria fazer-se por si próprio, independentemente do desejo do pai.

Entre 1897 e 1902, nos tempos da Politécnica, viveu em diversas pensões no centro do Rio. Alguns de seus locais de residência foram a rua do Lavradio, 69; um quarto de pensão em um velho casarão na Rua do Carmo, esquina com a Rua do Ouvidor; e a Rua das Marrecas, n. 2.²¹⁹ Nesse período, frequentou cafês, confeitarias, a Biblioteca Nacional e a Igreja Positivista, além de ter iniciado a trajetória na imprensa com a colaboração em periódicos estudantis.

A mudança da família de Lima Barreto da Ilha para os subúrbios ocorre em um momento drástico: a loucura do pai, o fim do desejo de ser “doutor”, a impossibilidade de se dedicar mais à literatura e as crescentes dificuldades financeiras. Uma série de tragédias pessoais, que entretanto revelam um sentido social maior: o da dissolução dos projetos de uma família negra de classe média e instruída, no contexto do pós-abolição.

Com o enlouquecimento do pai, em 1902, o conselho de um médico à família era que ele fosse removido do ambiente da Colônia de Alienados. Os Lima Barreto mudam-se, então, para uma casa próxima à estação ferroviária de Engenho Novo. Passados três meses de licença, João Henriques continuou manifestando a doença. Seu filho mais velho, Afonso Henriques, entra com o requerimento da aposentadoria do pai, que só é decretada no dia 2 de março de 1903. A demora na aprovação da aposentadoria trouxe embaraços financeiros à família; houve atraso no aluguel, e Afonso Henriques precisou justificar-se com o senhorio.²²⁰

²¹⁸ BARRETO, Lima. “Henrique Rocha”. [O Estado], 22 jun. 1919. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, p. 516.

²¹⁹ Conforme CIANCIO, Nicolao. “A verdade sobre Lima Barreto”. *Vamos ler!*, Rio de Janeiro, n. 213, 29 ago. 1940; apud BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op cit., pp. 65-66. Nicolao Ciano foi colega de quarto de Lima Barreto.

²²⁰ Em carta a João Paulo da Rocha, proprietário da casa onde viveu durante alguns meses a família Lima Barreto (Rua 24 de Maio, 123, Engenho Novo), o filho mais velho de João Henriques justifica o atraso no aluguel: “... para uma família que vivia dos minguados recursos que um mesquinho ordenado dava,

Afonso Henriques, o filho mais velho, era agora o chefe de uma família extensa. Antes da crise do pai, era um aluno mediano da Escola Politécnica. A glória do anel de doutor, idealizada pelo pai, fora substituída pelo sonho da glória literária, algo sempre presente em suas memórias como literato. Foi com um certo alívio, portanto, que abandonou a Escola Politécnica, embora por caminhos tortos: a nova realidade da família Lima Barreto, agora muito dependente dele.

Além do pai e dos três irmãos, passou a arcar com a responsabilidade de alimentar e vestir mais cinco pessoas: Prisciliana, que amigou-se com João Henriques após a morte de Amália, e seus três filhos, além do preto velho Manuel de Oliveira, agregado.²²¹ Para garantir o seu sustento e o da família, Lima Barreto presta concurso público para amanuense da Secretaria da Guerra, classificando-se em segundo lugar. Com a morte do primeiro colocado, assume a vaga, no dia 27 de outubro de 1903. Nessa época, muda-se com a família para Todos os Santos, indo morar na rua Boa Vista, no alto de um morro. Os gritos delirantes do pai fizeram com que o lugar fosse chamado “a casa do louco”. Em 1913, ele faria a última mudança, para a rua Major Mascarenhas, também em Todos os Santos. Desde o seu nascimento, teria experimentado, portanto, no mínimo treze moradias diferentes, com a família e em repúblicas e pensões no centro.

Uma passagem do *Diário Íntimo*, de 3 de janeiro de 1905, dá a exata dimensão de uma existência oscilante entre a condição de negro letrado e a situação na qual vivia a maior parte das famílias negras e pobres entre as quais circulava. Trata-se de um conflito inegável, irresoluto na trajetória do escritor, e que se torna, *a posteriori* e contra sua própria vontade, amplamente cognoscível:

Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer, em vida comum com eles, pelo menos com os que vivo, que, sem reconhecerem a minha superioridade, absolutamente não têm por mim nenhum respeito e nenhum amor que lhes fizesse obedecer cegamente. (...)

Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacordo profundo entre mim e ela; é de tal forma nuançoso a razão de ser disso, que para

transtornos na sua economia causaram tão dispendiosas mudanças e acréscimo de despesas provindos do habitar a cidade, onde a vida é bastante cara. Motivo esse pelo qual meu Pai, anteriormente tão pontual, não pôde satisfazer o pagamento do segundo semestre na época regimental (como soube que tal era no vosso próprio escritório)”. Carta de Lima Barreto a João Paulo da Rocha. Rio de Janeiro, 25 mar. 1903. In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op cit., tomo I, pp. 41-43.

²²¹ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op cit., p. 106.

bem ser compreendido exigiria uma autobiografia, que nunca farei. Há coisas que, sentidas em nós, não podemos dizer. A minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o ceticismo que me corrói – ceticismo que, atingindo as coisas e pessoas estranhas a mim, alcançam também a minha própria entidade –, nasceu da minha adolescência feita nesse sentimento da minha vergonha doméstica, que também deu nascimento a minha única grande falta.²²²

Chefe de uma família numerosa, da qual pouco a pouco se distanciava, Lima Barreto registra no diário a dificuldade para lidar com os problemas financeiros e a falta de identificação com os irmãos e com Prisciliana:

Dolorosa a minha vida! Empreguei-me há seis meses e vou exercendo as minhas funções. Minha casa ainda é aquela dolorosa geena [sic] pra minh'alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice.

Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na insânia. Meu irmão, C..., furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino!

Como me tem sido difícil reprimir a explosão. Seja tudo que Deus quiser!

A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte talvez prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo!²²³

Como morador do subúrbio, estava submetido ao intenso tráfego entre a casa e o centro da cidade, local de trabalho, de atividades jornalísticas e literárias e da vida boêmia, pelo menos até 1919, ano de sua aposentadoria. A tradução literária da feição que tomou pelas grandes caminhadas e pelas muitas viagens de bonde e trem estão vastamente presentes em toda a sua obra. Nas andanças pelo centro da cidade, frequentava cafés, importantes pontos de sociabilidade literária e política no início do século XX. A este respeito, comenta Francisco de Assis Barbosa: “Podia-se dizer que o Rio de Janeiro era, por esse tempo, a cidade dos cafés. Nunca existiram tantos! Será impossível, nem isso interessa ao leitor, mencioná-los um por um”.²²⁴ Lima Barreto tinha muitos amigos literatos e intelectuais, alguns dos quais fizeram parte de sua rede de trocas intelectuais ao longo da vida. É o caso, por exemplo, de Antonio

²²² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 1242.

²²³ Idem, ibidem, p. 1217. O registro é de janeiro de 1904.

²²⁴ Idem, ibidem, p. 123. Sobre a importância dos cafés na formação de rodas literárias e, também, na produção de memórias que os intelectuais da época produziram a respeito de si mesmos, ver RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. “A geração boêmia: vida literária em romances, memórias e biografias”. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.), op cit., pp. 233-263.

Noronha Santos, então estudante de direito, com quem Lima trocou intensa correspondência nos anos seguintes.²²⁵

Quando da primeira publicação em livro de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em 1916, o jornal *A Época* lançou um breve perfil de Lima Barreto. Nela, é possível perceber que a qualidade de “andarilho” já se colava à imagem pública do autor:

Sabendo que, dentro de dias, Lima Barreto publicaria um livro fomos procurá-lo. No Rio de Janeiro, não há quem não o conhece. Ele vive em todos os bairros, arrabaldes, subúrbios, e é visto em toda a parte. Pergunta-se a qualquer pessoa: “Tu viste o Lima?”. Ela responderá imediatamente: “Vi-o, em Campo Grande, hoje, pela manhã, jogando bilhar”. Pouco vive em casa, que só tem para dormir, de forma que é motivo de curiosidade em toda parte saber onde, quando ele escreve e lê. Ninguém lhe contesta a leitura, e é suposição de todos que ele o faz nos bondes, nas barcas, nos trens... A rua é o seu elemento. Todos os seus livros, contos, pequenos escritos, reçumam (*sic*) esse seu amor pela vida. Lima Barreto não é jovem, já passou dos trinta, mas continua cheio de mocidade e ardor. Nasceu no Rio de Janeiro; é carioca da gema, e admira a beleza estonteante da sua cidade. (...) Procuramo-lo. Andamos de botequim em botequim, de confeitaria em confeitaria, e fomos encontrá-lo em uma *brasserie* na rua Sete de Setembro. (...)

Lima estava cercado de amigos, como é de seu hábito, e os amigos cercavam as garrafas de cerveja que repousavam na mesa.²²⁶

Em toda a sua experiência em mundos distintos, Afonso Henriques construía sua identidade como funcionário público, mulato, literato, morador do subúrbio e carioca. Na vida da metrópole, Afonso Henriques faz-se Lima Barreto. Imagens e sentimentos muito fortes são ainda hoje capazes de lembrar, na infinitude de caminhos e encruzilhadas da experiência concreta, a forma do “escritor do Rio de Janeiro”. Abordar a cidade, porém, é uma escolha dentre tantas possíveis. Escritores como Manoel Joaquim de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis já haviam tratado, com propriedade, da história e do cotidiano do Rio, sob diferentes perspectivas. Mesmo João do Rio (1881-1921), rigorosamente da mesma geração de Lima Barreto, teve na cidade a matéria-prima de sua criação artística, mas sob outro prisma, o das nuances e exotismos do submundo pelo olhar de um *dândi*.

O Rio de Janeiro de Lima Barreto é criado e vivido na ambivalência de um olhar que mescla difíceis pertencimentos, no limiar da marginalidade e do reconhecimento, no trajeto entre os subúrbios e o centro. Esse Lima Barreto *flanêur* não busca na cidade o exótico, e sim

²²⁵ Cf. BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Brasiliense, tomo I, 1956, pp. 59-120.

²²⁶ *A Época*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1916, *Apud*: SCHWARCZ, Lília M. “Introdução: Numa 'encruzilhada de talvezes'. Um grande romance aos pedaços”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin, 2011, pp. 17-18.

os elementos que comporão uma literatura preñe de interpretações densas e vibrantes da metrópole, sempre vista sob uma perspectiva inquiridora e oscilante.

Francisco de Assis Barbosa constatou, em sua biografia, o “tormento” que era para Lima Barreto voltar para casa.²²⁷ Estabelece-se, então, uma fissura no interior da própria identidade de classe do escritor, fragmentada, dúbia, complicada pela origem negra e letrada, bloqueada à maioria dos afro-descendentes no pós-abolição. Manifesta também um desagrado com os subúrbios, que mistura, ao drama doméstico, a falta de identidade com a família, em especial com os novos membros, e com o grupo social que o circunda.²²⁸ Trata-se de um ponto primordial para a compreensão das tensões de classe expressadas em toda a obra do escritor: o fato de não se sentir integrado às classes subalternas – as quais, de fato, busca representar em sua produção – e de desprezar os “magnatas suburbanos” – e de ser igualmente desprezado por eles – e as classes dominantes, o arranjo hegemônico da nascente República. Essa multiplicidade de tensões, fruto de uma fragmentada identidade social, faz com que dificilmente se possa definir Lima Barreto como porta-voz de uma classe ou de um grupo, num sentido restrito.

A vivência nos subúrbios provocará, nos primeiros anos como morador, desgosto e sensação de desterro. É nas ruas da cidade que o escritor busca abrigo. A identificação com os amigos das rodas boêmias e literárias transpõe a “vergonha doméstica” e a difícil convivência com as classes subalternas e médias dos subúrbios. Com os mais humildes, não se integra socialmente, embora integre-os à literatura, dando a eles condição e lugar de sujeitos. Em relação às classes médias suburbanas, estará sempre em combate, jamais se enxergando como parte delas. As fagulhas do cotidiano dos subúrbios fazem-se sentir nos trens, que mais do que simples meios de transporte são pontos de sociabilidade. É o nosso autor que escreve, em 1921, já na condição de experimentado morador dos subúrbios:

Quando, há quase vinte anos, fui morar nos subúrbios, o trem me irritava. A

²²⁷ “Recolhia-se imediatamente ao quarto, depois de comer o prato de feijão requentado, que a irmã nunca deixou de guardar. O quarto de dormir, que servia ao mesmo tempo de gabinete de trabalho, era o seu refúgio. Ficava em frente da casa, com amplas janelas dando para o jardim, modesto jardim que uma cerca de bambus isolava da rua suburbana, esburacada, cheia de pó, mas silenciosa”. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op cit., pp. 137-138.

²²⁸ “A uma família que se junta uma outra, de educação, instrução, inteligência inferior, dá-se o que se dá com um corpo quente que se põe em contato com um meio mais frio; o corpo perde uma parte do seu calor em favor do ambiente frio, e o ambiente, ganhando calor, esfria o corpo. Foi o que se deu conosco. Eu, entretanto, penso me ter salvo.” BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 1242.

presunção, o pedantismo, a arrogância e o desdém em que olhavam as minhas roupas desfiadas e verdoengas, sacudiam-me os nervos e davam-me ânimos de revolta. Hoje, porém, não me causa senão riso a importância dos magnatas suburbanos. Esses burocratas faustosos, esses escrivães, esses doutores de secretaria, sei bem como são títeres de politicões e politiquinhos. (...)

Pela manhã, aí pelas nove e meia até às dez e meia, o carro de primeira é banalizado por esses cupins de secretarias e escritórios.²²⁹

Essas são algumas tensões que envolvem a experiência do escritor: a repulsa às classes médias suburbanas, os “magnatas”, como o autor ironicamente os trata; o desprezo aos “doutores de secretaria”, sobre os quais sentia-se intelectualmente superior, embora, como eles, não tivesse alcançado o título de doutor. Não raro, ele se queixava de olhares oblíquos de pudicas senhoras e engomados funcionários públicos nas estações de trem. Segundo Afonso Carlos Marques dos Santos, muito de seu desprezo contra essa classe dominante local pode ser explicado porque ele via, no microcosmo suburbano, “as deformações maiores da sociedade de favor e do autoritarismo”.²³⁰ As hierarquias são impiedosamente tratadas por um olhar que mapeia, no cotidiano, as tensões sociais.

A imagem que Lima Barreto constrói a respeito da “aristocracia” suburbana pode ser resumida em uma expressão formulada por Pierre Bourdieu e Jean-Claud Passeron: a classe média é “dominante entre os dominados e dominada entre os dominantes”.²³¹ No caso do Rio de Lima Barreto, é uma aristocracia cujo domínio não ultrapassa os limites espaciais dos subúrbios, porque se anula no contato com a “verdadeira” aristocracia de Botafogo e Petrópolis, a qual ela quer imitar. Os limites desse poder são vistos nos mafuás – o lazer suburbano nas manhãs de domingo, agregando “ricos” e “pobres” locais. Num desses encontros, ritualiza-se a diferença entre os mais humildes, a classe média suburbana e – de acordo com o olhar barretiano – a “legítima” aristocracia dos bairros nobres:

A feira estava no seu auge. Dos bondes desciam moças e senhoras aos magotes. Todas bem vestidas e agasalhadas convenientemente. Os automóveis chegavam buzinando. Vi descer deles gente que não era positivamente suburbana. Todas vinham, certamente, de do Leme ou de Ipanema.

A modesta burguesia suburbana olhava esse pessoal que se diverte, com

²²⁹ BARRETO, Lima. “O trem dos subúrbios”. [*Gazeta de Notícias*], Rio de Janeiro, 21 dez. 1921. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, pp. 468.

²³⁰ SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. “Lima Barreto e as contradições sociais de seu tempo”. In: Idem (org.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1983, vol. II, p. 29.

²³¹ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Editorial Vega, 1978.

susto e, ao mesmo tempo, com estranha curiosidade.²³²

Faz sentido, então, afirmar que o distanciamento de Lima Barreto em relação aos “magnatas suburbanos” é coerente com o olhar crítico sobre os vícios sociais da capital federal, microcosmo do país. Mais especificamente, liga-se ao seu projeto permanente de dissecação da “mania de doutor”, simbolizada pelo brilho sedutor e vazio do anel verde.

Em 1920, já aposentado da Secretaria da Guerra, ele fala sobre o “aborrecimento” que lhe causava o carnaval. “Nunca fui carnavalesco, mas, como todo melancólico e contemplativo, gosto do ruído e da multidão e não fugia a ele (...) mas, atualmente, fugiria do carnaval do Rio de Janeiro, que não se pode agora assistir em são e perfeito juízo.” Dentre as razões para tal chateação, aponta a “de não possuir o nosso povo, nossa massa anônima, nenhuma inteligência e de faltar-lhe o mais completo senso comum”. Ataca o que chama de “poesia de alienados”: músicas que, para ele, não possuem nexos algum, “palavreado oco e idiota da atual musa carnavalesca”. Nos dias que antecederam ao carnaval, andou colecionando canções dos cordões carnavalescos. “Cansei-me logo, pois me aborreci com tanta bobagem acumulada”. É ainda ele que diz, em defesa de certas formas culturais tidas como “puras”, contrapostas à suposta deterioração da cultura popular urbana de seu tempo:

... não me move nenhuma espécie de antipatia pelo folgar do povo; mas, pedir unicamente a ele próprio que nessa sua folgança, nesse poetar de sua alma alanceada, quando procura, nestes três dias, esquecer o seu penar e a sua dor, no riso, no gargalhar e no estonteamento, pusessem seus trovadores mais gosto, mais sentido, compusessem mais cantares que pudessem ser entendidos, coisa que não lhes é impossível, pois todos conhecemos as poesias roceiras, as quadras populares, quase sempre expressivas e denunciando verdadeira poesia.²³³

Mas trata-se de uma postura que oscila entre a condenação veemente e a tentativa de alinhamento ao “povo” e à cultura popular. Essa tensão é tratada com humor, ao relatar que “amigos e conhecidos de modesta condição” fundaram um bloco, a que chamaram “Rapaduras Gostosas”:

²³² BARRETO, Lima. “Feiras e mafuás”. *[Gazeta de Notícias]*, [23 jul. 1921]. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, p. 389.

²³³ BARRETO, Lima. “Sobre o carnaval”. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, pp. 137-140. As organizadoras atribuem a crônica ao carnaval de 1920.

Eu não sei bem por que quiseram tal nome, mas nada objetei-lhes e calei toda a crítica irreverente ou tola a semelhante manifestação de arte popular. Diabo! *Eu sou povo também*; não descendo, como o presidente, de fidalgos flamengos (...). Sou essencialmente homem do povo e criticar manifestações artísticas de pessoas da mesma condição que a minha pode parecer pretensão e soberbia. Guardei a crítica e convenci-me de que podia haver rapaduras amargas.²³⁴

E, no fim das contas, o que vemos é um escritor dividido entre a “missão” intelectual – fazer de sua escrita a expressão das mágoas e dos sonhos do povo – e a complexidade de uma experiência concreta e fragmentada.

2.2. Do Leme a Madureira

Na condição de literato que via na atmosfera das ruas a essência da criação literária, seus textos são, em grande parte, urbanos por excelência: é na metrópole em que nasceu e viveu que estão os seus mais importantes personagens. Neste Rio flagrado e reconstituído no exercício intelectual do escritor, vivem grupos sociais de diversas procedências, raças e matizes. Há lugar para políticos das províncias e da capital, empresários, fazendeiros, almofadinhas, melindrosas, as “escoras sabichonas” e a fina flor da “doutoromania”, constituinte de toda uma casta elevadíssima de intelectuais e pseudointelectuais a serviço do poder; de outro lado, na base da pirâmide social da República nascente, há jornaleiros, carteiros, verdureiros, capineiros, carroceiros, vendedores ambulantes, trapicheiros, estivadores, pedreiros, soldados, donas de casa suburbanas, prostitutas, cafetões... Além, é claro, do lumpem-proletariado – a base da base da pirâmide –, de vida honesta ou desonesta, cujas vidas se pautam pela mais absoluta escassez de rendimentos, o que faz dessa classe uma presa fácil do clientelismo. Essa diversidade de sujeitos dá vida a regiões também diversas: de bairros de extração burguesa, como Botafogo e Copacabana, aos barracões de zinco dos subúrbios, todo o território da cidade passa pela obra de Lima Barreto.

Os bairros carregam diferentes significados. Uns são tratados com extrema mordacidade, como Botafogo; outros são vistos com um misto de exterioridade e ternura, reprovação e comiseração: os subúrbios despertam simpatias e antipatias do escritor, e são por isso mesmo representados, na literatura, de forma multifacetada. Essa literatura, como

²³⁴ Idem, *ibidem*, p. 222.

veremos no terceiro capítulo, lê e captura, a partir da experiência do escritor, formas e sentidos das relações sociais nos subúrbios, ao mesmo tempo que engendra novos olhares, sensibilidades e práticas relacionados àquele espaço.

Entre os subúrbios, com sua elegância e miséria próprias, e o suprasumo da riqueza da orla carioca, está o centro do Rio. É este o espaço observado com maior constância ao longo de toda a obra do escritor, talvez por representar, por excelência, o processo de modernização galopante da capital da República e suas implicações na vida das pessoas – desde os que se beneficiam socialmente dela, entre engenheiros, construtores, empresários e políticos, até os pobres e miseráveis, aos quais se impôs o *desterro* para fora dali. As rápidas mudanças pelas quais passou a cidade, capitaneadas inicialmente pelo prefeito Pereira Passos e o presidente Rodrigues Alves, e aprofundadas posteriormente por Carlos Sampaio e por outros prefeitos, receberam olhares de aprovação e de desconfiança de setores que nem se beneficiaram diretamente, nem sofreram a violência simbólica decorrente do ato da demolição. Entre os intelectuais, houve adesões de primeira hora, como é o caso de Olavo Bilac. Uma crônica de 1904, escrita em tom grandiloquente, tornou-se célebre por resumir os sentimentos de parte da sociedade sobre as mudanças de então:

No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto importante. Com que alegria cantavam elas – as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!²³⁵

A série de reformas e o impulso da construção civil aprofundaram as desigualdades sociais existentes; os grandes monumentos que simbolizam a era dos “reformadores apressados”, nos dizeres de Lima Barreto, pouco significaram em termos concretos para a população pobre da capital. De qualquer modo, as reformas urbanas ocorrem num contexto de grandes transformações técnicas, marcadas pela melhoria dos meios de comunicação, novos meios de transporte (como o bonde elétrico – vedete da energia elétrica – e o automóvel), o telefone, o cinema, novos objetos e bens de consumo, arranha-céus, elevadores e outros

²³⁵ BILAC, Olavo. “Crônica”. *RK*, Rio de Janeiro, março de 1904, apud: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2a. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 44.

marcos simbólicos do que se entendia por moderno. A ideia de cidade moderna, por sinal, traz em si a maciça entrada desses novos bens, sua assimilação e massificação por populações cada vez mais numerosas.

É nesse contexto que Lima Barreto produz sua visão própria do Rio de Janeiro. A cidade de Lima Barreto é, toda ela, movimento e mudança. As personagens principais de seus romances são, não raro, andarilhos e *flâneurs* da cidade. São inequívocos exemplos o velho Gonzaga de Sá, profundo conhecedor dos bairros centrais e arrabaldes do Rio; Augusto Machado, seu seguidor e aprendiz; Isaías Caminha, provinciano recém-chegado, cujas andanças retratam o desejo de dominar a cidade desconhecida; Ricardo Coração dos Outros, conhecido violeiro de todos os subúrbios; Cassi Jones, um vigarista em fuga; Vicente Mascarenhas, transeunte de ruas e avenidas do centro do Rio, dentre outros. O tratamento sobre a cidade, em toda a obra de Lima Barreto, se dá em forma de *passagens*. Esquinas, largos e ruas são, não raro, lócus de verdadeiros formigueiros humanos, sintetizando a efervescência e a fugacidade de uma cidade que se queria e se fazia moderna.

Era também a cidade dos *flerts*: paixões que se faziam e desfaziam com a rapidez de um olhar, mediado por olhares de transeuntes próximos, em bondes – símbolo por excelência do moderno e do transitório –, bancos de praças e de praias, rápidos cruzares nas calçadas do centro. O próprio escritor registrou, em seu diário, os olhares trocados com duas moças, num bonde para o Leme²³⁶ e, noutra ocasião, no trem da Central.²³⁷ Em ambos, nota-se a rapidez com que nascem e morrem as possibilidades de amor e as tensões raciais e sociais presentes no flerte, possibilidades instituídas pela modernidade móvel dos meios de transporte coletivos, sob o olhar de um Afonso Henriques tímido e ensimesmado.

²³⁶ “No bonde, na altura da Rua dos Voluntários, tomaram-no dois rapazes e uma rapariga. A rapariga sentou-se ao meu lado. Como era de meu dever, comecei a observar-lhe discretamente. Ela não se aborreceu e observou-me. Estendeu a mão, mirei-lhe a mão com amor e firmeza. Ela escondia. Eu fingia olhar para outro lado, ela estendia, eu olhava. E assim fomos até ao Leme. Era uma espécie de galanteio que eu tinha inventado e que agradara a italiana (falava em patoá italiota com os rapazes). Já nas curvas, ela avançava mais do que eu. Dava-me encontrões. Preparei o *flirt* para o botequim, mas, aí chegando, o cioso irmão, percebendo, levou-a para longe. A minha covardia não permitiu que a seguisse, nem que a esperasse, de volta. Com isso, eu adquiri uma certeza; embora mulato, os meus olhares podem interessar as damas e desconfiar os irmãos delas”. BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 1238.

²³⁷ “Hoje, no trem, vim com uma menina que me despertou a atenção. Ela não era bonita, antes feia e sardenta, porém, de corpo, apetitosa, era dessas que os franceses chamam *fausses maigres*. Cheia de carnes, redondinha, ela despertava facilmente o furor báquico. Vinha no trem com pai e irmãos. Sentara em um banco afastado e, cobrindo-se de expressão dolorosa, repousava a cabeça sobre a mão, que, em começo, bonita, polpuda e abacial, acabava nas pontas de dedos feios, chatos. Mas o que me chamou a atenção foi um detalhe da toilette. Evidentemente menina pobre — mesmo as mãos denunciavam, naquelas pontas de dedos feios, os estragos do trabalho manual —, pobre, pois, não tendo talvez um vestido decotado e querendo sair com um assim, dobrara a gola do casaco afogado para dentro na altura das espáduas. A coisa foi boa, porquanto as suas espáduas eram das melhores”. Idem, *ibidem*, pp. 1238-1239.

A noite do Rio, bem como os dias agitados, concorria para a imagem de cidade moderna e efervescente. O narrador em terceira pessoa do romance *Numa e a Ninfa* (1911), ao acompanhar as andanças do personagem Benevenuto pela Lapa, não deixa de observar o ir e vir do local, síntese da boêmia e dos amores fáceis:

Uma dama, vivendo dentro de uma atmosfera inebriante de perfumes fortes, cortou-lhe o caminho e perturbou-lhe por momento o seguimento das ideias e o voo dos seus desejos. Outras passaram estonteantes de irritantes perfumes, vestidos farfalhantes, altos chapéus, como velas enfunadas ao vento propício.

O Largo da Lapa tinha a sua habitual agitação noturna e o seu trânsito; lá, mais além dos Arcos, o aqueduto – um pontilhão sobre o lago infernal em que as almas ardiam como corpos e os corpos como miseráveis fragmentos de palha.

Os botequins estavam cheios; as garrafas espoucavam; músicas fanhosas e cansadas esforçavam-se por dar compasso e medida àquela agitação; os carros dormiam às portas dos clubes e os automóveis passavam céleres; o Passeio Público esperava o dia para o encontro dos amorosos e dos namorados inocentes.²³⁸

Em Lima Barreto, a estratégia de recorrer à figura do andarilho permite elucidar formas e conteúdos da cidade. Por trás dessas personagens, há sempre o olhar prospectivo do narrador em terceira pessoa, ou mesmo, nos escritos pessoais, o olhar sem mediações de Lima Barreto sobre o Rio. A produção barretiana, neste sentido, impõe-se como testemunho inequívoco de paisagens, formas e sujeitos da cidade em seu tempo vivido – testemunho que figura como memória inconteste do Rio para os que desejam compreender a experiência histórica das primeiras décadas do século passado. É possível “conhecer”, com tamanho grau de detalhamento, os subúrbios de então sem que o façamos pelas lentes do escritor de *Todos os Santos*? Também os bairros centrais e da orla, pobres e ricos, não escapam às explorações do sujeito-escritor Lima Barreto. Da riqueza exibicionista de Botafogo à escória humana do Largo do Moura, apagado da geografia da cidade juntamente com o desmonte do morro do Castelo, em 1922, pouco foge à densidade descritiva do escritor, seja em romances, contos ou crônicas, seja nas notas esparsas ou em seu diário.

Assim, de uma literatura feita de encontros e desencontros, chegadas e saídas, vai-se (às vezes pela mesma personagem) de um ponto ao outro da cidade. Cassi Jones, o vilão suburbano do romance *Clara dos Anjos* (1922), vai do Méier, onde vive, ao centro da cidade. Anda, então, pela antiga região do bairro da Misericórdia e do Largo do Moura. Nesta

²³⁸ BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 513.

passagem, o narrador detalha as formas das velhas ruas e, com rigor de detalhes, a composição social daquele trecho do Rio, que remonta ao período colonial:

Penetrou naquela vetusta parte da cidade, hoje povoada de lôbregas hospedarias, mas que já passou por sua época de relativo realce e brilho. Os botequins e tascas estavam povoados do que há de mais sórdido na nossa população. Aqueles becos escuros, guarneceados, de um e outro lado, por altos sobrados, de cujas janelas pendiam peças de roupa a enxugar, mal varridos, pouco transitados, formavam uma estranha cidade à parte, onde se iam refugiar homens e mulheres que haviam caído na mais baixa degradação e jaziam no último degrau da sociedade. Escondiam, na sombra daquelas betesgas coloniais, nas alcovas sem luz daqueles sobrados, nos últimos caliginosos das sórdidas tavernas daquele tristonho quarteirão, a sua miséria, o seu opróbrio, a sua infinita infelicidade de deserdados de tudo deste mundo. Entre os homens, porém, ainda havia alguns com ocupação definida; marítimos, carregadores, soldados; mas as mulheres que ali se viam, haviam caído irremissivelmente na última degradação. Sujas, cabelos por pentear, descalças, umas, de chinelos e tamancos, outras. Todas metiam mais pena que desejo. Como em toda e qualquer seção da nossa sociedade, aquele agrupamento de miseráveis era bem um índice dela. Havia negras, brancas, mulatas, caboclas, todas niveladas pelo mesmo relaxamento e pelo seu triste fado.²³⁹

Da mesma forma, ao ambientar no bairro da Cidade Nova o personagem Lucrécio Barba de Bode, o narrador em terceira pessoa de *Numa e a Ninfa* traça um verdadeiro perfil sociológico do bairro. Não um sociologismo pseudocientífico e pretensamente neutro, aos moldes do que se encarava como “ciência” no início do século XX, mas uma aproximação afetiva de narrador íntimo do Rio e sua gente, ao mesmo tempo consciente dos conflitos e tensões inerentes ao viver na cidade. O narrador observa que a Cidade Nova, “de longas ruas quase retas”, “antigo charco”, bem no coração do Rio, é vítima recorrente das chuvas. No verão, há móveis boiando, e as vias públicas transformam-se em “regatos barrentos”. Sobre a formação social do bairro, diz o narrador:

A Cidade Nova não teve tempo de acabar de levantar-se do charco que era; não lhe deram tempo para que as águas trouxessem das alturas a quantidade necessária de sedimento; mas ficou sendo o depósito dos detritos da cidade nascente, das raças que nos vão povoando e foram trazidas para estas plagas pelos negreiros, pelos navios de imigrantes, à força e à vontade. A miséria uniu-as ou acamou-as ali; e elas lá afloraram com evidência. Ela desfez muito sonho que partiu da Itália e Portugal em busca da riqueza; e, por contrapeso, muita fortuna se fez ali, para continuar a alimentar e excitar esses sonhos.²⁴⁰

²³⁹ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 730-731.

²⁴⁰ BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 453.

A Cidade Nova é apresentada em cores vivas, com um quê de dramaticidade. A comparação entre os detritos das chuvas e os das “raças que nos vão povoando” é chocante. Longe de ser um comentário racista, entretanto, a frase pretende chamar a atenção do leitor para o fato de o bairro acolher pobres de todas as origens, de ex-escravos a imigrantes pobres - “detritos” de uma sociedade injusta que, ao permitir e alimentar a miséria, desfaz “muito sonho que partiu da Itália e Portugal em busca da riqueza”. A Cidade Nova, caldeirão social e cultural, servia de moradia para negros libertos e imigrantes europeus. Em específico, os italianos: “Não é raro ver-se, naquelas ruas, valentes napolitanos a sopesar na cabeça fardos de costuras que levaram a manufaturar em casa; e a marcha esforçada faz os seus grandes argolões de ouro balançarem nas orelhas, tão intensamente, que se chega a esperar que chocalhem”.²⁴¹ Entre os moradores da Cidade Nova, estão vendedores de jornais, peixeiros, vendedores de hortaliças, tipógrafos, impressores, contínuos e serventes de repartições, pequenos empregados públicos ou de casas particulares, “que lá moram por encontrar habitação barata e evitar a despesa de condução”.²⁴² Essa caracterização da Cidade Nova transcorre numa trama cujas principais personagens são deputados, empresários e figuras ilustres da República. A dramaticidade advém, portanto, da necessidade de se destacar a miséria gerada, em grande parte, pela inapetência das classes dirigentes em proporcionar oportunidades e bem-estar aos seus cidadãos.

Outra força evidente no olhar de Lima Barreto sobre o Rio de Janeiro é a questão da memória. Já afirmei que a produção textual barretiana constitui importante memória e testemunho da cidade de sua época. Mas o que chama atenção na análise da totalidade de sua produção é a presença constante do **tema** memória. A abordagem barretiana do Rio é profundamente memorialística. Chega, às vezes, à beira do mais puro saudosismo. Produzidas sob a contingência do moderno, do movimento, do capitalismo nascente e da reforma urbana, suas narrativas demonstram profundo apego a velhas e casas e ruas, a antigos modos de vida, tudo em pleno processo de demolição, substituição e extinção.²⁴³ Há personagens acossados pela crueza das velhas fotografias na parede, a contemplar palidamente os vivos. Há velhos

²⁴¹ Idem, *ibidem*.

²⁴² Idem, *ibidem*.

²⁴³ Um exemplo, de outros que virão, é o trecho a seguir, retirado do conto “O número da sepultura”: “Não era raro que também ocorresse saudades da casa paterna, provocadas por aquelas chinfrinadas de teatros ou cinematográficas. Acudia-lhe, com indefinível sentimento, a lembrança de velhos móveis e outros pertences familiares da sua casa paterna, que a tinha visto desde menina. Era uma velha cadeira de balanço de jacarandá; era uma leiteira de louça, pintada de azul, muito antiga; era o relógio sem pêndula, octogonal, velho também; e outras bugigangas domésticas que, muito mais fortemente do que os móveis e utensílios adquiridos recentemente, se haviam gravado na sua memória.” BARRETO, Lima. “O número da sepultura”. In: BARRETO, Lima. *Vida e morte de J. M. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 186-187.

sobrados caindo aos pedaços, à espera inevitável de que “reformadores apressados” venham lhes substituir pelo mais novo prédio de seis andares com pretensões a *skyscraper*, à moda de Nova York. Alinhavando toda essa percepção da perda, está um perspicaz conhecedor da história local, o literato e cidadão Lima Barreto.

Ainda jovem, aos 25 anos, ele pretendeu lançar um romance-epopeia sobre a história da escravidão no Brasil (vide capítulo 1). Após a empreitada mal-sucedida, dedicou-se a escrever um romance cuja trama iniciar-se-ia na década final do Império e terminaria nos anos 1900. Nomeou-lhe *Clara dos Anjos*, do qual escreveu apenas a primeira parte, publicada em 1956 no *Diário Íntimo*. A caracterização da cidade imperial, da qual casas e ruas são mudos testemunhos, é profundamente historicizada:

Na fisionomia das casas estereotipam-se as cousas da nossa história. Um observador amoroso e perspicaz não precisa ler ao alto, a data, entre os ornatos de estuque, para saber quando uma delas foi edificada. Esse casarão de dois andares que vemos na Rua do Sabão ou da Alfândega, é dos primeiros quinze anos da Independência. Vede-lhe a segurança afetada; a força demasiada das paredes; a valentia dos alicerces que se adivinha... Quem a fez, sabia das lutas do Primeiro Reinado, vinha seguro de possuir uma terra sua para viver a vida eterna da descendência. O tráfico de escravos imprimiu ao Valongo e aos morros da Saúde alguma coisa de cubata africana, e a tristeza do cais dos Mineiros é saudade das ricas fáluas que não chegam mais de Inhomirim e da Estrela, peçadas de mercadorias.²⁴⁴

No conto “A biblioteca”, publicado em 1920 na coletânea *Histórias e sonhos*, o personagem Fausto Carregal viria, como outras personagens, a padecer do mal do tempo, o irascível tempo que corrói a sua memória da casa do pai.

À proporção que avança em anos, mais nítidas lhe vinham as reminiscências das cousas da casa paterna. Ficava ela lá pelas bandas da Rua do Conde, por onde passavam então as estrondosas e fagulhentas 'maxambombas' da Tijuca. Era um casarão grande, de dous andares, rés-do-chão, chácara cheia de fruteiras, rico de salas, quartos, alcovas, povoado de parentes, contraparentes, fâmulas, escravos; e a escada que servia os dous pavimentos, situada um pouco além da fachada, a desdobrar-se em toda a largura do prédio, era iluminada por uma grande e larga claraboia de vidros multicores. (...)

Todos aqueles trastes, todos aqueles objetos, no seu tempo de menino, sem grande valia, hoje valeriam muito... Tinha ainda o bule do aparelho de chá, um escumador, um *guéridon* com trabalho de embutido... Se ele tivesse (insistia) conservado a casa, tê-los-ia todos hoje, para poder rever o perfil aquilino, duro e severo de seu pai, tal qual estava ali, no retrato de Agostinho da Mota, professor de academia; e também a figurinha de Sèvres que era a sua mãe em moça, mas que os

²⁴⁴ BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 1333.

retratistas da terra nunca souberam pôr na tela. Mas não pôde conservar a casa... A constituição da família carioca foi insensivelmente se modificando; e ela era grande demais para a sua. De resto, o inventário, as partilhas, a diminuição de rendas, tudo isso tirou-a dele. A culpa não era sua, dele, era da marcha da sociedade em que vivia...”²⁴⁵

Há na literatura barretiana um sentimento latente de perda da cidade, manifestada na descrição de antigos objetos e ambientes domésticos. Uma perda que parecia inevitável, dada a “marcha da sociedade em que vivia” – mas contra a qual, em alguns de seus aspectos mais nocivos, o escritor lutou em vida. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), o major Quaresma e seu amigo Albernaz correm em busca, não de um passado carioca, mas de cantigas de roda e tipos folclóricos que representariam uma idealizada identidade nacional. No trecho em que ambos viajavam de bonde à procura da velha Maria Rita, possível sabedora de canções populares antigas, percorrem um trecho da cidade (Pedregulho, hoje uma região do bairro de Benfica) que suscita reflexões históricas do narrador, embora essas passem batidas para ambos os personagens.

Por aí em costas de bestas vieram ter ao Rio o ouro e o diamante de Minas e ainda ultimamente os chamados gêneros do país. Não havia ainda cem anos que as carruagens d'El-Rei Dom João VI, pesadas como naus, a balouçarem-se sobre as quatro rodas muito separadas, passavam por ali para irem ter ao longínquo Santa Cruz. Não se pode crer que a cousa fosse lá muito imponente; a Corte andava em apuros de dinheiro e o rei era relaxado. Não obstante os soldados remendados, tristemente montados em 'pangarés' desanimados, o préstito devia ter a sua grandeza, não por ele mesmo, mas pelas humilhantes marcas de respeito que todos tinham que dar à sua lamentável majestade.

Entre nós tudo é inconsistente, provisório, não dura. Não havia ali nada que lembrasse esse passado. As casas velhas, com grandes janelas, quase quadradas, e vidraças de pequenos vidros eram de há bem poucos anos, menos de cinquenta.

Quaresma e Albernaz atravessaram tudo aquilo sem reminiscências e foram até ao ponto.²⁴⁶

Por fim, é preciso dizer que o aparente “saudosismo” barretiano problematiza o empobrecimento de alguns bairros e o enriquecimento de outros – a flagrante dinâmica de classes sociais dentro do território urbano. Assim, antigos palacetes dão lugar a novos usos: não são mais habitados pelos velhos ricos do Império, e sim pelos novos pobres da República.

²⁴⁵ BARRETO, Lima. “A biblioteca”. In: Idem. *Histórias e sonhos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 139-141. Grifo meu.

²⁴⁶ BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma – edição crítica*. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. São Paulo et ali: ALLCA XX, 1997, p. 29.

Isaiás Caminha, em busca de emprego na cidade, habita um cortiço no Rio Comprido, bairro que passou por uma drástica mudança de classes. O lugar fora um palacete, com dois andares, agora divididos em “duas ou três dezenas de quartos, onde moram mais de cinquenta pessoas”:

O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelcidos, servia de coradouro. Da chácara toda, só ficaram as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes o fizeram aos ricos que ali tinham habitado. Guardavam o portão duas esguias palmeiras que marcavam o ritmo do canto de saudades que a velha casa suspirava; e era de ver, pelo estio, a resignação de uma velha e nodosa mangueira, furiosamente atacada pela variegada pequenada a disputar-lhe os grandes frutos, que alguns anos atrás bastavam de sobra para os antigos proprietários.

Houve noites em que como que ouvi aquelas paredes falarem, recordando o fausto sossegado que tinham presenciado, os cuidados que tinham merecido e os quadros e retratos veneráveis que tinham suportado por tantos anos. Lembrar-se-iam certamente dos lindos dias de festa, dos casamentos, dos aniversários, dos batizados em que pares bem postos dançavam entre elas os lanceiros e uma veloz valsa à francesa.²⁴⁷

A questão da perda da memória permeia toda a produção barretiana sobre o Rio de Janeiro. Francisco de Assis Barbosa já chamara a atenção sobre o caráter memorialístico da obra do escritor. Esse memorialismo é entendido, ora como o cuidado em anotar e fixar fatos e passagens da vida republicana brasileira²⁴⁸, ora como “obsessão” em se autorretratar nos seus próprios romances.²⁴⁹ Para além disso, o Rio de Lima Barreto é a terra dos Sá, de franceses, tamoios, negros e europeus; do Corcovado, do Pão de Açúcar e da serra da Tijuca. Ao pensar o futuro do Rio e criticar o seu presente, Lima mirava o passado. Saudosismo? Nostalgia? Conservantismo? Mais do que isso. Para o escritor, o futuro só seria aceitável se fosse construído com respeito ao passado (a história) e à natureza (a geografia) do Rio. Esses

²⁴⁷ BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaiás Caminha* [1909]. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 217.

²⁴⁸ “Escritor eminentemente memorialista, a ponto de se tornar difícil, senão impossível, delimitar na maioria de seus romances e contos as fronteiras da ficção e da realidade, ele anotou, registrou, fixou, comentou e criticou os principais acontecimentos da vida republicana, melhor dito, da Primeira República, desde o pronunciamento do Quinze de Novembro (1889) até o começo de sua desintegração, o primeiro estrebuchar de sua agonia, com a revolta do Forte de Copacabana (1922)”. BARBOSA, Francisco de Assis. “O carioca Lima Barreto: sentido nacional de sua obra”. In: SANTOS, Afonso C. M. (org.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Vol. I. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1983, p. 23.

²⁴⁹ “O memorialismo, no caso de Lima Barreto, deve ser considerado menos pela obsessiva autoanálise de seus problemas individuais, anseios e frustrações, e sim por um sentimento mais amplo e mais nobre, o da revolta contra a mediocridade e a impostura, mais do que isso, contra a injustiça. É que ele tornar-se-ia um porta-voz das mágoas e sonhos de uma camada social sofrida e marginalizada da população brasileira. Por isso mesmo, a principal personagem de seus romances é o próprio Lima Barreto, disfarçado embora nas máscaras de Isaiás Caminha, Policarpo Quaresma, Gonzaga de Sá, Leonardo Flores (*Clara dos Anjos*) ou Vicente Mascarenhas (*Cemitério dos Vivos*)”. Idem, *ibidem*, p. 27.

dois elementos formariam o DNA da cidade. Reformas urbanas de fundamento ultracosmopolita e a destruição da natureza confluíam para a derrocada do “espírito” carioca. Gonzaga de Sá, historiador-andarilho, é a personagem que sintetiza as experiências do passado. Vamos analisá-lo melhor.

2.2.1. Em busca de identidades cariocas

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá, escrito provavelmente entre os anos de 1905 e 1907, mas publicado apenas em 1919, é o romance mais denso e poético de Lima Barreto. Não se sabe por que ficou engavetado durante mais de dez anos. É possível que, por ter sido escrito concomitantemente às *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, tenha sido preterido do lançamento imediato: Lima Barreto acreditava que *Isaías*, pela temática escolhida – a dificuldade de um jovem negro em galgar espaços no universo das letras –, teria repercussão marcante e condizente com seu estilo crítico e independente. *Gonzaga de Sá* foi o único romance de Lima Barreto cuja publicação foi bancada pelo próprio editor e pela qual o escritor foi remunerado – neste caso, por Monteiro Lobato, então diretor da *Revista do Brasil*.

É um romance diferente dos demais. Há poucos personagens, e pouco importa no encadeamento da trama o desenvolvimento clássico, com início, meio e fim. O narrador em primeira pessoa, Augusto Machado, amanuense, negro – alter ego inequívoco de Lima Barreto –, pretende traçar a biografia de Gonzaga de Sá. Este é zeloso funcionário da Secretaria de Cultos, onde permaneceu por muitas décadas, sendo “empregado assíduo e razoável trabalhador”.²⁵⁰ Gonzaga, segundo Augusto Machado, reúne virtudes de filósofo autêntico; demonstrava ele, assim, “estoica despreocupação de notoriedade”, apesar de sua grande inteligência. Augusto é seu admirador e aprendiz: das experiências com o biografado, relembra as longas caminhadas pelo Rio, e as reflexões advindas dos muitos anos em que o carioca Gonzaga de Sá viveu e experimentou a cidade.

Se o elemento que motiva a escrita sobre Gonzaga de Sá é a narrativa biográfica, a Augusto interessam menos os possíveis feitos extraordinários colecionados em vida. As reminiscências do escrívão negro firmam-se na experiência urbana acumulada pelo amigo: o

²⁵⁰ BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 569.

andar pela cidade, nos primeiros anos da década de 1900, e o conhecimento de diversas camadas de história e memória representadas pelo casario e as ruas da urbe. Gonzaga de Sá é andarilho por excelência, conhece cada palmo de rua do velho Rio. Augusto é seu aprendiz sentimental. Nas longas palestras de Gonzaga, passa a conhecer melhor, a sentir e a amar o local, chegando a afirmar: “saturei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela em mim”.²⁵¹

Gonzaga de Sá é descendente da família dos fundadores do Rio de Janeiro, e por isso sua fala possui valor diferenciado. É fala com valor coletivo, representativa de grupos sociais formantes do Rio: “- Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus 'galegos' também...”.²⁵² Por isso, Gonzaga de Sá apresenta-se como voz autorizada a falar sobre o Rio, que estaria se descaracterizando com a entrada de atores exógenos à formação social original: a nova classe burguesa republicana e sua ganância desenfreada. As classes enriquecidas no período do Encilhamento, em sua maior parte composta por pessoas de outros estados ou por estrangeiros, são vistas pelo descendente dos Sá como um corpo estranho à cidade. Gonzaga de Sá, por sua vez, é parte da velha elite, uma elite “legítima”, embora empobrecida, que se confunde com a história da cidade. Sua decadência se faz notar nos móveis envelhecidos da antiga mansão da personagem, em Santa Teresa.

Com sua inteligência sofisticada e forte apego ao passado, Gonzaga era, pois, aos olhos de Augusto Machado, um “historiador artista” do Rio de Janeiro:

Desse modo era um gosto ouvi-lo sobre as coisas velhas da cidade, principalmente os episódios tristes e pequeninos. Com uma memória muito plástica, de uma exatidão relativa mas criadora, ele não tinha securas de foral, de cartas de arrendamento ou sesmaria, nem tinha inclinação por tais documentos; e animava a narração pontilhando-a de graça, de considerações eruditas, de aproximações imprevistas. Era um **historiador artista** e, ao modo daqueles primevos poetas da Idade Média, fazia história oral, como eles faziam as epopeias.²⁵³

Como cidadão carioca incontestado, Gonzaga de Sá, assim como outras personagens de contos e crônicas de Lima Barreto, padecia do mal da perda da cidade:

²⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 565.

²⁵² Idem, *ibidem*.

²⁵³ Idem, *ibidem*, p. 577.

Gonzaga de Sá vivia da saudade da sua infância gárrula e da sua mocidade angustiada. Ia em procura de sobrados, das sacadas, dos telhados, para que à vista deles não se lhe morressem de todo na inteligência as várias impressões, noções e conceitos que essas coisas mortas sugeriram durante aquelas épocas de sua vida. Entendi que havia nele uma parada de sentimento e que o volumoso caudal, de encontro ao dique incógnito, crescera com os meses, com os anos, subira muito, a se extravasar pelas cousas, pelo total de vivo de morto que lhe assistia viver. Um dia faltou à repartição (contou-me isso mais tarde) para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre no Castelo, visto cinquenta e tantos anos atrás, em hora igual, por ocasião de uma 'gazeta' da aula primária. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dor!²⁵⁴

Gonzaga de Sá é hábil historiador artista, pouco afeito a documentos oficiais, mas capaz de alinhar percepções e sentimentos sobre a cidade e construir, assim, uma espécie de carta identitária. A história é o seu DNA: são os grupos formantes que, ao longo dos séculos e num contato dialético com a natureza local, fizeram do Rio, Rio. Numa conversa, Augusto observa que o município, ao contrário de outras metrópoles, seria “estrabótico”: os bairros e regiões cresceram relativamente segregados, à distância, separados por estradas e caminhos estreitos e insuficientes. A cidade, assim, jamais seria uma metrópole densa e moderna. Gonzaga concorda que esta seja uma característica do meio urbano, mas discorda que ele deva se parecer a qualquer custo com as outras metrópoles:

“Pense que toda cidade deve ter sua fisionomia própria. Isso de todas parecerem é gosto dos Estados Unidos; e Deus me livre que tal peste venha a pegar-nos. O Rio, meu caro Machado, é lógico com ele mesmo, como a sua baía o é com ela mesma, por ser um vale submerso. A baía é bela por isso; e o Rio o é também porque está de acordo com o local em que se assentou. Reflitamos um pouco.

“Se considerarmos a topografia do Rio, havemos de ver que as condições do meio físico justificam o que digo. As montanhas e as colinas afastam e separam as partes componentes da cidade. É verdade que mesmo com os nossos atuais meios rápidos de locomoção pública ainda é difícil e demorado ir-se do Méier e Copacabana; gastam-se quase duas horas. Mesmo do Rio Comprido a Laranjeiras, lugares tão próximos na planta, o dispêndio não será muito menor. São Cristóvão é quase nos antípodas de Botafogo; e a Saúde, a Gamboa, a Prainha, graças àquele delgado cordão de colinas graníticas – Providência, Pinto, Nheco – ficam muito distantes do Campo de Santana, que está na vertente oposta; mas com o aperfeiçoamento da viação, abertura de túneis etc., todos os inconvenientes ficarão sanados.

“Esse enxamear de colinas, esse salpicar de morros e o espinhaço da Serra da Tijuca, com os seus contrafortes cheios de vários nomes, dão à cidade a fisionomia de muitas cidades que se ligam por estreitas passagens. A *city*, núcleo do nosso glorioso Rio de Janeiro, comunica-se com Botafogo, Catete, Real Grandeza, Gávea e Jardim Botânico, tão-somente pela estreita vereda que se aperta entre o mar e Santa Teresa. Se quiséssemos fazer o levantamento da cidade com mais detalhes, seria fácil mostrar que há meia dúzia de linhas de comunicação entre os arrabaldes e

²⁵⁴ Idem, *ibidem*.

o centro efetivo da cidade.”²⁵⁵

Assim, a morfologia do tecido urbano do Rio atende não aos preceitos geométricos de um agrimensor. Ela não foi milimetricamente criada, segundo a “teoria das perpendiculares e oblíquas”. O que a marca é o povoamento espontâneo, historicamente estabelecido: “Ela sofreu, como todas as cidades espontâneas, o influxo do local em que se edificou e das vicissitudes sociais por que passou”. Não há racionalismo cartesiano na constituição do tecido urbano, mas uma combinação de sutilezas e distinções construídas ao sabor da história (os grupos fundadores) e da geografia (as cadeias de colinas que tornam a cidade um espaço multiforme). Essa combinação é que faria do Rio um local único, com identidade própria:

“Se não é regular com a estreita geometria de um agrimensor, é, entretanto, com as colinas que a distinguem e fazem-na ela mesma.

“Ao nascer, no topo do Castelo, não foi mais do que um escolho branco surgindo num revolto mar de bosques e brejos. Aumentando, desceu pela vulnerável colina abaixo; coleou-se pelas várzeas em ruas estreitas. A necessidade de defesa externa, de algumas formas, obrigou-as a ser assim e a polícia recíproca dos habitantes contra malfeitores prováveis fê-la continuar do mesmo modo, quando, de piratas, pouco se tinha a temer.

“O quilombola e o corsário projetaram um pouco a cidade; e, surpreendida com a descoberta de lavras de Minas, de que foi escoadouro, a velha São Sebastião aterrou apressada alguns brejos, para aumentar e espriaiar-se, e todo o material foilhe útil para tal fim.

“A população, preguiçosa de subir, construiu sobre um solo de cisco; e creio que Dom João veio descobrir praias e arredores cheios de encanto, cuja existência ele ignorava ingenuamente. Uma coisa compensou a outra logo que a Corte quis firmar-se e tomar ares solenes...

“Quem observa uma planta do Rio tem de sua antiga topografia modestas notícias, define perfeitamente as preguiçosas sinuosidades de suas ruas e as imprevistas dilatações que elas oferecem.

“Ali, uma ponta de montanhas empurrou-as; aqui, um alagadiço dividiu-se em duas azinhagas simétricas, deixando-o intacto à espera de um lento aterro.”²⁵⁶

A sinuosidade das ruas e becos define a fisionomia do Rio. Assim, cada logradouro, bairro e região carrega a sua história. O legado histórico faz da cidade muitas cidades, ligadas por estradas insuficientes e escassos meios de transporte. O bonde elétrico representa um rompimento abrupto da cidade com a sua própria carga genética. Impõe novos caminhos, forja

²⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 578.

²⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 578-579.

novas aglomerações, perturba a “metódica distribuição de camadas” de povoamento. Mas revela-se insuficiente para romper o relativo isolamento dos bairros:

“O bonde, porém, perturbou essa metódica distribuição de camadas. Hoje (ponho de parte os melhoramentos), o geólogo das cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. Não há terrenos mais ou menos paralelos; as estratificações misturam-se; os depósitos baralham-se; e a divisão de riqueza e novas instituições sociais ajudam o bonde nesse trabalho plutônico.

“No entanto, esse veículo alastra a cidade; mas serve aos caprichos de cada um, de forma a fazer o rico morar num bairro pobre e o pobre morar num bairro rico.

“O mal é o isolamento entre eles; é a falta de penetração mútua, fazendo que sejam verdadeiras cidades próximas, pedindo, portanto, órgãos próprios para levarem até aos ouvidos das autoridades as suas necessidades e os seus anseios, mas o aperfeiçoamento da viação sanará tudo isto.

“Mas, se a sua topografia criou essas dificuldades, deu à nossa cidade essa moldura de poesia de sonho e de grandeza. É o bastante?”²⁵⁷

Gonzaga de Sá é um pequeno tratado histórico sobre o Rio de Janeiro. Um tratado proclamado por um Sá, que condensa em si próprio toda a experiência dos grupos que formaram o Rio, e reverberado por Augusto Machado. Gonzaga de Sá é a formulação bem acabada de um passado idealizado, sem tensões e rupturas determinantes. Afinal, ele acomoda em si próprio os tamoios, os negros, os cafuzos, os galegos, os corsários e os quilombolas. A cidade edificada na memória de Gonzaga é, senão ausente de conflitos, salvaguardada de elementos exógenos desestruturantes. As três raças formadoras, embora tenham construído a cidade (e a Nação) às custas de lutas e tensões, terminam por se misturar no DNA do espaço urbano.

A cidade é uma importante personagem de um romance cuja trama não possui conflitos, clímax e desfecho comparáveis a outras obras de Lima Barreto. Nas falas de dois *flâneurs*, o escritor desenvolve sua própria representação da cidade. A preocupação em compreender a história e em valorizar as memórias do Rio é constante em diversos textos, dentre contos, romances, crônicas e anotações pessoais. O passado da cidade é aspecto recorrente em sua obra como um todo. Exemplo disso é que muitos dos trechos acima, colocados na boca de Gonzaga de Sá, foram originalmente escritos para o capítulo inicial da primeira versão de *Clara dos Anjos*. Há pequenas modificações aqui ou ali, mas, em linhas

²⁵⁷ Idem, *ibidem*.

gerais, essas considerações estão presentes nos dois textos.²⁵⁸

Juntamente ao passado, a preservação da natureza é outra preocupação frequente do escritor. Assim como os objetos que materializam e testemunham o passado são presença contínua na sua produção, também o são as árvores, jardins e a paisagem carioca como um todo. Nas crônicas, ele não cansava de repetir seu solitário protesto contra uma modernidade que se impunha às custas da devastação da natureza. Em 1914, ao passar pelo subúrbio de Engenho Novo, ele irá presenciar um fato que virá a ser o tema de sua próxima crônica no *Correio da Noite*:

Mas uma coisa que ninguém vê e nota é a contínua derrubada de árvores velhas, vetustas fruteiras, plantadas há meio século, que a avidez, a ganância e a imbecilidade vão pondo abaixo com uma inconsistência lamentável.

Nos subúrbios, as velhas chácaras, cheias de anosas mangueiras, piedosos tamarineiros, vão sendo ceifados pelo machado impiedoso do construtor de avenidas.

Dentro em breve, não restarão senão uns exemplares dessas frondosas árvores, que foram plantadas mais com o pensamento nas gerações futuras, do que mesmo para atender às necessidades justas dos que lançam as respectivas sementes à terra.

Passando hoje pelo Engenho Novo, vi que tinham derrubado um velho tamarineiro que ensombrava uma rua, sem trânsito nem calçamento.

A venerável árvore não impedia coisa alguma e dava sombra aos pobres animais que, sob o sol inclemente, arrastavam pelo calçamento pesadas 'andorinhas', caminhões, que demandavam o subúrbio longínquo.

Era uma espécie de oásis, para as pobres alimárias, que resignadamente ajudam a nossa vida.²⁵⁹

Para Lima Barreto, a principal ameaça à natureza local é o “espírito frívolo” das classes dirigentes republicanas, que se traduz na falta de apego aos elementos originais do Rio. “Essas gentes novas, e o espírito frívolo delas, que têm ultimamente invadido este meu Rio de Janeiro, vão, aos poucos, matando o que ele tinha de verdadeiramente belo”, chegou a afirmar, em uma crônica de 1919. “À parte a violação da natureza, grandiosa, majestosa, como toda grandeza e majestade – triste, por ser aquilo mesmo – pode-se ver nas suas novas construções como esses adventícios e o seu feitio mental se apartam da terra em que elas se

²⁵⁸ Refiro-me à primeira versão de *Clara dos Anjos*, não concluída por Lima Barreto e cujos escritos incompletos foram publicados pela Editora Brasiliense, em 1956, junto a escritos pessoais (avulsos ou em diário) do autor, sob o título *Diário íntimo*.

²⁵⁹ BARRETO, Lima. “A derrubada”. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1914. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. I, pp. 133-134.

erguem ou são mandadas erguer.”²⁶⁰ Assim, essas novas construções não só não respeitam as características originais do local, como avançam sobre areais e terrenos até então inabitados ao longo da orla.

Lima Barreto lamenta que não se use o granito, tipo de rocha existente em abundância no Rio, na construção de imóveis, mas sim o tijolo. Em carta a Mário Galvão, cuja minuta é datada de 16 de novembro de 1905, noticia o frenesi em torno da inauguração da Avenida Central. Confessa que ela está bonita, cheia de canteirinhos e candelabros, mas que as edificações são “hediondas”, faltando-lhes, “para uma rua característica de nossa pátria, a majestade, a grandeza, acordo com o local, com a nossa paisagem solene e mística”. E afirma: “Calculas tu que na cidade do granito, na cidade dos imensos monólitos do Corcovado, Pão de Açúcar, Pico do Andaraí, não há na tal avenida-montra, um edifício construído com esse material.”²⁶¹

Em uma crônica de 1919, critica a ocupação de regiões sem infraestrutura, como Copacabana e Leblon, areais até então indevassados, condenando a especulação imobiliária desenfreada e os investimentos da municipalidade nesses locais, em detrimento do restante da cidade:

A nossa burguesia republicana é a mais inepta de todas as burguesias. Não tem gosto, não tem arte, não possui o mais elementar sentimento da natureza. Há nela pressa em tudo: no galgar posições, no construir, no amor, no ganhar dinheiro, etc. Vai, nessa carreira, atropelando, vai matando, vai empurrando tudo e todos; e, como não tenha educação, cultura e instrução, quando se apossa do dinheiro, ganho bem ou mal, não sabe refletir como aplicá-lo, num gesto próprio e seu; então, imita o idiota que procura em comprar o que for caro, porque será decerto o mais belo.

É por isso que ela se está amontoando nas praias de fora da barra, construindo casas em cima de areias e restingas, sob o açoite dos ventos implacáveis e fortes, onde não poderão medrar pujantes as grandes fruteiras, mangueiras, jaqueiras, cajazeiros, que são ainda o encanto das velhas chácaras que herdamos da burguesia titulada do Império e mesmo da Colônia.²⁶²

É neste sentido que, mais de uma vez, reclamará atenção ao Jardim Botânico, que em 1919 era uma área esquecida pela administração da cidade. Em crônicas e contos, evocará memórias de gerações de cariocas que lá gozaram de “amores honestos, semi-honestos e

²⁶⁰ BARRETO, Lima. “O Jardim Botânico e as suas palmeiras”. *Tudo*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1919. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. I, pp. 527-528.

²⁶¹ BARRETO, Lima. Carta de Lima Barreto a Mário Galvão. Rio de Janeiro, 16 nov. 1905 (minuta). In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op cit., tomo I, p. p. 134.

²⁶² BARRETO, Lima. “O Jardim Botânico e suas palmeiras”, op cit., p. 528.

mesmo desonestos completamente”²⁶³, de passeios e convescotes das famílias burguesas a noites de pândegas juvenis.²⁶⁴ Como se vê, a evocação da natureza envolve também a memória – memória que idealiza os tempos idos, nos quais os costumes e práticas do gentio carioca estariam plenamente harmonizados com o meio. São abundantes na obra de Lima Barreto referências a velhas chácaras que dão lugar a prédios modernos, “muito pelintras e enfezados”, que passam a dividir espaço nos bairros nobres com essas edificações antigas. Não raro, jasmineiros, mangueiras, tamarineiros e jaqueiras são sentimentalizados: “sapotizeiros tristes”; “ramos que caíam lentamente como lágrimas”, e por aí vai.

Não faltam exemplos de celebração à natureza na obra de Lima Barreto. Esses se conjugam à crítica à exploração desenfreada do solo, à especulação imobiliária, aos melhoramentos em lugares tidos como inóspitos. A defesa da natureza vai ao encontro da ideia, tão defendida nas obras de Lima Barreto, de que o ambiente é elemento constituinte da história da cidade. A natureza proporciona beleza e organiza a povoação, subjugando os grupos formantes às exigências de morros e serras altaneiras. Também o casario histórico, testemunho da presença e das lutas desses grupos formantes, é fator que possibilita a própria existência (e persistência) da memória.

A história do Rio é protagonizada por indígenas, negros e europeus, que em diferentes momentos e camadas históricas se organizaram e construíram a cidade. A formação geográfica faz dela um exemplo ímpar, pela beleza e imponência, e impõe o desenvolvimento de um núcleo citadino multicêntrico e multiforme. As partes da cidade se unem por picadas e caminhos insuficientes, incapazes de romper a força da natureza criadora.

Seu elemento desestruturador é a “invasão” desenfreada de grupos exógenos, cujas

²⁶³ Idem, *ibidem*, p. 529.

²⁶⁴ “Até bem pouco tempo, era o lugar predileto para os passeios burgueses e familiares. Era o lugar dos piqueniques ou convescotes; e, aos domingos e dias de festas, quem lá fosse, encontraria, à sombra de suas veneráveis árvores, famílias e convivas, criados e mucamas, namorados e noivos, a comer o leitão assado e o peru recheado, votivos à boa harmonia e felicidade dos lares, em dias de sacrifício doméstico do nosso culto aos Penates. Foram proibidos, e o Jardim Botânico só ficou lembrado por causa de uma casa rústica que havia defronte dele, espécie de hospedeira disfarçada em que, à noite, se realizavam pândegas alegres de rapazes e raparigas que não tinham o que perder. Assim mesmo, entretanto, ele não se aguentou na memória dos cariocas passeadores. Como o Silvestre, a Tijuca e o moderno Sumaré, passou da moda. Hoje é em Copacabana e adjacências que se realizam as pândegas e se epilogam tragédias ou comédias conjugais. O Jardim Botânico, porém, ficou sossegado, quieto entre o mar bem próximo e a selva verde-negra que cobre os contrafortes do Corcovado ao fundo, polvilhada de prata após as grandes chuvas, lançando sobre os que o abandonaram o desdém de suas palmeiras altivas e titanicamente atraídas para o céu, à espera de que, para as suas alfombras, voltem as famílias em festança honesta e os amorosos irregulares em transportes sagrados, a fim de abençoar, quer umas, quer outros, debaixo das arcarias góticas dos seus bambus veneráveis.” BARRETO, Lima. “Mágoa que rala”. In: SCHWARCZ, Lília (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Brasiliense, 2010, pp. 230-237.

ideias são encampadas pelas classes dirigentes. Os rumos da cidade se distanciam, então, de uma história que é ao mesmo tempo sua carta de identidade. As ruas tortuosas, o verde exuberante e a cidade multiforme é que, para Lima Barreto, fazem do Rio, Rio. Se esses elementos constituintes do espaço urbano estão sob ameaça, resta saber, segundo o escritor, quem são, como pensam e agem esses novos grupos hegemônicos – e como o literato fez de sua obra um cavalo de batalha contra o que enxergava ser o efeito desestruturante da cidade.

2.3. Ilusão cenográfica

O passado é valorizado mesmo quando Lima Barreto diz não ter grande apreço por ele. Em 1911, a respeito da notícia de que o Convento da Ajuda, no centro, seria demolido para a construção de um prédio de dez andares, o cronista protesta. Os interessados alegavam razões estéticas – a “fealdade” do imóvel – para a demolição. Lima relativiza a questão da beleza – “O bonito envelhece, bem depressa” – e ironiza a intenção da municipalidade e dos construtores:

... é que eles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade de seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse de Buenos Aires.

A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo. (...)

... ainda é, portanto, o passado, daqui, dali, dacolá, que governa, não direi as ideias, mas os nossos sentimentos. É por isso que eu não gosto do passado; mas isso é pessoal, individual. Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as suas igrejas feias e os seus conventos hediondos.²⁶⁵

O passado, portanto, governa, senão as ideias, decerto os sentimentos. E é como cidadão carioca que o cronista Lima Barreto defende a preservação do Convento da Ajuda, testemunho da história da cidade. A passagem acima, além de atestar a importância dada por ele à memória, também apresenta outro elemento observado na vida da cidade, o qual será alvo constante de seu exercício crítico: a obsessão pelos modelos estrangeiros. É o caso do fascínio exercido por Buenos Aires sobre os poderosos do Rio.

²⁶⁵ BARRETO, Lima. “O convento”. *[Gazeta da Tarde]*, jul. 1911. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (orgs.), Vol. I, op cit., p. 98.

Antes de avançarmos sobre essa questão, convém voltarmos às leituras do jovem Lima Barreto. Em sua biblioteca pessoal, a “Limana”, dentre dezenas de romances e periódicos, há um exemplar do livro *Le Bovarisme*, de Jules Gaultier. Sobre o conceito defendido no livro, o *bovarismo*, o jovem anotou em seu diário, em 1904:

O Bovarismo de Jules Gaultier.

Impressões de leitura. (...)

O bovarismo, livro, é um aparelho de ótica mental. É do prefácio. O bovarismo é o poder partilhado no homem de se conceber outro que não é. Precisar o papel do bovarismo como causa e meio essencial da evolução da humanidade. (...)

A imagem que, sob o império do meio, circunstâncias exteriores, educação sujeição, a pessoa forma de si mesmo.²⁶⁶

O bovarismo é, portanto, o poder partilhado pelos homens de se imaginarem algo que não são. Uma espécie de “Mal do Pensamento, mal de ter conhecido a imagem da realidade antes da realidade, a imagem das sensações e dos sentimentos antes das sensações e dos sentimentos”²⁶⁷. Trata-se, portanto, de um desvã entre realidade e imaginação, entre o que se é e o que se acredita ser. Gaultier formulou o conceito de bovarismo com base na personagem do romance *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert. Ela sintetiza o efeito negativo da construção de uma autoimagem que ponha em xeque o próprio equilíbrio com o meio externo, um rompimento do vínculo com as condições reais de existência. Em doses ideais, o bovarismo é não só positivo, como move a humanidade. Os seres humanos são movidos pelo desejo, que os motiva a sair do estado em que se encontram em busca da situação-imagem desejada. Para que seja benéfica, porém, essa busca deve estar cercada de senso crítico. Os seres ou grupos devem saber discernir se o alçar voo em direção à “grandeza” desejada está de acordo com a realidade, que lhes impõe restrições (hereditárias ou circunstanciais).

Na prática, Lima Barreto aplicou o conceito de bovarismo a diversas situações vivenciadas no cotidiano da cidade. Em crônica de 1918, após apresentar o conceito, chega a propor: “Armado, pois, desse binóculo de teatro que se pode definir como o poder que é dado ao homem de se conceber outro que ele não é, e de encaminhar para esse outro todas as energias de que é capaz – vamos experimentar no vulgar do dia a dia a força de suas

²⁶⁶ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa seleta*, op cit., p. 1254.

²⁶⁷ Idem, loc cit.

lentes.”²⁶⁸ É assim que ele observa, no trem, no teatro, na rua ou no hospício, práticas sociais que revelam distanciamento entre o real e o imaginário. Policarpo Quaresma é o exemplo mais bem acabado de personagem bovarista na obra de Lima Barreto. A insistência em resgatar as tradições da Nação, a defesa do tupi-guarani como língua oficial, a luta quixotesca pelo desenvolvimento agrícola na terra em que tudo dá, mas onde pouco se planta, fazem dele um inconformado bovarista por excelência.

O “binóculo de teatro” estende-se a indivíduos e a classes sociais, em especial ao arranjo hegemônico da nova República, composto por financistas, fazendeiros, empreiteiros, altas esferas do serviço público (civis e militares) e grandes comerciantes, dentre outros, e organizado por engenheiros, juristas, advogados, médicos higienistas e demais setores médios articulados ao Estado, e encarregados a construir e legitimar a República. Parte desses setores é identificada por Lima Barreto como arrivista, preocupada com o enriquecimento a qualquer preço, sem tradição e sem ligação orgânica com a cidade e seu povo. É composta, em grande parte, por estrangeiros e famílias vindas de outras províncias, que viam na capital federal um caudal de possibilidades de enriquecimento e oferta de empregos públicos.²⁶⁹

É com o mesmo vigor que o cronista se impõe como crítico dos rumos impostos à cidade. É tempo de grandes reformas urbanas, “melhoramentos” às dezenas, demolições e novas fronteiras urbanas – afinal, o “bota-abaixo”, como a população se referia às reformas da era Pereira Passos (1902-1906), acarretou a expulsão de milhares de pessoas do centro do Rio²⁷⁰. O modelo era a Paris de Haussmann, que executou a ferro e fogo uma grande reforma que mudou as feições da capital francesa, na segunda metade do século XIX.

As reformas implementadas pelo prefeito Pereira Passos, em conjunto com o presidente Rodrigues Alves, são consideradas ainda hoje um marco na história do Rio. Aquela foi a primeira grande intervenção urbanística na cidade. Houve alargamento de ruas, criação de áreas verdes (parques, praças e jardins), embelezamento de logradouros e construção de grandes monumentos (Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Museu Nacional de Belas Artes...). A construção da Avenida Central e do novo cais do porto são, na verdade, obras do governo federal, embora, tendo ocorrido concomitantemente às obras executadas por Pereira

²⁶⁸ BARRETO, Lima. “Casos de bovarismo”. *A.B.C.*, 20 abr. 1918. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), Vol. I, op cit., p. 328.

²⁶⁹ Cf. NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²⁷⁰ O fluminense Francisco Pereira Passos graduou-se em matemática pela Escola Central, em 1856. Entre 1857 e 1860, cursou engenharia na França, na *École de Ponts et Chaussées*. Vivenciou a reforma Haussmann, cujos preceitos de “civilizar” e “modernizar” a cidade serviram de exemplo para reformas subsequentes em toda a Europa e em cidades da América do Sul, como Buenos Aires e o Rio.

Passos, permanecem ainda hoje associadas à sua figura. Ambas foram coordenadas pelos engenheiros Lauro Müller, Paulo de Frontin e Francisco Bicalho, ligados a Rodrigues Alves. Da parte de Pereira Passos, foram executadas obras em diversos logradouros do Rio. Houve o alargamento das ruas da Assembleia, da Carioca, Sete de Setembro, da Vala (atual Uruguaiana), Visconde do Rio Branco, Frei Caneca e Visconde de Inhaúma, dentre outras. Foi criada a Avenida Mem de Sá, com o propósito de aperfeiçoar a ligação entre o centro e Cidade Nova, Rio Comprido, Tijuca e bairros adjacentes. Para tanto, foi destruído o Morro do Senado, na região da atual Praça da Cruz Vermelha. Todas essas ruas, ao ser alargadas, tiveram boa parte de seu casario demolidas. Foram construídas duas das avenidas mais vistosas da cidade, a Beira-Mar, ligando o centro ao Morro da Viúva, e a Atlântica, por toda a orla de Copacabana.

Nos anos Pereira Passos, foram erigidos monumentos como o Palácio Monroe (1906), a Escola Nacional de Belas-Artes (1908), o Teatro Municipal (1909) e a Biblioteca Nacional (1910). São obras suntuosas, em estilo eclético, que reúnem o que havia de novo na arquitetura mundial. À exceção do Palácio Monroe, demolido durante a construção do metrô carioca, nos anos 1970, os demais prédios permanecem como símbolos de uma República nascente e seus sonhos de grandeza – bovaristas por excelência – e desvario.

Tantas novidades foram presenciadas, vividas, sentidas por Lima Barreto. A sensação da mudança, do que antes existia e não existe mais, está presente em toda a sua obra. Temos no escritor um relato vivo da experiência da transfiguração da cidade, que se manifesta em sua literatura tanto em impressões iniciais – que comporão curtas crônicas na imprensa ou notas em papéis avulsos e no diário – quanto em críticas mais sistemáticas e estruturadas ao Rio de seu tempo. Na passagem abaixo, anotada em 1905 em seu diário, o jovem Lima Barreto registra o estranhamento causado pelo “sumiço” de um estabelecimento comercial que ele costumava frequentar:

Ontem, ao sair da secretaria, passei pela rua do Ouvidor e não vi a Palhares. Acho-a curiosa por causa do mestiçamento que nela há, disfarçado pelos cuidados meticulosos da *toilette*: perfumes, pomadas, pós etc. Isso aborreceu-me mais do que estava aborrecido e na botica tive sono. Saí e tomei um bonde e fui à Prainha. A rua está outra, não a conheci bem. Se os prédios fossem mais altos, eu me acreditaria em outra cidade. Estive na esquina dela com a avenida, a famosa avenida das indenizações, subi-a a pé, tomei pelo que resta de beco da rua da Prainha, agora em alargamento, e segui pela rua Larga de São Joaquim, prolongada e alargada até o largo de Santa Rita. A rua quebra um pouco do primitivo alinhamento, mas mesmo

assim ficará bela.²⁷¹

O registro, jamais publicado em vida, revela o estranhamento causado pelas ruas desfiguradas – “eu me acreditaria em outra cidade”. Ao contrário de tomadas de posição ferrenhamente contrárias às reformas, há, no entanto, um quê de admiração pela rua alargada. Trata-se de rara oportunidade de flagrar uma manifestação desse tipo por um intelectual cuja marca é a crítica contumaz aos rumos impostos à cidade por suas classes dirigentes. O jovem literato e funcionário público de 1905 acreditava que as modificações vinham de “boa administração”, e que seriam benéficas se, *pari passu*, o Rio se desenvolvesse industrial e comercialmente: “acredito que o Rio, o meu tolerante Rio, bom e relaxado, belo e sujo, esquisito e harmônico, o meu Rio vai perder, se não lhe vier em troca um grande surto industrial e comercial; com ruas largas e sem ele, será uma aldeia pretensiosa de galante e distinta, como é o tal de São Paulo.”²⁷² A passagem é o retrato de uma história em andamento, por fazer-se, e da construção de uma consciência intelectual mais tarde fundida com a recusa das novas formas.

É também exemplar dessa postura do escritor quanto aos melhoramentos o trecho a seguir, retirado da minuta de carta enviada a Mário Galvão no final de 1905:

Ontem inaugurou-se a avenida. Está bonita; cheia de canteirinhos, candelabros, etc.; mas os edifícios são hediondos, não que sejam feios. Ao contrário, são garridos, pintadinhos, catitas; mas lhe falta, para uma rua característica de nossa pátria, a majestade, a grandeza, acordo com o local, com a nossa paisagem solene e mística. Calculas tu que na cidade do granito, na cidade dos imensos monólitos do Corcovado, Pão de Açúcar, Pico do Andaraí, não há na tal avenida-montra, um edifício construído com esse material. Choveu a mais não poder, assim mesmo ela esteve cheia, de tropa e de povo.²⁷³

Outra frente de combate da era Pereira Passos, tão importante quanto as intervenções urbanísticas, é a repressão a práticas urbanas tidas como pouco condizentes com a imagem da cidade – “civilizada”, europeia e cartão-postal – que se desejava construir. Decididamente, a circulação e a venda de animais nas ruas do centro, o falar alto, o comércio ambulante, a mendicância, a pintura descuidada de fachadas e os cães abandonados deviam ser expurgados

²⁷¹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*, op cit., p. 1253. A anotação é de 27 de janeiro de 1905.

²⁷² Idem, *ibidem*.

²⁷³ BARRETO, Lima. Carta a Mário Galvão, 16 nov. 1905 (minuta). In: BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Brasiliense, tomo I, p. 134.

de cena urbana, posto que bloqueavam o acesso da cidade ao estatuto de prestígio representado por suas congêneres europeias. Pelo contrário, aproximava-a das capitais orientais – estas, sinônimo de atraso, em oposição a Paris. O próprio Pereira Passos afirma, a respeito da investida contra os velhos hábitos:

Comecei por impedir a venda pelas ruas de vísceras de reses, expostas em tabuleiros, cercados pelo voo contínuo de insetos, o que constituía espetáculo repugnante. Aboli, igualmente, a prática rústica de ordenharem vacas leiteiras na via pública, que iam cobrindo com seus dejetos, cenas estas que, ninguém, certamente, achará dignas de uma cidade civilizada.

[...] Mandei, também, desde logo, proceder à apanha e extinção de milhares de cães que vagavam pela cidade, dando-lhe o aspecto repugnante de certas cidades do Oriente, e isso com grave prejuízo da segurança e da moral públicas. Tenho procurado pôr termo à praga dos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria, que, por toda a parte, perseguiram a população, incomodando-a com infernal grita e dando à cidade o aspecto de uma tavalagem. Muito me preocupei com a extinção da mendicidade pública, o que mais ou menos tenho conseguido, de modo humano e equitativo, punindo os falsos mendigos e eximindo os verdadeiros à contingência de exporem pelas ruas sua infelicidade [...]²⁷⁴

Uma das medidas de Passos foi evocada por Lima Barreto em *Recordações do escrívão Isaías Caminha* – publicado em 1909, mas escrito entre 1905 e 1908, durante e após a era Passos. Na passagem abaixo, Lima Barreto capta, não as idiosincrasias personalistas de um líder, mas a reforma vista como desejo e (auto)realização de diversos grupos e classes sociais, de toda uma experiência histórica:

Nascera a questão dos sapatos obrigatórios de um projeto do Conselho Municipal, que foi aprovado e sancionado, determinando que todos os transeuntes da cidade, todos que saíssem à rua seriam obrigados a vir calçados. Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que de quando em quando nos visita. Estávamos fatigados da nossa mediania, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e a nossa civilização. Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente. Era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro. Era o argumento apresentado logo contra os adversários das leis voluptuárias que apareceram pelo tempo: 'A Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Aires era uma verdadeira capital europeia. Como é que não tínhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hotéis de casaca, clubes de jogo?'²⁷⁵

²⁷⁴ PASSOS, Francisco Pereira Passos. Apud BENCHIMOL, Jaime, op cit., p. 222.

²⁷⁵ BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 323.

A esfera moralizante – a tentativa desenfreada de construção de novos hábitos e práticas – é vista sob um olhar impiedoso e retrospectivo:

Os Haussmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palácios e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos.²⁷⁶

Do testemunho de Lima Barreto, as intervenções urbanas dos anos 1900 e a figura de Pereira Passos surgem, não como elementos circunstanciais, mas como uma série de atitudes, crenças e sentimentos de um tempo. As dezenas de demolições, reformas e obras de embelezamento são mais do que formas de intervenção urbanística, econômica e política, num sentido mais restrito. Sinalizam desejos e valores, éticos e estéticos, que se estendem por muitos anos a fio, perseguindo a visão imaculada da áurea modernista europeia e afastando-se cada vez mais do passado-identidade do Rio. Sob a escrita de Lima Barreto, a era febril dos “melhoramentos” é vista como uma composição de interesses das classes hegemônicas, articulada aos interesses e à ação de homens públicos e, finalmente, amparadas por diversos setores da imprensa e por boa parte das classes populares.

Sob a chuvarada do verão de 1905, que não impediu que uma multidão fosse prestigiar a inauguração da Avenida, Lima Barreto constata a eficácia da transfiguração da cidade nos corações e mentes de boa parte dos cariocas. Numa leitura gramsciana da experiência histórica da chamada “*belle époque*” tropical, salta aos olhos o modo enlevado com que a tentativa de transplante de modelos europeus arrebatou apoios de primeira e última hora. Por trás das fachadas, porém, a forte articulação de classes em torno da reforma, e de outros temas candentes da pauta nacional, buscou garantir a preservação e a maximização de privilégios de velhos e novos ricos, sob o êxtase daquela que passaria a se ver e a ser vista como “Cidade Maravilhosa”.

O fenômeno do reformismo urbano é de média e longa duração. Continua com o prefeito Carlos Sampaio no início dos anos 1920; permanece nos anos 1930 e 40, tendo como construção exemplar a Avenida Presidente Vargas (1944); e é alvo de reapropriação, orgulho e disputa mesmo nos anos 1960, com o governador Carlos Lacerda. Lima Barreto acompanhou,

²⁷⁶ Idem, *ibidem*.

registrou e atuou na arena pública pró e contra os melhoramentos até o fim de sua vida breve, em 1922. Nos tempos de Carlos Sampaio (1861-1930) como prefeito do Rio (1920-1922), opôs-se de forma veemente às demolições e obras que visavam preparar a capital para as comemorações do centenário da Independência. O Morro do Castelo, exemplar primevo do surgimento da cidade, não escapou à destruição. Em crônica de junho de 1922, publicada na *Careta*, o escritor afirma:

O senhor Carlos Sampaio... tem sido de uma rara abnegação no problemático desmonte de morros e no entupimento das lindas enseadas da nossa majestosa baía.

O Senhor Carlos Sampaio é sem dúvida alguma um homem sisudo e grave.
(...)

Ele não se detém diante de considerações estéticas, tradicionais e de outras de natureza mais ou menos fútil.

A sua escola filosófica (...) pode ser resumida neste rifão de sabedoria popular yankee: “*Make money, honestly if you can; but make money.*”²⁷⁷

Carlos Sampaio é alvo, mais de uma vez, da ironia barretiana. Quando da visita do rei Alberto da Bélgica, em 1921, foi organizada uma homenagem na Quinta da Boa Vista. Conta o nosso cronista que as crianças do município aprenderam e cantaram “magnificamente” o hino belga, “em coro, caindo de inanição, de sede e insolação”. O rei Alberto teria dito, ao ouvi-las: “Quando cantado, o português se parece muito com o francês”.²⁷⁸ Trata-se da crítica contumaz do escritor ao que via como a “mania de imitação” da cultura europeia e ao problema da fachada – as crianças foram ensinadas a cantar o hino, mas sem conhecimento básico de francês.

A crítica à imitação permeia toda a exegese crítica da sociedade carioca e brasileira, empreendida de maneira consistente por Lima Barreto. É conhecido o talento do escritor para a sátira, consumada brilhantemente em *Os Bruzundangas*, país imaginário cujas peculiaridades e vicissitudes são as do Brasil de seu tempo. Mas, mesmo quando não tem por objetivo a produção de uma obra satírica, está presente nas crônicas, textos íntimos, romances e contos um humor sagaz que lê e registra os ridículos da sociedade. Para ele, com base no filósofo Schopenhauer, a origem do riso está na “manifestação rápida de um desacordo entre

²⁷⁷ BARRETO, Lima. “No próximo centenário”. *Careta*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1922. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (org.), op cit., vol. II, p. 529.

²⁷⁸ Idem, ibidem, p. 530.

dois estados de conhecimento: um, fornecido por um conceito; e outro, por intuição direta”.²⁷⁹ Conceito é noção prévia; a intuição é obra da experiência, ou a testagem do possível acordo entre a concepção – ideia – e a prática. O humor, na sociedade carioca, nasce do descompasso entre o conceito/imagem produzido sobre si mesma e a realidade cognoscível na experiência. E assim voltamos à problemática do bovarismo.

Neste caminho crítico, o escritor elege elementos passíveis de riso ou ironia, por estarem em desacordo entre a gênese histórica do Rio e as ações, por parte de uma elite que ele vê como corrupta e bovarista, de confrontação e desconstrução histórica. Ele pôs-se a imaginar grupos de engenheiros, reunidos em elegantes clubes de Petrópolis, e a ambição de desviar o rio Paraíba para a capital federal, de modo que o Centro, como os de Paris Paris e de Londres, tivesse um grande rio que o perpassasse. Ele ridiculariza, assim, as ambições de se transformar o Rio numa nova capital europeia. E não só: essa comissão de engenheiros, entretida em seus hábitos burgueses, deseja importar “ladrões hábeis”!

O desvio do Paraíba – exigência da estética das grandes capitais – continua em estudos, isto é, está ao cargo de uma comissão de trinta engenheiros que refletem sobre o problema em Petrópolis, em seus *clubs* elegantes e nas suas *soirées* afetadas. Fala-se agora na importação de ladrões hábeis. O Rio, como tu sabes, a esse respeito é de uma vulgaridade espantosa, e uma grande capital que se preza não pode dispensá-los. O nosso Chefe de Polícia é um reformador. É justo o que pensa este funcionário. Avenidas, *boulevards*, parques, teatros, palácios, Paris enfim, sem *escrocs* geniais, não se compreende!²⁸⁰

A bizarra ideia da transposição do rio Paraíba, fantasiosa, mas emblemática da era dos melhoramentos, é retomada no conto “Ele e suas ideias”.²⁸¹ Trata-se da deliciosa história de um homem que, certo dia, foi tomado pela mania de ter ideias. Criava duas, três, quatro ideias por dia, e as discutia calorosamente em cafés, com os amigos e a família. Esta foi contagiada pela mania de ideias do homem, e passou a tê-las a rodo. O cozinheiro da família, por exemplo, propôs a criação de “bondes-restaurantes”. Dentre as ideias da personagem principal, estavam as de recriar no Rio os jardins do Píncio, a torre Eiffel e o túnel sob o rio Tâmis. “E ao acudir-lhe, por exemplo, a ideia de desviar o Paraíba para a baía de Guanabara,

²⁷⁹ Carta de Lima Barreto a Oscar Lopes, 16 de maio de 1911. *Correspondência ativa e passiva*, op cit., tomo I, p. 233.

²⁸⁰ Idem, *ibidem*, p. 234.

²⁸¹ A informação é de SCHWARCZ, Lilia. “Lima Barreto: termômetro nervoso da Primeira República”. In: Idem (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 11-50.

corria às nossas autoridades em engenharia e pedia o parecer delas”.²⁸²

O tal surto de ideias, mais do que pessoal, é para o escritor o surto de uma sociedade e de uma época: o dos melhoramentos mirabolantes, das grandes obras. “Um dia, era uma avenida; outro dia, era uma ponte, um jardim; e, de tal modo, a mania de ter ideias o tomou”...²⁸³ Claro está que monumentos de tal grandeza exigem códigos, modos de vida e de uso da cidade “condizentes” com a pompa assegurada pela imitação de Paris; daí o efeito cômico inevitável do conto.

Na cruzada contra a imposição de uma ética burguesa, alguns termos se repetem nas obras de Lima Barreto. “Botafogo”, por exemplo, transcende muitas vezes o sentido do elegante bairro da orla carioca: é metonímia por excelência das classes sociais emergentes e seus sonhos bovaristas de uma cidade europeizada e ordenada. E o “botafogano” típico é uma alma desterrada no Brasil. Para Lima Barreto, ser de Botafogo, mais do que viver no bairro, é um estado de espírito. Em carta ao diretor de teatro Oscar Lopes, escrita em 1911, o escritor afirma:

Estás enganado em supor que é a residência que faz um botafogano.

Botafogano, meu caro Oscar, é o brasileiro que não quer ver o Brasil tal como ele é, que foge à verdade do meio, e faz figurino de um outro cortado em outras terras. De modo que tu, mesmo indo para o Saco do Alferes, tu que queres fugir à nossa grosseria, à nossa fealdade, à nossa pobreza agrícola, comercial e industrial, és um botafogano.

Botafogano é o brasileiro exilado no Brasil; é o homem que anda, come, dorme, sonha em Paris. A seu jeito, é um *déraciné*.²⁸⁴

Em artigo publicado em 1921, no *A.B.C.*, Lima Barreto pinça alguns elementos da história de Botafogo. Chama atenção para o fato de que, até a década de 1850, era um recanto rural aristocrático. O bonde elétrico da Companhia Jardim Botânico, implantado em 1892, ao permitir deslocamentos mais rápidos e barateamento do valor da passagem, determinou o desenvolvimento urbano da região. Botafogo passou a ser território por excelência da nova classe burguesa, “mediante os títulos caçados sabe Deus como, de fortunas arranjadas por

²⁸² BARRETO, Lima. “Ele e suas ideias” (conto, s/d). In: SCHARCOWZ, Lilia (org.). *Contos completos de Lima Barreto*, op cit., p. 291.

²⁸³ Idem, *ibidem*, pp. 290.

²⁸⁴ Carta de Lima Barreto a Oscar Lopes, op cit., p. 233-234.

meios inconfessáveis”.²⁸⁵ Desde então, essa nova classe determinou, por “panurgismo” (ato ou impulso de seguir cegamente alguém), que “só era *chic* morar em Botafogo e adjacências”.

Logo todos os panurgianos ricos, falsos ricos, ricos 'guitarristas' se apressaram em imitar os processos da política e da administração, e foram se amontoando por lá. Adicionaram ao seu bairro, com grave dano para os cofres municipais, a restinga de Copacabana e arredores, obrigando a edilidade a construir, por ela a fora, avenidas em cima da areia e expostas, na sua fragilidade de obra apressada e atamancada, ao furor destruidor do Oceano. Os especuladores de terrenos, entretanto, ganharam dinheiro, graças à complacência dos prefeitos em valorizar-lhes os lotes com calçamentos de asfalto e mais melhoramentos urbanos, levados a efeito em areias desertas.”²⁸⁶

A expansão da área residencial rica da cidade rumo aos areais até então inóspitos de Copacabana – mais tarde, Ipanema e Leblon – é, da mesma forma, ação decorrente da valorização de Botafogo. O escritor não deixa de lembrar a ação (quase sempre peremptória) da municipalidade de investir na infraestrutura dessas regiões, tornando-as habitáveis para uma classe numerosa de famílias enriquecidas.

Outro termo que se repete com frequência nos textos de Lima Barreto é “*skyscraper*”. Na virada do século, prédios altos tornam-se a coqueluche da cidade moderna. Os avanços técnicos da construção civil, proporcionados pela invenção do elevador, bem como o concreto armado, a bomba hidráulica, o aço e o vidro, tornaram possível o surgimento de edifícios com muitos andares. Os Estados Unidos são, notadamente, precursores dos grandes espigões, que aos poucos se alastram por cidades de todo o mundo. Nas duas primeiras décadas do século XX, construtores de Nova York “competiam” entre si pelo maior arranha-céu da cidade. Em 1909, o maior arranha-céu novaiorquino (e, por extensão, do mundo) tinha 213 metros de altura e 50 andares; em 1913, foi superado por outro de 241 metros e 57 andares. Os arranha-céus mudam a paisagem das cidades. Instituem novas necessidades, novos usos do espaço urbano e novas concentrações. Tornam as ruas ainda mais densas de pessoas, comércio e serviços. Potencializam, dentro da lógica capitalista, a utilização da terra, ajudando a promover uma frenética especulação imobiliária. Numa expansão febril, derrubam, um a um, testemunhos da história das cidades – sobrados, casas, vendas, teatros, bibliotecas.

No caso de Nova York, o intenso desenvolvimento capitalista esbarra nos limites

²⁸⁵ Idem. “Um romance de Botafogo”. In: BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, pp. 229-236.

²⁸⁶ Idem, *ibidem*.

impostos pela escassez de terra disponível na ilha de Manhattan, centro financeiro e comercial da cidade. Por isso, a necessidade econômica de aproveitar cada palmo da estrutura fundiária local, ao mesmo tempo que afirma simbolicamente a importância crescente dos Estados Unidos no cenário mundial. O *skyline* de Nova York é a visão contundente, por excelência, da metrópole moderna, tão copiada, ainda hoje, em muitos países do mundo, em especial os asiáticos.

No Rio dos anos 1910 e 1920, aos olhos de Lima Barreto, a experiência de Nova York se repete como farsa. Aos poucos, velhos sobrados são demolidos para a construção de prédios – bem mais baixos e menos ambiciosos que os de Nova York, é verdade, mas com efeitos simbólicos um tanto semelhantes. O “*skyscraper*” é, para ele, outro elemento da ilusão cenográfica. É o lado *yankee* que, coincidindo com os modelos estéticos franceses, estariam devastando a história e a natureza carioca por desejos e vontades impostos de cima. Uma crônica de 1919 é bastante reveladora do sentimento do escritor a respeito da nova fisionomia da cidade:

Por mera imitação daquela aglomeração urbana [*Nova York*], enchemos o Rio de Janeiro de descabelados sobrados insolentes, de cinco e seis andares, com uma base relativamente insignificante, verdadeiras torres, a esmagar os sobradinhos humildes dos tempos do Império, com os seus dois andares acanhados e decentes. Uma cidade como a nossa, semeada de colinas pitorescas, arborizadas ou não, que formam o seu verdadeiro encanto, se se seguirem tais construções, em breve ela perderá os seus horizontes originais e ficará como qualquer outra.²⁸⁷

Lima Barreto fundamenta a crítica aos *skyscrapers* fiando-se, mais uma vez, na ideia de que a cidade deve ter um planejamento condizente com as suas características históricas e naturais, em contraposição à mera imitação dos modelos estrangeiros:

Substituir o ideal coletivo que é espontaneamente o nosso, por um outro que vai de encontro à nossa mentalidade e ao nosso temperamento, é suicidar-nos.

A fascinação do modelo estrangeiro, como ensina Gaultier, no seu curioso *Bovarismo*, entra sempre em algum grau na formação de qualquer sociedade, mas, para ser útil e progressiva, não deve substituir inteiramente o modelo próprio e ancestral. (...)

Nós não estamos, como a maior parte dos senhores de Nova Iorque, apertados, em uma pequena ilha; nós nos podemos desenvolver para muitos quadrantes. Para que essa ambição então? Por que perturbar a majestade da nossa natureza, com a plebeia brutalidade de monstruosas construções?

²⁸⁷ BARRETO, Lima. O nosso 'ianquismo', op cit., p. 480.

Abandonemos essa vassalagem aos americanos e fiquemos nós mesmos com as nossas casas de dois ou três andares, construídas lentamente, mas que raramente matavam os seus humildes construtores. (...) Imploremos aos senhores capitalistas para que abandonem essas imensas construções, que irão, multiplicadas, impedir de vermos os nossos purpurinos crepúsculos de verão e os nossos profundos céus negros do inverno. As modas dos 'americanos' que lá fiquem com eles; fiquemos nós com as nossas que matam menos e não ofendem muito à beleza e à natureza.²⁸⁸

A defesa do “modelo próprio e ancestral” de desenvolvimento da cidade é o principal elemento de recusa das (re)construções a qualquer preço. Lima Barreto desnuda a importação dos “modelos estrangeiros” e a forma como descaracterizam os elementos históricos da cidade. A crônica acima foi produzida a pretexto da morte de operários durante a construção de um edifício na rua da Carioca. Por isso, a referência às construções “que matam menos”, em contraposição à “brutalidade” vista nos arranha-céus.

A crítica a essa nova forma arquitetônica possui relação óbvia com certo antiamericanismo existente na obra de Lima Barreto. Incomodava-o o que ele via como a cultura do utilitarismo, do *make money, honestly if you can*²⁸⁹. Sem contar, é claro, seu apoio muitas vezes declarado à Revolução Russa de 1917, o respeito às figuras de Lênin e Trotsky, e a contraposição feita entre o socialismo e o capitalismo, este representado pela república estadunidense, uma superpotência econômica em afirmação. Tal espírito *yankee* estaria em total descompasso com o seu Rio natal, de natureza exuberante.

2.4. Memórias em luta

A vigilância crítica sobre o processo de modernização, ao longo de toda a vida intelectual de Lima Barreto, institui, pois, uma visão específica da história da cidade. Em tempos de “reformadores apressados”, ele evoca a ideia de um passado mais tolerante (e às vezes cordial), no qual o conflito entre classes e grupos sociais não é negado, mas esfarela-se diante da contribuição deles para a constituição do tecido urbano. Há, portanto, uma releitura da presença dos negros, índios, brancos e a construção de uma cidade “espontânea”, recortada por serras e pântanos que determinam parques caminhos e comunicações. A natureza – as

²⁸⁸ Idem. “Sobre o desastre”. *Revista da Época*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1917. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. I, p. 278.

²⁸⁹ Idem, ibidem.

grandes rochas de granito, o verde exuberante das serras, os morros já desnudados dos subúrbios – oferecem, em conjunto com a presença humana, a leitura de um Rio singular e diverso: singular porque diverso. Dessa ocupação errática do solo, nasce a carta identitária de São Sebastião do Rio de Janeiro, das invasões francesas ao ocaso do Império, passando pela chegada da família real. No sabor da memória, os episódios são destituídos de tensões peremptórias e edulcorados no passado; entretanto, valem a força que revela e desmente o presente, o retorno proposital à história e a memória ativa que recupera e seleciona elementos do passado, em pleno processo de luta contra um presente de transformações e indeterminações.

Nessas leituras do passado, convém sublinhar o perfil de D. João VI, feito no conto “Mágoa que rala”, publicado primeiramente na *Revista do Brasil*, em 1919, e depois no livro de contos *Histórias e sonhos*, de 1920. É construída a representação de um rei sensível à natureza do Rio, verdadeiramente capaz de amar o canto dos pássaros e os “morros cobertos de árvores de insondável verde-escuro, que descem pelas encostas amarradas umas às outras, pelos cipós e trepadeiras, até o mar fosco que muge ao sopé deles”.²⁹⁰ O narrador do conto observa o fascínio que a figura de D. João exerce sobre as classes populares da capital federal ainda no início do século XX. A memória do “rei bondoso e bonachão é mais viva e o seu nome é pronunciado pela gente mais humilde de tais lugarejos, sofrendo uma abreviatura singular – Dom Sexto”. A figura do rei ofusca, assim, a de muitos funcionários do império português – vice-reis e governadores gerais –, e não é exagero dizer que ofusque também os presidentes da recém-criada República.

Lima Barreto esboça a construção de uma relação idiossincrática entre D. João VI e o Rio, a natureza e sua gente. É aqui que escravos, libertos, mestiços, índios e brancos tornam-se, não classes e grupos em conflito, mas súditos em uníssono do rei melancólico e bonachão.

Na sua vida de grandes mágoas e profundas dores, o seu desembarque no Rio com certeza foi para a sua alma uma aleluia. A augusta beleza do cenário natural, a sua originalidade imprevista e grandiosa – sem atingir o incompreensível do desmedido e do colossal, a efusão filial de toda uma bizarra população de brancos, índios, negros e mulatos, quase toda a chorar, provocaram muito naturalmente a simpatia, fizeram-lhe logo brotar no coração uma grande afeição pelo lugar, animaram-no novamente a viver, sentir-se rei de fato – Rei – o chefe aceito voluntariamente, como pai e senhor, por todos aqueles súditos longínquos que o

²⁹⁰ BARRETO, Lima. “Mágoa que rala”. In: SCHWARCZ, Lilia. *Contos completos de Lima Barreto*, op. cit., p. 231.

viam pela primeira vez.²⁹¹

Naquele momento específico da história europeia, com as guerras napoleônicas e a instabilidade das velhas monarquias, o Rio é calor e paisagem que apazígua. A “bizarra” combinação de cores e etnias da população é, neste sentido, animada com a figura do rei, consternado pela efusão das montanhas de densa vegetação e os “filhos” da terra. Rio, cidade que bem recebe desde o passado longínquo. Portanto, é natural que tenha sido “para a terra [o *Brasil, o Rio*] que o seu agradecimento se voltou, foi para a sua beleza de que se enamorou, onde quis deixar as marcas e o penhor do grande amor que ela lhe inspirara”.²⁹² Como também é natural que não haja, no presente vivido por Lima Barreto, “lugar no Rio de Janeiro que não tenha uma lembrança do simplório rei erisipeloso e gordo”; de Santa Cruz à Ilha do Governador, e da Ilha à Gávea.

Na descrição da natureza idílica dos tempos de Dom João, há, porém, um corte inesperado para o presente: a modernidade rompe a poesia da natureza e impõe seu próprio ritmo. Da mesma forma, as classes dirigentes da República imprimem à paisagem o seu jeito próprio de ocupação do solo, em total desacordo com uma espécie de “vocação” da cidade, delineada ao longo dos séculos:

Hoje, com os bondes elétricos, automóveis e o mais, os nosso grandes burgueses, alguns, dados todos os descontos, mais ricos do que o príncipe regente, só sabem amontoar-se em Botafogo, em palacetes de um gosto afetado, pedras falsas de arquitetura, com as tabuletas idiotas de “vilas” disto ou daquilo. (...)

Mas a nuvem pardo-azul, que nos grandes dias de luz funde ao longe das cores e as nuanças (...), ainda se pode ver naquele célebre recanto do Rio de Janeiro. Os burgueses não se erguem da terra; não escalam o céu. Isso é coisa para titãs...²⁹³

Numa literatura que dá ao passado um certo estatuto de idílio, mas que trava e alimenta uma luta de classes incessante no presente, a burguesia – tida como bovarista, desenraizada e estrangeira em sua própria terra – é a culpada pelos males da cidade. Para Lima Barreto, essa nova elite perdeu qualquer tipo de legitimidade em relação às elites do passado: não oferece às classes subalternas soluções e exemplos que sirvam para o seu “alevramento moral, artístico e social”. Bovarista, “panurgista” e materialista, não

²⁹¹ BARRETO, Lima. “Mágoa que rala”, op. cit., p. 232.

²⁹² Idem, ibidem, p. 233.

²⁹³ Idem, ibidem, p. 233-234.

cumpriria, assim, sua missão, enquanto elite, de “educadora das massas”:

A nossa plutocracia, como a de todos os países, perdeu a única justificação da sua existência como alta classe, mais ou menos viciosa e privilegiada, que era a de educadora das massas, propulsora do seu alevantamento moral, artístico e social.

Nada sabe fazer de acordo com o país, nem inspirar que se faça. Ela copia os hábitos e opiniões uns dos outros, amontoa-se num lugar só, e deixa os lindos recantos do Rio de Janeiro abandonados aos carvoeiros ferozes que, afinal, saem dela mesma.

Encarando a burguesia atual de todo gênero, os recursos e privilégios de que dispõe, como sendo unicamente meios de alcançar fáceis prazeres e baixas satisfações pessoais, e não se compenetrando ela de ter, para com os outros, deveres de todas as espécies, falseia a sua missão e provoca a sua morte. Não precisará de guilhotina...”²⁹⁴

A “nostalgia” existente na obra de Lima Barreto não significa uma recusa do presente. Muito pelo contrário: é ato de intervenção nas questões do tempo vivido. E suas memórias são evocadas ao denunciar cada entreato da polêmica transfiguração da cidade. Assim, o escritor identifica elementos tidos como exógenos: a reforma urbana sob moldes haussmannianos, a obsessão pelos modelos europeus, a cópia dos hábitos franceses, a inveja de Buenos Aires... Da experiência urbana surge um verdadeiro projeto intelectual cuja intenção é desmascarar o efeito ilusionista das mudanças, sob a leitura do conceito de “bovarismo”, aplicado ao cotidiano de tensões sociais da capital federal.

O olhar barretiano não só evocou e recontou memórias do passado do Rio, como produziu muitas memórias de seu próprio presente. No momento flagrante da produção, a memória foi um elemento inequívoco de luta.

²⁹⁴ Idem, *ibidem*, p. 234.

3. EM TORNO DA VILA QUILOMBO

Quem percorrer todos os arrabaldes ocupados pelas famílias que bebem os ares desta encantadora Guanabara, estabelecendo um termo de comparação com o que tiver observado em Copacabana, verifica, desde logo, que o contraste é chocante. O aspecto geral topográfico, o clima, os hábitos, os costumes, as construções, os trajés, os tipos são inteiramente diversos dos demais. Apenas o sotaque não tomou uma feição própria, mas parece que evoluiu para isso. Nos bondes, nos auto-ônibus, trazem todos na fisionomia traços de quem vive uma vida sadia, sob um regime de desporto e de boa alimentação... Enquanto nos subúrbios cada semana é marcada pela abertura de mais uma farmácia, aqui muitas fecham ou se transformam em perfumarias. É sem dúvida porque Deus, higienista máximo, zela pela saúde de Copacabana.

Autor desconhecido. *Jornal Beira Mar*; Copacabana, Rio, 7 out. 1923

As farfalhadas de titio Arrelia irrompem graciosamente as curvas da Estrada Real de Santa Cruz. O bonde da Light, do qual é motorneiro, atravessa lamaçais, criações de galinha e de porcos ao longo da via, por onde transitava a família real, da fazenda em Santa Cruz ao centro da Corte. Nos anos 1920, o caminho de fazendas e sítios antigos, com ar de abandono, experimentava um lufar de modernização – verdadeira “palpitação de vida urbana” –, apesar das “preguiçosas” melhorias feitas pela prefeitura. O início dos 18 quilômetros entre Cascadura e a Rua do Ouvidor é cumprido com gracejo e vigor. Titio Arrelia, “um crioulo forte, espadaúdo, feio, mas simpático”, manobra as manivelas e solta pilhérias, fazendo a alegria dos passageiros. Garotos serelepes trepam no bonde e “dizem uma chalaça ao titio”, mas ele os “faz descer sem bulha nem matinada, graças a uma graçola”, dita e representada com estribilho.

Lima Barreto acompanha a viagem atento. Registra suas observações, e as publica em mais uma crônica na *Careta*, em 1922:

Ele [*titio Arrelia*] já não se contenta com o tímpano; assovia com os cocheiros dos tempos dos bondes de burro; e eu vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado.

No passado! Mas... o passado é um veneno. Fujo dele, de pensar nele, e o bonde entra com toda a força na embocadura do Manguê. A usina do gás fica ali e olho aquelas chaminés, aqueles guindastes, aqueles amontoados de carvão de pedra.²⁹⁵

²⁹⁵ BARRETO, Lima. “De Cascadura ao Garnier”. *Careta*, Rio de Janeiro, 29 jul. 1922. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., vol. II, pp. 540-541.

À medida que o bonde avança sobre o centro da cidade, porém, o motoneiro divertido e bonachão se aquieta: deixa para trás as piadas, não mais assovia. “Limita-se muito civilizadamente a tanger o tímpano regulamentar”. O bonde passa agora pelas palmeiras imperiais do canal do Mangue, introduzindo-se à modernidade que se forjava, corporificada nos prédios de arquitetura afrancesada e nos *boulevards* da Avenida Central, alguns metros adiante. Titio Arrelia não é mais o personagem divertido e bonachão de Cascadura. A cidade moderna exige gravidade, seriedade e modos. Não aceita mais que certos hábitos caracterizados como ronceiros – como andar descalço, falar alto, vender animais vivos e cuspir nas ruas – contrariem o rigoroso código de posturas municipais. O centro da cidade vivera, nos anos 1900, sob Pereira Passos, a experiência histórica do patrulhamento dos velhos costumes, movida pelo sonho bovarista de tornar o Rio um exemplo de “civilidade”, nos parâmetros da desejada Paris. Portanto, nada de gracejos. Resta-lhe somente “tanger o tímpano regulamentar”, de costas para o passado e rumo a um futuro que se apresentava como tábua de salvação e de redenção do país que há poucas décadas era escravista, monarquista e profundamente agrário.

O cronista registra com desconfiança e em tom melancólico a travessia da cidade. “O passado é um veneno. Fujo dele, de pensar nele...”, reflete. Trata-se de mais uma ironia de nosso escritor, constata, com o dedo em riste, o leitor: Lima Barreto não foge do passado, antes o tem por referência; evoca conscientemente passagens, registra atento os costumes de hoje e compara-os aos de ontem, um ontem às vezes idealizado e edulcorado, através do qual avalia o seu presente. Sua atividade de escritor é eminentemente memorialista, tanto de si próprio como da cidade, seu mundo real, vivido e sentido. É por isso que, mesmo “fugindo” do passado, irá mencionar as modificações ao longo da Estrada Real, de arrabalde agrícola a distrito residencial. Pinçará, em poucas linhas, dentro de uma crônica impressionista e ágil, a tensão entre um passado esquecido e um presente de novos usos e perspectivas:

... essa trilha lamacenta que, preguiçosamente, a Prefeitura Municipal vai melhorando, viu carruagens de reis, de príncipes e imperadores. Veio a Estrada de Ferro e matou-a, como diz o povo. Assim aconteceu com Inhomirim, Estrela e outros "portos" do fundo da baía. A Light, porém, com o seu bonde de "Cascadura" descobriu-a de novo e hoje, por ela toda, há um sopro de renascimento, uma palpitação de vida urbana, embora os bacorinhos, a fuçar a lama, e as cabras, a pastar pelas suas margens, ainda lhe deem muito do seu primitivo ar rural de

antanho.²⁹⁶

Por fim, a crônica estabelece, em torno do performático Titio Arrelia, uma antítese entre a semiesquecida Estrada Real de Santa Cruz e a Rua do Ouvidor:

Penetro pela Rua do Ouvidor. Onde os seus bácoros, as suas cabras, os seus galos e os seus capinzais? Não sei ou esqueci-me. Entro na Garnier e logo topo um poeta, que me recita:

— Minh'alma é triste como a rola aflita, etc.

Então de novo me lembro da Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos capinzais...²⁹⁷

Titio Arrelia, alegoria das tensões da urbe em transformação, traz à luz o velho problema da “cidade partida”. Não se trata, aqui, de testar a expressão em sua veracidade, mas de mergulhar numa perspectiva histórica complexa sob a qual o sentimento de se viver num espaço cindido ganhou forma e sentido. Para tanto, serão abordados neste capítulo alguns personagens, enredos, narrativas, ambientação que permitam analisar dimensões do olhar barretiano sobre os subúrbios.

Durante anos de intensa produção intelectual, a região jamais deixou de estar presente na obra de Lima Barreto. Três romances, escritos em períodos distintos, são exemplo disso: *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*, concluídos respectivamente em 1907, 1911 e 1922, apresentam questões diferenciadas ou recorrentes sobre os subúrbios. Eles falam da forma das ruas e das casas, de lutas por obras urbanísticas, de classes sociais em conflito e de hábitos e costumes da vida suburbana – e, nisso, ora desqualificam os subúrbios, ora revelam-nos, através de narrativas sarcásticas, comoventes e sóbrias, em sua complexidade. Também os contos e as crônicas sobre os subúrbios indicam posições conflitantes e permanentes. Neles, há diversos subúrbios, em suas múltiplas territorialidades; o narrador percorre, em especial, o bairro de Todos os Santos e seu entorno: Méier, Engenho de Dentro, Inhaúma, Encantado e Piedade; um pouco mais distante de Todos os Santos, estão Cascadura, Dona Clara (atual Campinho), Engenho Novo, Riachuelo, São Cristóvão e Bonsucesso. De modo ambivalente, nessa infinidade de subúrbios,

²⁹⁶ Idem, *ibidem*, p. 540.

²⁹⁷ Idem, *ibidem*.

há em alguns momentos um lugar único – “subúrbio”, no singular –, em contraponto à “cidade”, lócus da modernidade nascente.

3.1. Intérprete de um subúrbio distante

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá, escrito entre o final de 1906 e meados de 1907, é narrado em primeira pessoa pelo escriturário Augusto Machado. Trata-se de uma biografia do também escriturário Gonzaga de Sá, que, sem ter notoriedade pública, “possuía boas luzes e teve sólidos princípios de educação e instrução. Comparava opiniões do Visconde de Araguaia com as do Senhor Teixeira Mendes”.²⁹⁸ Gonzaga de Sá, como vimos no capítulo anterior, é “historiador-artista”: conhece como poucos as histórias e memórias do Rio, percorrendo ruas e becos em busca do tempo passado. O narrador Augusto Machado, também funcionário público, é jovem e mulato, na casa dos vinte anos. Em vida de Gonzaga de Sá, acompanhava-o em suas andanças pela cidade. Era, por assim dizer, seu “aprendiz sentimental”.

Por se tratar de um romance biográfico, tanto as ações principais – as andanças de Gonzaga de Sá e Augusto Machado – quanto as memórias do biografado – por sua vez apropriadas e recontadas por Augusto – ocorrem no passado. O romance entrelaça, nesse sentido, quatro tempos: o tempo mais profundo das reminiscências do personagem principal, que remontam aos dias do Império, do tráfico negreiro e de um Rio de ruas coloniais repletas de escravos; o tempo das ações que antecedem a morte de Gonzaga de Sá, na virada do século XIX; o tempo da escrita por Lima Barreto/Augusto Machado, entre 1906 e 1907; e o tempo da publicação, em 1919. Ao que tudo indica, Lima Barreto modificou nomes de personagens e trechos do livro. Mas, em sua essência, o texto publicado pelo editor Monteiro Lobato traz as marcas de um Lima Barreto de pouco mais de dez anos antes da publicação.²⁹⁹ Gonzaga de Sá

²⁹⁸ BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 568.

²⁹⁹ O contato entre Lima Barreto e Monteiro Lobato começa em setembro de 1918, com uma carta de Lobato, comentando o desejo de ter o escritor carioca entre os colaboradores da *Revista do Brasil*. Lima Barreto, ao aceitar o convite, ofereceu a Lobato os originais de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Este foi o único romance de Lima Barreto que, publicado em vida, não foi editado por ele próprio. Em diversas cartas, os escritores acertaram os detalhes do contrato. Lima Barreto recebeu 800 mil réis no ato da entrega dos originais e um conto de réis três meses após a publicação. Lobato ainda propôs 50% dos lucros líquidos ao autor, “pagáveis à medida que se forem realizando”. A *Revista do Brasil* ficou de datilografar o texto manuscrito e enviar a versão datilografada ao próprio Lima, para revisão. Essa chegou a ser feita no Hospital

morreu com cerca de sessenta anos; portanto, vivera sua juventude entre as décadas de 1850 e 1860, no auge do Segundo Reinado. Através dele, Lima Barreto compõe um romance profundamente histórico, já que saltam aos olhos as angústias do biógrafo e do biografado por um Rio de Janeiro em processo de mudanças urbanas e sociais.

Como profundo conhecedor de sua amada cidade, Gonzaga de Sá é *flâneur* de espaços multiformes – diversidade de vozes e de formas de vida com as quais ele, embora admire e algumas vezes estranhe, faz questão de provocar encontros, tornando-se assim, para ele próprio, mais carioca. Augusto Machado, na condição de quem se deixa levar pelo andarilho experiente, é (re)apresentado à cidade de nascença, que desponta na narrativa em sua diversidade de tessituras e de redes sociais distintas. A linguagem deste que, ao que tudo indica, foi um dos primeiros romances finalizados por Lima Barreto, possui uma presença poética mais forte do que os demais. É muito mais um romance de ideias e de sentimentos do que de personagens e tramas. O próprio desenvolvimento não linear do enredo confere a *Gonzaga de Sá* um estatuto diferenciado. A escrita é mais cuidadosa, e os cenários são descritos de forma mais densa. Não há, como nos demais romances do escritor, a nítida preocupação em ser claro e compreensível; há mais licença poética, mais traços de filosofia e menos ironia, ou um humor mais contido.

Na andança do biografado e do biógrafo pela cidade, os subúrbios do início do século XX são vistos à distância. Eles não são óbvios: precisam ser descobertos pelos próprios personagens. Os caminhos que levam aos subúrbios, em *Gonzaga de Sá*, não são os caminhos “naturais” que ligam os trabalhadores ao centro da cidade: a experiência de cruzar a cidade diariamente, em trens de primeira e segunda classe, é tema constante nos demais romances, em crônicas e nos registros íntimos do escritor; em *Gonzaga de Sá*, contudo, são as

Central do Exército, onde, entre o final de 1918 e o início de 1919, ele estivera internado, após sofrer um acidente. Nesse período, é bem possível que tenha modificado trechos do livro, conforme sugere o próprio Monteiro Lobato, em carta de 28 dez. 1918: “Recebi as últimas provas, e acabo de rever eu mesmo os primeiros capítulos do livro. Que obra preciosa estás a fazer!”. Apesar de localizar a ação no tempo presente (“estás a fazer”), há trechos de *Gonzaga de Sá* claramente retirados da primeira versão do romance *Clara dos Anjos*, de 1904. Os manuscritos originais de *Gonzaga de Sá* foram feitos em papéis timbrados da Secretaria da Guerra, e, segundo Francisco de Assis Barbosa, há uma datação clara, entre o final de 1906 (de quando data o prefácio do livro) e meados de 1907. O romance traz, portanto, a marca de um Lima Barreto anterior às publicações de *Isaiás Caminha* e *Policarpo Quaresma*. Três mil exemplares foram impressos e remetidos para todo o Brasil, sendo a maioria enviada para livrarias do Rio de Janeiro. Em 23 nov. 1919, Monteiro Lobato afirmou, em carta, que o livro tinha pouca saída: “O teu livro sai pouco, sabe por que? O título! O título não é psicologicamente comercial. Um bom título é metade do negócio. Ao ler o título de teu romance toda a gente supõe que é a biografia de... um ilustre desconhecido.” Sobre as cartas trocadas entre Lima Barreto e Monteiro Lobato, cf. BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*, op cit., tomo II, pp. 47-84. Ver também CAVALHEIRO, Edgar. “A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto”. *Folha da Manhã*, São Paulo, Ano XXIII, 14 set. 1947; 21 set. 1947; e 28 set. 1947. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1947/9/14/165>>. Acesso em: 29 maio 2011.

personagens centrais que invertem a “ordem natural” do trânsito entre o local de trabalho e o local de dormitório. Eles fazem uma incursão consciente em território suburbano, mas na condição de moradores da área central.

- Vamos ao Engenho da Penha? - pergunta Gonzaga de Sá.

- Onde é?

- Vocês só conhecem a Tijuca e Botafogo.³⁰⁰

Em tom provocativo, Gonzaga convida Augusto para conhecer a cidade em sua totalidade, a cidade real, com suas vicissitudes e encantos próprios. Os dois compram uma passagem de primeira classe até Bonsucesso. No caminho, observam os mangues esparsamente habitados, emoldurados, de um lado, pela Serra da Tijuca e, de outro, pela Baía de Guanabara. Ao longe, vê-se a Ilha do Governador e a Serra dos Órgãos, última paisagem que os olhos alcançam. Gonzaga de Sá inverte os valores: sua aversão a Petrópolis e Botafogo, lugares tidos como elegantes, contrapõe-se a um olhar que procura abarcar e compreender a cidade como um todo. Os subúrbios, entretanto, ocupam um lugar ambíguo na cidade, visto que não são propriamente urbanos, nem propriamente rurais, segundo os personagens.

Assim, vivendo todo o dia nos mínimos detalhes da cidade, o meu benévolo amigo conseguia amá-la por inteiro, exceto os subúrbios, que ele não admitia nem como cidade nem como roça, a que amava também com aquele amor de coisa d'arte com que os habitantes dos grandes centros prezam as coisas do campo.³⁰¹

Os subúrbios, com seu lugar ambíguo no imaginário da cidade, provocam a surpresa de Augusto Machado em outra passagem. Gonzaga de Sá voltara de lá com um exemplar da revista *Pesquisa*, de Cascadura – uma (má) brochura de sessenta páginas, com artigos sobre literatura, matemática, física, língua portuguesa e poesias. Machado pôs-se a folhear o periódico.

³⁰⁰ BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 574.

³⁰¹ Idem, *ibidem*, p. 577.

Não o fiz sem surpresa. Causava admiração que em tão detratado subúrbio se agitassem tantas ideias diferentes e novas. Gonzaga manteve-se calado, sem perder um só dos meus gestos. Gozava...

- Cascadura dando nota, hein?
- É verdade.
- À vista dos nossos grandes jornais e revistas catitas, a *Pesquisa*, de Cascadura, é uma bela publicação intelectual.³⁰²

A produção intelectual nos subúrbios é vista com estranheza e admiração por Augusto Machado – como algo exótico, que normalmente não chega até aos leitores do centro. Numa visão desqualificadora dos subúrbios, a existência de uma publicação como essa é tida não só como exceção, mas, talvez, como verdadeiro milagre.

Em outra viagem de trem, por conta do velório de um compadre de Gonzaga de Sá, Augusto Machado observa os passageiros do vagão lotado e acrescenta outras avaliações sobre a capacidade intelectual dos suburbanos. Na fila ao lado da sua, quatro sujeitos conversam, entre eles “um gordo senhor, com uma calva de sábio e uma barriga comercial e financeira. Era o mais tagarela”.³⁰³ Ele maldizia os políticos, o governo, a “vadiação” dos funcionários públicos e dos juízes corruptos. Uma brincadeira entre eles, a pretexto de um jornal que era lido por alguém do grupo, serve de motivo para uma enorme gargalhada conjunta. Augusto observa-os na condição de “curiosos personagens”; inveja a capacidade deles de rir por motivos banais, enquanto reflete sobre a profundidade e os mistérios das relações humanas. Finalmente, o trem ganha velocidade, e “o subúrbio já estava em movimento”. No caminho até a casa do finado, o narrador observa os passageiros que entram e saem, e as conversas que se engendram. Um homem, com um “grande anel simbólico no indicador”, discutia a “grande tese das raças”: “- Tem a capacidade mental, intelectual limitada; a ciência já mostrou isso”.³⁰⁴

Momentos depois, Augusto e Gonzaga de Sá chegam à estação de destino, de onde caminham até o velório do compadre. Augusto observa “graves homens de fisionomia triste, curvados ao peso da vida, sobraçando alongados embrulhos de pão”, caminhando ao seu lado “com o passo tardo, e econômico, poupado, de velhos bois de carro”. O olhar do narrador é direcionado ao horizonte próximo, onde ele vê outros “daqueles curiosos exemplares da nossa

³⁰² Idem, *ibidem*, p. 590.

³⁰³ Idem, *ibidem*, p. 601.

³⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 602.

humanidade”;³⁰⁵ em meio às pessoas, também vê bois, carregando verduras, carvão e lenha. A comparação sugerida entre os trabalhadores melancólicos e os bois de carro, ao passo que diminui o grau de humanidade daqueles homens, traça também uma distância entre o observador intelectualizado e as classes dominadas, distanciamento que parece nunca ter diminuído na experiência do escritor por trás do narrador.

Gonzaga de Sá promove, assim, uma descoberta dos subúrbios, como que por um viajante estrangeiro – embora o romance seja obra de um escritor que há alguns anos vivia lá. Os subúrbios são vistos à distância, que ora é física (quando é comentado à distância), ora é simbólica (quando, mesmo estando no local, a interação entre os personagens e a paisagem revela estranhamentos). Continuando o caminho até a casa do compadre de Gonzaga, Romualdo de Araújo, Augusto descobre que o arruamento dos subúrbios é “delirante”, e que há múltiplas temporalidades inscritas nas formas das casas e de toda a paisagem suburbana:

Uma rua começa larga, ampla, reta; vamos-lhe seguindo o alinhamento, satisfeitos, a imaginar os grandes palácios que a bordarão daqui a anos; de repente estrangula-se, bifurca-se, subdivide-se em feixes de travessas, que se vão perder em outras muitas que se multiplicam e oferecem os mais transtornados aspectos. Há o capinzal, o arremedo do pomar, alguns canteiros de horta; há a casinha acaçapada, saudosa da toca troglodita; há a velha casa senhorial de fazenda com as suas colunas heterodoxas; há as novas edificações burguesas, com ornatos de gesso, cimalha e compoteira, varanda ao lado e gradil de ferro em roda. Tudo isso se baralha, confunde-se, mistura-se, e bem não se colhe logo como a população vai-se irradiando da via férrea. As épocas se misturam; os anos não são marcados pelas coisas mais duradouras e perceptíveis. Depois de um velho 'pouso' dos tempos das cangalhas, depois de bamboleantes casas roceiras, andam-se cem, duzentos metros e vamos encontrar um palacete estilo Botafogo. O chalé, porém, é a expressão arquitetônica dos subúrbios.³⁰⁶

Em meio às formas suburbanas, o narrador avista crianças brincando nas ruas e, mais ao fundo, a casa do compadre de Gonzaga, um chalé com feições burguesas. No velório de Romualdo, Augusto encontra-se com uma moça, com quem inicia uma conversa. Falam sobre banalidades – a tarde, o calor – e a conversa encaminha-se para a vida urbana. A moça diz ter “saudades da cidade”, onde morou por muitos anos: “- É outra coisa. Que movimento! Carros, jardins para passear...”. Augusto diz não gostar de Botafogo; Alcmene, sua interlocutora, adoraria ter uma casa lá. Entre uma fala e outra, o narrador encanta-se pela moça – uma performance feminina inesperada frente a suas expectativas sobre o subúrbio: “Aquela

³⁰⁵ Idem, *ibidem*, p. 603.

³⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 604.

desenvoltura tão longe da rua do Ouvidor! Compreendia-se?”³⁰⁷

Após uma longa noite de velório, inicia-se um domingo “glorioso de luz”, em contraste ao aspecto mortuário da sala de Romualdo e à “indiferença glacial” com que Augusto Machado, inicialmente chocado com a questão da morte, encarava tudo. E a incursão do escriturário negro e de seu amigo aos subúrbios termina com o féretro do caixão de Romualdo até o cemitério, feito nas ruas empoeiradas do subúrbio e de trem, que velozmente atravessa as “paragens suburbanas”. Oito pessoas estiveram presentes até a Central; de lá até o Cemitério do Caju, sobraram apenas quatro.

O enterro de Romualdo finaliza a passagem de Augusto Machado pelos subúrbios. O olhar distante e “de fora”, porém, não é característico apenas dos primeiros anos em que Lima Barreto viveu na região e de suas incursões iniciais pelo romance. A percepção “exterior” à vida de seus moradores está presente mesmo em textos dos últimos anos de vida, nos quais o autor, acossado por problemas de saúde, passa a se ausentar da vida agitada no centro da cidade.

3.1.1. Intelectual desterrado...

Em 13 de março de 1919, poucos meses após obter sua aposentadoria, Lima Barreto recebeu em sua casa a reportagem do *Rio-Jornal*. O assunto era a “Liga Contra o *Foot-ball*”, cuja criação chegara a ser anunciada por ele e outros intelectuais.³⁰⁸ O repórter assim descreveu o lar do escritor: “A sua casa é modesta, porém clara e ampla, cercada de fruteiras e respirando sossego. A sua sala de trabalho, ao mesmo tempo dormitório, é também clara e ampla, tendo livros, móveis, quadros – tudo em ordem. A desorganização de Lima é para uso

³⁰⁷ Idem, *ibidem*, pp. 606-607.

³⁰⁸ Em 1919, num contexto de popularização do futebol, até então restrito à alta sociedade, Lima Barreto e um grupo de médicos, jornalistas e literatos pretenderam criar a “Liga Contra o *Foot-ball*”. Para Lima, o futebol estaria criando “distinções idiotas e antissociais entre os brasileiros”, potencializando conflitos de classe e de raça entre clubes e dentro dos próprios clubes. Em 1921, quando da proibição, pelo presidente Epiácio Pessoa, de que jogadores negros fizessem parte do selecionado que ia à Argentina participar de um campeonato, o escritor comentou, ironicamente: “É o fardo do homem branco: surrar os negros, a fim de trabalharem para ele. O *foot-ball* é assim: não surra, mas humilha, não explora, mas injuria e come as dízimas que os negros pagam”. Sobre o complexo investimento de Lima Barreto contra o futebol, aqui tratado *grosso modo*, cf. PEREIRA, Leonardo Affonso M. de. “O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro”. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso M. de (orgs.), *op cit.*, pp. 195-231; em esp., pp. 209-216.

externo”.³⁰⁹

O próprio escritor dera à sua casa, na Rua Major Mascarenhas, o título de “Vila Quilombo”, que escolhera “para enfezar Copacabana”. Numa crônica de 1921, publicada na *Careta*, ele assim descreve a “casa apalaçada” onde vivia:

Mandei-a construir no antigo estilo campestre português, a conselho do meu amigo José Mariano, com largos beirais, pesadas telhas de calha, largas janelas e alguns arrebiques modernos. Tem dous pavimentos, tanto no edifício principal, como num secundário, onde está a casa das “fornalhas” e outros aposentos de utilidade. Os dois corpos da sala são ligados por um passadiço do mesmo gosto que ela. Olha o “Quilombo” a Serra dos Órgãos e, dos fundos, por cima do casario suburbano, avistam-se as montanhas do Andaraí. É preciso ficar sabido que o meu “Quilombo” se ergue na extremidade de uma pequena eminência sobre a velha Estrada Real de Santa Cruz: embaixo, na ponte, passa, relinchando, zumbindo, chacolhando, o bonde elétrico de Inhaúma, cujo cemitério vejo logo ao amanhecer, quando desperto, para bem me lembrar da minha precíval condição de homem; e à esquerda, a “lombada” cai a pique, devido a um corte para a passagem de um ramal férreo. (...) ³¹⁰

Entre 1902 e 1919, era comum que o escritor passasse dias e noites nas ruas do centro, por conta do trabalho, da vida literária, do gosto de flunar pela cidade e pelos hábitos boêmios. Mas o Lima Barreto dos últimos anos de vida se diz sobretudo caseiro. Após duas internações no hospício, devido a alucinações, e sendo vítima permanente do vício do álcool, sua saúde não era mais a mesma. A aposentadoria precoce, aos 38 anos, veio desses problemas. O Lima Barreto dos últimos anos é mais sedentário: não deixa de visitar o centro da cidade e de frequentar cafés, bares e biroskas; mas passa mais tempo em seu quarto – evitando as grandes caminhadas pela cidade – e em andanças pelos subúrbios.

A produção intelectual desses anos – bem mais ativa do que nos anos anteriores, já que o escritor, livre e desimpedido, intensifica a colaboração em jornais e revistas – ainda trata de múltiplos aspectos da vida política do Brasil e do exterior, e do cotidiano do Rio. O Lima Barreto desse período é leitor voraz de jornais e revistas, além de receber, às dezenas, livros de escritores e intelectuais, em relação aos quais estabeleceu uma relação de diálogo e afeto. Mas há, agora, uma tendência maior ao assentamento.

É por essa época que se tornam ainda mais frequentes as crônicas e tramas sobre o

³⁰⁹ *Apud* BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 333.

³¹⁰ BARRETO, Lima. “Graças a Deus!”. *Careta*, Rio de Janeiro, 17 set. 1921. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, pp. 412-413.

cotidiano dos subúrbios cariocas. Em 1920, numa crônica sobre livros de viagens, ele revela, com o delicioso humor de sempre, essa quietude dos últimos anos:

... já me sinto muito viajado em torno do meu próprio quarto; já sei muito bem que ele é a vastidão do meu mundo e que a essa vastidão me devo condenar. Antigamente ainda ia a Niterói; cheguei até a projetar uma longa viagem a Petrópolis; hoje, porém, nem mais esse desejo tenho. Fico no meu canto e a maior viagem que faço, é ir, de onde em onde, ao centro da cidade. Não julguem que seja pequena; não é. De onde moro até à Rua do Ouvidor, há bem duas léguas.³¹¹

Lima frequentava a venda do “seu” Carlos Ventura, na Rua Piauí, nas proximidades da Estrada Real de Santa Cruz, mais tarde denominada Avenida Suburbana. Lá, lia os jornais pela manhã, enquanto observava a vida do subúrbio, emoldurado, ao longe, pela Serra dos Órgãos. “Aposentado e satisfeito da vida, logo, nas primeiras horas, a minha satisfação é visitá-las [*vendas e botequins*] na minha redondeza”. Ao amigo Alípio, o ajudante de “seu” Ventura, Lima Barreto diz pregar “todas as doutrinas subversivas que me vêm à cabeça; e ele me ouve e medita”.³¹² Referia-se aos interlocutores da região como “alguns meus conhecidos e amigos de modesta condição, que me dão a honra de ouvir, nas vendas e botequins, as minhas prédicas sociais e políticas”.³¹³

Na passagem a seguir, também de 1920, o autor transforma em ficção, com traços caricaturais, uma representação de si mesmo, intelectual desterrado no “subúrbio longínquo”, mas, pouco a pouco, “afeiçoado” a ele:

Logo depois de me aposentar, eu me retirei com os meus livros e papéis para um subúrbio longínquo. Aluguei uma casa, em cujo quintal tinha uma horta e um galinheiro, tratados por mim e pelo meu fiel Manuel Joaquim, um velho português que não ficou rico. Nos lazeres das minhas leituras, trabalhava nos canteiros e curava a bouba dos meus pintos. Fui ficando afeiçoado na redondeza e conversava com todos os que se chegavam a mim. Aos poucos, fui pregando, de forma que lhes fosse mais acessível, aos meus vizinhos as minhas teorias mais ou menos niilistas e budistas.³¹⁴

³¹¹ BARRETO, Lima. “Livros de viagens”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1920. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, p. 165.

³¹² BARRETO, Lima. “Atribuições de um vendeiro”. *Careta*, Rio de Janeiro, 27 set. 1919. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, pp. 27-28.

³¹³ BARRETO, Lima. “Sobre o carnaval”, op cit., p. 333.

³¹⁴ BARRETO, Lima. “Os precalços do budismo”. *Careta*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1920. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, pp. 110-112.

Os diálogos literários nos cafés e confeitarias da Rua do Ouvidor, dos quais tanto participou nos anos anteriores, são transferidos para uma venda de aspecto “roceiro” no subúrbio; a relação, agora, não é mais entre intelectuais boêmios, mas entre um intelectual e o “povo”, pessoas da mesma condição social que a dele, mas sem os mesmos interesses compartilhados com a comunidade letrada e intelectualizada das ruas do Centro. Nessa relação, Lima atua como um intérprete e narrador do subúrbio para uma plateia imaginada fora dele. Não é à toa que se refere ao local onde mora, quase sempre, como “lá”, “aquele” local. Quando se trata de uma narrativa em primeira pessoa, a estrutura é construída sempre pela perspectiva do observador de fora, uma espécie de viajante estrangeiro em seu próprio território. Essa marca narrativa estará presente, desde *Gonzaga de Sá*, em vários contos, romances e crônicas do autor.

É novamente Lima Barreto que, por meio da velha ironia mordaz, imagina um diálogo entre dois escritores. Um deles – o próprio Lima – diz estar desgostoso da vida no subúrbio, onde os vizinhos usam e abusam de suas habilidades intelectuais:

- Você não imagina como sou assediado no bairro modesto em que moro. As crianças me pedem livros de 'histórias', os marmanjos querem cartas para as namoradas; as moças querem versos; os velhos perguntam-me se tenho *O judeu errante* ou *Os doze pares de França*. (...)

Os dois amigos conversavam numa sala pobre de casa pobre, cuja única riqueza eram livros. (...)

- De resto, ainda por cima, sou perseguido pelos poetas incipientes. Eles me invadem a casa, com os seus poemas e novelas; convidam-me para isso e para aquilo; e, quando lhes dou uma opinião sincera, zangam-se e me desfeiteiam. Um inferno, Deus dos céus!³¹⁵

É nessa relação específica – relação de poder – que Lima Barreto registrou e fixou a vida do “subúrbio distante” – distante do interlocutor imaginado, mas muito próximo ao próprio escritor. Nesse sentido, destrinchou ao seu modo a oposição entre o subúrbio ronceiro e o centro moderno, entre hábitos tidos como provincianos e uma cidade regida por novos modos de vida – Titio Arrelia, personagem que se transforma no caminho entre Cascadura e o Garnier, é alegoria por excelência dessa duplicidade.

Uma das principais dimensões da vida cultural dos subúrbios, presente na obra do

³¹⁵ BARRETO, Lima. “Atribulações de um autor”. *Careta*, Rio de Janeiro, 10 set. 1921. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, pp. 408-409.

escritor, são as feiras e os mafuás.³¹⁶ As feiras livres ocorrem em toda a cidade, diminuindo a distância entre o produtor e o consumidor. Sobre os mafuás, Lima Barreto afirma que são originários das “antigas barraquinhas” do Campo de Santana, onde se vendiam animais, como galinhas, perus, marrecos, leitões, cabras; além de rendas, potes e fitas – quase sempre por ocasião de festas religiosas. “Veio a República, e logo as novas autoridades acabaram com aquela folgança de mês. A República chegou austera e ríspida”.³¹⁷ Entretanto, essas barraquinhas sobrevivem no subúrbio, como um aspecto “pitoresco”. Não são mais mensais, e sim “domingueiras”. E, não raro, são chamadas de “mafuá dos padres”³¹⁸, já que constituem um excelente meio de arrecadação para obras paroquiais. O escritor diz conhecer dois mafuás, nos bairros do Méier e do Engenho de Dentro.

Funciona aos domingos e é a festa, o passeio domingueiro, por excelência, do povo dos subúrbios. Toda aquela humilde gente que lá se acantona da melhor maneira possível, fustigada pelo látego da vida, durante toda a semana, encontra no domingo de 'mafuá' um derivativo de alegria e consolação para as suas mágoas, necessidades e tormentos morais.

Nas tardes em que eles funcionam, os bondes mastodônticos da Light chegam nas proximidades deles, apinhados de passageiros de outros subúrbios, onde não os há; e despejam uma multidão, que se vai colear por entre as barracas, sob a luz firme de focos elétricos, ao compasso de uma charanga rouca e estridente, a espaços, olhando avidamente para aqueles objetos tentadores das barracas piedosas, na sua primeira tentação. (...)

Essa suburbana folgança domingueira acaba cedo, às dez horas da noite; e, então, é de ver-se o desfile daquela gente, a maioria cheia de decepções, mas uma boa parte carregando despretensiosamente patos, perus, galinhas e leitões que grunhem, enquanto galinhas e galos, mais adiante, cacarejam.³¹⁹

É nessa mesma condição de intelectual desenraizado que Lima Barreto observa e registra, como sempre o fez em sua trajetória, as conversas nos trens. No caso a seguir, ele apresenta as pequenas rugas entre moradores, em defesa do subúrbio específico em que cada um mora (há muitos subúrbios no subúrbio):

³¹⁶ *Feiras e Mafuás* é, inclusive, o título escolhido pelo escritor para uma coletânea de crônicas sobre a cidade do Rio. Boa parte delas, embora não todas, foram publicadas na imprensa. Os originais de *Feiras e Mafuás* foram entregues, pelo escritor, ao editor Francisco Schettino em 1922, mas a primeira edição, feita pela Editora Mérito, é de 1953.

³¹⁷ BARRETO, Lima. “Feiras e mafuás”. [*Gazeta de Notícias*], Rio de Janeiro, [28 jul. 1921]. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, pp. 385-386.

³¹⁸ BARRETO, Lima. “No 'mafuá' dos padres”. *Careta*, Rio de Janeiro, 11 out. 1919. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. II, pp. 34.

³¹⁹ Idem, *ibidem*.

As conversas de trem são quase sempre interessantes. A mania dos suburbanos é discutir o merecimento deste subúrbio em face daquele. Um morador do Riachuelo não pode admitir que se o confunda com um do Encantado e muito menos com qualquer do Engenho de Dentro.

Os habitantes de Todos os Santos julgam a sua estação excelente por ser pacata e sossegada, mas os do Méier acusam os de Todos os Santos de irem para o seu bairro tirar-lhe o sossego.³²⁰

Também os trens – e suas estações – foram frequentemente observados e tratados por Lima Barreto em diversas crônicas e textos ficcionais. Na perspectiva do autor, é possível vislumbrá-los, para além de mero aparato técnico, na condição de espaços de hierarquia, de convenções, encontros, experiências e hábitos. As estações passam a ser a marca da vida local, elemento constitutivo de identidades suburbanas e identificações do suburbano. Nos bairros que se criam às margens dos trens, a estação é o centro irradiador: determina a direção do crescimento, dá o tom e o tônus da mancha urbana. A vida econômica e social é impulsionada pelas centenas ou milhares de pessoas que as estações absorvem dos subúrbios todas as manhãs, para então devolvê-las à tarde, ao fim do expediente na “cidade”. Confeitarias, pensões, lojas de “secos e molhados”, de tecidos, sociedades bancárias, jornais, restaurantes, alfaiatarias, teatros e cinemas – há uma vida que pulsa ao redor e ao sabor das estações.

Na produção cronística de Lima Barreto, há o registro dessa percepção. “Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida”. Essa crônica “A estação”, de outubro de 1921, possui tom de estudo e de observação da vida no subúrbio, quase um registro etnográfico dos arredores onde o próprio autor vivia desde 1902, no qual ele reconhece a importância dos trens na formação e na vida social dos subúrbios. Espaços de encontro e mistura de classes, de entreolhares, de conversas cotidianas, os vagões dos trens cruzam territórios e definem bairros. As estações são o centro gravitacional da vida suburbana, o núcleo de onde irradiam ruas tortuosas, com seus *chalets* e casas comerciais. “Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda”.³²¹ Não só a economia, mas os encontros, as conversas corriqueiras se realizam em torno das estações de trens.

³²⁰ BARRETO, Lima. “Os outros”. *Careta*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1915. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op cit., vol. I, pp. 253-254.

³²¹ BARRETO, Lima. “A estação”. [*Gazeta de Notícias*], Rio de Janeiro, [6 out. 1921]. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Toda crônica*, op. cit., vol. II, p. 439.

3.1.2. ... e cidadão suburbano

Na relação ambígua que manteve com os subúrbios, Lima Barreto foi mais do que simples intérprete. Por inúmeras vezes, fez-se porta-voz das demandas da população suburbana, claramente à margem dos melhoramentos urbanos promovidos pela prefeitura. Por isso, utilizou-se da velha ironia, não só para tratar da dimensão social da vida nos subúrbios, mas igualmente para chamar a atenção da municipalidade – e, de certa maneira, de seus pares intelectuais de fora dos subúrbios – para a precariedade da vida na região.

Especialmente a partir do fim da década de 1910, a denúncia do abandono dos subúrbios pelos sucessivos prefeitos da cidade torna-se mais aguda na obra de Lima Barreto. Um de seus alvos preferidos, nesse sentido, é Carlos Sampaio (1861-1930), que governou o Rio entre 1920 e 1922. Sampaio tinha a missão de preparar a cidade para a exposição internacional em homenagem ao centenário da Independência do Brasil. Um de seus “legados” foi o arrasamento do Morro do Castelo, concluído em 1922.

Embalada pelo discurso higienista, a obra permitiria, segundo os engenheiros, facilitar a locomoção de pessoas e mercadorias na área entre o porto, o centro e os bairros próximos à Avenida Beira-Mar. Na prática, havia a intenção deliberada de desconstruir centenas de anos de memória, materializada em igrejas, casarões e outros símbolos da colonização portuguesa. Do ponto de vista histórico, importantes monumentos foram destruídos. Além disso, a República queria afastar do centro a massa de moradores pobres, muitos deles remanescentes da escravidão, remanejando-os para áreas mais distantes no centro e nos subúrbios. A medida era bastante coerente com todo o processo de modernização autoritária levado a cabo pelos detentores do poder durante a Primeira República.

Mas o que mais revoltava Lima Barreto era a maneira como, segundo ele, as reformas favoreciam algumas regiões em detrimento de outras. Por isso, faz de suas crônicas um *front* de combate a obras de embelezamento, não pelo quê de melhoria que traziam, mas por serem direcionadas às áreas ocupadas pela elite cosmopolita e “moderna” da capital federal.

Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a europeia e a outra, a indígena. (...)

Todo o dia, pela manhã, quando vou dar o meu passeio filosófico e higiênico, pelos arredores da minha casa suburbana, tropeço nos caldeirões da rua principal da localidade de minha residência, rua essa que foi calçada há bem cinquenta anos, a pedregulhos respeitáveis.

Lembro-me dos silhares dos caminhos romanos e do asfalto com que a Prefeitura Municipal está cobrindo os areais desertos de Copacabana.

Por que será que ela não reserva um pouquinho dos seus cuidados para essa útil rua das minhas vizinhanças, que até é caminho de defuntos para o cemitério de Inhaúma? Justos céus! Tem acontecido com estes cada cousa macabra! Nem vale a pena contar.³²²

As críticas a Carlos Sampaio também põem em xeque os transportes. “Quem quiser, pode ir comodamente de automóvel da Avenida a Angra dos Reis, passando por Botafogo e Copacabana; mas, ninguém será capaz de ir a cavalo do Jacaré a Irajá”.³²³ A crônica expõe o abandono de sua rua suburbana e o privilégio dado aos “areais desertos” de Copacabana. O prefeito é comparado a dirigente de algum país oriental colonizado por potências europeias, como a “Zambézia” ou a “Cochinchina”. As cidades desses locais seriam bem administradas se cumprissem bem o seu papel de garantir as benfeitorias da elite branca das metrópoles de origem e mantivesse as condições de vida dos nativos, “gente mais ou menos amarela e negra”. Daí a sua conclusão, ao modo satírico, de que os dirigentes republicanos reproduziam, aqui, um modo de administração proveniente de países colonizados, favorecendo os já favorecidos e de costas para a maioria dos habitantes locais.

Mas o que mais chama atenção nessa crônica é um trecho escrito *au passant*, sem desenvolvimento posterior. “Penso que, nessa predileção dos prefeitos por Copacabana, há milonga; mas nada digo, porquanto tenho aconselhado aos meus vizinhos proprietários que a usem também”.³²⁴ Lima Barreto afirma que os moradores de Copacabana recebiam mais atenção da prefeitura porque reclamavam melhoramentos – a “milonga” –, e recomenda a seus “vizinhos proprietários” a mesma ação.

Segundo Maurício Abreu, inúmeras associações de moradores surgiram nos subúrbios desde o início dos anos 1910. Tal fenômeno teria se acelerado com o passar dos anos. Essas associações nasciam, não raro, das lutas dos moradores por investimentos em melhorias urbanísticas em seus bairros de origem. A imprensa publicada nos bairros suburbanos constituía uma prática aglutinadora de apoios e de contestação ao poder. Esses grupos

³²² BARRETO, Lima. “O prefeito e o povo”. *Careta*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1921. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., vol. II, p. 294.

³²³ Idem, *ibidem*, p. 295.

³²⁴ Idem, *ibidem*, p. 294.

suburbanos exigiam os mesmos “melhoramentos” concedidos às regiões mais favorecidas. Por isso, os muitos jornais suburbanos daquele tempo, como o *Echo Suburbano* e alguns outros, devem ser lidos não como meros registros da realidade, mas como evidências da atuação de grupos sociais dos subúrbios descontentes com o tratamento recebido da municipalidade.³²⁵

Não há evidências do envolvimento de Lima Barreto nessas organizações populares. Mas é inegável que, na condição de intelectual lido (e conhecido) pelas rodas letradas da cidade, ele tenha se irmanado a essas lutas. Lima se fez, em alguns momentos, porta-voz de reivindicações dos moradores dos subúrbios. Em maio de 1922, reclama do mau tratamento dado à Avenida Suburbana (antiga Estrada Real de Santa Cruz). Mais especificamente, do fato de a prefeitura investir no calçamento de uma fábrica recém-construída entre Todos os Santos e Inhaúma, ao preço de entulhar a via pública de cascalho e prejudicar a circulação de carros.³²⁶

Frequentemente, Lima Barreto se coloca como o franco atirador em prol dos melhoramentos dos subúrbios, servindo-se do melhor de seu humor satírico. Em crônica de 1920, o autor “transcreve”, de forma acidamente humorada, uma carta póstuma escrita por um morador do subúrbio do Méier, “recém-falecido”, para o prefeito do Distrito Federal:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Distrito Federal. Sou um pobre homem que em vida nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma. Nunca exerci ou pretendi exercer isso que se chama os direitos sagrados de cidadão. Nasci, vivi e morri modestamente, julgando sempre que o meu único dever era ser lustrador de móveis e admitir que os outros os tivessem para eu lustrar e eu não. (...)

Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar depois de minha morte um sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais.³²⁷

Segundo o nosso pacato cidadão suburbano, “é bom, meu caro Senhor Doutor

³²⁵ Cf. ABREU, Maurício. “A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930)”. *Revista Espaço e Debates*. São Paulo: NERU, Ano VII, vol. 1, nº 21, 1987; e MACIEL, Laura Antunes. “Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado”. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj/EdUFF, 2010, pp. 187-218.

³²⁶ BARRETO, Lima. “Melhoramentos”. *Careta*, Rio de Janeiro, 27 maio 1922. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., v. II, p. 523.

³²⁷ BARRETO, Lima. “Queixa de defunto”. *Careta*, 20 mar. 1920. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., vol. II, p. 157.

Prefeito, viver na pobreza, mas muito melhor é morrer nela”.³²⁸ Mas a postura de “não dar trabalho às autoridades públicas” acaba quando a tranquilidade do defunto é interrompida abruptamente. Durante o cortejo fúnebre, de passagem pela Rua José Bonifácio em direção ao cemitério de Inhaúma, eram tantos os buracos e tamanha a precariedade do calçamento que o nosso defunto-autor, depois de muitos solavancos, chega ao cemitério cheio de arranhões pelo corpo. Segue o relato:

O bom e velho santo interpelou-me logo:

- Que diabo é isto? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem-comportado – como é então que você arranhou isso? Brigou depois de morto?

Expliquei-lhe, mas não me quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno.

Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha vivido a vida mais santa possível...³²⁹

O uso do humor parece reforçar a necessidade de insurgência contra o abandono imposto pelo prefeito. Eu também diria que a metáfora do “defunto-autor” serviria para conclamar os moradores dos subúrbios, pouco organizados segundo a visão de Lima Barreto, a fazer valer seus direitos de cidadãos, tal como o “tranquilo” defunto, ex-morador de Boca do Mato.

Em outra crônica, publicada em agosto de 1922, Lima Barreto narra uma estória tida como “real” nos subúrbios, sendo aparentemente conhecida e transmitida entre parte de seus habitantes. Interessado em apresentar aos seus leitores os “exóticos” cortejos fúnebres locais, o escritor conta a história do defunto que, devido a um “trambolhão” causado por um buraco na mesma Rua José Bonifácio, acorda de seu sono eterno e é devolvido ao “inferno” da vida mundana. Ao despertar, ele diz:

Desgraçada municipalidade de minha terra que deixas este calçamento em tão mau estado! Eu que ia afinal descansar, devido ao teu relaxamento volto ao mundo, para ouvir as queixas da minha mulher por causa da carestia da vida, de que não tenho culpa alguma; e sofrer as impertinências do meu chefe Selrão, por causa de suas hemorroidas, pelas quais não me cabe responsabilidade qualquer! Ah! Prefeitura de uma figa, se tivesses uma só cabeça havias de ver as forças das minhas

³²⁸ Idem, ibidem, vol. II, p. 158.

³²⁹ Idem, ibidem.

munhecas! Eu te esganava, maldita, que me trazes de novo à vida!³³⁰

É nas ruas que Lima Barreto flagra a lenta e insuficiente integração dos subúrbios à cidade. A luta por melhoramentos consistia também na luta pela construção de novas linhas de bonde, eletrificação, telefonia, pavimentação e rede de água, dentre outros equipamentos urbanos. Titio Arrelia, personagem que escolhi para iniciar este capítulo, é uma alegoria das diferenças entre o que se via como os “arcaicos” subúrbios e a moderna capital – espaços sempre vistos como estanques.

A Estrada Real de Santa Cruz representa a tortuosidade desses caminhos. Era uma via de muitas curvas, margeada por árvores e matagais, que lentamente vivia a sua integração à “vida moderna”. Lima Barreto, não raro, conversava com vizinhos na esquina entre a Rua José Bonifácio e a Estrada Real. Morava na Major Mascarenhas, pequena ladeira situada próximo a essa esquina. Como outras, essa também possuía calçamento precário e, em dias de chuva, enchia-se de lama.

Crítico da modernização excludente empenhada pela República, muitas vezes o escritor fazia uso do passado “imperial” da cidade, como contraponto à nova realidade que se configurava. “Essa estrada real, estrada de rei, é atualmente estrada de pobres; e as velhas casas de fazenda, do alto das meias-laranjas, não escaparam ao retalho para a casa de cômodos”. Os subúrbios vão aos poucos se integrando à modernização capitalista, fato que o escritor vê com desconfiança. O avançar da nova ordem não representa melhorias efetivas para toda a população. Ao contrário: o “retalho” das fazendas, sítios e grandes terras sem uso é feito para assentar os excluídos da ordem, procurando afastá-los do “mundo civilizado” e agrupando-os em espaços longínquos – o “Mato Grosso” do Rio de Janeiro, entreolhado com desdém pelo restante da cidade e denunciado sem disfarces pela imprensa suburbana da época.

A contraditória incorporação dos subúrbios revela as mazelas da pauperização crescente das chamadas classes populares, sujeitas muitas vezes a trabalhos esporádicos e mal remunerados. Tutu, mulato “quase preto”, carvoeiro em Irajá, é exemplo de “iniciativa” e “vigor” no trabalho. Está sempre para cima e para baixo com sua carroça carregada de carvão. Personagem do conto “Manel Capineiro”, publicado em 1915, é bem possível que Lima

³³⁰ BARRETO, Lima. “Os enterros de Inhaúma”. *Careta*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1922. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., p. 555.

Barreto tenha cruzado, na venda da esquina, com tipos como Tutu – ou mesmo “Parafuso”, domador de cavalos, “seu” Antônio do Açogue e o português Manel Capineiro. Este recolhe o capim das redondezas à tarde, vendendo-o aos fregueses a partir da madrugada. Trabalhador “zeloso”, tem saudades de sua aldeia portuguesa. Possui afeto por seus bois, que possibilitam a existência do seu trabalho. Ao fim do conto, porém, lhe é destinado um fatal desfecho. Numa madrugada, ao atravessar a estrada de ferro, é surpreendido por um trem expresso que, implacavelmente, “inflexível, inexorável”, matou seus bois. “Ai, mô gado! Antes fora eu!...”³³¹, diz aos choros o português, num final comovente.

Talvez a modernização – vista naquele momento como a precarização do espaço suburbano, e não a resolução dos problemas locais – seja vista por Lima Barreto como “inexorável, inflexível”. No entanto, ele não se ausenta de denunciar esse processo. A morte dos bois de Manel Capineiro parece simbolizar o desaparecimento de um subúrbio rural, com seus tipos e ofícios específicos. Ao mesmo tempo, porém, anuncia a continuidade dessa existência rural. A própria natureza padece dos efeitos deletérios da reformulação da cidade: apesar de aos poucos banir o verde da paisagem suburbana, nem por isso o desenvolvimento de serviços urbanos de infraestrutura, capazes de integrar a população à nova ordem, conseguiriam avançar. Os subúrbios são, por essa situação de carência, o espaço no qual Lima Barreto investe, nos anos 1910 até sua morte, em 1922, o seu fazer literário, procurando torná-los presentes na vida da cidade.

É inegável, nesse sentido, o alinhamento entre Lima Barreto e vozes da imprensa suburbana. Ambos, no que tange à necessidade de melhoramentos, falam a mesma linguagem, se apropriam de discursos semelhantes. A imprensa suburbana lamenta a alcunha de “Mato Grosso” do Distrito Federal, uma imagem dos subúrbios como sertões – espaços distantes, atrasados, de hábitos e costumes estranhos e contrários ao desejável pela “civilização” – presente inclusive na fala de higienistas que, nos anos 1910, debatiam o “quadro sanitário nacional”. Homens como Carlos Chagas, Monteiro Lobato e Belisário Pena incluíam as periferias urbanas no rol das regiões que deveriam receber a atenção das autoridades, alimentando a “promessa de uma capital saneada e civilizada”. Por outro lado, moradores dos subúrbios se queixavam das péssimas condições sanitárias, solicitando a instalação de serviços básicos de água e esgoto, por exemplo. Parte dos intelectuais que discutiam o “saneamento” do país via os subúrbios como os sertões onde seria possível realizar as idealizadas reformas, ao passo que seria difícil alcançar os habitantes dos “sertões” mais

³³¹ Idem, *ibidem*, p. 1059.

profundos do país. Nesses mesmos anos, a imprensa suburbana reivindicava melhorias de infra-estrutura capazes de integrar de fato aquelas regiões ao restante da cidade.³³²

Lima Barreto, além de solicitar melhoramentos, agrega à sua fala o repúdio ao desmatamento aparentemente desenfreado causado pelo crescimento urbano e suburbano. Por isso, em alguns momentos fortalece a memória dos subúrbios cobertos por bambuais, jasmineiros e mangueirais, que pouco a pouco caem dando lugar a casas e vendas. Mas não só:

Os subúrbios e arredores do Rio guardam dessas belas coisas roceiras, destroços como recordações.

A Rua Barão de Bom Retiro, que vem do Engenho Novo a Vila Isabel, dá a quem por ela passa uma amostra disso.

Não se diga que tudo isso desapareceu para dar lugar a habitações; não, não é verdade. Há trechos e trechos de terras abandonadas, onde os nossos olhos contemplam esses vestígios das velhas chácaras da gente importante de antanho que tinha esse amor fidalgo pela “casa” e que deve ser amor e religião para todos.³³³

Neste sentido, ao reclamar o descaso com que os velhos ricos dos subúrbios descuidam de suas antigas propriedades, Lima Barreto acaba mapeando as mudanças sociais nesses espaços – aqui, então, os “subúrbios” são entendidos pelo autor não como regiões próximas às estradas de ferro, mas todos os “arrabaldes” da cidade, Botafogo e Tijuca incluídos. As chácaras de gente rica vão se escasseando, ao passo que cresce a ocupação por pessoas mais pobres, incapazes, para ele, de manter esse “culto” à natureza. Os antigos proprietários vão mais e mais deixando seus terrenos ao léu, dando aos subúrbios ar de abandono. Ainda assim, sendo “inexorável” a expansão da cidade, Lima Barreto questiona por que os melhoramentos de fato ocorrem nos “areais” da cidade, como Copacabana, Ipanema e Leblon, quando deveriam privilegiar o restante da cidade, carente de atenção.

Aos famosos melhoramentos que têm sido levados a cabo nestes últimos anos, com raras exceções, tem presidido o maior contrassenso.

Os areais de Copacabana, Leme, Vidigal etc., é que têm merecido os carinhos de reformadores apressados. (...)

É preciso não cessar em profligar tal erro; tanto mais que não há erro, o que

³³² A respeito dos periódicos publicados nos subúrbios, v. MENDONÇA, Leandro Clímaco. *Para longe do Centro: experiências populares com periodismo na urb carioca (1880-1920)*. Niterói: UFF (Dissertação de mestrado em andamento), mimeo, 2011.

³³³ BARRETO, Lima. “O cedro de Teresópolis”. Rio de Janeiro, 27/2/1920. *Apud*: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), op. cit., vol. II, p. 130.

há é especulação, jogo de terrenos, que são comprados a baixo preço e os seus proprietários procuram valorizá-los num ápice de tempo, encaminhando para eles os melhoramentos municipais.

Todo o Rio de Janeiro paga impostos, para que tal absurdo seja posto em prática; e os panurgianos ricos vão docilmente satisfazendo a cupidez de matreiros sujeitos para quem a beleza, a saúde dos homens, os interesses de uma população nada valem.³³⁴

3.2. Tensões de classe nos subúrbios

A imagem que Lima Barreto constrói a respeito da “aristocracia” suburbana pode ser resumida em uma expressão formulada por Pierre Bourdieu e Jean-Claud Passeron: a classe média é “dominante entre os dominados e dominada entre os dominantes”.³³⁵ No caso do Rio de Lima Barreto, é uma aristocracia cujo domínio não ultrapassa os limites espaciais dos subúrbios, porque se anula no contato com a “verdadeira” aristocracia de Botafogo e Petrópolis, aos quais ela quer imitar. Os limites desse poder são vistos nos mafuás – o lazer suburbano nas manhãs de domingo, agregando “ricos” e “pobres” locais. Num desses encontros, ritualiza-se a diferença entre os mais humildes, a classe média suburbana e – de acordo com o olhar barretiano – a “legítima” aristocracia dos bairros nobres:

A feira estava no seu auge. Dos bondes desciam moças e senhoras aos magotes. Todas bem vestidas e agasalhadas convenientemente. Os automóveis chegavam buzinando. Vi descer deles gente que não era positivamente suburbana. Todas vinham, certamente, de do Leme ou de Ipanema.

A modesta burguesia suburbana olhava esse pessoal que se diverte, com susto e, ao mesmo tempo, com estranha curiosidade.³³⁶

Faz sentido, então, afirmar que o distanciamento de Lima Barreto em relação aos “magnatas suburbanos” é coerente com o olhar crítico sobre os vícios sociais da capital federal, microcosmo do país. Mais especificamente, liga-se ao seu projeto permanente de dissecação da “mania de doutor”, simbolizada pelo brilho sedutor e vazio do anel verde.

³³⁴ Idem, *ibidem*, p. 131.

³³⁵ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Editorial Vega, 1978.

³³⁶ BARRETO, Lima. “Feiras e mafuás”. *Gazeta de Notícias*, 23 jul. 1921. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.), *op cit.*, vol. II, p. 389.

Lima Barreto dedicou-se a observar e a narrar os projetos da “aristocracia suburbana” e das famílias remediadas pelo menos em dois romances, nos quais fica mais nítida essa preocupação: *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*. Ambos têm como *comunidade cognoscível* – conceito proposto por Raymond Williams – notadamente essa rede social dos subúrbios. Conforme sugere Williams, os personagens e as tramas desencadeadas a partir de seus projetos não apenas “existem”, mas existem para ser conhecidos a partir da perspectiva de quem os observa. De certo modo, portanto, ao tratar sobre os romances, não deixo de falar da própria experiência de Lima Barreto, que se dedicou a dissecar os modos de vida, de trabalho e de luta nos espaços sociais vividos, e a tratá-los literariamente.

3.2.1. Policarpo Quaresma e a aristocracia suburbana

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, escrito em 1911, a maior parte das ações transcorre nos subúrbios. É em São Cristóvão que vive o major Quaresma, reconhecido pela vizinhança por sua regularidade de hábitos. É sujeito metódico, sem ambições, sem conflitos internos, e mesmo misantropo. Ultimamente, seu nacionalismo ufanista tem evoluído para manifestações extremas. As três partes do romance estruturam diferentes ações nacionalistas do major Quaresma. Na primeira, ele chega a defender no parlamento o tupi-guarani como idioma oficial da nação; recebe os visitantes aos prantos, como nas tribos tupinambás; escreve um ofício em tupi-guarani que, por engano, vai parar nas mãos de seu chefe, o que desencadeia conflitos que o levarão ao hospício. Na segunda parte, muda-se para o sítio Sossego, no interior fluminense. É para a agricultura que canalizará toda a sua energia, porém sem êxito; na experiência da roça, descobre que, além das saúvas, também os males do clientelismo e do latifúndio atravancam o desenvolvimento do interior de seu Brasil idolatrado. Por fim, na terceira parte, engaja-se no exército de Floriano Peixoto contra os rebeldes da Revolta da Armada, num ambiente de enorme instabilidade política. Termina preso, por discordar das posições tirânicas do ditador, e morre assassinado pelo Estado-nação.

Policarpo Quaresma, desde a crítica literária de Oliveira Lima, publicada em 1916 no jornal *Estado de São Paulo*, ficou conhecido como o “Dom Quixote nacional”.³³⁷ Todo o romance se passa no início da década de 1890, em torno da Revolta da Armada (1892). Lima

³³⁷ LIMA, M. Oliveira. “Policarpo Quaresma”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1916. In: BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, pp. 38-43.

Barreto lança sua mais aguda crítica a um ufanismo vazio e estéril em voga naqueles anos, contrapondo-se, especialmente, ao livro *Por que me ufano do meu país* (1900), do conde Afonso Celso.

É nos subúrbios que Lima Barreto situa a *comunidade cognoscível* de *Policarpo Quaresma*. Há mais de um núcleo de personagens: o de Botafogo (basicamente, apenas Olga, afilhada de Quaresma, e seu pai, um comerciante rico); o núcleo da roça (políticos, coronéis e lavradores); e o núcleo do florianismo. Mas o núcleo principal, o mais desenvolvido e onde se passa a maior parte da ação, é o dos subúrbios. Neste romance, essa região emerge como objeto de investigação por excelência do ficcionista. Não os subúrbios “refúgio dos infelizes”, mas o das distinções sociais, da classe média suburbana, dos tenentes e “doutores”, dos saraus e da modinha (a modinha, inclusive, é encarada por Quaresma como “ritmo nacional”, daí seu interesse em aprender a tocar violão, instrumento estigmatizado à época). É um romance cuja trama é ambientada nos subúrbios da década de 1890, mas cujos sentimentos e percepções direcionam-se claramente aos subúrbios de seu tempo, mais densamente habitados.

O núcleo suburbano é apresentado a partir de Ricardo Coração dos Outros, um conhecido cantor de modinhas da região. A partir dele, conhecemos o General Albernaz, também conhecido de Quaresma; festeiro, chefe de uma família de cinco moças e um rapaz. Como afirma o narrador em terceira pessoa, tudo na família era motivo de festa; devia haver na sua casa umas trinta por ano. Albernaz era “homem plácido, medíocre, bonachão, cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar 'pistolões' para fazer passar o filho nos exames do Colégio Militar”.³³⁸

Albernaz é casado com dona Maricota, uma mulher “muito ativa, muito diligente”, já que “não havia dona de casa mais econômica, mais poupada e que fizesse render mais o dinheiro do marido e o serviço das criadas”.³³⁹ Já Estefânia, uma de suas filhas, é doutora, normalista, “que tinha nos dedos um anel, com tantas pedras que nem uma joalheria”.³⁴⁰ Mas, das filhas de Albernaz, Ismênia é a mais cotejada pelo narrador. De “natureza muito pobre”, sem grandes atrativos físicos, ela é apresentada como uma figura sem sal e sem força de decisão. Aos dezenove anos, é a única para a qual o pai não havia ainda arranjado casamento. Para a mãe, tratava-se de questão de honra. Ambos decidiram organizar uma festa para comemorar um pedido de casamento feito pelo dentista Cavalcânti, com quem Ismênia tinha

³³⁸ BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*, op cit., p. 28.

³³⁹ Idem, *ibidem*, p. 45.

³⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 47.

um namoro.

É com imenso sarcasmo que o narrador trata dessa festa, dos preparativos à realização. A mãe de Ismênia liderava as empregadas com muita motivação, dado que “não compreendia que uma mulher pudesse viver sem estar casada”. Afinal de contas, “parecia-lhe feio e desonroso para a família”.³⁴¹ Em *Policarpo Quaresma*, a instituição do casamento é profundamente questionada, como parte de um projeto burguês, sobre o qual o romance cerca-se de juízo crítico. Com o sumiço de Cavalcânti, ao longo da trama, Ismênia começa a definhar, manifestando problemas mentais. Ao perceber que Cavalcânti não mais apareceria, ela, já frágil, veste-se de noiva e morre.

Voltando à festa de noivado de Ismênia, as conversas íntimas entre Albernaz e Maricota expõem as tensões e fragilidades de seu arranjo matrimonial. Primeiramente, com o questionamento de Albernaz sobre o lugar social de Cavalcânti:

O pai fez má cara. Ele andava sempre a par dos namoros da filhas: "Diga-me sempre, Maricota — dizia ele — quem são. Olho vivo!... É melhor prevenir que curar... Pode ser um valdevinos e...". Sabendo que o pretendente à Ismênia era um dentista, não gostou muito. Que é um dentista? perguntava ele de si para si. Um cidadão semiformado, uma espécie de barbeiro. Preferia um oficial, tinha montepio e meio soldo; mas a mulher convenceu-o de que os dentistas ganham muito, e ele acedeu.³⁴²

E também pelo modo como os convidados de Albernaz – em especial, os da “aristocracia suburbana” – agem em relação ao dentista, após saber que ele não era um simples barbeiro, já que tivera formação acadêmica:

Para aquela gente toda, Cavalcânti não era mais um simples homem, era homem e mais alguma coisa sagrada e de essência superior; e não juntavam à imagem que tinham dele atualmente, as coisas que porventura ele pudesse saber ou tivesse aprendido. Isto não entrava nela e modo algum; e aquele tipo, para alguns, continuava a ser vulgar, comum, na aparência, mas a sua substância tinha mudado, era outra diferente da deles e fora ungido de não sei que coisa vagamente fora da natureza terrestre, quase divina.

Para o lado de Cavalcânti, que se achava na sala de visitas, vieram os menos importantes. O general ficara na sala de jantar, fumando, cercado dos mais titulados e dos mais velhos.³⁴³

³⁴¹ Idem, *ibidem*, pp. 45-46.

³⁴² Idem, *ibidem*, p. 44.

³⁴³ Idem, *ibidem*, p. 48.

Ainda assim, dado o estigma que cercava a carreira de dentista – em contraposição às carreiras militar, jurídica e da engenharia –, Cavalcânti continuava sendo visto como um “ente sobrenatural”, o que o afastava socialmente daquela aristocracia.

As festas na casa de Albernaz reúnem os membros da classe média suburbana, e a partir delas o narrador apresenta as tensões existentes nos seus projetos de vida, quase sempre em tom de ironia e sarcasmo. Naquela festa, em particular, estavam presentes também o Contra-Almirante Caldas, o “doutor” Florêncio, engenheiro de águas, o Major honorário Inocêncio Bustamante, o Senhor Bastos e o burocrata Genelício, noivo de uma das filhas de Albernaz. As conversas variavam em torno de formações acadêmicas e de proezas militares realizadas apenas na imaginação... Todos tinham algum sobrinho graduado nesta ou naquela formação. No caso de Estefânia, a normalista, fica evidente o brilho do anel, como requisito de distinção.

E assim, a partir de um núcleo observado de forma prolongada, ao longo de sua experiência, Lima Barreto dissecava as convenções sociais dessa classe média suburbana tratada, agora, em relação às “verdadeiras” classes dominantes da cidade, num espaço exterior ao dos subúrbios. Os destemidos doutores (ou candidatos a) são agora uma “curiosa aristocracia”:

É uma alta sociedade muito especial e que *só é alta nos subúrbios*. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é só lá, nos bailes, nas festas e nas ruas, onde se algum dos seus representantes vê um tipo mais ou menos, olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz: aparece lá em casa que te dou um prato de comida. Porque *o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço*, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado — aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção.

Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, *essa gente mingua, apaga-se, desaparece*, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas.³⁴⁴

Transitando por essa “aristocracia suburbana”, mas sem fazer parte dela, o violeiro Ricardo Coração dos Outros é muito conhecido das famílias tradicionais do Riachuelo, Méier,

³⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 18. Grifos meus.

Piedade e outros bairros do subúrbio da Central. Aos poucos, o cantor de modinhas, que fazia suspirar moçoilas e generais, passa a se tornar conhecido nas rodas do Centro e de Botafogo. Comemorava cada nota a seu respeito em jornais da cidade; apesar de ser conhecido por quase todas as famílias ilustres dos subúrbios, sua fama só seria de fato consumada pelo reconhecimento de Botafogo.

Mas Ricardo Coração dos Outros não fora convidado para a festa de noivado de Ismênia e Cavalcânti, porque o general Albernaz “temia a opinião pública sobre a presença dele em festa séria”.³⁴⁵ Era uma festa, como se diz na contemporaneidade, para a gente “diferenciada” e “selecionada” dos subúrbios. Ricardo pertencia a um grupo social de origem mais humilde, e morava numa casa de cômodos, ao que tudo indica, em Piedade. A ambientação do local de moradia de Ricardo permite ao narrador onisciente, em terceira pessoa, passear por territórios e ambientes suburbanos onde viviam também esses grupos mais humildes:

Além disto, os subúrbios têm mais aspectos interessantes, sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico; as casas de cômodos (quem as suporia lá!) constituem um deles bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino.

Não se podem imaginar profissões mais tristes e mais inopinadas da gente que habita tais caixinhas. Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos deparar velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias, castradores de gatos, cães e galos, mandingueiros, catadores de ervas medicinais, enfim, uma variedade de profissões miseráveis que as nossas pequena e grande burguesias não podem adivinhar. Às vezes, num cubículo desses se amontoa uma família, e há ocasiões em que os seus chefes vão a pé para a cidade por falta do níquel do trem.

Ricardo Coração dos Outros morava em uma pobre casa de cômodos de um dos subúrbios. Não era das sórdidas, mas era uma casa de cômodos dos subúrbios.³⁴⁶

E era da janela da casa de cômodos, num morro, que avistava as ruas circulares dos subúrbios, por onde se cruzava com aquela variedade de profissões sobre as quais a “miséria paira com rigor londrino”.

³⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 46.

³⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 110.

3.2.2. Clara dos Anjos e o refúgio dos infelizes

Se em *Gonzaga de Sá* é tematizada a ideia do “subúrbio distante”, e se *Policarpo Quaresma* representa a incorporação efetiva dos subúrbios na literatura, esmiuçando suas hierarquias sociais, *Clara dos Anjos* (1922) é o ápice do desenvolvimento literário da perspectiva do nosso escritor e morador de Todos os Santos sobre o território onde viveu.

O argumento central, embora só tenha tomado forma definitiva como romance no fim de sua vida, está presente na trajetória do escritor desde sua juventude. A história da menina negra, de família humilde, pouco instruída e preparada para a vida, que cai nas graças de um branco sedutor e vigarista, consta de uma primeira versão, inacabada, escrita em 1904.³⁴⁷ Nessa versão, o enredo é ambientado entre os anos 1880 e 1900, ou seja, nos anos finais de escravidão e no início do pós-abolição. Clara e sua família viviam numa rua entre Rio Comprido e Catumbi, bairros populares próximos ao centro, e não nos subúrbios. Em 1920, o conto “Clara dos Anjos”, foi publicado na coletânea *Histórias e sonhos*. A ambientação do enredo foi transferida para os subúrbios e, salvo o nome dos personagens, diferentes do romance final, as ações e conflitos que desencadeiam a trama são basicamente os mesmos.

Clara dos Anjos é, ainda hoje, a obra literária mais emblemática sobre os subúrbios cariocas, e foi o primeiro romance totalmente ambientado às margens dos trens da Central. A caracterização dos personagens, dos costumes, das relações sociais e, em especial, do espaço suburbano, ganha neste romance o grau máximo de realização. A primeira publicação do romance ocorreu em 1923, na *Revista Souza Cruz*, um ano após a morte de Lima Barreto. Mas o texto só ganhou formato de livro em 1948, pela Editora Mérito – que quisera empreender, não obtendo êxito, as obras completas do escritor.

Para a escritora e crítica literária Lúcia Miguel Pereira, que prefaciou a primeira edição do livro, trata-se do “mais suburbano, o único rigorosamente suburbano dos romances desse grande escritor que quis ser – e foi – o cronista de seus muito amados subúrbios”.³⁴⁸ É exagero dizer que Lima Barreto de fato tenha amado os subúrbios, principalmente se considerarmos esse amor como um ato de identificação e apego irrestrito às figuras humanas e

³⁴⁷ Os manuscritos da primeira versão de *Clara dos Anjos* foram encontrados por Francisco de Assis Barbosa, juntamente a outros escritor de Lima Barreto, na casa de sua irmã, Evangelina, em Inhaúma. O texto foi publicado, em 1953, no *Diário íntimo*.

³⁴⁸ PEREIRA, Lúcia Miguel. “Prefácio”. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa seleta*, op. cit., pp. 49-50.

à paisagem local. Muitas análises sobre *Clara dos Anjos* ressaltam a maneira como os subúrbios são “retratados” e “descritos”, mas quase sempre endossam o mito da descrição objetiva, imparcial, “realista”, como que feita por um observador neutro e captada através de uma forma de linguagem – a literária – que flutua sobre as relações sociais, como se delas não fizesse parte. Essa abordagem talvez se explique pelo fato de a narrativa, feita em terceira pessoa, perseguir um distanciamento crítico que, de fato, jamais é alcançado. Escapa, desta tentativa de descrição realista do espaço suburbano, a verve inconstante e nervosa de uma experiência pessoal jamais dissolvida na vida dos subúrbios, sempre estabelecida na tensão entre o cosmopolitismo e a opulência da metrópole reformada e o abandono dos subúrbios semirurais e semiurbanos, em condição de subalternidade. Essa relação desigual foi muito bem resumida pelo narrador na passagem a seguir:

O Rio de Janeiro, que tem, na frente, na parte anterior, um tão lindo diadema de montanhas e árvores, não consegue fazê-lo coroa a cingi-lo todo em roda. A parte posterior, como se vê, não chega a ser um neobarbante que prenda dignamente o diadema que lhe cinge a testa olímpica...³⁴⁹

Enquanto em *Triste fim de Policarpo Quaresma* Lima Barreto desenvolve uma visão irônica e caricatural da classe média suburbana, a única classe que efetivamente interessa ao narrador, *Clara dos Anjos* promove uma abordagem matizada das relações sociais nos subúrbios. Há, novamente, os “faustosos” aristocratas do subúrbio – militares, pequenos proprietários e funcionários públicos solenes. Mas a trama romanesca abrange também os estratos mais humildes dessas classes médias: os pequenos funcionários públicos, uma costureira, golpistas profissionais e rasteiros, dentre outros. O operariado dos subúrbios, a ralé que habita os casebres nas coroas dos morros desnudos do Engenho de Dentro – essa é vista e contemplada em vastos planos, em olhar panorâmico. A comunidade cognoscível de *Clara dos Anjos*, pensando no conceito de Raymond Williams, é constituída pelas classes médias, em todas as suas nuances. O olhar que lê e anota as relações de classe e de poder nos subúrbios demonstra longa convivência com os tipos sociais retratados. Afinal de contas, a comunidade cognoscível “é uma questão de consciência, e de experiência prolongada, além

³⁴⁹ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa Seleta*, op. cit., p. 694.

da cotidiana”.³⁵⁰

Em *Clara dos Anjos*, ninguém é o que acredita ser, e os grandes feitos da vida, se os há, estão todos no passado, em contraposição a um presente triste e frustrante. Os personagens carregam, cada um à sua maneira, traços de subalternidade e desimportância. O subúrbio, enquanto “refúgio dos infelizes”, é visto como *desterro*, a princípio um não lugar, que aos poucos se sedimenta na consciência e na experiência dos que nele vivem.

O mulato Joaquim dos Anjos, pai de Clara, fora flautista na juventude, e “acreditava-se músico de certa ordem”, mas “nunca quis ampliar seus conhecimentos musicais”.³⁵¹ Natural de Diamantina, Minas Gerais, veio ainda jovem ao Rio a serviço de um velho inglês, proprietário de uma mina em sua cidade natal. Gostou da capital, e nela decidiu permanecer. Graças à ajuda de um advogado conterrâneo, conseguiu o emprego de carteiro. “Toda a sua ambição se cifrou em obter um pequeno emprego público que lhe desse direito a aposentadoria e montepio”.³⁵² Com seus poucos recursos, mais a venda de um lote na terra natal, comprou uma casa no subúrbio, nas proximidades da estrada de ferro Central do Brasil.

Morava numa casa simples, de dois quartos, em rua plana e movimentada que se transformava em pântano após as chuvas. Sua mulher, Engrácia possui comportamento inerte e passivo; é boa, honesta e ativa no trabalho, mas qualquer acontecimento inesperado na família a deixa atarantada. Por fim, Clara dos Anjos sempre fora “tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho”,³⁵³ resguardada no ambiente doméstico, de onde só saía aos domingos, esporadicamente, para ir ao cinema no Méier ou no Engenho de Dentro, acompanhada por uma vizinha, dona Margarida, ou pela professora de costura. A postura passiva de Engrácia também é atribuída a Clara, uma vez que os pais, pouco enérgicos na criação da filha, não a ajudam a compreender as relações humanas e a saber reconhecer e se livrar das armadilhas do mundo: “Ela [*Engrácia*] não sabia apontar, comentar exemplos e fatos, que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria”.³⁵⁴

Como que avançando aos poucos em terreno pouco conhecido por seu virtual leitor, o narrador inicia a construção de uma rica descrição do espaço urbano onde se desenvolve a trama. O olhar que observa é o mesmo que denuncia, exigindo da municipalidade atenção

³⁵⁰ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade...*, op cit., p. 279.

³⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 637.

³⁵² Idem, *ibidem*, p. 638.

³⁵³ Idem, *ibidem*, p. 642.

³⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 674.

para o espaço descrito:

A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigatório das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Carroções, carros, autocaminhões que, quase diariamente, andam por aquelas bandas a suprir os retalhistas de gêneros que os atacadistas lhes fornecem, percorriam-na do começo ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção da edilidade.³⁵⁵

Em torno de Joaquim dos Santos e sua família, há um núcleo de amigos e companheiros dominicais. Marramaque, padrinho de Clara, é contínuo do ministério da Agricultura, ocupação à qual foi indicado devido ao estado de invalidez (paralisia do lado esquerdo do corpo). Pertenceu a uma modesta roda de boêmios literatos e poetas, tendo convivido com figuras como Paula Nei. Eduardo Lafões, português de nascimento, é guarda de obras públicas. Conseguiu cedo uma vaga na repartição de águas da cidade e, devido ao rigor de sua conduta, fizeram-no “chegar a seu generalato de guarda de encanamentos e de torneiras que vazassem nos tanques de lavagem das casas particulares”. Vivia, na condição de chefe de um serviço público, “muito contente com a sua posição”, algo constatado na “importância ingênua do campônio que se faz qualquer coisa do Estado, e a solenidade de maneiras com que ele atravessava aquelas virtuais ruas dos subúrbios”.³⁵⁶ Eram esses os companheiros inseparáveis de Joaquim dos Anjos, que frequentavam sua casa aos domingos, para as inevitáveis partidas de solo regadas a taças de parati, debaixo de um dos tamarineiros do quintal do carteiro.

Cassi Jones de Azevedo, o vilão de “aridez moral e sentimental”³⁵⁷ que conduzirá uma relação clandestina com Clara, faz parte de um núcleo de classe média mais abastada. Possui pouco menos de trinta anos, é “branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo”³⁵⁸, embora seja considerado um “elegante dos subúrbios” – um modelo de elegância pertinente naquele espaço, mas ineficaz e ridículo fora dele. Afinal de contas, “vestia-se seriamente, segundo as modas da Rua do Ouvidor”, embora imprimisse a essas modas um “apuro forçado” e o “*degagé* suburbano”.³⁵⁹ Conquista e deflora moças virgens e casadas, estando sempre em apuros, mas a salvo pelos cuidados da mãe superprotetora, Salustiana Baeta de

³⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 639.

³⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 644.

³⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 654.

³⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 645.

³⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 646.

Azevedo. Esta, numa de suas “crises de vaidade”, diz ser descendente de um “fantástico Lord Jones”, muito embora tal personagem jamais tenha existido, sendo “Jones” fruto da imaginação de seu filho. Conta que seu pai era do Exército; sabe-se, porém, que era um simples escriturário, sem nunca ter ocupado cargos mais altos nas Forças Armadas. Salustiana, como se vê, concentra o bovarismo da classe média suburbana. Seu marido, Manuel Borges de Azevedo, por outro lado, possui a imponência de antigo burocrata, sendo “homem sério”, rigoroso no trato dos filhos, e que não coaduna com os mal feitos de Cassi Jones.

Sobre o vilão, diz o narrador: “Secretamente, tinha um respeito pela cidade, respeito de *suburbano genuíno* que ele era, *mal educado, bronco e analfabeto*”.³⁶⁰ Diluído entre a “multidão que jorrava nas portas da Central, cheia de honesta pressa de quem vai trabalhar”, Cassi Jones era apenas um dentre vários, condenado à sua condição suburbana. O trecho a seguir sugere que pensemos as tensões de classe sempre presentes no centro da cidade, amálgama e intersecção de grupos sociais de variadas procedências:

Na "cidade", como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os *placards* dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, *reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico*, a quase coisa alguma.³⁶¹

A ambientação do local de moradia da família Azevedo é apresentada com inigualável ironia e requinte por um narrador onisciente, em terceira pessoa. Como testemunho de um momento histórico específico dos subúrbios, deve ser relacionada à descrição da rua de Joaquim dos Anjos, bem mais modesta. O processo de caracterização do espaço em *Clara dos Anjos* oferece uma rica leitura das relações de classe no subúrbio carioca e da maneira como o próprio sujeito histórico Lima Barreto, funcionário da Secretaria da Guerra, posicionava-se nessa arena social. A oscilação entre o narrador onisciente – e sua ambição de distanciamento

³⁶⁰ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 729.

³⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 728.

crítico – e o recurso à ironia, como forma de denúncia, são bem explícitos no trecho a seguir:

A residência dos pais de Cassi ficava num subúrbio tido como elegante, *porque lá também há estas distinções*. Certas estações são assim consideradas, e certas partes de determinadas estações gozam, às vezes, dessa consideração, embora em si não o sejam. O Méier, por exemplo, em si mesmo não é tido como chique; mas a Boca do Mato é ou foi; Cascadura não goza de grande reputação de fidalguia, nem de outra qualquer prosápia distinta; mas Jacarepaguá, a que ele serve, desfruta da mais subida consideração.

A casa da família do famoso violeiro não ficava nas ruas fronteiras à gare da Central; mas, numa transversal, cuidada, limpa e calçada a paralelepípedos. Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma catita, de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade, e *os historiógrafos locais explicam: é porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano*.

Tinha boa aparência a residência da família do Senhor Azevedo; mas quem a observasse com cuidado, concluiria que a parte imponente dela, a parte da cimalha, sacadas gradeadas e compoteiras ao alto, era nova. De fato, quando o pai de Cassi a comprou, a casa era um simples e modesto *chalet*, mas, com o tempo, e com ser sua vagarosa, mas segura, prosperidade, pôde ir, também devagar, aumentando o imóvel, *dando um aspecto de boa burguesia remediada*. Na frente, não era alto; o terreno, porém, inclinava-se rapidamente para os fundos, de forma que, nessa parte, havia um porão razoável, onde, ultimamente, habitava Cassi. O puxado, na traseira da casa, também tinha porão; porém, com maus quartos, que eram ocupados pelas galinhas do filho e por coisas velhas ou sem préstimo, que a família refugava, sem querer pôr fora de todo.³⁶²

Os bairros suburbanos são hierarquizados – uns mais ricos e outros mais pobres –, e essa complexa configuração urbana desconstrói a ideia de um subúrbio homogêneo, de “casas simples com cadeiras na calçada”.³⁶³ O pai de Cassi, por exemplo, conseguiu transformar um *chalet* popular em distinta casa, numa rua elegante do subúrbio. A desigualdade de classes mede-se nos tipos de construções e nas ruas. Há uma bem cuidada, calçada de paralelepípedos e de bom aspecto, ao lado de outra largada, abandonada ao lamaçal e à grama que avança na sarjeta. A rua de Cassi possui “ar urbano inteiramente”; as que não têm calçamento digno não são urbanas, mas também não são rurais: sobra-lhes a alcunha “sub-urbana”, algo que oscila entre a Cidade e a Roça.

Há também nesse trecho uma provocação nada gratuita. Por que uma via pública merece cuidados da prefeitura, enquanto outras não? É que, segundo o narrador, de acordo com “historiógrafos locais”, o “deputado tal” ou o “ministro sicrano” teriam morado ali.

³⁶² Idem, *ibidem*, p. 745. Grifos meus.

³⁶³ Refiro-me à canção “Gente humilde”, de Garoto, Chico Buarque e Vinicius de Moraes. Gravação original feita em 1969.

Lugar de memória e, em alguma medida, produto das relações de poder, a rua inscreve-se também no imaginário dos homens e mulheres que, ao historicizar o local, selecionam as memórias que irão ou não preservar. Aqui, o narrador ironiza a “história dos vencedores” levada a cabo por doutos historiadores, saudosos das fazendas, chácaras e sítios de outros tempos. Ao mesmo tempo, ao longo de toda a trama – como também de toda a sua obra –, Lima Barreto leva aos limites a possibilidade de fundação de uma nova memória, mais diversificada, a respeito dos subúrbios cariocas.

O núcleo de Cassi Jones é formado por sujeitos de estratos subalternos, cujos traços revelam as desigualdades do espaço suburbano. Ataliba do Timbó é “mulato claro, faceiro, bem apessoado”, sendo morador do “horível subúrbio de Dona Clara”, onde vive com a mulher, com quem foi obrigado a se casar após engravidá-la. A mulher e seus filhos sofriam privações, enquanto ele andava “muito suburbanamente elegante” pelas ruas, na companhia de Cassi. Tira seus proventos do jogo do bicho e do *football*, já que é considerado um bom jogador, ou “plêia”, como se diz nos subúrbios.³⁶⁴

Entre seus companheiros, consta também Zezé Mateus, um “imbecil”, que bebia e “se dizia valente”, vivendo de serviços braçais, como capineiro e ajudante de pedreiro. É branco, com rugas precoces no rosto, sem dentes e com “cabeça de mamão-macho”; na definição do narrador, “um ex-homem e mais nada”.³⁶⁵ Franco Sousa, por sua vez, é malandro apurado, fingindo-se de advogado para atrair presas ingênuas, “roceiros” e “viúvas simplórias”. E Arnaldo, o último dos asseclas de Cassi, furta objetos nos trens para revendê-los e ganhar a vida. Os amigos de Cassi revelam a faceta dos ganhos clandestinos do subúrbio, o “jeitinho” ilegal e/ou imoral de ganhar a vida, na condição de malandros menores. Estão socialmente à sombra do vilão, degraus à cima de todos na hierarquia social dos subúrbios.

Um importante personagem do livro é o poeta Leonardo Flores. Ele também sofre do mal do passado glorioso: poeta, “verdadeiramente poeta”, tivera seu momento de celebridade no Brasil, com grande influência sobre a geração de literatos posterior à sua. É igualmente um refugiado dos subúrbios, entregue ao álcool e a desgostos íntimos. Leonardo Flores é tido por muitos estudiosos como alter ego do próprio Lima Barreto. Tal como o seu criador (e do que sabemos sobre os testemunhos deixados a respeito de sua relação com os vizinhos), “O povo sabia vagamente que ele [*Flores*] tinha celebridade. Chamava-o – o poeta. No começo, caçoava com ele, mas ao saber de sua reputação, deram em cercá-lo de uma piedosa

³⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 653.

³⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 654.

curiosidade”.³⁶⁶ Vítima, tal como Lima Barreto, do mal do alcoolismo, não era incomum encontrá-lo vagando pelas vendas das ruas de Todos os Santos, ou, “quando o delírio alcoólico o tornava forte”, despindo-se todo e “gritando heroicamente numa doentia e vaidosa manifestação de personalidade: Eu sou Leonardo Flores”.³⁶⁷ Outra semelhança pode ser constatada quando o poeta diz: “Nasci pobre, nasci mulato...”, ou em suas considerações sobre a incorruptível ligação com a arte: “A arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la, porque ela representava não só a minha redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma dor”.³⁶⁸ Leonardo frequenta a venda de “seu” Nascimento, educado e criado na roça, e que gostava que pessoas de importância local “fossem ao seu negócio ler jornais e conversar – hábito do interior”.³⁶⁹

O subúrbio em si, longe de ser apenas “pano de fundo” (estático, fora dos personagens) onde se desenvolve a trama, é elemento essencial para a caracterização dos personagens e o desenvolvimento dos conflitos. As formas das ruas e das casas, mais do que aspecto curioso ou adicional, ajudam a definir socialmente os grupos e as tensões entre eles. O território demarca lugares e condutas sociais. Há momentos, entretanto, em que a perspectiva do narrador focaliza o subúrbio, que se torna “absoluto” na trama, e em relação ao qual as ações e interações dos personagens se dão de forma secundária, a reboque do próprio espaço. Em outras palavras, é o *subúrbio personagem* que define as possibilidades de conduta dos moradores, em vez de ser o que deveria ser: espaço construído nas relações sociais. Como na passagem a seguir, em que o narrador define o subúrbio:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central.

Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o *subúrbio continua invadindo*, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes. Passamos por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que, para ser alcançado, torna-se preciso descer uma ladeirota quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso.³⁷⁰

³⁶⁶ Idem, *ibidem*, pp. 677-678.

³⁶⁷ Idem, *ibidem*.

³⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 658.

³⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 671.

³⁷⁰ Idem, *ibidem*, p. 692. Grifo meu.

Essa reificação do subúrbio, que “continua invadindo” charnecas e morrotes, reforça a ideia de um território com vida própria. É neste sentido que o romance, em certa altura, parte para a descrição pormenorizada dos diversos tipos de ambientes do subúrbio, do mais simples ao mais aristocrático, dentro dos padrões de luxo e simplicidade próprios àquele território, em planos gerais e específicos.

Com requinte de detalhes, o narrador apresenta os diversos tipos de habitação dos subúrbios. Um desses, o *chalet* – “os clássicos *chalets* suburbanos”³⁷¹ –, é tido como o mais representativo daquela região. Além dele, há outros tipos de casas, algumas “relativamente recentes”, com “certos requififes e galanteios modernos, para lhes encobrir a estreiteza dos cômodos e justificar o exagero dos alugueis”.³⁷² O autor detém-se, no entanto, a descrever uma “casa mais digna de ser vista”:

Erguia-se quase ao centro de uma grande chácara e era a característica das casas das velhas chácaras dos outros tempos; longa fachada, pouco fundo, teto acaçapado, forrada de azulejos até a metade do pé-direito. Um tanto feia, é verdade, que ela era, sem garridice; mas casando-se perfeitamente com as mangueiras, com as robustas jaqueiras e os coqueiros petulantes e com todas aquelas grandes e pequenas árvores avelhantadas, que, talvez, os que as plantaram não as tivessem visto frutificar. Por entre elas, onde se podiam ver vestígios do antigo jardim, havia estatuetas de louça portuguesa, com letreiros azuis. Uma era a "Primavera"; outra era a "Aurora", quase todas, porém, estavam mutiladas; umas, num braço; outras não tinham cabeça, e ainda outras jaziam no chão, derrubadas dos seus toscos suportes.³⁷³

A narrativa avança para a periferia dos subúrbios, onde os *chalets*, as antigas chácaras e as casas mais sofisticadas, como a de Cassi Jones, dão lugar a “casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas”.³⁷⁴ Utilizam-se materiais diversos, como “latas de fósforo distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato”. Doenças como a varíola ameaçam a saúde das famílias que lá vivem. Animais de diversas espécies dividem as ruas esburacadas e tortas, distantes das estações de trem – eixo da vida no subúrbio – e, ainda mais, da elegante e burguesa Avenida Central.

³⁷¹ Idem, *ibidem*, p. 639.

³⁷² Idem, *ibidem*, loc. cit.

³⁷³ Idem, *ibidem*, p. 640.

³⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 691.

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozmente impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro.³⁷⁵

O romance ganha um caráter político explícito, com uma força só comparável às crônicas escritas para pequenos jornais e revistas, as quais complementavam a renda de Lima Barreto e lhe garantiam uma posição na arena de lutas do campo intelectual. O crítico da pequena burguesia se revela solidário ao drama de seres humanos que, na luta cotidiana pela sobrevivência, enchem de movimento as ruas suburbanas:

Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até as dez horas da manhã e há toda uma população de certo ponto da cidade no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, do dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. *O subúrbio é o refúgio dos infelizes*. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes dêem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos.³⁷⁶

O subúrbio é a paragem inevitável dos perdedores, dos empregados inferiores de qualquer parte, dos burgueses que “faliram nos negócios”. Refúgio dos infelizes – o que é preciso para que deixe de sê-lo? O “plano geral” dos subúrbios termina com o olhar de Cassi para o grande número de pessoas que, em mais um dia, deslocam-se para seus empregos na “cidade”. Ele as olha, mas não tem consciência do lugar que elas ocupam no espaço urbano (na economia, na política e no imaginário). Sua observação é movida pela curiosidade. Cassi, cujo olhar é parte da paisagem, é a antítese do que se espera de um olhar engajado e de denúncia. Como um sujeito representativo da classe média suburbana, talvez lhe fosse alheia, aos olhos de Lima Barreto, qualquer possibilidade de mudança das relações sociais.

Clara dos Anjos empreende uma ambiciosa exploração das relações de classe e de

³⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 692.

³⁷⁶ Idem, *ibidem*, pp. 692-693. Grifos meus.

poder naquele espaço urbano, bem como das tensões entre a “cidade” e o “subúrbio”, explicitadas na passagem de Cassi Jones pelo centro do Rio. Menos um cego defensor e mais um olhar crítico sobre as hierarquias e convenções suburbanas, Lima Barreto constrói um romance que proporciona a visualização de um multifacetado contexto histórico, do qual ele próprio é parte integrante e interessada.

3.3. Viver no subúrbio

Percorremos, até aqui, obras ficcionais e não ficcionais de Lima Barreto nas quais o subúrbio é o espaço por excelência de ambientação e de problematização. Para tanto, selecionei personagens característicos do universo suburbano narrado por ele – quase todos de classe média, remediada ou desassistida – e procurei compreendê-los na interação com o espaço suburbano, e na maneira como o próprio escritor conforma tensões e condutas situadas em espaços sociais e geográficos específicos. Abordei também os momentos em que o subúrbio é descrito de forma mais densa e autônoma, relativamente independente do desenrolar dos conflitos, em perspectiva geral (a paisagem suburbana vista do alto pelo narrador onisciente) ou focal (o olho que vê de perto, mas que não necessariamente vivencia a paisagem vista).

Um primeiro aspecto a ser retomado é que os personagens suburbanos são sempre diferentes – para pior – do que pensam que são, e suas trajetórias estão quase sempre em decadência, sendo que, em alguns casos, o subúrbio é a parada final. As figuras suburbanas mais significativas, em termos de estrutura narrativa, são insuladas em seu mundo peculiar, infelizes, desenraizadas ou insignificantes. Assim, Policarpo Quaresma, o funcionário público de hábitos regulares, vivencia seu nacionalismo ufanista dos estudos metódicos à própria dissolução da existência, no exercício do seu ufanismo; Marramaque **já foi** poeta e charadista reconhecido nos círculos boêmios, mas atualmente é contínuo do ministério; Leonardo Flores **já foi** um grande poeta, mas agora está entregue à bebida e aos dramas pessoais; Cassi Jones, oriundo de uma família importante nos subúrbios, é figura diluída nos meios elegantes do centro; e os generais e “doutores” de *Triste fim de Policarpo Quaresma* são, quase sempre, arremedos de exemplos de coragem e de sabedoria que eles próprios idealizam.

A associação entre subúrbio e decadência está presente também no conto “O único

assassinato de Cazuzza”. O personagem principal, na altura de seus cinquenta anos, “tudo tentara [*na vida*] e em tudo mais ou menos falhara”. A formação acadêmica, o funcionalismo público e a carreira literária, perseguidos por Cazuzza, não tiveram êxito. Por esse motivo,

ele se aborreceu e resolveu retirar-se da liça. Com alguma renda, tendo uma pequena casa, num subúrbio afastado, afundou-se nela, aos quarenta e cinco anos, para nunca mais ver o mundo, como o herói de Jules Verne, no seu “Náutilus”. Comprou os seus últimos livros e nunca mais apareceu na Rua do Ouvidor. Não se arrependeu nunca de sua independência e da sua honestidade intelectual.³⁷⁷

Um segundo aspecto, também notório na obra de Lima Barreto, é a permanência de descrições do território, de forma pormenorizada, como parte de uma aparente cartografia do universo suburbano. A literatura de Lima Barreto promove a *apresentação visual* do subúrbio, tornando conhecido aquilo que não o é, ou que o escritor julga não sê-lo. Mais do que apresentar, as obras ficcionais trazem à tona uma realidade existente, um espaço vivido, e por isso *revelam* na literatura esse espaço a ser conhecido. A obra de Lima Barreto promove a *revelação dos subúrbios* – aqui tomo de empréstimo o título do poema de Drummond.³⁷⁸ Mas trata-se de uma revelação feita intimamente – no dia a dia das ruas –, e não, como é o caso do poema, pelo eu lírico que passa ao largo dele. Dessa apropriação literária do espaço-tempo vivido, fica muitas vezes explícita a finalidade de apresentação e definição do subúrbio.

Em outro momento, a apresentação é também denúncia: procura alertar o virtual leitor, cuja vivência do mundo imagina-se que seja fora do subúrbio, sobre as deficiências e necessidades daquela parte da cidade. É o caso do conto “Manel Capineiro”:

Quem conhece a Estrada Real de Santa Cruz? Pouca gente do Rio de Janeiro. Nós todos vivemos tão presos à avenida, tão adstritos à Rua do Ouvidor, que pouco ou nada sabemos desse nosso vasto Rio, a não ser as coisas clássicas da Tijuca, da Gávea e do Corcovado.

Um nome tão sincero, tão altissonante, batiza, entretanto, uma pobre

³⁷⁷ BARRETO, Lima. “O único assassinato de Cazuzza”. *Revista Sousa Cruz*, Rio de Janeiro, fev. 1922. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p.1046-1047. São muito evidentes, neste caso, as semelhanças entre Lima Barreto e Cazuzza: ambos interditados do reconhecimento literário formal, ambos sem receber promoção no funcionalismo público, ambos orgulhosos de sua independência intelectual, ambos refugiados no subúrbio.

³⁷⁸ Vale a pena apresentá-lo aqui: “Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a vidraça do carro / vendo o subúrbio passar. / O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa / com medo de não repararmos suficientemente em suas luzes que mal têm tempo de brilhar. / A noite come o subúrbio e logo o devolve / ele reage, luta, se esforça, até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais / e à noite só existe a tristeza do Brasil.”

azinhaga, aqui mais larga, ali mais estreita, povoada, a espaços, de pobres casas de gente pobre, às vezes, uma chácara mais assim ali, mas tendo ela em todo o seu trajeto até Cascadura e mesmo além, um forte aspecto de tristeza, de pobreza e mesmo de miséria. Falta-lhe um debrum de verdura, de árvores, de jardins. O carvoeiro e o lenhador de há muito tiraram os restos de matas que deviam bordá-la; e, hoje, é com alegria que se vê, de onde em onde, algumas mangueiras majestosas a quebrar a monotonia, a esterilidade decorativa de imensos capinzais sem limites.³⁷⁹

A denúncia, neste caso, refere-se à miséria social e ao deterioramento natural de uma estrada de passado nobre, caminho de rei.

O olhar de Lima Barreto é um olhar minucioso de etnógrafo, que ora deixa marcas profundas de distanciamento, ora se envolve com o “objeto” descrito: os seres humanos e seus dramas sociais. Assim, nos três romances, e mesmo em cada um deles particularmente, é oscilante a maneira como o narrador, seja em primeira (*Gonzaga de Sá*) ou terceira pessoa (*Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*), lida com o ambiente e as relações narradas. Augusto Machado vê o povo dos subúrbios com olhos de estrangeiro. Já o narrador de *Clara dos Anjos*, por vezes abandona a postura de distanciamento e se solidariza ao drama do personagem principal.

O último aspecto relevante é a importância crescente dada ao subúrbio nas três obras selecionadas. Num intervalo de dezoito anos, entre 1907 e 1922, a região passou de ambiente distante e estranho, à condição de espaço vivo e determinante para a ação e caracterização dos personagens de Lima Barreto. Mesmo nas crônicas, é observável a recorrência cada vez maior a aspectos do cotidiano do subúrbio, sempre com a finalidade de apresentação crítica desse cotidiano ou de denúncia das mazelas sofridas por seus habitantes.

Em defesa de um paradigma que vê nas regras do campo literário total autonomia em relação ao vivido, poder-se-ia dizer que não há uma relação de determinação ou conexão entre a experiência concreta do escritor e a composição formal de suas tramas; haveria, assim, uma liberdade total de escrita, aleatória aos movimentos da vida. A arte, neste caso, transcenderia a experiência, e o testemunho literário possuiria valor de análise mais formal e estético do que propriamente histórico e sociológico. De fato, penso que não há relação de determinação pura e simples, no sentido de um materialismo dialético mais ingênuo.

Por outro lado, tal visão transcendentalista da literatura reacende a dualidade, tão criticada no marxismo vulgar, entre cultura e sociedade, reforçando a “liberdade” do texto,

³⁷⁹ BARRETO, Lima. “Manel Capineiro”. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 1058.

enquanto produto, frente à experiência concreta. O pensamento de Raymond Williams representa, neste sentido, um enorme ganho aos estudos sobre a cultura, porque renega um lugar comum dualista. Para Williams, a Literatura não está apartada das relações sociais materiais: é parte delas. Não apenas refere-se ao tempo vivido, retirando dele a matéria-prima da criação, mas também alimenta o tempo vivido; alimenta-se de memórias e funda novas memórias, transforma perspectivas e olhares. É preciso, neste sentido, pensar o ofício da escrita como uma *atividade* social de fato, que determina o próprio modo de ser, estar e agir do escritor no mundo.

Voltando aos romances, uma vez descritas suas formas, personagens e modos de ambientação do subúrbio, foi preciso analisá-las a partir dos significados produzidos pelo próprio escritor em sua relação com o espaço-tempo vivido. Para tanto, procurei retomar as anotações pessoais, as obras memorialísticas e as crônicas nas quais Lima Barreto fala em primeira pessoa, ou remete a um personagem ou narrador opiniões e impressões que são próprias da sua trajetória – algo muito presente em seu método literário. A intenção foi descortinar o sentimento do subúrbio na experiência social concreta de Lima Barreto.

Nesse sentido, Lima Barreto flagrou os subúrbios em processo de fazer-se “subúrbio”, no singular – uma categoria que, mais do que simplesmente a denominação de uma região, refere-se a modos de ser e de viver na cidade. Parecia não haver, naquele momento, uma consciência bem acabada do que era a vida nos subúrbios, por parte de seus próprios moradores e dos não suburbanos. O que existia eram identificações: fluxo contínuo de identidades em construção, modos de definir o lugar na cidade a partir do espaço vivido. Os subúrbios eram (e continuam sendo) múltiplos em sua dimensão territorial e social. Lima Barreto não se identificava com os subúrbios, mas **identificava-os**: lia e narrava identidades em construção.

É possível que nem tenha enxergado os suburbanos como a sua plateia de leitores real: ao abordar a vida nos subúrbios, tomava por interlocutor talvez o leitor de fora, quiçá da região central, dos bairros da orla e das capitais dos estados. Ao referir-se à vida local, utilizava-se do advérbio “lá”, que denota distanciamento: naquele lugar, naquele espaço; e não o “meu” espaço, o “aqui”. Ao romancear a vida nos subúrbios, fazia uso do narrador em terceira pessoa, como no caso de *Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*, ou da primeira pessoa, por sua vez distante da identificação com os subúrbios, como o escriturário Augusto Machado, em *Gonzaga de Sá*.

É certo que, ao longo de sua trajetória intelectual, foi crescente o interesse pela temática dos subúrbios, bem como a crítica contumaz ao abandono dessa região pela municipalidade, em proporção inversa ao que ocorria em bairros como Botafogo, Copacabana, Centro e Tijuca, onde as pás e enxadas da era dos “melhoramentos” se faziam frequentes. Mas não é possível deduzir disso que o escritor se fez, naturalmente, porta-voz dos dramas e das idiossincrasias das classes médias e subalternas dos “seus” subúrbios. Essa relação é menos direta.

Há muita vida, muita história e, por isso, muitas tensões e embates na forma como se constrói literariamente a relação do escritor-cidadão com sua cidade. Não é por acaso que o Lima Barreto que o pensamento social e a crítica literária não se cansam de identificar peremptoriamente com as causas dos mais pobres seja o mesmo que desqualifica os valores e sentimentos ligados à cultura popular, ao carnaval, à religião – no caso, o candomblé, visto como “feitiçaria” irracional e desmérito de um povo – e ao futebol, ou “*football*”, em sua versão tupiniquim nascente.

Com essas reflexões, não quis “desconstruir” Lima Barreto, ou apontar suas “contradições”, seus supostos “deslizes” como “protetor” dos humildes na literatura. As contradições, quem as vê, somos nós, do alto de nosso distanciamento temporal, em pleno século XXI. Podemos dizer que Lima Barreto é contraditório porque se apresenta como defensor das causas anarquistas e da revolução soviética, tidas como emblemáticas da modernidade, ao mesmo tempo que demonstra saudosismo por Dom João VI e a monarquia; bem como podemos apontar-lhe a tal contradição entre a defesa dos negros e dos pobres e a condenação de seus modos de vida. O tempo vivido, porém, é sempre muito mais complexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Mas tremia na cidade uma fascinação
casas compridas
centos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida dos homens
indiferentes (...)
O mar batia em meu peito, já não batia no cais
a rua acabou quede as árvores a cidade
sou eu
a cidade sou eu
meu amor*

Carlos Drummond de Andrade, “Coração numeroso”, 1925

Quando o jovem Drummond descobriu a capital federal, sua alegoria maior, a Avenida Rio Branco, oferecia a “promessa do mar”, em meio às luzes elétricas e ao tilintar dos bondes. Nas décadas anteriores ao fascínio do poeta, o Rio passara por intensas reformas, que remodelaram o centro, visando conformar uma parte da cidade à pretendida modernidade, representada pelo progresso material e urbanístico sonhado pelas elites. Já para o poeta, o moderno implicava a desintegração social, a solidão do individualismo da cidade grande. Ante o assombro da feérica capital, em contraponto à bucólica Belo Horizonte em que vivia, Drummond evocaria, décadas mais tarde, o “claro raio ordenador” de Minas como uma prece de sobrevivência na cidade.

Minha descoberta do Rio de Janeiro ocorreu cerca de setenta anos depois. As imagens do Rio eram outras: não mais a celebração da Avenida como síntese do moderno, e não mais a promessa do mar, como vislumbrou o poeta. Os aspectos apresentados pelos meios de comunicação, espalhados mundo afora, reforçavam a violência como estampa de uma aguda crise social. Guerra do tráfico, assaltos, arrastões, máfia do jogo do bicho, chacinas, corrupção policial, perseguição ao trabalhador informal, balas perdidas, falta de acesso dos mais pobres aos direitos básicos da cidadania: todos esses problemas foram se incorporando à cidade, desfazendo os mitos da “Paris dos trópicos” e do “paraíso tropical”, construídos no início e em meados do século passado. Se historicamente existia uma admiração dos interioranos pela ex-capital federal – captada e recriada inúmeras vezes na literatura –, nas últimas décadas esse sentimento parecia esvair-se. Aos meus antigos vizinhos, parecia um absurdo optar por

trabalhar e viver no Rio.

Um elemento parecia complicar um pouco mais as minhas escolhas: desde a saída de Minas, passei a viver no subúrbio. Madureira, conhecido como “berço do samba”, é também centro comercial e de serviços da região, e agrega suburbanos de diversas paragens. É o bairro onde vivi entre 2006 e 2010. Morar no subúrbio, para os colegas da Zona Sul, onde trabalho, parecia algo sem cabimento. Estranhamentos mútuos, profundamente arraigados na história da cidade e assentados em preconceitos de classe, endossam a suposta existência de uma “cidade partida”³⁸⁰, que nem os túneis e estradas foram capazes de interligar simbolicamente. Na televisão, os subúrbios são estereotipados por suas características supostamente “exóticas” – como, por exemplo, o mau gosto das roupas e o *kitsch* dos objetos domésticos em *A grande família*, versão atual da série dos anos 1970 – ou festivas – a pastelaria de dona Jura, na novela *O clone*, de 2002, com intermináveis rodas de pagode regadas a cerveja.

Nos últimos anos, intelectuais, imprensa, políticos, Estado e setores da sociedade civil elaboraram propostas de reformulação da cidade. A escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016 realimenta o otimismo de boa parte dos cariocas. A região do porto, efervescente até meados do século XX, ganha a promessa de remodelação. O “choque de ordem” do prefeito Eduardo Paes reedita, em versão *light*, as normas de civilidade criadas por Pereira Passos há cem anos. É inadmissível, aos olhos da prefeitura, compactuar com sujeitos que causam a “desordem”, que mancham a imagem do Rio. Após anos de investimento em novos espaços urbanos, como a Barra da Tijuca, é ao núcleo central, síntese do “espírito” e da “alma” carioca, que as classes dirigentes dirigem sua atenção nesse início de século XXI. A Praça XV, como último exemplo, recebe promessas de “revitalização”, sendo a chegada da Família Real e o “passado imperial” evocados como motivos turísticos para a recuperação da vetusta praça.

Os sujeitos e instituições engajados nesse processo apropriam-se, quase sempre, de determinadas memórias sobre o Rio de Janeiro que, por sua natureza obviamente seletiva – fato que caracteriza os processos de construção de memórias –, reforçam algumas características e suprimem/esquecem outras. As imagens da cidade reavivadas por muitos desses sujeitos eram a de um Rio harmônico, boêmio, fanfarrão, serelepe, ronceiro,

³⁸⁰ Termo utilizado em VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (a primeira edição é de 1997).

hospitaleiro, agregador de novos moradores de diferentes procedências, informal, cosmopolita e sensual.

No último dia 13 de maio, completaram-se 130 anos do nascimento de Lima Barreto. Do alto da rua Major Mascarenhas, ainda se vê o Morro do Andaraí, que agora emoldura uma paisagem de edifícios de dez a vinte andares. A “Vila Quilombo” deu lugar a um desses edifícios. A poucos metros, descendo a ladeira, está a esquina das ruas José Bonifácio e Avenida Dom Hélder Câmara, antiga Estrada Real de Santa Cruz e Avenida Suburbana. Não há mais o tilintar dos bondes de Inhaúma, muito menos a carroça de Manel Capineiro, mas um barulho ensurdecedor de linhas de ônibus e vans. Naquele trecho, está o maior *shopping center* da Zona Norte carioca; no entorno, vários condomínios com sauna, piscina, quadras esportivas e vigilância 24 horas são inaugurados a cada mês. O trem, sucateado, há muito tempo deixou de ser o principal meio de transporte dos moradores de Todos os Santos. A estação do bairro nem mais existe. Os mais bem aquinhoados vão ao Centro de “frescão” – ônibus confortáveis, com ar condicionado – ou de carro, pela Linha Amarela; os demais, em ônibus comuns. Todas as ruas são asfaltadas, há prédios de luxo e outros mais modestos.

A ironia ácida é o traço mais marcante daquele que, ainda hoje, é lembrado como profundo conhecedor e admirador do Rio de Janeiro de sua época. Com o perdão do anacronismo, não é difícil imaginar o que ele diria de nosso tempo vivido. Trataria, com sarcasmo, a construção da linha de metrô Ipanema-Barra da Tijuca, provavelmente imputando ao governador o desejo de dividir a cidade em duas: uma metade “europeia” e outra “negra” e “indígena”. Ao andar de trem, sofreria com os solavancos intempestivos dos velhos vagões – por sinal, superlotados –, e exigiria do governo investimentos maciços em transporte de massa, não em regiões historicamente privilegiadas, mas nos subúrbios. Denunciaria a “cracolândia” do Jacarezinho, as guerras entre facções de traficantes e milicianos, o abandono das ruas, a precariedade dos hospitais e das escolas públicas e os constantes assaltos.

Tal exercício de imaginação talvez explique o sentimento de urgência associado à obra de Lima Barreto, cujos estudos, desde os anos 40 e 50, vêm se renovando. Nesta dissertação, procurei compreender o Rio de Janeiro vivido e criado por Lima Barreto na ambivalência de uma escrita que mescla difíceis pertencimentos, no limiar da marginalidade e do reconhecimento, no trajeto entre os subúrbios e o centro. Assim como não podemos prever o que virá, também a obra de Lima Barreto se constituiu na indeterminação quanto ao futuro da

cidade, numa era de mudanças urbanas e sociais profundas. Como bem resume Maria Clementina da Cunha Pereira, “um tempo em que se procuravam alternativas de incorporação da maioria dos brasileiros, egressos da escravidão, às regras de uma cidadania restrita, imposta com a abolição e a República”.³⁸¹

Foi preciso interrogar as motivações do cidadão e do escritor, os combates literários, políticos e sociais que travou e o fizeram dedicar tanto tempo de sua vida breve a escrever sobre tão variados assuntos – tendo quase sempre, como tema e problemática candente, a cidade na qual viveu e que tanto admirou.

A partir de alguns dos vestígios deixados por ele, pude perceber o seu papel ativo na construção de uma autoimagem “marginal” e “solitária”, queixoso por não receber a merecida aceitação de seus pares e do público leitor. As memórias sobre si próprio conduzem, de modo quase inevitável, ao fortalecimento dessa imagem. Mas a releitura de suas cartas e de críticas sobre obras de outros autores permitiu-me deparar com outra imagem, menos ecoada em estudos literários: a de um escritor conhecido e reconhecido, em permanente diálogo com outros intelectuais.

Ainda assim, foi grande a surpresa ao me deparar com um texto de Coelho Neto, antítese do escritor de Todos os Santos, homenagando-o dias após sua morte – com pitadas, obviamente, de crítica ao suposto “desleixo” do escritor, mas engrandecendo-o e ressaltando sua importância. Tal texto não foi “descoberto” por mim após exaustivas buscas em periódicos da época, mas numa das principais fortunas críticas do escritor, lançada nos anos 1990. Ou seja, as evidências são... evidentes. O reconhecimento dos méritos do escritor não é exclusivo da posteridade. Por que, então, insistir em fortalecer a velha pecha de escritor “marginal” e “atormentado”? Por que razão permanece a dificuldade em reconhecer que sua importância literária e histórica não advém dos óbvios dramas pessoais, mas da grandeza e da criatividade de um sujeito social que, a seu modo, buscou, pela literatura, caminhos de inserção num universo social de bloqueios e impedimentos?

Ao reler os textos de Lima Barreto, em busca dos modos pelos quais construiu uma identidade literária vinculada ao Rio de Janeiro, percebi a constante evocação e a reelaboração de memórias sobre a cidade como estratégia de combate aos projetos das classes dominantes

³⁸¹ CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 306

da República. Também seus textos sobre os subúrbios tiveram que ser destituídos da simbiose normalmente atribuída à sua relação com a região. Desnaturalizada essa relação, pretendi relê-los em suas múltiplas perspectivas, ouvindo as muitas “vozes” dessas *comunidades cognoscíveis* dos subúrbios que o escritor instituiu na e pela literatura.

Impossível não perceber que sua relação com a região é sempre tensa e conflituosa. Não é em vão que tenha, ele próprio, nos últimos anos de vida, estabelecido a imagem dos subúrbios como desterro, quase um não lugar, refúgio de párias sociais. Ao sonhar com a “glória” literária, imaginou obter via literatura outro patamar material de existência. A estigmatização dos subúrbios – feita em alguns momentos de sua obra – coincide com o modo como viu sua própria trajetória num sentido de decadência, mas jamais abrindo mão da independência intelectual que dá forma e força ao seu fazer literário. Entretanto, para além dos *tristes subúrbios*, o conjunto de sua obra constituiu e deu visibilidade a sujeitos, classes e territórios em fervente processo de formação – realidades múltiplas às quais o escritor deu *status* de literatura, na contracorrente dos salões e dos convescotes da grande imprensa.

Em uma nota do seu diário pessoal – que consta da epígrafe desta dissertação – o jovem Afonso Henriques ressentia-se do fato de não conseguir se identificar com a família e com os grupos sociais mais próximos. Essa nota, reveladora de uma identidade social fragmentada e dilacerada, é cercada de recomendações a futuros leitores:

Hoje, pois, como não houvesse assunto, resolvi fazer dessa nota uma página íntima, tanto mais íntima que é de mim para mim, do Afonso de vinte e três anos para o Afonso de trinta, de quarenta, de cinquenta anos. Guardando-as, eu poderei fazer delas como pontos determinantes da trajetória da minha vida e do meu espírito, e outro não é o meu fito.

Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que as inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha.³⁸²

Aos leitores de Lima Barreto em seus 130 anos pode faltar o cuidado e a discrição, mas quase nunca a ternura.

³⁸² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.), op cit., p. 1242. Nota escrita em 3 jan. 1905.

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de Lima Barreto citadas

A) Romances

Recordações do escrivo Isaiás Caminha. 1909.

Triste fim de Policarpo Quaresma. 1911.

Numa e a Ninfa. 1911.

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. 1919.

O Cemitério dos vivos. 1920-1921.

Clara dos Anjos. 1922.

Obs: Todos os romances, contos e produção memorialística foram lidos a partir de: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa seleta.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006; e SCHARCWZ, Lilia (org.). *Contos completos de Lima Barreto.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Informações sobre o ano da primeira publicação dos contos é baseada no trabalho de pesquisa de Lilia Scharcwz.

B) Contos

“A biblioteca”. 1920.

“Ele e suas ideias”. Sem data.

“Mágoa que rala”. 1919.

“Manuel Capineiro”. 1915.

“O número da sepultura”. 1921.

“O único assassinato de Cazuzá”. 1922.

C) Produção memorialística e correspondências

Correspondências. 1893-1922. BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva.* São Paulo: Brasiliense, 1956.

Diário íntimo. 1900-1922.

D) Crônicas e artigos citados

- “A estação”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 out. 1921.
- “A derrubada”. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1914.
- “A minha candidatura”. *Careta*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1921.
- “As pequenas revistas”. Rio de Janeiro, 26 abr. 1919.
- “A questão dos ‘poveiros’”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 jan. 1921.
- “Atribuições de um autor”. *Careta*, Rio de Janeiro, 10 set. 1921.
- “Atribuições de um vendeiro”. *Careta*, Rio de Janeiro, 27 set. 1919.
- “Casos de bovarismo”. *ABC*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1918.
- “De Cascadura ao Garnier”. *Careta*, Rio de Janeiro, 29 jul. 1922.
- “Feiras e mafuás”. *Gazeta de Notícias*, 23 jul. 1921.
- “Francisco Braga – concertos sinfônicos”. *A Lanterna*, Rio de Janeiro, 01 dez. 1900.
- “Graças a Deus!”. *Careta*, Rio de Janeiro, 17 set. 1921.
- “Henrique Rocha”. *O Estado*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1919.
- “História de um mulato”. *O País*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1922.
- “Literatura militante”. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 7 set. 1918.
- “Livros”. *Careta*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1922.
- “Livros de viagens”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1920.
- “Melhoramentos”. *Careta*, Rio de Janeiro, 27 maio 1922.
- “No ‘mafuá’ dos padres”. *Careta*, Rio de Janeiro, 11 out. 1919.
- “No próximo centenário”. *Careta*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1922.
- “O cedro de Teresópolis”. Rio de Janeiro, 27 fev. 1920.
- “O convento”. *Gazeta da Tarde*, jul. 1911.
- “O destino da Literatura”. *Revista Souza Cruz*, Rio de Janeiro, ns. 58-59, out. e nov. 1921.
- “O Jardim Botânico e as suas palmeiras”. *Tudo*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1919.
- “O prefeito e o povo”. *Careta*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1921.
- “Os enterros de Inhaúma”. *Careta*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1922.
- “Os outros”. *Careta*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1915.
- “Os precalços do budismo”. *Careta*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1920.
- “O trem dos subúrbios”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1921.
- “Queixa de defunto”. *Careta*, 20 mar. 1920.
- “Sobre o desastre”. *Revista da Época*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1917.
- “Uma fita acadêmica”. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 02 ago. 1919.

Obs: Todas as crônicas foram citadas a partir de RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 2 vols.; e de BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

2. Outras referências bibliográficas

ABREU, Maurício. “A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930)”. In: *Revista Espaço e Debates*. São Paulo: NERU, Ano VII, vol. 1, nº 21, 1987, p. 22.

_____. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IplanRio; Jorge Zahar, 1988.

AMADO, Jorge. “Lima Barreto, escritor popular”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1935. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros. São Paulo; Madri; Buenos Aires; Lima et ali: ALLCA XX: 1997, op. cit., p. 429.

ANTONIO, João. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. “Lima Barreto aqui e lá fora”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*. Organização Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op cit., pp. 485-488.

ATAÍDE, Tristão de (Alceu Amoroso Lima). “Vida literária”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 nov. 1922. In: BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 58-59.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.

_____. “Lima Barreto: homem e literato nos anos 20”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, op cit., pp. 410-411.

_____. “Lima Barreto, precursor do romance moderno”. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, pp. 72-103.

_____. “O carioca Lima Barreto: sentido nacional de sua obra”. In: SANTOS, Afonso Carlos Maques dos (coord.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*, vol. I. Rio de Janeiro: RioArte, 1983.

BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. Organização e notas: Augusto

Massi e Murilo Marcondes de Moura; Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BENCHIMOL, Jaime. *Pereira Passos: um Hausmann tropical*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade; Secretaria Municipal de Culturas; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural – Divisão de Editoração, 1990.

BIOGRAFIA de Alcides Maia. *Site da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 16 abr. 2010.

BIOGRAFIA de Goulart de Andrade. *Site da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 16 abr. 2010.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1997.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 53ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade/ Secretaria Municipal de Culturas/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 2002.

_____. “A república na biblioteca de Lima Barreto: livros, leituras e ideias”. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. VIII, ano 4, n. 2, dez. 2009, p. 34. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>. Acesso em: 11 abr. 2010.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *As regras da arte*. Lisboa: Presença II, 1997.

_____; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Lisboa: Editorial Vega, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos sobre teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

_____. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, pp. 39-50. *Apud*: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*. Coordenação: HOUAISS, Antonio; NEGREIROS, Carmem Lúcia. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997.

CARDOSO, Elizabeth D. “Estrutura Urbana e Representações: a invenção da Zona Sul e a construção um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX”. Disponível em: <<http://www.geografia.ufpr.br>>. Acesso em: 11 jul. 2010.

CAVALHEIRO, Edgar. “A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto”. *Folha da Manhã*, São Paulo, Ano XXIII, 14 set. 1947; 21 set. 1947; e 28 set. 1947. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1947/9/14/165>>. Acesso em: 29 maio 2011.

COELHO NETO, Paulo. A sereia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 nov. 1922.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. “Nação: um lugar comum”. In: *Pátria Amada Esquartejada*. Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. (Série Registros nº15).

_____. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.

DI CAVALCANTI, Emilio. “O triste fim de Lima Barreto”. *Folha da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1943. *Apud*: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997, p. 434-436.

ENGEL, Magali Gouveia. “Povo, política e cultura: um diálogo entre intelectuais da Primeira República”. *Usos do Passado: XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ*, Rio de Janeiro, 2006.

_____. “Modernidade, dominação e resistência: as relações entre capital e trabalho sob a ótica de João do Rio”. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 17, jul-dez 2004, pp. 153-172.

_____. “Gênero e política em Lima Barreto”. *Cadernos Pagu*. Campinas: Ed. Unicamp, v. 32, p. 365-388, 2009.

FACINA, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. Assis; São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1978.

FERNANDES, N. N. *O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)*. Rio de Janeiro: IGEO/UFRJ (Dissertação de mestrado), 1995.

FERRAZ, Enéias. “A morte do mestre”. *O País*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1922. In: BARRETO,

Lima. *Correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Brasiliense, 1956, tomo II, pp. 231-234.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de Sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

FREITAS, Celi Silva Gomes de. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em História Política UERJ (Dissertação de Mestrado), 2002.

GICOVATE, Moisés. *Lima Barreto: uma vida atormentada*. São Paulo: Melhoramentos, [c. 1952].

GOMES, Pedro. “Dois mundos opostos do Rio”. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1953. *Apud*: CARDOSO, Elizabeth D. “Estrutura Urbana e Representações: a invenção da Zona Sul e a construção um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX”. Disponível em: <<http://www.geografia.ufpr.br>>. Acesso em: 11 jul. 2010.

HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte; Brasília: Ed. da UFMG/UNESCO, 2003.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005

LIMA, Manuel Oliveira. “Policarpo Quaresma”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1916. In: BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

LOBATO, Monteiro. “Lima Barreto”. *Livros Novos*, Rio de Janeiro, março 1919. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*, op. cit., p. 425-426.

MACIEL, Laura Antunes. “De ‘o povo não sabe ler’ a uma história dos trabalhadores da palavra”. In: MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun; ALMEIDA, Paulo Roberto de (orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006, pp. 273-298.

_____. “Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado”. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj/EdUFF, 2010, pp. 187-218.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1915-1933)*. Cultrix, 1978, Vol. VI. *Apud*: TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro: século XX (vol. II)*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Lima Barreto e a crítica (1900-1922): a conspiração de silêncio. *Acta Scientiarum*, Universidade Estadual de Maringá, v. 22, n. 1, p. 59-68, 2000.

MAUL, Carlos. “O ineditismo de Lima Barreto”. *Gazeta da Tarde*, 1914, *apud* SEVCENKO,

Nicolau. “Lima Barreto: a consciência sob assédio”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmen Lúcia Negreiros. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997, p. 319.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE (pseud. SANTOS, J. dos). “Lima Barreto: Recordações do escrivo Isaiás Caminha”. *A notícia*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1909. In: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, pp. 29-30.

MENDONÇA, Leandro Clímaco. *Para longe do Centro: experiências populares com periodismo na urb carioca (1880-1920)*. Niterói: Pós-Graduação em História Social/Universidade Federal Fluminense (Dissertação de mestrado em andamento), mimeo, 2011.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite do Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

“OBRA sobre Lima Barreto é lançada pela sexta vez”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 ago. 1981, s/p. Academia Brasileira de Letras. Arquivo Francisco de Assis Barbosa, pasta 6.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “E as palavras têm segredos... Literatura, utopia e linguagem na escritura de Ana Maria Machado”. In: MACIEL, Laura Antunes et ali (orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho Dágua, 2006, pp. 156-176.

_____. “Saberes e sabores ou Conversas sobre História e Literatura”. Palestra proferida na Semana de História *Nação em debate: História, linguagens e historiografia*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, junho de 2008, mimeo.

PEREIRA, Leonardo Affonso de M. “Literatura em movimento: Coelho Neto e o público das ruas”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). *História em Cousas Miúdas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2005, pp. 199-223.

PEREIRA, Lúcia Miguel. “Lima Barreto”. *Literatura*, Rio de Janeiro, nov./dez. 1943, p. 3-42. Apud: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*, op. cit., p. 439.

_____. *Machado de Assis – Estudo crítico-biográfico*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. Prefácio à 1ª ed. de Clara dos Anjos [1948]. In: BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Op. Cit., pp. 49-50.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Da Cidade Maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o ‘caráter nacional’”. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 8, dez. 1997, pp. 30-44.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PRADO JÚNIOR, Caio. “Lima Barreto sentiu o Brasil”. *Leitura*, Rio de Janeiro, ago. 1943.

Apud: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*, op cit., pp. 436-438.

“PREFEITURA entrega busto de Lima Barreto na Lapa”. *Portal da Prefeitura do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1611371>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

REBELO, Marques. “Discurso de recepção a Francisco de Assis Barbosa”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 maio 1971. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Arquivo Francisco de Assis Barbosa, Pasta 2.

REGO, José Lins do. “Ainda sobre Lima Barreto”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1943. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*, op. cit., p. 431.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Campinas: Ed. Unicamp, 1993

_____. “Sonhos e mágoas de um povo”. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Toda crônica.. Apresentação e seleção de textos por Beatriz Resende e Rachel Valença*. Rio de Janeiro: Agir, 2004, vol. I, pp. 9-23.

RIBEIRO, João. “Numa e a Ninfa” *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 7 maio 1917. Apud: VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Lima Barreto: Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, pp. 31-33.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. “A geração boêmia: vida literária em romances, memórias e biografias”. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 233-263.

SAMUEL, Raphael. “Teatros de memória”. *Projeto História*, São Paulo, Educ, n. 14, fev. 1997.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. “Lima Barreto e as contradições sociais de seu tempo”. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos (org.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1983, vol. 2.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

SCHWARCZ, Lília (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. “Introdução: Numa 'encruzilhada de talvezes'. Um grande romance aos pedaços”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin, 2011.

_____. “Lima Barreto: termômetro nervoso da Primeira República”. In: Idem

(org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 11-50.

SEVCENKO, Nicolau. “Atrás da muralha do silêncio”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0401200324.htm>>. Acesso em: 6 jun. 2010.

_____. “Lima Barreto: a consciência sob assédio”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma: Edição crítica*. Coordenação: HOUAISS, Antonio; NEGREIROS, Carmem Lúcia. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997.

_____. *Literatura como missão*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto Escritor Maldito*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1976.

SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. *A moléstia da cor: tensões raciais e identidade social em Lima Barreto*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissert. mestrado), 2002.

_____. “Os macaquitos na Bruzundanga”. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). *História em Cousas Miúdas*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2005, p. 170-196.

TIGRE, Manoel Bastos. *Reminiscências: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente*. Brasília: Thesaurus, 1992.

TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro: século XX (vol. II)*. São Paulo: Editora 34, 2000.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

_____.
VELLOSO, Mônica Pimenta. “A modernidade carioca”. In: _____. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 21-34.

_____. “As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro”. Disponível em: <www.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 11 jul. 2010.

_____. “O modernismo e a questão nacional”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*, vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 351-385.

VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VERÍSSIMO, José. *Os últimos estudos da literatura brasileira*. 7ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: 2ª ed. Companhia das Letras, 2011.